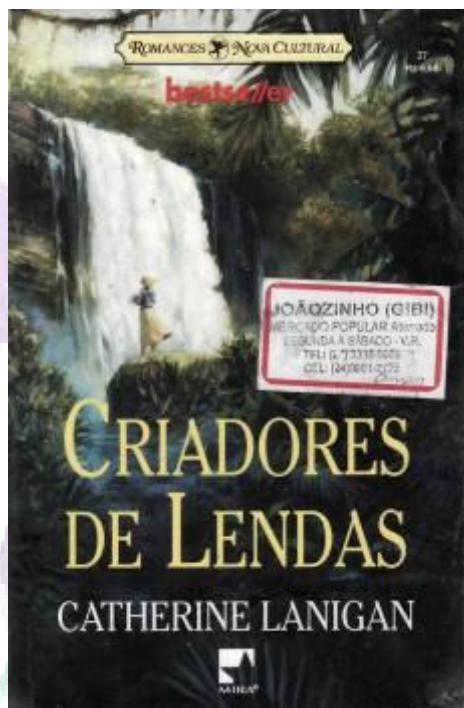


CRIADORES DE LENDAS

The legend makers

Catherine Lanigan



UMA EXPLORAÇÃO NA FLORESTA TRARIA DE VOLTA UMA ANTIGA HISTÓRIA COM MUITOS MISTÉRIOS...

As florestas úmidas da Amazônia são o perfeito esconderijo para a geóloga M. J. Callahan, uma mulher que foge do amor e de seu próprio passado sombrio. Ao aceitar um emprego na Texas Petróleo, ela embarcou numa missão que mudaria sua vida!

Como membro da equipe de exploração de jazidas de petróleo, M. J. logo se encanta pela beleza exótica das florestas... e pela sensualidade de dois homens muito diferentes. Mas as paredes verdes da selva escondem segredos próprios... uma expedição anterior cheia de mistério, que não deixou sobreviventes. Ao se aproximarem do coração da floresta, verdades são reveladas, traições são descobertas, e M. J. é forçada a enfrentar seus próprios demônios antes que a história se repita.

*Digitalização: Marina Campos
Revisão e Formatação: MoniCat*



CAPÍTULO I

Floresta Amazônica, 1997

Eles eram os guardiões, Os protetores da floresta. Acreditavam ser os guardiões imortais do universo. Autodenominavam-se homens de Uma, ou seguidores do antigo Deus andino Uma, o mordaz e abominável Deus da destruição que expurgava a terra do mal na noite anterior à festa de Corpus Christi.

Eram doze, como os apóstolos que os missionários descreveram a seus antepassados gerações antes, dois de cada uma das seis tribos que compunham os povos do Oriente, região leste do atual Equador. Cofan, Siona-Secoya, Achuar, Shuar, Quíchua e Huaorani. Agiam como uma única mente, uma única alma, criando um poder assombroso.

Ignorantes e analfabetos, rejeitavam completamente o mundo contemporâneo. Vestiam apenas tangas, o corpo o único abrigo aos pensamentos. Todos xamãs, curandeiros espirituais, os homens de Uma moviam-se furtivamente pela floresta amazônica, os corpos pintados de âmbar, branco e verde confundindo-se com as matas. O estilo de vida nômade mantinha-os longe das famílias e alheios ao mundo externo. Apareciam sem avisar e sumiam como as brumas da manhã. Embora desenvolvessem talentos de percepção extra-sensorial e força mental, a visão estreita distorcia sua perspectiva do mundo como ferrugem acumulando-se no ferro.

Os homens de Uma fabricavam suas armas com plantas e animais vivos e se alimentavam de carne crua para melhor assimilar o poder das almas. Alimentar o espírito era tão necessário quanto alimentar o físico.

Os homens de Uma eram responsáveis por manter vivos os antigos ensinamentos através de meditação, feitiçaria e telepatia. Não ousavam descrever suas ações em hieróglifos, o que poderia diminuir o poder do grupo. Para sua própria sobrevivência e a manutenção de seus propósitos como guardiões, era imperativo que a mente do grupo permanecesse única. Não acreditavam na possibilidade de sua própria morte, e esse destemor tornava-os impiedosos.

O fervor e a obstinação faziam com que nunca pensassem neles mesmos, em suas necessidades, fome ou sede, mas com que se agarrassem a seu destino sagrado enquanto espreitavam suas vítimas.

Sons intensos e repetitivos saíam das máquinas monstruosas que abriam caminho pelas trepadeiras, mangues, acácias e seringueiras. Tucanos e papagaios cruzavam o céu. Cobras deslizavam pela superfície enquanto iguanas arrastavam-se com suas pernas curtas em meio à cacofonia dos macacos agitados. Os homens de Uma expressaram dor ao assimilar o cheiro de morte entre as orquídeas raras, ervas e mesmo insetos, que eles sabiam curar males quando misturados conforme fórmulas antigas. Durante anos, enfrentaram os invasores combinando orações e força mental. Mas os métodos antigos eram tão impotentes quanto as delicadas bromélias e árvores sucupira floridas.

Deslizavam entre as folhagens como sombras diurnas. Um reflexo de luz, um sopro de brisa.

Como os conquistadores espanhóis, aqueles homens com suas máquinas de metal chegaram para destruir.

Os guardiões aguardaram pacientemente o trio de trabalhadores completar seu trabalho e fazer pausa para o almoço. Os homens conversavam e riam enquanto passavam pratos de metal com alimento extraído de latas e caixas de papel.

Doze pedras de isqueiro produziram faíscas sobre palha seca, então em gravetos e, finalmente, em tochas. Doze tochas incandescentes tocaram no solo, lançando dedos silenciosos de destruição que avançaram na direção do trio de trabalhadores, prendendo-os num círculo de fogo.

Os guardiões caminharam atrás do muro de chamas, aproximando-se das vítimas até lhes atear fogo nas roupas. Aos ouvidos dos homens de Uma, os gritos das vítimas não eram nem mais nem menos dolorosos do que o das árvores derrubadas. Todos os seres vivos eram iguais no universo.

Cada um dos guardiões encaixou na boca um canudo de junco e disparou dardos envenenados contra os invasores. As vítimas tombaram mortas uma ao lado da outra, enquanto as chamas consumiam seus corpos numa pira funerária.

Em silêncio, os homens de Uma deram as costas ao palco de sua vitória e embrenharam-se na mata, como os espíritos que acreditavam ser. Erroneamente, pensaram haver liquidado o inimigo. Em sua rejeição ao mundo moderno, não sabiam sobre satélites, televisão ou telecomunicações. Não sabiam que sua história viajaria a outros continentes e se tornaria um. desafio a outros. Não sabia que a mídia produziria três mártires.

Não sabiam que haviam criado uma lenda.

CAPÍTULO II

Você foi contratado. As palavras surgiram no monitor de vídeo de M. J. Ela piscou duas vezes antes de sair do estado de torpor. — Não! — Agarrando as laterais do monitor, beijou a tela. — O sonho de uma vida não pode se tornar realidade... ou pode? Releu o e-mail da Texas Petróleo.

M. J. Callahan
Stewart Energia
Le Grande Plaza, 2
12Q Andar
San Francisco, CA
94920

Prezado M. J.,

Após análise cuidadosa de suas qualificações acadêmicas e currículo, estamos satisfeitos em informar que você foi contratado para assessorar nosso geólogo de exploração chefe, Michael Hunter, no empreendimento que realizamos atualmente nos campos de Oriente, região leste do Equador, com o salário, termos e condições já combinados. A empresa adquiriu recentemente do governo equatoriano o Bloco 23, e é imperativo que parta imediatamente para lá.

A equipe é liderada pelo proprietário da Texas Petróleo, Travis Kincaid, atualmente baseado em Lago Agrio. Você deverá se encontrar com Michael Hunter e partir de Houston em seis dias. Por favor, confirme por e-mail a sua aceitação desta carta, o mais rápido possível, para providenciarmos seu cronograma de viagem, passagens e reservas de hotel em Quito.

Assim que receber sua resposta, remeterei nosso contrato, bem como um cheque para cobrir suas despesas de viagem. Por favor, assine todas as cópias do contrato, guarde uma via para seu controle e devolva as demais por remessa expressa.

Espero que a urgência de nossa situação não lhe cause problemas inesperados na Stewart Energia. Se não puder atender à nossa programação, teremos de contratar outro profissional, infelizmente.

Aguardo sua resposta.

Atenciosamente,

Albert Pinchon

Diretor de Recursos Humanos

M. J. estava incrédula. Seu coração disparado pulsava tanto nos ouvidos que nem ouvia a voz da assistente Eloise. Jamais entenderia por que a Stewart Energia contratara aquela mulher. Eloise mal sabia ligar o microcomputador, quanto mais entender a complexidade do programa de geofísica, ou a geofísica em si. Estava convencida de que Eloise era a personificação das sete pragas do Egito. Tentava ser amável com a infeliz, mas havia algo nela de que não gostava, em que não confiava. Talvez os olhos, verdes, a cor da inveja.

— Você está bem, M. J.? Parece que viu um fantasma — comentou Eloise, fitando-a intensamente através dos óculos.

— Eu? — M. J. desligou o monitor de vídeo. — Estou ótima. — Sentindo que sorria demais, concentrou-se na tela. Nunca fora boa em mentir. Oh, sabia adequar a verdade, maquiá-la, e até cometer pecados graves, por omissão. Mas mentir descaradamente era outra coisa. Assim como guardar segredo. — Então, você viu?

— Não — respondeu Eloise, fria, a expressão tranqüila no rosto de nabo. Era capaz de ludibriar os mestres na arte da mentira, e M. J. sempre se espantava com o talento, qualquer tipo de talento. Na mentira, Eloise era mestre.

— Não está impressionada? — indagou M. J., desdenhosa, levando a mão ao coração para um efeito dramático. Sempre vivera teatralmente. Em situações contrárias, dava um jeito de animar, reescrever, esboçava e executava com entusiasmo. Nada lhe parecia mais triste do que a rotina. Incrivelmente emotiva, precisava de que sua vida fosse assim, também.

— Como eu disse...

— Oh, pare com isso — respondeu M. J., pressionando o botão do monitor. — É tão bom quanto parece, Eloise, e não vá me dizer que está babando por causa da minha caixa de bombons. Você quer o meu lugar.

Eloise quase extraiu sangue da língua, tentando esconder a satisfação.

— Vai mesmo para a Venezuela? M. J. revirou os olhos.

— Equador.

— Mesma coisa.

— Não, senhora — respondeu M. J., descarregando o e-mail no computador. Redigiu uma resposta afirmativa a Albert Pin-chon, enviou a mensagem, tirou um lenço de papel da caixa sobre a mesa e entregou-o a Eloise: — Pensando bem, fique com a caixa toda. Vai precisar, quando a desconsiderarem para ocupar meu cargo. — M. J. levantou-se. — Uma coisa é desejar algo. Outra é conseguir.

Eloise observou-a deixar a sala para comunicar à empresa sua demissão.

— Você não pode ir para a América do Sul! — exclamou Claire, a irmã mais velha, em meio aos pôsteres de filmes das décadas de 1920 e 1930 que cobriam as paredes do quarto de M. J. De tão embasbacada, nem reparou em Clark Gable como chamariz de Mogambo, nem em Elza Martinelli, exsudando sensualidade numa calça preta justa estilo pescador no filme Hatarü, locado na África.

— Você não pode jogar fora quatro anos de trabalho numa empresa para correr atrás de uma fantasia qualquer! Você nunca saiu da Califórnia! O que sabe sobre viagens internacionais?

M. J. guardou uma bermuda estilo safári na mala, ainda com as etiquetas da loja. Pegou a camisa do conjunto, meias três quartos e uma echarpe com estampa de oncinha. Tirou um par de brincos do porta-jóias.

— Acha que devo levar?

Claire arregalou os olhos, incrédula.

— Eu desisto. Você não sabe o que está fazendo. M. J. guardou os brincos no bolso da camisa.

— Está bem! Tenho dificuldade em definir um estilo, mas estou tentando melhorar. — Devolveu a echarpe à gaveta da cômoda.

— Isto não é um filme, M. J. Você vai para a floresta amazônica!

— Eu sei. — M. J. estalou os dedos, foi ao banheiro e voltou com vinte e três frascos de vitaminas e ervas, sem os quais acreditava não poder sobreviver. Embalou tudo rapidamente, explicando impaciente: — Estou me preparando para isto há mais tempo do que imagina. Até renovei meu passaporte no ano passado, para o caso de surgir uma oportunidade como essa.

— Mas você tem um bom emprego. Estável. Seguro.

— Seguro? Na Stewart Energia? Eloise está sempre à espreita, esperando que eu cometa um erro para tomar o meu lugar. E, se não fosse ela, haveria outro. E a

natureza da besta. Além disso, quando procurei o sr. Wells e lhe falei desse novo trabalho no Equador, ele não fez objeção à minha demissão.

— Por que não consigo acreditar?

— Teimosia? — M. J. riu e tirou da gaveta um punhado de peças de lingerie de grife.

— E para que isso? — questionou a irmã.

— Opa. Desculpe-me. Você não sabia que eu as tinha, não é? — M. J. devolveu tudo ao lugar de origem

Claire já perdia a paciência.

— M. J., por favor...

— Está bem! O sr. Wells não concordou propriamente. Mas me concedeu licença não-remunerada por seis meses.

— Felizmente, nem todos perderam a cabeça! Você poderá voltar. E um alívio.

M. J. mordiscou o lábio inferior, esquivando-se do olhar penetrante da irmã.

— Eu... disse a ele que não podia prometer que voltaria.

— O quê? — Claire lançou as mãos para o alto e agarrou os cabelos. — Você me deixa louca! Sempre me deixou louca! Por que faz isso comigo?

M. J. encarou a irmã.

— Mas isto não tem nada a ver com você. Estamos falando da minha vida.

— Sim, mas sou responsável por você desde que mamãe morreu.

— Você quer dizer desde que papai morreu — corrigiu M. J.

— Ele só partiu, M. J. Por que insiste em fingir que ele morreu? Na verdade, era um molóide.

— Pois eu não sou molóide como ele, nem tenho culpa por ele ter partido — afirmou M. J., mais para si mesma. — Estou abandonando uma carreira sem perspectiva, uma vida sem perspectiva, para realizar um sonho antigo. Eu comando, determino meu destino. Eu dou as cartas agora, não um geren-tinho medíocre da Stewart Energia. Surgiu essa oportunidade de ouro e ninguém vai me convencer a desistir.

Quando Claire tentou tocar em seu ombro, esquivou-se.

— Entendo — conformou-se a irmã. — Não ter ninguém é difícil. Eu me lembro de como era antes de me casar com Robert e ter as meninas.

M. J. interrompeu-a.

— Oh, poupe-me da ladainha da falta de marido e filhos, Claire. O fato de não ser casada e nem ligar para isso não significa que não tenho vida. A vida deveria ser uma aventura. Pretendo aproveitar ao máximo. — M. J. arregalou os olhos, fantasiosa. — Quero ir a lugares, conhecer gente que está mudando o mundo, fazendo as coisas acontecerem. Quero saber como é a floresta amazônica. Quero conversar com todo papagaio que cruzar o meu caminho. No que essas pessoas exóticas pensam o dia todo? Quero trocar idéias. Ver que tipo de homens e mulheres são esses outros geólogos. Ora, Michael Hunter é conhecido mundialmente. Ele já esteve em todos os lugares imagináveis, procurando novas reservas de petróleo para aquecer a sua casa, garantindo que você e minhas sobrinhas não morram congeladas no inverno. Já pensou nisso?

— Não — admitiu a irmã.

— Entenda, Claire, que nunca serei feliz, quanto mais realizada, se não for lá tentar.

— Mas a América do Sul é tão distante, M. J...

— Lá existe telefone, sabe, não é o fim do mundo. Claire discordava:

— Se o topo dos Andes e a linha do Equador não são o fim do mundo, o que seria?

M. J. olhou ao redor no quarto.

— Isto aqui.

— Ah! Está me dobrando novamente! — reclamou Claire. — Nunca vai parar?

M. J. apertou os ombros, irritada. A discussão com a irmã era acirrada, como sempre. Quantas vezes teria de assegurar a Claire que ela não fora responsável pela morte da mãe, de câncer, no ano anterior? Claire cuidara da mãe, Ruth, por dois anos, estafando-se, alienando-se do marido e das filhas, e quase tivera um colapso nervoso antes de admitir que precisava da ajuda de M. J.

Totalmente dedicada à carreira na época, M. J. ajudava nos finais de semana, mas só as duas não davam conta de cuidar da enferma em tempo integral. Felizmente, M. J. começara a ganhar o bastante para contratar uma enfermeira. Não obstante, as noites e os finais de semana foram longos, tediosos e exaustivos emocionalmente.

M. J. nunca chorava diante da mãe, liberando as lágrimas somente a caminho do serviço ou no banheiro. Quase todas as noites ia dormir chorando. A enfermeira

comentou com M. J. que Ruth perdurava mais do que o previsto, numa obstinação que lhe causava sofrimento desnecessário.

M. J. implorava para a mãe entregar a alma a Deus. Mas Ruth era batalhadora e prendia-se a cada suspiro de vida. Apesar da dor.

Um ano após a morte, M. J. ainda se emocionava com as lembranças.

— Pedi ao médico para dobrar a dose de morfina, mãe — dissera M. J., segurando-lhe a mão.

— Gostaria que não tivesse feito isso — sussurrou Ruth. Lágrimas brotaram nos olhos de M. J.

— Sinto vê-la sofrer.

— Eu sei, querida. Gostaria de não sofrer. Essa é a parte que odeio. Não queria que acontecesse isso. A minha vida, quero dizer. E à sua.

— Não há nada de errado na minha vida. Estou ótima — assegurou M. J., embora não sorrisse.

— Eu devia ter me casado de novo. Devia ter buscado mais segurança para vocês.

— Por que faria isso? Para outro homem abandoná-la, mais uma vez?

— O que a faz pensar assim? — Ruth fitava a filha com os olhos azuis obscurecidos pelo sofrimento.

M. J. desviou o rosto.

— Eu o odeio, sabe. Pelo que ele fez.

Ruth voltou a cabeça sobre o travesseiro e olhou pela janela.

— Estamos quase na primavera. Seu pai adorava a estação das flores. Era tão romântico, trazia-me tulipas e flores de macieira, que roubava dos jardins da vizinhança. — Ergueu a mão azulada e a levou ao rosto. — Dizia coisas maravilhosas e eu me sentia tão bela... — O suspiro saiu raso, mas esperançoso. — Eu me sentia viva com ele.

M. J. levantou-se da cadeira.

— Como pode falar dele assim? Ele era um verme. Nunca foi nenhum herói, nem para você nem para mim. E não vai voltar. Nunca. — M. J. remexeu os frascos de remédios, mudou o copo de água três vezes de lugar, desejando atirá-lo na janela. Precisava extravasar a energia, de algum modo.

Ruth fechou os olhos.

— Não vamos brigar.

— Não estávamos brigando — respondeu M. J., ajeitando o acolchoado junto ao pescoço da mãe. — Eu não queria brigar.

Quanto tempo temos, mãe, até eu não poder mais fazer isto por você? Como me sentirei quando tiver partido? Como será quando vierem tirá-la de mim? Será pior do que este aperto que sinto no estômago? Ainda chorarei sempre que vir sua foto? E por que sempre quero discutir com você sobre ele? O que há comigo que não posso deixar uma moribunda ter suas fantasias?

Com um tremor de pálpebras, Ruth adormeceu.

— Isso, mãe. Sonhe com os anjos. Com o que quiser. M. J. fechou a porta imaginando o que encontraria na manhã seguinte.

Como ela pode permanecer viva para um homem que nunca se importou com ela?

Claire tinha o rosto transtornado de preocupação. M. J. nunca notara o quanto a irmã se sentia culpada, reagindo e tomando decisões que não eram de seu feitio. O pior era que a julgara segundo tais reações e decisões.

— Não tema por mim, Claire. Ficarei bem. Eu é que temo por você.

O olhar da irmã obscureceu-se.

— Mas é você que está sozinha.

— Isso não me incomoda. Até gosto disso. Como poderia partir e mudar o mundo se estivesse atada a uma família? Quero fazer história, Claire. Não sou nenhuma madame Curie, mas quero fazer diferença — declarou M. J., sincera.

Pousando a mão no ombro de M. J., Claire contemplou os pôsteres nas paredes.

— Isso não é um filme e você não é a protagonista. O tom era protetor para o gosto de M. J.

— Ah, Claire! Não aja como você mesma, sim? Por favor. Eu estava quase gostando de você.

A irmão baixou a mão.

— Você é insuportável, M. J.

— Vou para o Equador e você não vai me deter. — M. J. escolheu alguns CDs de música, pegou o frasco de filtro solar e a lata grande de repelente contra insetos e guardou-os na bolsa.

— Vai precisar de muito mais que isso no Amazonas — alertou Claire.

M. J. olhou para a irmã tentando ser tolerante e paciente... duas virtudes intangíveis.

— Sei que a minha vida não faz sentido para você, sendo tão oposta à sua. Mas é a que eu quero. Não pode me deixar vivê-la?

A batalha deixara Claire exausta.

— E isso mesmo o que quer, M. J.? Ou está fugindo novamente?

— Novamente?

— Olhe para si mesma. Você trabalha com pedras, areia e terra. Objetos inanimados. Eles não exigem nada e você não tem que interagir com eles. Sempre quis ser atriz... pelo menos quando papai partiu foi o que declarou. Mas sempre achei que se escondia atrás dos personagens, para não mostrar o quanto estava magoada. Fantasiou com aventuras na África e na Amazônia por tanto tempo que, de algum modo, conseguiu materializar esse desejo. Mas parece não perceber que isso é perigoso. Claire continuou:

— Quero dizer, se as cobras não a matarem, os traficantes matarão. Anda lendo os jornais? No mês passado, três lenha-dores foram mortos por bandidos nativos. Ninguém sabe quem eram. E não se esqueça do caso dos petroleiros, naquele lago na Venezuela, no ano passado.....

M. J. suspirou.

— Eu te amo, Claire, mas, francamente... Serei um elemento do terceiro escalão e lamento ter glamourizado a minha parte. Meu trabalho consiste em processamento de dados, programação CAD para os projetos, gráfico em três dimensões, tabelamento, aplicações e posicionamento. É até mais tranquilo do que aquilo que fazia na Stewart Energia. Não exige neurônios. — Deu de ombros. — Provavelmente, ficarei baseada em Lago Agrio o tempo todo e não verei nada além do computador.

Claire ergueu o sobrolho.

— Então, basicamente, fará o mesmo serviço que fazia aqui, só que num outro escritório?

— Isso mesmo — respondeu M. J., franca, embora desejasse secretamente que o futuro lhe reservasse algo mais. — Juro que não estou fugindo de nada. Claire.

— E que você andou tão reservada após a morte de mamãe... M. J. pensou rápido.

— Estava atarefada e trabalhando demais, mas não reservada. Lamento ter perdido o aniversário de Erin na semana passada.

— Estranhei, só isso. E louca por ela desde que nasceu.

— Porque a amo. — M. J. sorriu e abraçou a irmã. — Agora, alegre-se. Vou passar seis meses fora a trabalho, colecionando uma porção de histórias emocionantes e inverossímeis. Erin e Colleen vão pensar que sou uma heroína.

Claire deixou-se convencer.

— Está bem. Tenha a sua aventura. — Apontou-lhe o dedo indicador. — Mas não vou deixar de me preocupar.

— Eu te amo, Claire.

— Também te amo, M. J. — Claire sorriu. — Quanto àqueles brincos...

M. J. sempre fizera apenas vôos curtos, de uma hora mais ou menos, dentro da Califórnia. Não pensara muito no assunto até embarcar. Enquanto outros passageiros reclamavam da viagem longa, da falta de espaço entre as fileiras e da refeição mal cozida, ela se sentia literalmente no céu. Seguia para algum lugar. Para o fim do mundo, segundo Claire. Sua excitação era incomensurável.

Iniciou um monólogo desvairado com o passageiro vizinho.

— E incrível, não?

— O quê?

— Voar. Gritar à velocidade do jato, fazer a refeição a quilômetros por segundo, ver o mundo encolher no tempo e no espaço, trazer o estrangeiro ao cotidiano...

O homem levou a mão ao rosto.

— Não me diga que é a sua primeira viagem de avião.

— Claro que não. Já voei antes. Muitas vezes. Só que não para tão longe.

— E para onde está indo? — indagou ele.

— Para o Equador.

O homem olhou o relógio de pulso.

— Faz só vinte minutos que decolamos. Você tem mesmo um longo caminho pela frente! — Riu. — Quer um conselho? Guarde todo o entusiasmo para a última parte da sua jornada. Vai precisar.

— Oh, eu sei. Esperei por isto a vida inteira. Ele revirou os olhos.

— Imagino. — Abriu o jornal, formando uma barreira entre eles. —: Que mal há num pouco de entusiasmo? — sussurrou

M. J. a si mesma, contemplando as nuvens pela janelinha.

Lá estava ela, cruzando o céu a caminho de um país exótico. Abria os braços para a vida, e isso era maravilhoso. Sentia-se poderosa. Capaz de corrigir o que estava errado. Capaz de mudar a história.

De repente, ficou séria. Não importava para onde voasse, nem a que velocidade, ainda seria M. J. Não um anjo. Não tão poderosa.

Não podia ressuscitar a mãe.

E então lhe ocorreu.

Estaria fugindo, como Claire sugeriu?

A conexão em Houston acabou sendo mais confusa do que M. J. imaginara. Não mudara só de companhia aérea, mas também de terminal. Como seu destino era a América do Sul, deduzira que embarcaria no terminal internacional. Mas descobriu que seu voo partiria do terminal C e, como carregava duas bolsas pesadas, quase perdeu o avião.

Ofegante e ansiosa ao chegar à plataforma de embarque, não reparou no homem que a aguardava.

Ele usava um chapéu branco velho e suado, calça jeans e camisa caqui tipo safári. Tinha tórax amplo e ombros ainda mais largos. A barba loira de dois dias indicava que voara uma noite e um dia para se encontrar com ela naquele voo. Os cabelos também loiros alcançavam a nuca, roçando o colarinho. Com um sorriso sutil, quase misterioso, ele meneou a cabeça quando ela deixou cair uma das bolsas no corredor de embarque, esparramando batons e potes de creme.

Imediatamente, ele foi ajudá-la a recuperar os pertences.

— Eu ouvi direito? Você é M. J. Callahan? — indagou, segurando o estojo dourado de batom de grife.

M. J. não gostou do sorriso desdenhoso. Nem das mensagens sexuais que ele enviava pelos olhos azuis translúcidos. Mesmo assim, sorriu, Aquele olhar a atraía.

Por que ninguém estalava os dedos para cessar sua reação insana e desproporcional àquele homem?

— Sim, sou M. J. — confirmou, notando o tom sensual na própria voz. O que lhe dera? Nunca agira assim diante de um homem antes.

O estojo de batom rebrilhou e ela o arrebatou das mãos dele, atirando na bolsa.

— Obrigada, sr. Hunter.

— Então você me conhece? — indagou ele, o sorriso sedutor carregado de charme masculino.

— Sei de você. Sei a seu respeito. Sua reputação o precede. Ele se envaideceu.

M. J. sorriu, apesar de tudo. Nunca flertara tão abertamente na vida.

— Você não pode ser M. J. Ela o encarou.

— Por que não?

— Porque devia ser um homem. Quero dizer... evidentemente, você não é homem.

— Ninguém disse que a sua empresa dava preferência a homens — rebateu M. J.

— Não damos... normalmente.

M. J. levantou-se e seguiu pelo corredor rumo à porta do avião.

— E esse não é um projeto normal?

— Pode crer que não. — Michael Hunter entregou seu cartão de embarque à atendente. — Travis Kincaid vai ficar cego de raiva com isso.

— Do que está falando? — M. J. também estendeu seu cartão de embarque.

Ele a deteve pelo pulso.

— E sério. Você não pode ir.

— Do que está falando? — Zangada, ela se desvencilhou. — Saia do meu caminho!

— Estou tentando ajudá-la — explicou ele.

— Quem lhe deu essa autoridade? Não estou vendo Travis Kincaid por aqui.

— M. J. olhou de um lado para o outro. — Não estou vendo ninguém dando ordens, exceto você, e quem você pensa que é, afinal?

Michael estreitou o olhar.

— Desculpe-me — murmurou. — Só não consigo imaginar Travis Kincaid contratando uma mulher para esse trabalho em particular.

— Na verdade, ele não me contratou.

— O quê?

— Quero dizer, eu não fui entrevistada pelo sr. Kincaid. Michael arregalou os olhos azuis.

— Eu tinha razão.

— Meia razão, sr. Hunter. O sr. Pinchon, da área de pessoal, me contratou. Foi uma "contratação às pressas". Tive menos de uma semana para largar o meu emprego e tomar o rumo do Equador.

— Isto é um pesadelo. — Michael tirou o chapéu e alisou os cabelos. Recolocou o chapéu ligeiramente inclinado para trás para vê-la melhor. — O sr. Pinchon...

— Ele seguiu ordens diretas do sr. Kincaid — afirmou M. J.

— De jeito nenhum. Eu conheço Pinchon. Ele é um dos melhores na colocação de profissionais e daria uma olhada na... — Reparou nas pulseiras dela, nos brincos combinando, nos sapatos da moda. — De jeito nenhum. Ponto.

M. J. ativou seu sistema defensivo.

— Na verdade, nunca nos encontramos. O sr. Pinchon e eu. Michael prendeu a respiração.

— Sou todo ouvidos.

— Eu me candidatei via e-mail. Ele respondeu via e-mail. Michael expirou.

— Não quero mais saber. Estou convencido. Houve um erro.. E dos grandes.

— Ei, espere um pouco. Tenho o direito... Hunter não a deixou terminar:

— Pode apostar que tem. Quer saber? É adulta. Pensa que Travis Kincaid vai ser massa de modelar nas suas mãos, certo?

M. J. sorriu confiante.

— Posso convencê-lo.

— Só estava tentando poupá-la. Poupá-la do aborrecimento e do constrangimento de ir até o Equador só para ouvir Travis Kincaid mandá-la voltar.

— O que ele tem contra mulheres?

— Muito, na verdade, mas isso é outra história, que não tem a ver com os negócios.

— E o que o faz pensar que sabe tanto sobre a minha situação?

— Experiência — respondeu Michael, num misto de arrogância e desdém que dava vantagem a pessoas cosmopolitas como ele.

M. J. sentiu inveja. Daria tudo para ser tão presunçosa quanto Michael Hunter. Tudo.

Ele tinha razão. Ela não tinha experiência com Travis Kincaid, com a floresta amazônica ou com aventureiros legendários como Michael Hunter, sem falar em quase tudo o mais que constituía a "experiência". Tinha tanta experiência de vida quanto um recém-nascido.

Deixou-se abater, o brilho no olhar desapareceu, o veneno dissolveu-se na boca. Gostava um pouco mais de si mesma quando demonstrava confiança. Mas Michael Hunter conseguira arrancar-lhe a máscara.

— Francamente, por que ele me mandaria de volta? — questionou, inconformada. — Eu tenho qualificações.

— É perigoso demais para mulheres na floresta. Elas se machucam. Fisicamente. Não estão preparadas para o que há lá.

M. J. não se intimidou.

— O que há lá?

Michael piscou ante a incredulidade e decidiu assustá-la com ingredientes de pesadelos:

— Cobras, piranhas, onças, areia movediça, montanhas perigosas, nativos hostis...

— Oh, isso — retrucou M. J., descontraída. Ele franziu o cenho.

— Por acaso esses seus olhos fascinantes escondem a sua verdadeira natureza?

Ela ergueu o queixo, desafiadora.

— Não sou idiota, só isso.

Ela ouvira bem? Fascinantes? Michael Hunter a achava fascinante? O que ele pretendia, fazê-la derreter? Bem, estava conseguindo. Definitivamente, sentia-se fluida.

— Você não pode me enfeitiçar, portanto nem tente — advertiu ele.

— Nem pensei nisso — rebateu M. J., indignada. Ele prendeu de novo a respiração.

M. J. não acreditava. Fizera algo, não sabia exatamente o quê, que o encantara.

Talvez ele esteja apenas refletindo. Seja lá sobre o que for.

Michael pigarreou, como se pensasse em outra coisa. Mas ela percebeu que ele varreu seu corpo com o olhar, detendo-se na área em que os homens geralmente se

detinham quando apreciavam uma mulher. Não importava quantas vezes acontecesse, M. J. sempre desejava poder sorrir ante o comportamento primitivo. Na verdade, secretamente, isso afagava seu ego.

Ele está fisgado.

Michael umedeceu os lábios.

— Só espero que você não me amole.

— Que grosseria! O que o faz pensar em tal coisa?

— Mulheres como você se acham muito espertas. Audaciosas. Na verdade, são tolas, e a sua ingenuidade pode prejudicar os outros. Eu sei cuidar de mim mesmo. Mas e se a sua inaptidão colocar Travis, que não tem tanta experiência na selva quanto eu, em perigo? Ele é meu sócio nesse negócio. Mas não sou babá de gente que se acha o próximo Indiana Jones.

— Eu não sou uma doidivanas!

— Claro que é. Sei porque eu sou. Já sobrevivi a naufrágios, a quedas de avião, a perda de comunicação em alto-mar. Você é novata. Toda essa tecnologia de três dimensões tira o instinto da exploração de petróleo. Aposto que tem dois títulos acadêmicos, como os outros jovens geólogos com que deparei nos últimos três anos e, provavelmente, sabe mais sobre rochas, argilas e calcários do que eu jamais aprendi.

Ele tomou fôlego e continuou:

— Meus instrumentos de exploração são minhas mãos, olhos, nariz e língua. Posso sentir o cheiro do óleo quando ele está a quase um quilômetro de profundidade. Posso senti-lo no ar, na grama, na areia. Eu me apoio no instinto, na intuição. — Fitou-a com olhar estreito. — Eu sei.

— É? Bem, eu sei que pertenço a essa equipe tanto quanto você. Acredito que tenha algo a oferecer. Algo a acrescentar.

Michael cruzou os braços.

— Estou intrigado. Já que não tem experiência na floresta, deve ser lingüista.

— Não — declarou M. J. — Mas trouxe algumas fitas em espanhol para ouvir no avião.

Ele deu uma gargalhada.

— Que ótimo!

— Eu aprendo rápido — censurou ela, mordaz.

— Ouça, isto não é brincadeira, M. J. — Havia um alerta no olhar de Michael, aconselhando-a a voltar para San Francisco e para a vida que levava.

Naquele instante, M. J. entendeu que tinha só sua determinação e persistência contra a experiência de Michael Hunter e Travis Kincaid. Adiara todos os seus projetos de vida, ou melhor, abrira mão deles para fazer aquela viagem. Para conhecer terras distantes. Se Michael Hunter conseguira fazer nome explorando florestas não mapeadas, montanhas e o Mar do Norte em busca do ouro negro, ela também conseguiria.

M. J. sentiu uma onda de confiança subir pela espinha.

— Nada em mim ou na minha vida é brincadeira, sr. Hunter. Fui contratada para um trabalho e pretendo realizá-lo. Tenho muita experiência, só que diferente da sua. Obviamente, alguém na Texas Petróleo enxergou isso. Só me resta provar meu valor a você e ao sr. Kincaid.

CAPÍTULO IV

Devido à neblina e à pouca visibilidade, o avião sobrevoou Quito por uma hora e vinte minutos antes de encontrar a brecha nas nuvens que possibilitasse-o pouso.

— Pelo menos não nos mandaram para o Panamá até amanhã — aliviou-se Michael, no desembarque.

— Era só pegarmos outro vôo — replicou M. J., imaginando por que incomodava a idéia de passar a noite numa cidade estranha com Michael Hunter. Afinal, estava no Equador com ele. Iriam para a floresta juntos. O detalhe era que a empresa não tinha uma filial no Panamá. Nenhum chefe. Nenhum Travis Kincaid à espreita nas sombras para vigiá-la como uma sentinela.

Michael riu ao pendurar a mochila no ombro.

— Não há outro vôo, M. J. Estamos num país do Terceiro Mundo. Mas, claro, você está aqui para descobrir justamente isso, não é?

— Acho que sim.

Desceram a escada metálica e foram recepcionados por guardas armados, que verificaram a documentação de todos os passageiros. Após destacar um ou outro para averiguação, liberaram os demais para o terminal.

— Espero que Travis tenha mandado Paulo para cá.

— Paulo?

— E uma espécie de assistente, que ajuda os recém-chegados a passar pela alfândega e carrega a bagagem. Pensando bem, acho que Travis estava preocupado demais para se lembrar de mandar Paulo.

— Eu posso pegar minha própria bagagem. Não preciso de ajuda.

Michael riu.

— Oh, acredite, não estou preocupado com você.

— Ótimo — replicou M. J., confiante. No terminal, pegou a fila mais curta no balcão da imigração.

De repente, sentia-se atônita com a enormidade de sua situação. Por toda parte, as placas e avisos eram em espanhol. Entrada. Salida. Peligrosa. Policia. Restava-lhe tentar adivinhar o significado. E se se enganasse? E se fizesse algo errado? Pegasse a fila errada?

Viu cães pastores alemães e rottweillers em coleiras de metal cheirando a bagagem de mão dos passageiros da frente. E se um deles cismasse com seus biscoitos de chocolate dietético, empurrando-a de lado para responder a um interrogatório?

A ansiedade aumentou quando quatro guardas uniformizados portando armas automáticas entraram na área de imigração. Ficou tensa. A fila andava bem devagar. Olhou por sobre o ombro à procura de Michael. Ele sumira. Abandonara-a.

O instinto a impelia a chamar por ele. Meia dúzia de olhos castanhos sob quepes militares fitaram-na desconfiados. M. J. sentiu o suor brotar no lábio superior, mas manteve a boca fechada e o olhar nas costas do homem alto à sua frente.

— Vamos.

A voz de Michael chegou-lhe como a de um anjo salvador.

— Aonde você foi? — sussurrou, mal disfarçando a aflição.

— Procurar Paulo.

— E achou?

— Achei. — Michael a tirou da fila e conduziu-a ao longo do balcão da imigração.

Um homem bonito de uns trinta anos, calça jeans e jaqueta de grife esportiva tornou-lhe a bagagem de mão prontamente.

— Permita-me — disse Paulo, com um belo sorriso.— Seu passaporte, documentos e passagem, por favor.

M. J. retirou os documentos da bolsa e entregou-os a Paulo.

— Obrigada — declarou, aliviada. ,

— Eu cuidarei de tudo — informou Paulo, num inglês precário.

— Felizmente, o sr. Kincaid se lembrou — comentou M. J. com Michael.

_ Oh, ele não se lembrou. Eu chamei Paulo pelo celular Ele estava no aeroporto aguardando outro executivo. - Michael pousou a mão na cintura dela, distraidamente, enquanto seguiam até as esteiras rolantes para pegar as bagagens.

MJ. não sabia por que gostava da atitude de Michael tomando conta da situação, e da sensação protetora da mão dele em seu corpo, justamente quando se esforçava para provar ao mundo, e a si mesma, sua independência e alma aventureira.

O trajeto até o hotel Oro Verde na cabine minúscula do táxi, embora levasse menos de vinte minutos, foi difícil para Michael e suas pernas compridas.

— Prefiro lutar com uma jibóia no braço a andar nestas latas de sardinha - resmungava ele, aliviando a caibra no

JOeM°jeremerxe0u-se no assento de trás, onde fora alojada com suas muitas sacolas. O porta-malas do táxi era ainda menor do que a cabine. .

_ Eu também - exagerou, tentando ajeitar as costas. -

Nem o vôo foi tão ruim quanto isto.

— Alegre-se. — Ele sorriu charmoso. — Só piora daqui para a frente.

M. J. retribuiu o sorriso.

— Está blefando. _ , . , Saltaram do veículo e adentraram o elegante saguão do hotel

com piso de mármore, acabamento em mogno e vidros jateadoB.

MJ ficou boquiaberta com os arranjos florais, os moveis de couro e tapeçaria e os casais elegantes e bem-vestidos que deixavam o bar e o restaurante.

— É difícil mesmo nos países de Terceiro Mundo _

— Não diga isso - alertou ele, aproximando-se do balcão de recepção para cumprimentar o gerente, que parecia conhecê-lo muito bem. ____

_ Sr Hunter! É bom vê-lo novamente. Já o aguardávamos.

Sei que o vôo atrasou. O tempo estava ruim. Péssimo. Michael pegou a caneta e registrou-se. _ Obrigado, Benito. Esta é a srta. Callahan, funcionaria nova da Texas Petróleo. Acredito que tenham feito reserva para ela.

— Callahan. Claro, senhor. — Benito sorriu simpático, embora a curiosidade estivesse estampada no rosto. Atentou ao cartão de reserva. — Creio que houve um pequeno engano. Esperávamos o sr. Callahan. Até coloquei charutos no quarto, como pediu.

Michael riu.

— Ambos nos enganamos, Benito. — Voltou-se para M. J. com um brilho misterioso no olhar. — São os melhores charutos.

M. J. franziu o cenho.

— Como?

— Você vai querer os charutos, não vai? — provocou ele. M. J. já estava farta de Michael Hunter. Sentia-se cansada,

desconjugada, dolorida e aborrecida por se ver alvo das piadas o dia todo. Largou as bolsas no chão e pegou a caneta.

— Gostaria de um quarto para não-fumantes. Desjejum com pães. Café com creme. Toalhas extras. Eu tomo banho de manhã e à noite. — Finalizou assinando o livro de registro.

— Muito bem — respondeu Benito, chamando uma camareira, à qual disparou várias frases em espanhol. — Seu quarto estará pronto em quinze minutos. Mande colocar rosas também. Cortesia do hotel.

— Não é necessário — disse ela.

— Oh, mas é. Para uma dama tão linda, rosas são sempre um item indispensável — respondeu Benito. — Talvez queira tomar uma taça de vinho no bar enquanto aguarda...

— Obrigada. — M. J. dirigiu-se ao bar sob o escrutínio de Michael.

A mulher sentada na banquetta de couro no canto mais distante do bar, acompanhada de um senhor idoso, observou M. J. entrar demonstrando quase

fascinação. Em espanhol, especulou sobre a recém-chegada. O homem impecavelmente vestido com um terno de lã feito sob medida, camisa com monograma e gravata de seda preta trabalhada meneou a cabeça. Não conhecia a americana.

Não havia dúvida de que a mulher era americana. Era alta demais para ser equatoriana. Era branca, mas não espanhola. E o estilo era indubitavelmente americano, concordaram.

M. J. largou a bolsa de couro preta numa das três cadeiras que rodeavam a mesa. Afastou os cabelos compridos do rosto,

já sonhando com o banho quente e o xampu que usufruiria dali a poucos minutos. Parecia uma eternidade desde que deixara San Francisco.

Lembrou-se de Claire. Por mais ansiosa que estivesse em se lançar à nova aventura, ainda sentia falta da irmã.

Olhou o relógio. Quase meia-noite. Claire e as meninas já deviam estar dormindo. Sonhando. Com ela? Estariam imaginando se chegara a salvo em Quito?

Podia ligar para Claire, para que não se preocupasse, pensou.

Pousou as mãos nos braços da cadeira e já ia se levantar quando viu a mulher exótica na banquetta olhando-a curiosa.

Grandes olhos escuros, cílios grossos e delineador preto num rosto branco. M. J. lembrou-se do teatro kabuki japonês. Calculava que a mulher devia ter uns sessenta anos, de modo que os cabelos, tão pretos, só podiam ser tingidos.

O homem sentado ao lado da mulher tirou a carteira do bolso e pousou várias notas da moeda equatoriana na mesa. A mulher não lhe deu a menor atenção enquanto ele se afastava. Mantinha o olhar fixo em M. J.

Como que hipnotizada, M. J. levantou-se e aproximou-se da mulher.

— Olá — saudou, estendendo a mão. — Infelizmente, não falo espanhol.

— Eu falo inglês — respondeu a mulher.

— Perdoe-me por perguntar, mas a senhora estava olhando para mim. Eu a conheço?

Um sorriso surgiu nos lábios carnudos e vermelhos da mais velha.

— Talvez.

— Como assim?

— Nunca nos vimos nesta vida, posso lhe assegurar. Por favor. — Ela moveu a mão delicada. — Sente-se.

M. J. sentou na banquetta que o homem desocupara.

— Há outra vida?

A mulher fitava-a intrigada.

— Não sabia que era tão jovem.

— Tenho vinte e sete anos — informou M. J., orgulhosa, quase arrogante, como se o fato lhe granjeasse mais respeito.

— Seu aniversário é em agosto.

— Sim. Como adivinhou?

— Eu sou Martita. Já ouviu falar de mim, não?

— Não. Nunca ouvi falar de você.

O rosto bonito da mulher estava radiante.

— Que interessante. Uma noviça. M. J. estava cada vez mais curiosa.

— Eu devia conhecê-la? Você é famosa?

— Alguns acham que sou. Outros têm sorte de vir a mim.

M. J. não gostava do mistério com o qual aquela mulher se envolvia, como um xale ricamente pintado. Entretanto, deixava-se atrair para seu domínio, à medida que a conversa prosseguia.

— Você é atriz?

— É interessante você escolher essa profissão para mim. Incomoda-a tanto o fato de você não ser atriz?

— O que tem isso a ver?

— Nunca ninguém lhe disse que a melhor forma de entender a outra pessoa é ouvindo as perguntas que ela lhe faz?

— Não, mas faz sentido — concordou M. J.

— Você não seguiu o seu sonho. Queria ser famosa. Assim, veio a Quito, ao Equador, para fazer seu nome.

— Não pode afirmar isso. Martita riu.

— As pessoas me pagam para eu lhes dizer tais coisas.

— Você é vidente? — M. J. arfou, como se as palavras lhe queimassem os lábios.

Martita deu de ombros.

— Por que está perturbada?

— Não estou — defendeu-se M. J., fingindo um destemor que não sentia.

Martita meneou o dedo.

— Por isso não é atriz. Você não esconde seus pensamentos tão bem quanto pensa.

— Sou conhecida por fazer isso muito bem. Avaliando o olhar de M. J., Martita declarou:

— Eu me vejo na sua idade quando olho para você. Foi isso que me levou a fitá-la quando entrou no salão. Vim de Barcelona. Estudei em Paris, Londres e Genebra quando era jovem. Nunca terminei um curso em minha vida. Pulava de uma coisa para outra. Logo ficava entediada. Aprendia tudo fácil demais.

Sabia história como se a tivesse vivido. Lembrava-me de livros que jamais lera, de pinturas que jamais pintara. Então, percebi que era capaz de prever acontecimentos. Isso assustava meus amigos e descobri que era melhor estar entre estranhos. Quito foi o lugar mais longínquo em que pude pensar. É a cidade habitável localizada na maior altitude.

— Bem, minha vida não é assim. Eu tenho um emprego aqui e...

Martita interrompeu-a.

— Eu sei. — Fitava o infinito, o olhar refletindo luzes prateadas como as das estrelas. — Você vai para a região de Oriente. Eu a vejo na floresta. Há um homem lá. Bonito. E muito enamorado de você.

— Michael?

— Sim, sinto a energia do arcanjo Michael ao redor dele. O guerreiro. Protetor. O cavaleiro em armadura reluzente.

M. J. sentiu-se hipnotizada pela voz de Martita, por seu mundo.

— Você precisará da proteção dele. — Martita esfregou os braços, como se quisesse se aquecer. O olhar permanecia fixo num ponto etéreo.

— Por quê?

— Há um grande perigo no Oriente. Sempre houve. Mas agora, principalmente, para você.

— Por que para mim? Não tenho nada a ver com os moradores de lá. Não conheço ninguém por lá.

— Não seja tola acreditando que o perigo vem só dos humanos. Que vem só desta dimensão.

De repente, M. J. sentiu-se puxada de volta à realidade.

— Isso é ridículo. Não acredito em fantasmas.

— Não importa. Fatos são fatos. Seus espíritos guias me dizem que o destino a trouxe aqui, assim como aconteceu comigo.

— O que são espíritos guias? — indagou M. J.

Martita continuou como se não tivesse ouvido a pergunta de M. J., ou como se se abstivesse de responder a tanta ingenuidade.

— Devo alertá-la sobre o Oriente. Há muitas, muitas lendas na floresta. Algumas têm dezenas de milhares de anos. Preste atenção em tudo o que ouvir sobre os antigos que colonizaram o local após o desaparecimento de Atlântida,

— Atlântida? E só um mito — desdenhou M. J., apesar da curiosidade atizada.

— Todos os mitos se baseiam na realidade. De outro modo, não existiriam em primeiro lugar.

— É verdade?

— Claro. Entretanto, é importante que preste muita atenção numa lenda mais recente.

— Como a minha lenda pessoal? — indagou M. J. Martita ignorou o tom de M. J., carregada de informações:

— Você veio aqui procurar petróleo. Muitos vieram antes de você. Na década de 1920, tanto americanos quanto europeus vieram em busca do ouro negro, mas mantiveram seus achados em segredo. Eles brigaram uns com os outros pelo espaço e se agarraram à terra.

— Há uma lenda de uma mulher e dois homens que trabalhavam para a Standard Oil, de Nova Jersey, que foram para o Oriente em 1933. Os três morreram misteriosamente. Não foi a natureza que os consumiu, mas a ganância. As fraquezas humanas podem ser interessantes às vezes, mas mortíferas.

M. J. engoliu em seco. Martita a deixava nervosa.

— Eles se mataram por causa do petróleo?

— Por causa disso e de ouro. Há muito ouro aqui, de acordo com a lenda. Fique atenta o tempo todo, minha amiga. Precisa saber também que a lenda diz que os espíritos deles ainda vagam pela floresta, ajudando os estranhos.

Martita inclinou-se para a frente, os olhos muito escuros dominando o rosto.

— Disseram-me para alertá-la de que, se continuar nessa trajetória, a morte a espera no Oriente.

M. J. sentiu um aperto gentil mas firme nos ombros.

— Com isso, podemos ir dormir — concluiu Michael, divertido. M. J. sobressaltou-se, a ponto de bater a cabeça no queixo dele.

— Ai! — Ele ergueu as mãos e massageou o local da batida. — Lembre-me de mandar tocar as trombetas para anunciar minha chegada.

— Michael! Você me assustou! Ele apontou para Martita.

— Pensei que ela estivesse fazendo isso.

A velha abriu a mão, pedi não o pagamento.

— Preciso ir.

Michael franziu o cenho e apalpou o bolso traseiro.

— Eu devia ter ficado no meu quarto. Tomando um uísque. Mas não, meus genes de bom samaritano se agitaram. Eu devia ajudar M. J. Devia me certificar de que ela estaria bem instalada. Teria poupado dinheiro e o queixo! — Com um gemido, passou uma nota de vinte dólares a Martita, ainda esfregando o hematoma.

Martita levantou-se.

— Você se lembrará de tudo — disse a M. J., antes de se apressar pelo piso de mármore com a agilidade de uma mulher com metade de sua idade.

— Michael! Vai continuar com essa atitude de "papai sabe-tudo"? Eu lhe garanto que para a maioria dos mortais é excitante estar na sua presença. O voyeurismo é um motivador para alguns. Mas não para mim. Eu estava indo muito bem sozinha.

— Ótimo — aceitou ele, recuando quando ela se levantou.

— Acho que agora nunca saberei o âmago da mensagem... Michael revirou os olhos.

— Querida, não precisa de uma vidente para saber que o Oriente não é lugar para mulheres. M. J. teimou:

— Eu quero saber o resto da lenda. O que aconteceu com aquelas três pessoas?

— Oh, desculpe-me. É a minha deixa para terminar a história de modo que possa dormir?

Ela bufou e cruzou os braços.

— Como se explicar, Michael, que nos conheçamos há tão pouco tempo e você já consiga me enfurecer mais do que qualquer outra pessoa no mundo?

— Sorte? — Ele ergueu o sobrolho, presunçoso.

— Oh, cale-se! — Ela deu meia-volta, mas Michael a segurou pelo cotovelo.

Seus corpos colidiram.

Ele riu, sem esconder a excitação. Antes que ela protestasse, contou:

— Amantes. Eles eram amantes. Todos eles.

— O quê?

— Mas não ao mesmo tempo. A mulher era jornalista e pretendia publicar a história do que seria a maior descoberta de petróleo da era. Acompanhou o noivo até o Oriente. Estavam com o banqueiro que financiava o empreendimento. Não tinham experiência, como você. Confiantes demais, não leram os sinais de alerta.

— Como morreram?

— Não sei. Acidente de barco, acho. Provavelmente, serviram de jantar aos crocodilos.

— Que horrível... — comentou M. J., estremecendo. — Que triste. — Inexplicavelmente, compadeceu-se deles, daquelas pessoas do passado que não conhecera, jamais conheceria. Por algum motivo, não conseguia tirá-las da cabeça.

— Jornal ou revista? — indagou, enquanto Michael a conduzia para fora do bar e pelo saguão até o elevador.

— O quê?

— Para quem ela escrevia?

— Para a revista Life, acho. — Michael atentou às portas do elevador se fechando.

— Como soube dessa história?

— Li uma matéria sobre eles uma vez, quando vim aqui, há uns doze anos. Há também a história de um médico que...

— Ela era bonita? Viu fotos dela? E o especialista? Quantos anos ele tinha? Quem era mais jovem? O banqueiro? Aposto que o banqueiro era mais jovem. Talvez ele tenha prometido a ela muito dinheiro. Acha que ela era uma mercenária? Acha que ela estava atrás do dinheiro e não do amor?

Michael tirou do bolso um cartão magnético, a chave do quarto de M. J.

— Se eu acho que você perderia a cabeça se não estivesse grudada pelo pescoço? Sim, acho.

— Oh, minha chave. — Ela olhou para o cartão. — Acho que estou meio cansada ou algo assim...

Ele abriu a porta e entregou-lhe o cartão.

— Ou algo assim — concordou, afastando-lhe os cabelos do rosto.

M. J. devia ter previsto, mas não previu. Michael a puxou pela nuca gentilmente. Ela deveria se acautelar, mas o arrepio em sua espinha era de ansiedade, não de receio.

— Michael...

— Você fala demais — sentenciou ele, juntando seus lábios. Se tivesse bastante experiência em beijos, M. J. diria que

Michael era um especialista. Mas a verdade era que, novamente, ele tinha razão. Ela sempre falava demais.

Ela agia assim de propósito, para manter os homens a distância. Sentia-se bem sem um homem em sua vida. Nunca contara com nenhum, desde que o pai as abandonara. Era melhor assim.

Mas, naquele momento, os lábios de Michael sugeriam outra possibilidade de vida... se ela quisesse.

Ele estava no comando, poderoso e possessivo. Os lábios intumescidos e quentes excitavam-na como jamais experimentara. Tinha a sensação de estar na borda de uma cachoeira. Ouvia o som contínuo das águas suplantando tudo ao redor. Percebeu que não era água corrente, mas seu coração palpitando e pressionando os ouvidos.

Ele apertou o braço em suas costas, aproximando-a. Estavam bem juntos. Os seios apertavam-se contra o tórax de aço. M. J. sentia o coração dele através das costelas e chocou-se ao perceber que Michael estava tão excitado quanto ela.

M. J. sentia que perdia o controle sobre os músculos. Largou a bolsa no chão e enlaçou Michael ao pescoço, mantendo-o cativo, assim como ele a prendia.

Ele passou a mão por sua cintura e pelas costas, subindo para perto dos seios.

Com a língua, Michael a forçou a entreabrir os lábios e explorou o interior macio de sua boca. M. J. sentia como se raios de eletricidade cruzassem seu corpo até o coração. Projetou os seios contra a mão máscula, e ele aproveitou para apalpar.

M. J. nunca experimentara nada tão prazeroso, tão incrivelmente excitante.

O destino a trouxe aqui, dissera Martita, com sua voz embargada de sabedoria.

Destino. Sorte.

— Michael — sussurrou, com os lábios intumescidos. — Eu devia entrar...

Ele ignorou o apelo e puxou-a mais de encontro ao corpo. Introduziu ainda mais a língua, gerando outra série de choques elétricos. Cada átomo do corpo de M. J. implorava mais carícias, mais sensações. Mais Michael.

Seu destino.

As palavras invadiam seus pensamentos, assim como as sensações invadiam seu corpo. Não sabia o que fazer. Queria tudo.

— Michael...

— Eu sei — afirmou ele, ofegante como um animal enjaulado, mordiscando-lhe o lábio inferior. Puxando-a sedutoramente, tomou-lhe o rosto nas mãos, imobilizando-a para outro beijo atrevido. — Mas não quero me afastar...

— Não devíamos...

— Eu não devia... — corrigiu ele, beijando-a nas faces. — Mas vou.

— Michael... — M. J. abriu os olhos.

— Embora, quero dizer — esclareceu ele, abrindo os olhos também.

Ela ficou atônita ao identificar o desejo naqueles olhos obs-curecidos. Era como se ele fosse presa de um encanto poderoso, lira como se estivessem encapsulados e fossem transportados para outro mundo, onde só eles existiam.

Michael parecia hipnotizado, intoxicado.

Ele era tudo o que um cavaleiro em armadura reluzente devia ser, até mais, pensou M. J. Era um predestinado.

Michael sorriu, então, como se lesse seus pensamentos. Era o sorriso mais doce e encantador que ela já vira, e ela sabia que jamais se esqueceria da imagem.

Ele inclinou o rosto só o bastante para beijar-lhe a testa.

— Virei acordá-la pela manhã — avisou. — Durma bem, garotinha.

Com isso, recuou para que ela entrasse no quarto.

— Veja bem, não estou fugindo — observou Michael. — Não sou tão burro. Só quero poupar você.

— De quê?

— Ora, de mim.

— Oh... — M. J. agarrou a maçaneta para dar apoio às pernas de gelatina. Não sabia o que acontecia, mas tinha certeza de que não queria que acabasse.

Felizmente, de algum modo, Michael teve força por ambos. Ela começou a fechar a porta, mas ainda se deteve.

— Michael? Ele se voltou.

— Sim?

— Há regras na empresa sobre nós? Quero dizer, sobre o que estamos fazendo? E... sobre o que íamos fazer? Confraternizar, quero dizer...

— Sim. — Ele sorriu maroto. — Está fora de cogitação. — Então, deu uma piscadela.

— Foi o que pensei. — M. J. fechou a porta, cônica de que, para um aventureiro como Michael Hunter, naquela situação ela devia parecer uma coelhinha bem tentadora.

O sonho começou inocente. Michael a beijava, ela retribuía. Lembrava-se de cada toque, do gosto dele, do cheiro dele, da pressão do corpo musculoso contra o seu. Lembrava-se do som da voz, do hálito quente sobre seu pescoço, do modo como ele afastou seus cabelos do rosto. Lembrava-se da força e da gentileza.

M. J. desejara Michael de todas as formas. Desejara sentir a pele nua dele contra a sua, desejara ver os olhos obscurecidos brilharem de paixão durante a exploração de sua intimidade. M. J. tinha pouca experiência com homens porque estabelecera um padrão muito elevado. Recusava-se a aceitar algo me-nos do que o verdadeiro amor... sua alma gêmea. Namorara vários rapazes no ensino médio e na universidade e tivera um relacionamento amoroso sério, que fracassara. Depois disso, propositadamente, evitara qualquer compromisso além de um jantar. Sempre deparava com uma total imperfeição nos homens que a convidavam para sair. Simplesmente, não eram o homem certo. Não eram ele. Convenceu-se de que ele estava lá, em algum lugar, aguardando-a. Sabia que se entregava ao complexo de Cinderela, mas não se importava. Estava a salvo em sua ilusão.

Arriscaria a vida por uma aventura, mas não arriscaria o coração. Isto seria perigoso demais.

Michael, por sua vez, era visivelmente experiente, e M. J. sentia-se estressada só de pensar no que ele com certeza sabia sobre sexo. Cada célula do corpo dele a clamava. Bem alto. Mas seria ele o tal?

Estando tão influenciada por ele fisicamente, não tinha certeza.

Lembrou-se do beijo, do jeito terno mas confiante com que ele a aproximara. Sabia que ele seria gentil. Michael não a humilharia e, sim, mostraria o caminho.

No sonho, permitiu que ele tomasse a frente. Ele lhe deu tempo para degustar as próprias reações físicas.

— Quero que saiba tudo o que farei para você — disse ele. — Quero satisfazê-la, porque isso me trará prazer. Quero observar cada reação sua a mim. Quero ter certeza de que sou tudo com que sonhou.

— Mas você é, Michael. Você é meu sonho.

Ele a beijou novamente e faíscas geraram um fogo interno em seu corpo. Era como a corrente marinha, envolvendo-a em sensações. Forçando-a a não pensar e só sentir.

Ele a beijou possessivamente, e M. J. sentiu-se afundando em si mesma, nele. O prazer era divino.

Michael tornou-se ofegante, como se decidisse se afastar antes que se unissem, antes que o compromisso se concretizasse.

Mas estava tão envolvido quanto ela.

Os humanos não podiam criar aquele tipo de beleza, pensou ela. Somente anjos sabiam aquela canção, sentiam tanto amor.

Suas línguas se fundiram.

Ela tomou o rosto dele, querendo memorizar os movimentos do maxilar e dos lábios enquanto ele a levava ao paraíso.

Ele moveu a cabeça, aninhando-a junto a seu pescoço, e levou-a à Lua.

Flutuando pelo cosmo, M. J. sabia que nunca mais retornaria à Terra. Cavalaria pelas estrelas com Michael.

— Oh, Michael, você é o meu destino?

Sombras encobriram a lua cheia prateada, mudando a paisagem, fazendo parecer que havia algo como o homem na Lua.

Não, não um homem na Lua, percebeu M. J. Uma mulher. Martita.

Ela parecia mais uma cigana do que uma aristocrata espanhola, com os olhos amendoados e os cabelos presos num turbante dourado. Usava brincos de ouro de argola enormes, e a boca era muito menor; o rosto tinha as maçãs altas e talhadas, como se a pele fosse rachar se alguém a tocasse. Martita usava um vestido tipo robe enorme sob o qual escondia as mãos.

— Minha criança — disse ela, com uma voz que parecia uma combinação de sinos e sons sintetizados em computador. — Você pode achar que isto é um sonho, mas não é. Precisei vir a você em seu sonho para avisá-la de que sempre estará protegida. Seu destino se apresenta. Olhe e vai encontrá-lo.

Martita desapareceu.

Michael permaneceu.

Quando M. J. pensava que não sobreviveria a outro instante de prazer, ele a fitou.

No sonho, o rosto tornou-se a Lua, e então mudou para sombras. Escuras. Vermelhas. Ela já não o via com tanta clareza.

De repente, percebeu que afundava... ou melhor, que caía. Entregara-se ao beijo e o final se revelava conforme a previsão: um desastre.

Errara ao confiar.

E ia morrer. Morrer por ter se apaixonado.

— Michael! Salve-me!

— Dê-me a sua mão! — clamou ele.

Ela se esforçou, mas agarrou apenas ar. Sentiu terror. Não havia mais paraíso.

— Michael!

— Estou aqui.

— Michael, não consigo encontrá-lo. — Frenética, ela agarrava o ar ao redor, procurando aquele que a levara para o alto. Que tocara em sua alma.

Mas não conseguiu.

— Michael!

Finalmente desperta, viu-se enroscada nos lençóis, os braços abertos sobre os travesseiros. Espantou-se ao perceber que parecia uma borboleta emergindo de sua vida anterior, de larva.

Seu corpo ainda estava em chamas, sentia uma pontada de excitação. Noutra circunstância, acreditaria que Michael estivera mesmo ali, beijando-a.

Com uma gota de suor escorrendo pelo rosto, olhou para o espaço vago na cama larga.

Michael não a procurara. Ninguém a procurara.

Fora apenas um sonho.

Antes do amanhecer Michael já estava num _____avião particular rumo a Lago Agrio. M. J. pusera de lado as reflexões sobre o sonho, a fim de arrumar os pertences, vestir-se e tomar o café da manhã no quarto. Embora houvesse uma diferença de apenas três horas entre San Francisco e Quito, sofria cada minuto do desconforto. Bocejando, procurou suas cápsulas de ginseng.

— Mataria por mais café — comentou, em parte consigo mesma, em parte com Michael, que analisava uma pilha alta de projeções e cartas de Travis, tentando adiantar o trabalho.

— É um vôo de apenas trinta minutos — observou ele, distraído. Então, fitou-a. — Como justifica a cafeína e todas essas vitaminas que toma? Obviamente, não é naturalista radical.

M. J. meneou a cabeça, tirou um frasco grande de vitamina B12 da bolsa, mil miligramas em cada cápsula, e tomou duas. Engoliu sem água.

— Assim seria muito maçante. A vida deve ser vivida. Para espanto de M. J., Michael a beijou no rosto, rápido

como um raio, e voltou a seus relatórios.

— Michael, acho que devíamos conversar sobre... Ele ergueu a mão, calando-a.

— Não, não devíamos.

— Você não sabe o que eu ia dizer.

— Imagino. Você acha que não devíamos nos envolver. Nada de trapaça, nada de sexo. Nada de indiretas. Nada de encontros. Acha que eu não devia olhar para você, como já faço e como pretendo continuar fazendo. Que eu devia ser um bom menino e manter minhas mãos bem comportadas.

Ela o encarou. Ele se mantinha impassível.

— Eu vim para trabalhar.

Ele tomou-lhe as mãos e segurou com força.

— Não, você veio aqui para ter aventuras. Você mesma disse isso.

Michael fora franco, e M.J. não apreciara isso. Gostaria de acusá-lo pela impetuosidade na noite anterior, mas a verdade era que ela também desejara a

intimidade. Nenhum dos dois estava preparado para a intensidade da atração. M. J. gostaria de poder trancar aqueles sentimentos em algum galpão interno. Infelizmente, bastava olhar para Michael e sentir a pressão subir.

Ele esfregou a mão dela com o polegar, e ela sentiu o estômago queimar.

M. J. remexeu-se.

Michael ficou tão satisfeito com sua reação que se envaideceu.

— Aventura envolve risco, M. J. Aposto como nunca arriscou nada na vida.

— Claro que arrisquei! — afirmou ela, indignada.

— Por exemplo.

M. J. pensou na excursão escolar ao Grand Canyon, quando tinha dez anos, da qual não participara por temer afastar-se da mãe. Pensou na passagem de ônibus para Los Angeles que comprara, aos dezoito anos, para tentar ser atriz, e que nunca usara. Em Sam Watkins, o rapaz por quem quase se apaixonara quando era caloura em Stanford, mas a quem rejeitara por medo do compromisso. Recordou os milhares de pequenas oportunidades diárias de se envolver com outras pessoas, as quais nunca aproveitara, por recear uma eventual perda posterior.

Medo de se perder no outro. De perder o coração. De eles deixarem de amá-la.

— Posso ficar desempregada se Travis Kincaid não me aprovar. Michael a fitou.

— Desempregada?

— E. — M. J. sorriu, esperando que ele entendesse. Ele largou a mão dela como se estivesse incandescente.

— Desculpe-me. Pensei que a noite passada tivesse significado algo para você.

M. J. ficou atônita.

— Está dizendo que significou algo mais do que um beijo para você? — Lembrou-se do sonho. Era estranho como as cenas pareciam verdadeiras, dificultando a separação entre realidade e fantasia. Nunca se sentira tão confusa na vida. Michael contraiu os lábios, como se escolhesse bem as palavras.

— Você sabe que significou.

— Não sei — respondeu M. J., rápido demais, e levou a mão à têmpora. Não, não estava acontecendo. Michael não estava lhe dizendo aquilo. Um homem, uma lenda viva entre os mortais, não diria a M. J. Callahan que encontrara Meca em seus lábios.

Adotou uma expressão séria.

— Sempre tive problemas com a altitude.

— Tem desculpa para tudo, não é, M. J.?

— O que quis dizer é...

— Você queria me dizer que eu estou me apaixonando por você.

As palavras atingiram-na como um tornado. Se não estivesse sentada, teria perdido o equilíbrio. Como ele fazia aquilo? Jogava-a de "um extremo a outro emocionalmente. E como se atrevia a fitá-la com aqueles olhos azuis aguçados, despindo-a de suas máscaras como se descascasse cebola? Quem ele pensava que era, afinal?

— Eu não preciso ouvir isso.

— Claro que precisa. Todas as mulheres precisam. Ela agitou o dedo indicador esticado.

— Não me classifique como o restante de meu gênero. Não sou como elas.

— Está insinuando que há algo errado com as mulheres. Eu nunca disse nada assim. Mas acho fascinante que se ache diferente. Melhor, talvez?

— Não, apenas diferente.

— Você não quer ser necessária? — questionou Michael. Ela franziu o cenho. Sentindo o suor brotando na nuca, rompeu

o encanto desviando o olhar para a janela. Respirou fundo.

— Onde aprendeu esse método... na CIA? Ele riu, apesar de tudo.

— Você é demais, M. J. Callahan. Nunca encontrei ninguém, homem ou mulher, tão intrigante.

— Mesmo? — Ela deu uma fungadela, satisfeita por se sentir emocionada sob a máscara.

— Fascinante — completou Michael.

— Está dizendo isso porque não dormi com você.

Ele sorriu malicioso enquanto ajeitava a aba do chapéu panamá.

— Está bem. Como quiser. — Cruzou os braços, instalou-se mais confortavelmente e fechou os olhos. — Não vai me dizer que não sonhou comigo ontem à noite.

— O quê? — Como ele podia saber?

— Admita. Você sonhou comigo. — Michael falava em tom sensual. — Pensou nos nossos lábios colados. No gosto da minha língua. Na minha mão no seu seio. Você queria mais, não queria, M. J.? Queria saber como eu fico nu. Queria saber se eu a penetraria...

M. J. sentiu o corpo se aquecer só de ouvi-lo. Ele abriu um olho.

— Pode apostar que quero.

— Michael, não nos conhecemos e não tenho o hábito de pular na cama de todo homem que encontro.

— Não pensei isso de você. Pelo contrário. Mas acredito que há algo entre nós. Algo místico.

— Místico?

— Mágico, então — corrigiu-se ele, sério. — Eu sinto isso. E geralmente não sou disso. Sou um homem de ação, M. J. Quando sinto que algo está certo, eu digo. Faço. Sem me arrepender. Vivo minha vida sob esse princípio. E não lamento. Pode dizer o mesmo?

— Não — murmurou ela.

— Não quero que se preocupe, M. J. Entendo o que diz. Entendo que precisa de tempo. Quanto a mim, sei que a vida é um processo ligado a prazos. Não penso como você. Não vivo como você. Você quer garantias. Segurança. Todas as mulheres querem. Nisso, você se parece muito com todas as mulheres. Eu lhe darei todo o tempo de que precisar. Vamos passar meses aqui. Sozinhos. Esbarrando um no outro dia e noite. Vou lhe provar que estou certo. Há algo entre nós. Não vou negar. E, assim que descobrir isso, também não negará,

Michael fechou os olhos e colocou o chapéu sobre o rosto, bloqueando o sol nascente, seu sinal de que a conversa estava encerrada.

Belas palavras, pensou ela. Parecera-lhe um discurso sincero. O olhar aguçado dele reforçava a intenção. Então, por que se sentia tão incerta? Por que nunca um homem lhe falara assim? E por que isso? Algum dia dera chance a alguém?, imaginou, repassando seu histórico amoroso.

M. J. conhecera dezenas de homens no trabalho. Amigos de amigos. Nos encontros lamentáveis que Claire lhe arranjava. Mas todos sempre lhe pareceram extremamente comuns.

O fato era que muitos pareciam-se com ela mesma, queriam excitação em suas vidas, porém não sabiam como nem onde encontrá-la.

Por tempo demais, M. J. sonhara com um cavaleiro em armadura reluzente surgindo para levá-la, a princesa, para seu castelo. Um homem gentil, bonito, atencioso, poderoso e rico. Talvez jamais conhecesse um homem que achasse interessante porque criara um personagem que não existia... exceto nos filmes.

Daí, o desejo de ser. Fingindo viver mil vidas, nunca teria de vivê-la realmente.

Michael Hunter não era uma aparição. Era real. E exigia emoções reais, decisões reais. Ele queria que ela reagisse não apenas com o corpo, mas com o coração. E lhe oferecia seus sentimentos com tranquilidade. Não temia que ela despedaçasse seu coração. Não temia que ela o usasse, abusasse dele, ou o amasse. Ele estava disposto a tudo ao que ela poderia submetê-lo. E o que seria?

Que tipo de homem se oferecia em sacrifício sabendo que poderia ser descartado pela manhã?

Michael Hunter era um idiota? Ou simplesmente o homem mais corajoso que ela já conhecera?

Ora, não admirava o homem ser uma lenda. Lera em artigos de revistas que Michael Hunter já enfrentara leões, crocodilos e cobras gigantes. Encantar uma geóloga inexperiente que nunca saíra da Califórnia devia ser brincadeira de criança para ele.

Só podia imaginar as mulheres exóticas com que ele já se envolvera.

Não, Michael Hunter não era idiota. Idiota era ela. Com certeza, aquele era algum tipo de jogo que ele praticava sempre. M. J. Callahan era apenas a próxima vítima. Outra marca na pistola.

Estava certa em mantê-lo a um braço de distância. O mais afastado possível. Quem poderia confiar num homem desses? Ele era ultrajante.

A cautela a avisava que ele aproveitaria os meses de isolamento na floresta para criar uma ligação entre eles, para fazê-la se apaixonar por ele. Então, quando o projeto acabasse, ele partiria para a próxima aventura.

E M. J. seria apenas uma parte da história que formava a lenda de Michael Hunter.

Reforçando a decisão, M. J. prometeu a si mesma que não cederia a Michael. Avaliaria cada encontro. Manteria o relacionamento tão profissional quanto possível. Faria tudo a seu alcance para voltar à Califórnia em total integridade.

Pelo que sabia, só teria um pequeno problema... manter Michael Hunter fora de seus sonhos.

O acampamento ficava fora da cidade de Lago Agrio, porque Travis Kincaid era paranóico em relação às outras companhias petrolíferas. Ele temia que espiões de empresas européias e locais sabotassem o projeto

da Texas. E com razão

E com razão.

Nunca, desde a década de 1930, a competição pelos campos de petróleo da América do Sul fora tão intensa quanto naqueles últimos dias do século vinte. A Venezuela concedera a exploração da maioria de suas reservas a grandes empresas, assim como o Peru. Somente o Equador aceitava propostas de pequenas companhias estrangeiras independentes.

De qualquer forma, Travis Kincaid era considerado por seus pares um profissional brilhante, conhecedor de muitos países. Existiam cento e noventa e sete países no mundo e, pelo último levantamento, Travis já estivera em noventa e quatro deles. Pretendia ainda visitar, por interesse financeiro ou para enriquecimento curricular, três países africanos, todos em estado de guerra civil violenta e por ora desinteressantes, duas novas nações desligadas da ex-União Soviética, alguns lugares ou muito próximos aos pólos ou no sudeste asiático. Tendo integrado uma expedição militar ao Vietnã em 1969, não tinha vontade de rever o local. Já estivera no Himalaia e uma vez bastava.

Para Travis, ver-se naquelas circunstâncias, com sua única oportunidade de negócios em plena floresta amazônica, parecia

brincadeira do destino.

Ele detestava o calor, a floresta, cobras venenosas e, aos quarenta e oito anos, inconveniências de qualquer natureza.

Sua vida na última década, desde a crise do petróleo no final dos anos 80 e o divórcio desastroso que se seguiu, tivera inconveniências suficientes para testar a paciência de Jó. Mas sobrevivera.

Não tinha escolha.

Travis Kincaid era um sobrevivente. Geólogo extraordinário e uma lenda nas companhias petrolíferas de todo o mundo, muitos no setor de petróleo o consideravam um empresário desonesto.

Mas Travis não estava no setor de petróleo. Era o setor de petróleo que estava nele.

Não sabia quando decidira tornar-se geólogo e explorar as profundezas da terra em busca de óleo cru.

Mas sabia que isso estava em seus genes.

Seu trisavô Daniel fora um imigrante irlandês fracassado, mineiro. Um perdulário. Vagara pelo Oeste americano e por metade do México procurando ouro. Dizia que os duendes escondiam o pote de ouro no fim do arco-íris, fora de seu alcance.

O avô de Travis e seu homônimo, Travis Daniel Kincaid, tinha quinze anos quando o avô Daniel morreu, deixando-lhe um pedaço de terra no norte da Califórnia, não longe de San Francisco. Pois esse pedaço de terra abrigava uma das maiores minas de ouro já descobertas naquele Estado. A família ficou rica, mas gastou tudo em vez de investir. A geração seguinte de Kincaids encontrou petróleo no mesmo pedaço de terra.

Travis cresceu na década de 1950 ouvindo histórias sobre o ouro que a família já tivera e a companhia petrolífera que fundaram e mais vendera para a Standard Oil, da Califórnia.

Restou dinheiro bastante para mandar Travis para uma universidade em Boston e depois para Harvard, onde cursou mestrado, e, finalmente, para estabelecê-lo em Houston, no final dos anos 70... bem a tempo de sentir o baque do setor de petróleo, na década de 1980.

Sem dinheiro, Travis perdeu também Blane, a esposa elegante e perdulária. Após anos de reflexão e auto-análise, convenceu-se de que subconscientemente procurara o fracasso, o que por sua vez provocara o abandono de Blane. Mais do que amor, amizade ou Travis, ela precisava de dinheiro. Blane tirou da casa de sete milhões de dólares tudo o que pôde, até os espelhos dos interruptores e os trilhos de cortinas, contratando o advogado mais caro e implacável do Texas para tratar do divórcio.

Como penitência pelo pecado de cancelar seus cartões de crédito e não prover seu futuro de acordo com o que estava habituada, Blane levava também o resto dos ativos de sua empresa após a falência.

Durante anos, Travis rastejara para ganhar centavos. Foi alvo de piadas sobre o divórcio. A fim de ganhar o sustento, associou-se a homens com quem não teria

partilhado o pão uma década antes. Livre do orgulho, aprendera a humildade. Descobriu que não era tão esperto quanto pensava. Sua crença no amor, na lealdade e na existência de almas gêmeas desmoronou. Cometera o erro grave de acreditar que Blane era sua companheia, sua amiga.

Durante o namoro, ela lhe dissera que queria uma casa e filhos, que formassem uma família. Mas era mentira. Embora declarasse estar disposta a segui-lo sempre, Blane tinha medo de voar. Ela fingira gostar de acampar, de pescar, de andar de bicicleta e da vida ao ar livre que ele tanto apreciava. Assim que se casaram, porém, ela se recusou a pisar novamente em grama, a não ser que o jardineiro tivesse acabado de apará-la. Blane adorava quando o marido a deixava sozinha em Houston com uma pilha de cartões de crédito. Jamais reclamou das viagens prolongadas dele. E era fiel. Pelo que ele sabia, Blane nunca conseguira encaixar um amante em sua programação de compras. Quando ficou sem dinheiro, Travis também deixou de lhe ser útil.

Travis pôs de lado o sonho de ter uma família, alguém para amar, que o amasse também. Convenceu-se de que a voz feminina que o assombrava nas noites solitárias e maldormidas consistia em fantasia sexual apenas. Nunca conseguira imaginar um rosto, nem mesmo a cor dos cabelos. E essa mulher nunca apareceu, embora às vezes acreditasse que ela o procurava tanto quanto ele a procurava. Mas nenhum anjo misericordioso cruzara seu caminho. Nenhuma princesa clamara sua ajuda. Percebeu que as mulheres eram todas iguais. Não que as condenasse. Afinal, supunha, elas tinham o direito de pro-curar um homem capaz de sustentá-las.

Infelizmente, Travis mal conseguia se sustentar e, com o passar dos anos, a fantasia da garota dos sonhos foi se desvanecendo como um fantasma.

Então, despertou.

Não importava o que tivesse que fazer para começar uma nova vida, voltaria a ser um caçador de fortuna, pois o petróleo estava em seu sangue. Podia jurar ter ouvido as vozes do pai e do avô no meio da noite, incentivando-o a ir para terras distantes. Pressionando-o a tentar novamente, só mais uma vez. Dessa vez, conseguiria.

Às vezes, achava que estava louco. Que perdera a sanidade em meio à ruína financeira. Vendeu o relógio caro, os carros e até um sobretudo de lã para comprar passagens para Londres, Viena e Riad, atrás de investidores.

A noite, rogava orientação e de dia seguia o instinto. Acabou no Equador.

Como um idiota, dera ouvidos a lendas sobre o misterioso território de Oriente. Abordara habitantes locais em bares, no saguão do hotel, indagando em espanhol sofrível sobre a verdade da floresta. As reservas de petróleo seriam tão grandes ou até maiores do que as da Venezuela? Do Oriente Médio? Lera que, em 1942, quando o Peru invadiu o Equador, este perdera dois quintos de seu território no sul. A invasão fora incentivada pela rivalidade entre empresas petrolíferas estrangeiras que desejavam concessões na região de Oriente.

Em 1949, a fim de calar os comentários, o presidente Galo Plaza chocara os próprios compatriotas ao declarar: "O Oriente é um mito. Não havia petróleo no Equador, nunca houvera.

Travis lembrava-se dessas histórias antigas e da lenda da cidade de ouro perdida, El Dorado, que os conquistadores espanhóis teriam encontrado quatrocentos anos antes. Tais ruínas ainda estavam para ser descobertas. Mas petróleo os espanhóis encontraram. O ouro negro brotava no solo, grudava nas botas dos que seguiam para Oriente. Os nativos queimavam o óleo em tochas, para fazer remédios, para impermeabilizar roupas e em armamentos. Finalmente, os espanhóis fundearam os navios na península Santa Elena, onde os nativos repararam os vazamentos e alcatroaram o exterior dos cascos.

Essas histórias não eram lendas. Tratava-se de fatos históricos registrados por comandantes de navios ao longo dos séculos.

Os equatorianos já estavam montados em fortuna na época, mas sempre mantiveram suas descobertas em segredo.

Ninguém de fora nunca desconfiara da verdade.

Nem mesmo em 1999.

Travis precisava de algo mais que sorte ou uma falha de alguém, precisava de um milagre. Investira tudo o que tinha no projeto. Tentara não seguir o instinto, que sempre o conduzira ao Equador. Discutira com os investidores que temiam a falência do empreendimento, caso ele continuasse naquela busca infrutífera.

Disseram-lhe que ele precisava de mais ajuda, uma ajuda especializada.

Jim Sloan, o diretor financeiro da Texas Petróleo, braço direito de Travis, dera o golpe fatal:

— Vamos contratar Michael Hunter. Ele já esteve na Amazônia, conhece aquela bacia como a palma da mão. Com tal conhecimento, vai diminuir consideravelmente o tempo gasto na exploração. E ele conhece a tecnologia sísmica tridimensional.

Travis teimara.

— Eu dou conta.

— Você está sozinho há tempo demais. É muito trabalho. E nós precisamos andar rápido.

— Outra pessoa, então — negociara Travis.

— O que há, Travis? Há entre você e Hunter alguma rixa que eu desconheço?

— Rixa? Claro que não.

— Ótimo, porque o conselho de administração foi unânime. Queremos Hunter e já mandamos um fax para ele em Túnis.

— Ele está na África?

Jim enfiou as mãos nos bolsos.

— Sim, andou vasculhando a Argélia, como eu acho que devíamos fazer.

Travis disfarçou o desgosto ao perceber que Jim estava pronto para usar a frase típica: "Eu não lhe disse?".

— Por que não diz logo? — desafiou, com um sorriso. — Você anda tão nervoso quanto prostitutas na igreja agora que já gastei dois anos e um milhão de dólares no Equador sem nenhum resultado. Mas finalmente assegurei a concessão do governo.

— E, mas a nossa falta de fundos é proporcional à falta de paciência, Travis. É nosso dinheiro. Queremos Hunter.

— Para mim, está bem — cedeu Travis, com um resmungo.

Michael Hunter pediu um terço dos lucros. Negociaram até chegar a um quarto. A reputação de Michael como geólogo e aventureiro bem-sucedido suplantava a notoriedade de Travis. Além disso, Michael não tinha má sorte no currículo, nenhum fracasso. Era ouro puro... ao menos para os investidores.

Os bancos e investidores não queriam saber do problema entre Travis e Michael. Mas Travis lembrava-se bem de cada detalhe da história.

Em 1991, ainda na maré baixa que se seguiu à crise dos anos 80 do setor, Travis reunira um grupo heterogêneo de geólogos e executivos desempregados,

todos vítimas da redução de quadros nas corporações. Estavam falidos, mas estavam dispostos a se dedicar. Acreditavam em Travis, acreditavam que ele faria algo acontecer.

Mas a mão-de-obra ainda era pouca. Travis continuou fazendo contatos, conversando com os investidores, vendendo ações da empresa, pois era valioso demais para ficar só na exploração. Corria na época o boato de uma grande reserva de petróleo no lago Maracaibo, na Venezuela. As últimas avaliações geológicas mostravam que se tratava de um dos maiores lençóis petrolíferos do mundo, maior até que os da Arábia Saudita. E ninguém estava perfurando ainda!

Travis soubera por um colega da Shell que Michael Hunter, o melhor geólogo dessa companhia, pedira demissão alegando estar entediado. Ele queria excitação.

Travis mal acreditara.

Aliás, nem se importava, porque, naquele momento, Hunter era exatamente o homem de que precisavam.

Ofereceu a Hunter a oportunidade de ir à Venezuela. Foi um dos maiores erros de sua vida.

Menos de um ano depois, sua pequena empresa faliu e todos voltaram a procurar emprego.

Foi quando mergulhou no estudo da nova tecnologia sísmica tridimensional. Tinha que encontrar um novo método de exploração, um que fosse infalível.

Em sua próxima investida, encontraria petróleo.

Dois anos depois, em 1993, soube que Michael Hunter, com um pequeno grupo de exploração da Califórnia, associara-se ao governo venezuelano e conseguira extrair uma boa quantidade de petróleo do lago Maracaibo.

Travis sentiu-se traído.

Eticamente, Hunter tinha todo o direito de procurar outros sócios. Travis sabia que sua oferta era no mínimo modesta, pois Hunter, após pagar as dívidas, devia ter levado três anos para amearhar o primeiro centavo.

Mas o coração de Travis estava naquela pequena companhia. Ele quisera o sucesso tão desesperadamente naquela época. Precisara de apoio de... Deus, do cosmo, de tudo e de todos. Sua autoconfiança fora ao chão.

Ainda sentia raiva de Michael Hunter.

Dessa vez, Travis estava mais bem lastreado financeiramente e mais bem preparado tecnologicamente. Pensara que rompera completamente com Michael Hunter, até ver-se frente a frente com ele havia quatro meses.

— Travis, parece que a sua empresa precisa de meus serviços. O conselho de administração e eu chegamos a um acordo sobre os termos e condições de meu contrato. Mal posso esperar para voltar ao Equador. Já faz dois anos que estive em Oriente. — Ele se recostou na cadeira de couro e notou a expressão contrariada de Travis. — Mas parece que você tomou purgante. Mudou de idéia, basta dizer.

Travis levantou-se no mesmo instante. Deu as costas a Michael e fitou a janela do escritório, no décimo quinto andar, com os punhos guardados nos bolsos. Voltou-se com um olhar gélido para Michael.

— Raios, estou tentando calcular quanto tempo vai levar até me passar para trás de novo!

— Do que está falando?

— Do lago Maracaibo. Michael franziu o cenho.

— O que tem o lago?

— Eu o mandei para lá e você fez um acerto à custa do meu tempo e dinheiro!

— Bobagem! — Michael levantou-se e bateu o punho na mesa de Travis. Clipes de papel pularam como feijões mexicanos. — Você não tinha nada que me mandar para lá! Você mentiu para mim, seu desgraçado! Eu vou lá, gasto o verbo conversando com as autoridades, conyenço-os de que a sua empresa governa a lua. Asseguro-lhes que havia financiamento

52

c, quando eles estão prontos para assinar na linha pontilhada, você pisca! — Bateu na mesa novamente.

— Eu não estava preparado para perfurar o país inteiro!

— Eu lhe disse desde o começo que aquele pessoal pensava grande. Bem grande. Raios, Travis, você me largou com uma mão na frente outra atrás. Eu detonei todos os contatos que Imha na Venezuela!

— Mentira! Você voltou e fechou contrato com a Petróleo (Califórnia).

— Pode apostar que voltei. Mas trabalhei nos bastidores, como um general na sala de guerra. Nenhum dos meus contatos venezuelanos sabia que estavam lidando comigo. Se soubessem, aposto que abortariam tudo. — Bufando de raiva, largou-se na cadeira. — Não sabe como doeu não fazer parte da...

— Da caçada? Michael encarou Travis.

— É. - Suspirando, Travis concedeu:

— Sei o que você quer dizer. — Devagar, abriu um sorriso. Michael esboçou um meio sorriso e estendeu a mão.

— Acho que temos uma segunda chance. Cauteloso, Travis apertou-lhe a mão.

— É o que parece.

— Então, Travis. Posso confiar em você? Não vai amarelar desta vez?

— Se amarelar, estou morto.

Foi difícil para Travis admitir que estava errado. Mais difícil ainda colocar toda a fé em Michael Hunter.

Por desconfiança contratara, M. J. Callahan.

Lendo o fax de Albert Pinchon, de Houston, Travis ficou Satisfeito ao saber que M. J. Callahan, cujo conhecimento da tecnologia tridimensional colocara a Stewart Energia no mapa, fora contratado por um valor razoável.

Após rápida verificação das qualificações de Callahan, encantou-se por ver alguém tão jovem já tão avançado na área.

— O rapaz deve ser mágico — disse a si mesmo, olhando o relógio.

Eram quase seis e meia. O avião vindo de Quito pousaria a qualquer momento.

Foi até a mesa dobrável com revestimento de fórmica e acendeu o fogo sob a cafeteira. Já se viciara no café suave que encontrara no Equador. Durante o último mês estressante, precisara da bebida negra mais do que tudo, para manter-se acordado noite adentro enquanto terminava o trabalho. Assim, quando Michael Hunter e M. J. Callahan chegassem, não perderiam nem um minuto.

Segundo seus cálculos geológicos, os campos de petróleo na região de Oriente, no Equador, encontravam-se no ponto crítico, ou seja, em "ponto de vapor", quando o petróleo virava gás e evaporava. Os campos eram explosivos. Tratava-se de um fenômeno geológico raro, mas já ouvira falar de ocorrências semelhantes. As reservas de petróleo eram tão grandes e as camadas de rocha e xisto tão porosas que o

petróleo afundava, sendo praticamente impossível bombeá-lo para a superfície. O petróleo se perderia para sempre. Para ele e para o Equador. Travis não sabia se um milagre poderia ajudá-lo. Mas de uma coisa não tinha dúvida. Estava sem tempo... e sem dinheiro.

A transição do ar fresco da montanha em Quito para a selva abafada e quente foi um choque para M. J. O suor escorria por suas costas enquanto retirava a bagagem de mão do compartimento junto ao teto do avião.

— É sempre quente assim? — indagou, sem perceber que Michael a observava.

— Ainda não são sete horas, M. J. Esta é a hora mais fresca do dia — informou ele, condescendente.

— Eu sabia disso — afirmou ela, a fim de não se rebaixar. Ele sorriu e deixou-a atrapalhada com a bagagem.

M. J. estava aborrecida, porque nem o piloto nem Michael a ajudaram com suas bolsas pesadas. Era verdade que Michael estava ocupado com seu próprio equipamento, mas ele podia ao menos ter se oferecido.

— Gustavo! — Michael saudou um equatoriano que saltava de uma caminhonete.

— Sr. Hunter! Como vai? — Gustavo apressou-se e ajudou Michael com a maleta do microcomputador. — Como foi a viagem?

— Ótima. Tranqüila.

M. J. franziu o cenho. Tranqüila. Não foi o que ele lhe dissera pouco antes.

— Já conheceu o sr. Kincaid? — indagou Michael ao motorista.

— Sim, senhor. E um homem muito curioso. — Gustavo riu. — Pergunta muito do senhor.

Michael riu também enquanto ajeitava as bolsas e a mochila na traseira da caminhonete. Então, voltou-se, como se de repente se lembrasse de M. J.

— Gustavo, esta é M. J. Ela está me acompanhando.

— Para Oriente, senhor? — Gustavo ergueu o sobrolho, embora tentasse disfarçar a surpresa na voz. Fora treinado por Michael nas muitas viagens pelo Equador a não questionar nem reagir a nada.

— Isso mesmo. — Michael esclareceu: — Não é minha namorada. Ela está aqui a trabalho.

— Sim, senhor. — Gustavo aproximou-se de M. J. e retirou a maleta do microcomputador de cima de seu ombro.

— Muito obrigada. É um prazer conhecê-lo, Gustavo.

— Sim, senhorita. — Gustavo apressou-se com a bagagem. M. J. ocupou um lugar no assento de trás da caminhonete.

Instava atônita com o comportamento de Michael, o típico grande caçador branco. Não sabia se a atitude devia-se à recusa dela na questão amorosa, ou se esse era seu normal. Uma coisa era certa, o tempo lhe daria uma resposta.

— O acampamento fica longe? — indagou.

— Do outro lado da cidade — informou Michael, enquanto a caminhonete derrapava na lama das ruas precárias da pequena localidade.

O mercado estava lotado de consumidores. M. J. achava que havia mais gente entrando e saindo das quatro agências bancárias do que diante das máquinas de auto-atendimento nas tardes de sexta-feira em San Francisco. Nativos, americanos e europeus usavam botas de borracha de cano alto para pro-leger as roupas e os pés da lama escura e pesada.

— Oh, minhas pobres sandálias — murmurou.

— Gosta de Nueva Loja, senhorita? — indagou Gustavo, olhando pelo retrovisor.

— Desculpe-me, só estive em Quito — respondeu ela.

— Nueva Loja é o nome oficial desta cidade — explicou Michael. — Alguns petroleiros mudaram o nome para Lago Agrio, que significa lago azedo, há vinte, vinte e cinco anos, porque isso lhes lembrava a cidade natal. O novo nome pegou. A maioria dos nativos usa Lago Agrio agora.

— Nem todos, senhor. — Gustavo sorriu e ajeitou os óculos de armação metálica que lhe davam um aspecto felino.

— Assim é que se fala! — Michael riu espontâneo, quando passaram por um buraco na rua que jogou Michael para cima e M. J. para o chão do carro. — Levante-se, garota. Isto aqui não é o Kansas.

M. J. fingiu não ouvi-lo, olhou pela janela e observou as casas de bloco de cimento e janelas de madeira caindo aos pedaços.

— Deve ser uma cidade muito antiga.

— Não, é nova — disse Gustavo. Michael assentiu.

— O calor intenso e a umidade destroem tudo em questão de seis meses. Aquele prédio que está vendo ainda não tem um ano.

— Mas está horrível!

— Justamente. — Michael sorriu irônico. — Fico pensando na arte incrível que se perdeu para o tempo e o clima no último milênio. Ora, nos últimos dez mil anos. É... este lugar devora a tudo e a todos sem deixar vestígios. Nem mesmo uma lembrança.

M. J. espantava-se com o encantamento e o respeito pelo lugar, que identificava na voz de Michael. Começava a desconfiar de que, se Michael Hunter já se apaixonara alguma vez, fora por essa floresta. O detalhe íntimo aumentou sua fascinação por ele. Não parava de imaginar o que ele já vira na vida. Que respostas aos mistérios da vida eleja encontrara.

Invejava-o.

Michael Hunter usara bem seus minutos e horas na terra. Já as realizações de M. J. Callahan podiam ser empilhadas no cílio de um mosquito. Passaria vexame se tentasse se equiparar. Já se sentia abatida antes mesmo de começar.

— Não me diga que Travis alugou esta espelunca! — exclamou Michael,

— Comprou, senhor — confirmou Gustavo. — Disse que era um bom negócio.

— E, provavelmente pagaram a ele para se mudar para cá — resmungou Michael. Saltando, mostrou a M. J. seu novo lar.

Chamar aquilo de lar, definitivamente, era exagero. A construção lembrava um galpão de dois andares, com paredes de lâminas de zinco encurvadas nos cantos e telhado de zinco que ela jurava estar apenas apoiado na construção.

Não havia vidros nas janelas, apenas tela coberta com uma lona suja. Uma porta de tela na entrada, apenas encostada, estava totalmente fora de esquadro com o resto da construção também precária. Era como se um monstro pré-histórico gigantesco houvesse se sentado ali.

— Bem, deve ser bem seguro aqui — comentou, tranqüila. — Não há fechaduras, nem venezianas...

Michael chegou-se em dois passos. A voz era um alerta:

— Você se esquece tão rápido assim? Eu lhe disse que estamos num país do Terceiro Mundo. Tem bandido que arranca obturações de ouro com chave de fenda e alicate. Não há fechaduras, sistemas infravermelhos, cadeados, nem porta, porque mulheres não deviam estar aqui. Você não devia estar aqui.

Michael conseguiu assustar.

M. J. sentiu os joelhos fracos, tremendo tanto que quase deixou cair a bagagem. Sabia que devia estar pálida, mas, felizmente, o sol brilhava e sua pele ficaria avermelhada em poucos segundos, o bastante para mascarar seu medo. Queria se equiparar a ele, mostrar que também tinha coragem e propósito. Assim como ele.

Assim como Travis Kincaid.

Como se adivinhasse que ela pensara nele, Travis saiu da construção precária.

— Hunter?

M. J. olhou para além de Michael e viu um homem alto encolhendo os ombros, quase dobrado ao meio, a fim de transpor a porta. Ele se endireitou e o sol incidiu sobre a massa de cabelos levemente prateados nas laterais. Os olhos eram ainda mais azuis do que os de Michael e tão claros que pareciam platina, combinando com os cabelos. A voz era autoritária, porém melódica, característica dos líderes carismáticos. De que outra forma eles hipnotizariam os rebanhos?

Rapidamente, ele foi cercado por uma dúzia ou mais de nativos, morenos como canela, sorridentes e com as mãos estendidas à espera das moedas costumeiras. Outros aguardavam instruções.

Travis parecia Gulliver entre os lüiputianos, e ela imaginou se ele a via como uma polegar.

— Onde está Callahan? — indagou Travis, olhando para M. J. e então para Michael.

— Não sei como lhe dizer, Travis, mas...

M. J. engoliu em seco. Já via nos olhos de Travis Kincaid. A machadinha. O aviso de demissão. Adios.

Seria mais difícil do que imaginara. Sua única esperança de ficar era atacando primeiro.

— Eu sou M. J. Callahan, senhor. — Contornou Michael e estendeu a mão a Travis. — Soube pelo sr. Hunter que não permite mulheres na floresta, senhor. Francamente, agora que olho ao redor, não posso culpá-lo. Seria um desafio de verdade responsabilizar-se pela segurança de uma mulher num lugar remoto e perigoso como este.

Antes que o chefe se manifestasse, M. J. continuou:

— Deixe-me tranquilizá-lo. O senhor não é responsável por mim. Nem o sr. Hunter. Vim aqui para fazer um trabalho, senhor, e é o que pretendo fazer. O sr. Pinchon me disse que recebeu uma cópia de meu currículo. Ou seja, teriam me contratado se eu fosse homem. Posso cuidar de mim mesma, senhor. Sempre cuidei. E não pretendo parar agora.

Silêncio.

— Por mim, vamos superar esse problema, realizar esse trabalho, e bem. — Com um largo sorriso, posicionou-se com firmeza no chão.

Travis enfiou as mãos nos bolsos para não cumprimentá-la.

— Gracinha. — Olhou para Michael. — Agora, leve-a de volta para Quito.

— Foi o que pensei que diria — declarou Michael. — Eu disse a ela que não havia como Travis Kincaid permitir uma mulher na floresta. Não importava o quanto estivesse pressionado.

Travis franziu o cenho. Ao juntar de sobrolhos, as pregas na testa se aprofundaram. Com os lábios curvados para baixo e entreabertos, preparou-se para repetir a ordem.

M. J. deu um segundo passo audacioso na direção de Travis. Não recuaria.

— Não vou voltar, senhor. E não pode me forçar. — Procurou algo na bolsa.

— Como não? A empresa é minha. Ela tirou um maço de papéis.

— Este é o meu contrato de trabalho assinado, senhor. Diz aqui que tenho um emprego por no mínimo seis meses e no máximo dezoito, se for necessário ao projeto. Diz aqui que terá

, que me pagar independentemente de haver trabalho. Já li muito a seu respeito, senhor. Ela manteve o olhar firme.

— Continue — ordenou Travis, seco.

— A Time disse que o senhor é um dos últimos independentes. Disse que o senhor assume todo tipo de risco com o dinheiro dos outros. A Fortune disse que ficou sem investidores. Que esta é a sua última tacada. É vencer ou vencer.

— Aonde quer chegar?

— O senhor precisa de mim. Sou bem treinada, competente e tenho um pouco de audácia. Mas o verdadeiro motivo para não me mandar embora é simples.

— E qual é? — Ele mantinha o rosto impassível como um bloco de granito.

— O senhor não tem tempo para arranjar um substituto. Ele desdenhou e fitou as nuvens cinzentas ao longe. Passou

u mão nos cabelos.

— Pinchon vai me ouvir por este ato flagrante de... insubordinação. — Travis tinha o rosto vermelho e, definitivamente, não era devido ao sol.

M. J. pensou em lhe oferecer filtro solar, mas mudou de idéia.

— Não foi culpa dele, senhor. Ele nunca me viu. Fui contratada por e-mail.

— Ele não a conhecia... — Travis revirou os olhos. Michael aproximou-se de Travis. ,

— Ela não tem experiência de campo, Travis. Como seu wício, voto pela dispensa.

— Traidor! — acusou M. J., indignada. — Como pode ficar do lado dele? Você mentiu para mim, fazendo-me acreditar que me queria aqui com você, trabalhando a seu lado!

— Eu nunca disse isso, Travis — respondeu Michael, categórico.

— Disse, sim! ,

Michael inclinou-se para ela e sussurrou:

— Eu queria você, sim. Mas não trabalhando comigo. Nunca escondi o fato de que você não devia estar aqui.

Travis os observava sem expressar nenhuma emoção.

— Eu pergunto: ela pode? — desafiou Michael. — Quanto isso vai nos custar, afinal?

— Muito — disse Travis.

O sol surgiu em meio a uma nuvem.

— Ela fica.

M. J. perdeu o fôlego e não disfarçou o entusiasmo.

— Ótimo!

Michael meneou a cabeça enquanto Travis passava seus um metro e noventa pela porta precária do barracão. Deslocou o chapéu panamá, cocou a cabeça e sorriu para M. J.

— Quando estou certo, estou. Esta vai ser uma expedição muito maluca.

Não espera honestamente que eu durma aqui, não é? — indagou M. J. a Michael, vendo-o largar a bolsa na cama de lona. A estrutura estava rachada e faltavam vários parafusos. Sem estabilidade, a cama afundou com o peso da bagagem e a lona emitiu um som lamurioso, prometendo desastre.

— Ouça, já causou bastante desgosto, não deixe a sua pequena vitória subir-lhe à cabeça.

— Pequena? Foi grande, e você sabe disso. Eu triunfei. Subjuguei o inimigo. Davi enfrentou Golias e o resto é história. — M. J. estava mesmo orgulhosa, os olhos cintilantes de excitação.

Michael revirou os olhos.

— Você tem muito a aprender. Ela continuava zangada com ele.

— Não sei qual é o seu jogo, sr. Hunter, mas me lembrarei dessa sua traição.

Ele suspirou como uma criança desamparada. M. J. fitou-o curiosa.

Ele levou a mão às costas, tirou uma pistola automática e mostrou-a.

— Ai! — Ela encolheu a cabeça entre os ombros feito tartaruga. Ao recuar, colidiu com uma mesa entulhada de mapas geológicos. Um copo com resto de café tombou manchando o papel. — Não é um pouco exagerado?

— De jeito nenhum — afirmou Michael. — Já viu uma pistola assim? •

— Só nos filmes.

— Bem, agora já viu. E mais, vou ensinar você a usar esta belezinha.

— Devo alertar que tenho um trauma com armas de fogo. Estou trabalhando para superar, mas...

Ele a segurou pelo braço, o olhar frio de determinação.

— Agora não tem mais trauma.

Conduziu-a por uma porta de madeira precária até uma clareira que não se parecia nada com um quintal.

Ainda ameaçava chover, mas ela estreitou o olhar quando o sol apareceu entre as nuvens.

— Preciso dos meus óculos de sol — declarou, voltando-se ao galpão.

— Oh, não, não precisa! — Rindo, ele apontou para o lugar em que ela estava.

— Volte aqui.

M. J. franziu o cenho.

— Essa demonstração de machismo é desnecessária. Eu só queria ficar mais confortável.

Ele a ignorou.

— Está vendo aquela bromélia naquela árvore ali?

— Estou.

Ele ergueu a pistola e, com uma desenvoltura que a deixou arrepiada, atirou com precisão, arrebatando a flor de cima da árvore.

— Era uma flor tropical perfeita!

— Tome. — Michael lhe ofereceu a pistola pela coronha. — Vamos ver como se sai.

Ela se encolheu. Ele agitou a arma, impaciente.

M. J. pegou a pistola e surpreendeu-se com o ajuste perfeito em sua mão.

— Não é tão pesada quando imaginei.

— Tente mirar. Então, puxe o gatilho devagar. Vamos ver o que consegue.

M. J. ergueu a pistola, apontou e atirou. Acertou numa folha da bromélia.

Michael espantou-se.

— Ora.

Ela sorriu inocente.

— Sorte de principiante.

— Mentira.

— Está bem. Numa feira estadual, fui à barraca de tiro. —

M. J. examinou a pistola. — Sei que eram patinhos de metal, mas mesmo assim... Ele retomou a arma.

— Sua menina levada — rallhou, pousando o braço em seus ombros de modo a puxá-la contra si.

Ela o encarou.

— Parece decepcionado.

— E estou. Tinha esperança de que fosse a pior atiradora do mundo.

— Por quê?

— Todas as horas de treinamento, meus braços a seu redor, ajudando-a a firmar a pistola, melhorando a sua pontaria...

— Eu lhe disse que podia cuidar de mim mesma, Michael, e estava falando sério.

— Começo a acreditar. — O olhar dele demonstrava interesse e sensualidade. Ergueu o queixo dela com o indicador.

Já que não passarei horas ensinando-a a atirar, acho que lerei que abreviar a caçada. — Sem aviso, beijou-a.

— Não devemos pensar em caçadas... — murmurou M. J., libertando os lábios.

O beijo de Michael originou uma onda de estímulos pelo corpo de M. J. Enlaçando-o ao pescoço, ela o aproximou. Ouviu HOU gemido rouco ao pressionar os seios contra o tórax másculo, como se ele se rendesse contra a vontade.

Mas ele acabou se entregando.

Os braços eram como vigas de aço, os músculos, definidos e fortes. Ela acreditava que ele fosse poderoso o bastante para erguer um prédio. Michael Hunter era tudo para ela... tão Adônis e tão poderoso quanto Zeus enviando raios direto a seu coração. Ela o queria e ele sabia disso.

Ele a beijava possessivo, sem perguntar se ela estava de acordo. Era o aventureiro se apossando de um tesouro perdido. M. J. não se incomodava em ser explorada.

Sentia o corpo respondendo a cada suspiro. Os movimentos do tórax. As batidas do coração. A tensão dos músculos. Lábios. Língua. Braços. Seios. Coxas.

Acudiam em um.

— M. J.?

— Sim?

— M. J. Callahan!

— Sim?

— Estou falando com você! Ela reconheceu a voz de Travis.

O encanto se quebrou.

Michael não a beijava mais. Em vez disso, discutia com Travis Kincaid.

— Qual é o problema, Travis? — questionou ele, com uma segurança que desorientou M. J.

Como ele podia descer do paraíso à terra com todas as faculdades intactas, enquanto ela mal conseguia se manter em pé?

Afastou uma mecha de cabelo do rosto e sombreou os olhos.

— Precisa de mim, senhor? Travis mal continha a irritação.

— Gostaria de lhe falar em particular, srta. Callahan. — Afastou-se a passos largos e entrou no prédio.

— Acha que ele está zangado? — indagou M. J.

— Furioso, eu diria. — Michael franziu o cenho. — Eu cuido disso.

— Mas ele não quer falar com você. Ele quer me despedir. Isso está claro. — Ela arregaçou as mangas da blusa até os cotovelos. — Volto já.

— Como quiser — respondeu ele, e fez mesura indicando o caminho até a porta dos fundos.

M. J. encontrou Travis no escritório, uma área separada do resto do galpão por um painel de zinco pendurado.

A fim de chamar a atenção para a precariedade do fecal, comentou:

— Espero que não tenha pago muito por isto aqui.

— Como gasto meu dinheiro, srta. Callahan, não é da sua conta.

— Eu só queria dizer...

Ele parecia calmo ao agitar a mão interrompendo-a.

— Não ligo a mínima para o que pensa, srta. Callahan. Importa-me, sim, a sua confraternização com meu sócio. Há quanto tempo dorme com Michael?

Foi a vez dela de ficar zangada.

— O que o faz pensar que somos amantes?

— Tenho olhos — disse ele indicando a abertura no painel de zinco que servia como janela. — Ele é o responsável por sua contratação?

— Claro que não! Eu posso explicar... Ele a interrompeu novamente.

— A vida já é bastante difícil na selva sem esse clima sexual. Justamente por isso nunca permiti mulheres no acampamento.

— Ah, é? Pensei que fosse devido ao perigo, por significar ameaça à vida...

— Isso, também. Logo vai descobrir. — Travis avançou um passo, a raiva parecia uma onda de calor escapando de uma fornalha.

Ela sobressaltou-se, mas não saiu do lugar.

— Não sabe o quanto investi neste projeto, não faz idéia do que isto significa para mim. Parece que é apenas um con-tra-cheque para você, uma oportunidade de flertar com o desconhecido, uma jornada na selva, de onde poderá voltar e contar a aventura a seus amigos em San Francisco.

— Tiburon — corrigiu M. J. Ele continuou sem se perder.

— Esta é a minha vida, srta. Callahan. Tudo o que vivi desde criança resume-se neste negócio. Pode parecer estranho para você, mas sei que este é o meu destino. Abrir novos campos de petróleo criará empregos para a população local. Pelo que sei, é o benefício mais importante e o que me estimula. Isso e o dinheiro que o governo vai arrecadar em sociedade com a minha empresa. Escolas serão construídas. Universidades. Podem trazer a Internet para cá e melhorar o sistema de comunicação. Tudo isso é necessário para eliminar a ignorância que evita que essas pessoas procurem ajuda médica quando pre-cisam. Que não saibam se alimentar bem. Justiça. Raios, tudo o que nós, americanos, achamos que cai do céu! — Começou a andar pela sala. — Já conversei com as autoridades sobre o tipo de melhorias que podemos introduzir em termos de infra-estrutura. As estradas são ruins e precisam de manutenção. Novos sistemas de transporte metroviário e ferroviário diminuiriam a poluição dos carsos, que não têm catalisadores.

— Crianças que só se alimentam dia sim, dia não farão Ires refeições ao dia, se seus pais tiverem empregos. Não quero arrasar tudo com a nossa busca. Daí a importância dessa tecnologia tridimensional. Não perdemos tempo, nem terra valiosa perfurando onde não há petróleo nem gás natural.

— Gás? Está atrás disso também?

— Percebe que não há redes de gás neste país? Em casa, você liga o fogão, esquenta água para o chá e não pensa no assunto, certo?

— E... ou melhor, não...

— Aqui, todo fogão, aquecedor e forno, quando existem, pois nem todos têm, é abastecido por gás de botijão, engarrafado em Houston, Texas. É transportado pelo golfo do México até Guayaquil, na costa, e de caminhão pelos Andes, distribuído no país. E o mais primitivo e ineficiente uso da força humana, sem mencionar a gasolina

e o diesel que são consumidos pelos navios, aviões e caminhões transportando os bens para os consumidores. Numa tacada só, posso mudar o estilo de vida e o faturado deste país.

Aquele homem queria desencadear uma onda de progresso rumo ao futuro, que entrasse para a história.

— Você quer ser um revolucionário — concluiu M. J., encantada.

— Quero mudar o mundo para melhor. Sim. Em grande escala.

— Eu lhe devo desculpas — murmurou ela, humilde e emocionada. Estava atônita com a idéia. — Li que você era um negociador. Ganhava os seus milhões, vendia o negócio e se afastava. Que os seus escrúpulos eram inversamente proporcionais à sua conta bancária.

Travis riu.

— E uma descrição acurada para o velho Travis Kincaid.

— Velho?

Ele estacou e fitou-a.

— O homem que eu era antes...

— Antes do quê? — incentivou M. J., curiosa.

— Não importa — respondeu ele, desviando o olhar, mas não antes que M. J. visse a expressão no olhar, a dor profunda.

M. J. não sabia o que acontecera. Nunca identificara a dor de outra pessoa antes. Abraçou-se, imaginando se conseguiria superar a sensação. Mas o mal-estar perdurava, lembrando-a de que cruzara um território desconhecido. Não sabia se devia pressionar, mas sabia que não podia recuar.

Imaginou se a reação de Travis não tinha a ver com seu divórcio. Talvez ele ainda amasse a ex-esposa. Talvez o boato que

movera sobre ele desprezar as mulheres fosse verdadeiro. Teria assumido mais do que podia enfrentar ao aceitar aquele emprego?

Talvez devesse fazer como ele sugerira e voltar para casa.

Mordiscou o lábio inferior, pensativa.

— Ele é atraente, não é? — indagou Travis — Quem?

— Michael.

Ela enfiou as mãos nos bolsos. Estremecia só de pensar nele. •-- Sim, muito. Isso é um problema?

Ele a encarou novamente e aproximou-se bastante. Ela teve a impressão de que o chefe não se importava com sua honestidade.

— Diga-me que não será. Como comentei, tenho muito em jogo nas próximas semanas.

Ela respirou fundo.

— Não é problema, senhor.

O silêncio dele era tão poderoso e eloquente quanto o olhar aguçado que lhe lançou.

Travis a assustava mais do que uma tempestade ou o tornado que presenciara quando criança. Não obstante, a recusa dele em abandonar o projeto inspirava-lhe confiança.

Era um sentimento estranho.

M. J. estremeceu, mas não por medo. Estava intrigada, sim, mas não receosa.

Nunca conhecera ninguém como Travis. E provavelmente jamais conheceria.

— Gostaria de lhe fazer uma pergunta, M. J. — A voz dele era quase retumbante, como se tencionasse intimidá-la.

Ela sentia a boca seca.

— Pois faça, senhor.

Ele sorriu de leve ante a concordância. M. J. percebeu de repente como aquele rosto aristocrático podia ser bonito. Nada imperioso e crítico, como de início.

— Por que insiste em me chamar de senhor? E um tanto formal, não acha?

— Não tinha pensado nisso, senhor — respondeu ela. Sem pensar, continuou:

— Parece apropriado para um cavaleiro...

Constrangida, levou a mão aos lábios.

— Um cavaleiro em armadura reluzente? — completou ele. M. J. engoliu em seco. Não podia ter dito aquilo. Não em voz alta. Não para seu chefe.

— Eu não queria... — Espere, disse a si mesma. Recupere-se. — Bem, o senhor me contratou. Tem o poder de me despedir. Se eu passei do limite com... o sr. Hunter. Mas posso assegurar que isso não se repetirá. Levo meu trabalho tão a sério

quando o senhor. Quero dizer, agora que estou aqui, levarei... pretendo levar, quero dizer.

Endireitou os ombros, os olhos brilhantes de determinação.

— Minha reputação nem se aproxima da sua, claro, mas é a única que tenho, e estou bastante orgulhosa do que conquistei em minha carreira. Farei o melhor que puder.

CAPÍTULO IX

Os homens de Uma sentiram a presença de seu Deus. Seu pulso era sempre reconhecível pelos crentes. Em sua mente e em sua alma estavam as realizações do futuro.

Fixaram suas mentes na de Uma, sondando, buscando ordens, traçando seus destinos.

Os guardiões agradeciam seu propósito de vida. Eram leais a Uma. Viviam para ele, sacrificavam a individualidade por ele e provaram que matariam por ele.

Como uma unidade, voltaram os ouvidos da mente para captar os pensamentos cada vez mais intensos de Uma. O Deus deles aproximava-se vindo do oeste.

Logo as lamentações de seu povo cessariam. Aproximava-se a hora do ajuste de contas. Embora pragas houvessem assolado o povo, trazendo dor, sofrimento até ao bebê mais jovem, a nova era chegava.

Os guardiões seriam os libertadores.

Quando Uma voltasse para a floresta e se fizesse notar, revelando sua queda e a recuperação do poder, o Oriente e seu povo seriam livres. Almas se renovariam. Brilhantes, iluminariam a terra, enviando turbilhões de pensamentos energéticos ao céu. Lá, com as estrelas e planetas de todos os tempos, um novo mundo começaria no coração da floresta.

Toda a humanidade perceberia que os guardiões não falharam. Que eram leais ao desígnio e ao destino.

Eles prevaleceriam.

Uma prevaleceria.

Entreolhando-se, não emitiram palavra, mas as conclusões foram unânimes. O Huaorani mais velho apagou o fogo, enquanto o Siona-Secoya mais jovem juntou os dardos envenenados que fabricaram e colocou-os num junco achatado para protegê-los. Levantaram acampamento.

Como sempre, moveram-se como o vento silencioso em direção ao oeste. Em direção ao criador.

CAPÍTULO X

Travis Kincaid sabia que não devia questionar Michael sobre seu relacionamento com M. J. Callahan. Sentindo-se desafiado, Michael não hesitaria em colocar tudo a limpo. Hunter, sabia Travis, orgulhava-se de sua habilidade com as mulheres tanto quanto de sua capacidade de encontrar petróleo.

Não fizera a escolha certa falando com M. J. e insinuando que seria prejudicial a ela, e sua responsabilidade, se o romance continuasse. Apostara que ela reduziria o tempo sozinha com Michael, como realmente fizera.

Reparou como M. J. propositadamente instalara sua estação de trabalho no canto mais distante do galpão, longe do microcomputador de Michael e do dele mesmo.

Nos três primeiros dias, ela foi dormir somente depois que Michael e Travis já haviam se recolhido, estando já de pé, banhada, vestida e trabalhando quando eles acordavam. Falava somente quando lhe dirigiam a palavra, sem nada da teimosia que apresentara na chegada.

— Aqui estão os gráficos do bloco mais ao norte de Susha-lindi, senhor — informou M. J., após compilar os resultados por treze horas seguidas.

Com os olhos embaçados de tanto fitar a tela do computador, massageou o nariz e a nuca, girando o pescoço devagar. Respirou fundo antes de dar a má notícia.

— Refiz os cálculos uma dúzia de vezes, senhor, e não encontrei nenhum erro. Lamento.

— Erro? — Michael desviou a atenção de seu próprio monitor de vídeo. — A garota maravilha cometeu um erro?

Remexendo o maxilar, ele lançou um olhar acusador a M. J. Ela sabia que Michael se sentia abandonado. Mas não tinha escolha. Desviou o olhar.

Travis não disse nada, apenas analisou os dados apresentados.

— Sei que adquiriu esta área ao longo de Sushafendi — comentou ela, passando o lápis pelo limite no mapa. — E, para ser o mais precisa possível, analisei a área total, incluindo aquela pertencente à Petroequador, mas acho... Ou melhor, sei que há algum engano. Só não sei onde está.

Michael ficou curioso. Levantou-se e aproximou-se.

— Por que acha que errou? — indagou Travis.

— De acordo com os cálculos, Sushafendi contém mais de um bilhão de barris de petróleo.

— Um bilhão? — Michael assobiou.

Travis não respondeu. Não piscou nem mexeu a pálpebra. M. J. o encarou.

— Já sabia disso?

— Sabia.

Michael paralisou-se.

— O quê?

Travis mostrou-se ainda mais surpreso.

— Michael, você também sabe disso.

— Eu não — protestou ele, tomando os gráficos e cálculos de M. J. — Como ela sabe?

Ela deu de ombros.

— Sorte de principiante? ^

— Mentira — respondeu Michael, estreitando o olhar desconfiado.

— Muito precisa — concluiu Travis, com respeito.

M. J. sorriu. Queria agradecer a Travis pelo elogio, mas pensou melhor. Afinal, era paga para ser precisa.

— Então, o que quer dizer, M. J.? — indagou Michael.

— Que esse campo que o sr. Kincaid comprou pode facilmente vazar para Sushafendi. Aflorar em algumas partes.

Travis passou o resto dos mapas a Michael.

— Há tanto petróleo por aqui que brota no chão como uma artéria cortada.

— Já estive aqui, lembra-se? Mas um bilhão... — Michael não estava convencido. Conhecia muitas lendas do Oriente. Muitas histórias conflitantes. Muitas falsas esperanças, muitos sonhos destruídos.

— Eu estava na sala de processamento deles — informou Travis. — Pode confiar.

Michael esfregou as mãos, ansioso.

— Agora é diferente. Vamos ver isso!

— Veremos — respondeu Travis. — Partiremos às seis da manhã. Iremos de carro para o interior até onde pudermos, depois prosseguiremos em canoas. — Mostrou um mapa em sua mesa. — Por este rio aqui.

M. J. estreitou o olhar ante a linha tênue.

— Que rio é esse, senhor?

— Não tem nome.

— Não foi mapeado? — Ela imaginou cenas de horror na Amazônia e engoliu em seco. Claire estaria certa ao se opor àquela aventura?

— E afluente do rio Tigre — esclareceu Michael.

— Oh, ótimo — sussurrou ela. — Já estive lá?

— Claro. Travis também. Certo?

— Sim — confirmou o chefe, contrariado, e levantou-se. — Vai ser uma longa viagem. Que tal se encerrarmos por hoje?

M. J. desejava ser tão imperturbável quanto seus colegas, mas nenhuma declaração esconderia sua preocupação crescente.

— Tem vistas aéreas do rio? Uma foto instantânea talvez... Ambos voltaram-se para ela.

— Só queria me familiarizar com a região — justificou M. J. — Entendem?

Michael conteve o riso.

— Não temos vistas aéreas, nem fotografias, nem guias de turismo. Lamento — respondeu Travis. Sem dizer mais nada o sem demonstrar preocupação, foi para trás da parede de tela de zinco onde trabalhava e dormia.

M. J. ouviu o chefe abrindo o zíper da calça. Olhou para Michael e sorriu nervosa, os olhos arregalados.

— Tia Em? — indagou, invocando uma história infantil. Michael riu e pousou a mão em seu ombro.

— Eu avisei.

Ela meneou a cabeça e tomou o rumo de sua cama de lona.

— Só gostaria que Totó estivesse aqui, só isso.

Não havia estradas na selva.

Teriam sorte se encontrassem alguma trilha. Na maior parte da jornada até o rio do Desconhecido, conforme Michael o batizara, a vegetação já tomara conta da passagem.

— Pelo menos não temos de abrir caminho nós mesmos — comentou M. J., agarrada ao suporte junto à cabeça. Gustavo, sentado a seu lado no banco traseiro, parecia imune aos solavancos. Ele deveria levar a caminhonete de volta ao acampamento e voltar para encontrá-los no rio dali a seis dias.

— Isso só acontece nos filmes — respondeu Travis, desviando-se de uma série de obstáculos e buracos.

— Bem, a caminhonete vai precisar de uma pintura nova quanto tivermos acabado — ponderou M. J., reparando que a floresta se fechava, os galhos e folhas arranhando a lataria.

Michael riu.

— Se os seus cálculos estiverem corretos, srta. Callahan, uma pintura nova não será problema.

— Oh, estão corretos — assegurou ela, arrogante.

— Vamos esperar que estejam — retrucou Travis. — Porque a primeira perfuração será a que você escolheu.

Ela sentiu um nó na garganta, sem saber se de orgulho ou terror.

— Não está falando da CK-19?

— Estou falando da CK-19.

— Pensei que tínhamos concordado que seria a CK-25 — reclamou Michael.

— Quero ir mais rio acima — respondeu Travis.

— Mas isso é bobagem. Estaremos voltando para os Andes.

— Quase lá, sim. Mas eu tenho um pressentimento — explicou o chefe.

M. J. notou a melancolia no tom de Travis. Também tinha certeza de que a discussão continuaria, pelo olhar desafiador de Michael.

— Ouça, sou o primeiro a acreditar em pressentimentos — começou Michael.

Travis interrompeu.

— Claro, desde que sejam os seus.

— Eu sou seu sócio — observou Michael.

Travis olhou para M. J. pelo retrovisor e respondeu calmo:

— Discutiremos isso depois.

Michael olhou pela janela.

M. J. observou a expressão de Travis ficar impassível. A discussão estava acabada. Iam para a CK-19. O bloco que ela escolhera.

E, se achassem petróleo, seria o marco de sua imortalidade.

CAPÍTULO XI

Os quatro botes pareciam canoas antigas talhadas em mogno. Os canoeiros eram nativos, não falavam inglês, mas um espanhol alterado. M. J. não entendia absolutamente nada.

Travis providenciara a contratação dos canoeiros por meio de Gustavo, e a maioria dos suprimentos chegara ao local um dia antes deles. Duas canoas levariam roupas e itens pessoais, geradores portáteis, fogões, barracas e refrigeradores com alimentos.

— Michael, você vai com M. J. — instruiu Travis. — Eu ficarei com o telefone celular via satélite e computadores na minha canoa.

— Claro — concordou Michael, abrindo a porta traseira da caminhonete. — O que é isso tudo? — Referia-se às bolsas lotadas de M. J.

— Meus pertences — explicou ela, indignada, brigando com uma bolsa pesada. Sabia, pelo olhar de censura dele, que fizera algo errado.

— Eu lhe disse para trazer pouca coisa!

M. J. acenou para a variedade de produtos largados à margem do rio.

— Vi tudo isso sendo embalado ontem. Não me pareceu que alguém estivesse fazendo seleção. Além disso, não podia deixar meus pertences no galpão. Seriam roubados!

— O que está acontecendo? — Travis aproximou-se do casal, o telefone via satélite junto ao ouvido.

— Não me pergunte — respondeu Michael, tirando sua mochila da caminhonete. Olhou pesaroso para M. J. — Quero ver se sair dessa...

Travis conseguiu ligação com o escritório em Houston.

— Oi, Jerry. Sou eu. Ouça, o que descobriu com o meu advogado? — Ficou de costas para M. J. — E o que o banqueiro suíço disse?

M. J. aplicou toda a força para erguer a bolsa, mas esta não se moveu.

— Como uns poucos frascos de vitaminas e botinas podem pesar tanto? — Fez mais um esforço, mas estava tão interessada em ouvir a conversa de Travis que deixou a alça escorregar, recuou, tropeçou numa pedra e caiu. — Ai!

Sentiu um aperto no braço. Sobressaltada, abriu os olhos e ergueu a cabeça.

— Vamos indo, sim? — sugeriu Travis.

— Claro... — Ela sorriu sem graça.

Quando se levantou, pedras minúsculas sob seus pés rolaram, fazendo-a perder o equilíbrio. Colidiu contra Travis. O corpo dele era tão duro quanto uma árvore centenária, pensou ela. E igualmente inabalável e frio.

Ele não se apressou em ajudá-la, como Michael teria feito. Não ofereceu assistência alguma.

— Desculpe-me — murmurou M. J., um pouco decepcionada com a indiferença.

— Você está bem? Não está doente ou algo assim?

— Estou bem. Ótima. Vou pegar minha bagagem. — Ela se endireitou com energia, tentando provar que era auto-suficiente.

— Deixe isso aí. Michael tem razão. Não temos espaço. Incrédula, ela se voltou, mantendo os braços colados ao corpo.

Sorriu para aliviar o sentimento, mas a raiva ainda era discernível. Travis mantinha-se implacável.

— Pode guardar na caminhonete. Trancada. Ninguém vai roubar seus pertences. — Esticou a antena do telefone via satélite e fez outra chamada. — Leve só o que vai precisar. Rápido — ordenou, sucinto e afastou-se.

— Mas preciso de minhas vitaminas... meus suplementos — protestou M. J., mas o chefe já estava fora do alcance de sua voz.

Levaram quase uma hora para carregar as canoas, amarrando os suprimentos e equipamentos. Então, Travis deu instruções a Gustavo.

M. J. selecionara entre seus pertences só o que era essencial: as vitaminas e suplementos para seis dias, em três bolsas plásticas. Dos quatro pares de sapato, escolheu um, mas não abriu mão dos batons e do colar de pérolas.

— Ninguém disse que eu teria de suportar desconforto nesta viagem.

Passou filtro solar no rosto, pescoço e braços e então vestiu uma camisa de algodão de mangas compridas sobre a camiseta esportiva. Ajustou o chapéu de aba larga na cabeça e tomou seu lugar na proa da canoa, sem saber que era observada.

Quando as canoas deixaram a margem e seguiram pelo meio do rio, Michael instalou-se atrás de M. J. de olho na curva de sua cintura, alargando-se nos quadris. Limpou as mãos úmidas na calça, sabendo que o calor não tinha nada a ver com seu desconforto. Enxugou o suor no pescoço.

M. J. ergueu os cabelos para aplicar filtro na nuca e Michael lembrou-se de como era beijar aquela pele macia.

— Quantos tubos você trouxe? — indagou ele, tentando se reaproximar com uma conversa casual.

— Três. Por quê? Quer um?

Ela se voltou parcialmente para ele, e o sol incidia sobre o algodão fino de sua camiseta, delineando os seios. Ele engoliu em seco.

— Só se você passar em mim... — retrucou, insinuante.

— Michael! — Ela sentiu uma onda de excitação na espinha. — Não devia falar assim.

— Assim como penso?

— Está bem! Não pense assim, então.

— Não posso evitar. Só porque o "nosso pai" lhe disse que devia ser uma boa menina, não significa que eu tenha de agir sob as regras dele.

— O que deu em você? Hunter respirou fundo, mas continuou excitado.

— Não sei.

— Oh, francamente. — Ela se virou para a frente. Como Michael a afetava tanto? Fazia com que se sentisse

tocada, beijada na nuca, quando sabia que ele estava a um metro de distância... ou melhor, meio metro. Menos de um braço. Perto o bastante. Perto demais.

Gotas de suor lhe escorreram por entre os seios, provocando-a, como Michael, no sonho. Adoraria que ele repetisse naquele momento... já.

Deteve-se ao perceber que ele lhe dizia que ainda a queria e que pretendia tomar uma providência. Sem dúvida, seria naquela noite. Ela conseguiria lidar com a situação?

Se tivesse um grama de prudência em relação a Michael, conseguiria discutir com ele. Consequiria resistir e implorar para que ele se concentrasse no trabalho, que abandonasse o sexo, pelo bem de suas carreiras.

Em vez disso, já planejava o que usaria quando ele fosse a sua barraca.

Pérolas. Usarei minhas pérolas. Com moderação. São sempre chiques. Elegantes. E não brilhantes como o ouro, para não atrair animais ou insetos.

— Como está indo, srta. Callahan? — A voz de Travis arrancou-a do devaneio, fazendo-a olhar para a canoa da frente.

— Bem quando eu chegava à parte boa... — resmungou M. J., baixinho. Acenou. — Estou ótima, senhor. Ótima.

Travis acenou de volta e então levou o telefone via satélite ao ouvido. Esboçou um sorriso, mas este logo morreu nos lábios, como se fora forçado.

Ela franziu o cenho. Aposto que ele nunca teve um pensamento sexual na vida.

Os canoieiros conduziam as embarcações com habilidade para longe da vegetação que caía sobre o rio.

— É meio assustador, não é? — comentou M. J. com Michael.

— É como entrar num túnel verde, sem saber onde acaba...

— Oh, eu não me preocuparia tanto com o outro lado e sim com o lado de baixo — replicou ele, indiferente.

Ela olhou a água turva à lateral da canoa.

— Lado de baixo?

— Piranhas — explicou Michael. Instantaneamente, ela tirou as mãos da borda da canoa e

levou-as ao queixo.

— Ai!

Ele aproveitou o momento para se estender e tocar-lhe o pescoço, massagear os ombros.

— Não se preocupe, nada vai lhe acontecer — tranqüilizou.

— Eu estou aqui.

— Obrigada — respondeu ela, assentindo. Mas ainda prendia a respiração, vendo a água se agitar abaixo deles.

O rio fez uma curva e a jornada tranqüila mudou num piscar de olhos.

— Oh, o que é aquilo?

Ondas espumantes, espirais de água turbulenta, atiraram as canoas para jusante, aproximando-as perigosamente, ameaçando virá-las. De repente, M. J. e Michael ficaram à frente, deixando os outros para trás.

M. J. agarrou-se às traves no fundo da embarcação. O mangue nas laterais continha troncos e galhos, como um mar de serpentes saindo do oceano. Rochas surgiram no caminho. Primeiro uma, não muito grande e facilmente contornável. Então, outra, muito maior e perigosa. Então, várias, prontas para atacar.

— Mi-Michael? O que eu faço? — gritou M. J., apesar do som intenso da corredeira. A canoa movia-se com agilidade, como que impulsionada por motores.

— Segure-se!

— Disso eu sei! — rebateu ela, imaginando se ele a achava uma idiota. Claro que achava. Todos os homens achavam. Tra-vis não a queria ali. Michael quisera mandá-la de volta. Ela não tem experiência de campo, Travis. Como seu sócio, voto pela dispensa. As palavras dele ainda a magoavam.

Talvez devesse ter ouvido.

Sons de madeira se rompendo e colidindo com rochas arrancaram M. J. do devaneio.

— Batemos numa rocha! — alertou.

A proa da canoa ergueu-se. Era como se estivessem decolando. M. J. ouviu o canoeiro gritar, mas não se voltou para vê-lo, ou a Michael. Somente seus pés tocavam a madeira. Foi atirada para cima.

Tentou gritar alto, liberar o medo. Pensou ter chamado por Michael. Os lábios se moviam, mas as cordas vocais pareciam congeladas de medo.

Eu vou morrer! Nós vamos morrer!

M. J. arregalou os olhos e se concentrou no céu, sem querer avaliar o tamanho da queda. Sentia-se sem peso, como um espírito, como se já tivesse abandonado o corpo.

Isso é culpa minha. Tudo isso. Escolhi a CK-19 tentando mostrar minha esperteza. Devia ter concordado com Michael. Voltado atrás. Um bloco era tão bom

quanto outro por ali. Travis não dissera isso, sucintamente? Mas não, eu tinha que ter razão. Eu queria o reconhecimento.

M. J. pairou no ar enquanto a canoa era levada rio abaixo. Voou sobre a água turbulenta rumo à pedra enorme adiante.

Atingiu a água com os braços abertos, como se isso a habilitasse a voar...

A água cobriu-lhe toda a pele. A última coisa em que pensou ao afundar foi em Michael... no beijo, nas mãos.

— M. J.! — gritou Michael, desesperado. Só agarrou ar.

A canoa bateu na água do rio, provocando a manifestação de macacos, tucanos e outros pássaros nas copas das árvores.

Michael agarrou o remo que lhe fora atirado quando a canoa bateu na água. Esforçando-se, lutou contra a corrente e os redemoinhos, rumo ao ponto em que M. J. entrara na água.

— M. J.! — gritou, remando freneticamente.

Ela estava sob a superfície em algum lugar, atônita por ainda estar viva. Temporariamente confusa, não sabia por quanto tempo permanecera inconsciente. Sentia os pulmões queimando. A cabeça latejava e parecia ter levado um tiro no ombro. Os braços pareciam inertes e não a ajudavam a subir à superfície, ao ar, à vida.

Alguém agarrou seus cabelos, afastando-a da rocha que quase a matara.

Mãos ásperas suspendiam-na, levando-a de volta à luz. Novamente, sentiu-se leve. Não podia respirar, porque os pulmões estavam cheios de água. Tudo ao redor parecia escuro, exceto uma luz distante acima dela. A dor era lancinante.

Estou morta? Este é o túnel de luz que os espíritos percorrem? Este é o meu anjo? E qual será o meu julgamento?

Quando M. J. já se resignara com a morte, sua cabeça emergiu. A água brotou em sua boca. Tossiu e engasgou, o ar abençoado lutando por espaço em meio aos alvéolos encharcados. Tossiu mais.

Alguém com mãos fortes segurou-a pela cintura, mantendo-a fora da água. A claridade feria seus olhos. Naquela posição, conseguiu encher os pulmões de ar novamente.

— M. J.! — A voz de Michael transmitia alívio e alegria. — Oh, você está bem! Michael! Ele me salvou!

Ela queria tranquilizá-lo, menear a cabeça, falar. Vê-lo. Mas mantinha os olhos fechados, para a cabeça não explodir de dor.

A forte correnteza ao redor tornava qualquer movimento um milagre. Mas tinha que tranquilizá-lo. Devia-lhe isso. Afinal, ele salvara sua vida.

— Ótima... — sussurrou, fraca, assim que conteve um acesso de tosse. — Oh, Michael... — Agarrou-se aos ombros dele.

Abrindo os olhos, identificou o salvador, e ficou surpresa.

— Travis! — exclamou, engasgada.

Ele não respondeu, embora o olhar adotasse uma expressão sombria. Olhou para a margem.

Segurando-a por baixo dos seios, instruiu-a a se segurar bem, enquanto a arrastava para a margem.

M. J. queria ajudar, ajudar a si mesma e ser sua própria heroína, mas sentia dor nos ossos e músculos. Não imaginava que pudesse sentir tanta dor. Com certeza, suas pernas estavam quebradas, e os braços. Imaginou se voltaria a andar.

— Relaxe — aconselhou o chefe, amuado.

Ela obedeceu, deixando o corpo deslizar pelas águas como uma boneca de pano.

Correndo com as pernas fortes, Travis rapidamente os colocou em segurança.

— Rápido, temos que ir rápido! M. J. percebeu a dor na voz dele.

Ele também fora ferido? Por que não posso ajudá-lo? Por que meu corpo não responde? Ele vai achar que sou um fardo. Vai me mandar de volta...

Então, lembrou-se de Michael lhe contando sobre as piranhas. Se não ajudasse Travis, seriam comidos vivos. Esforçou-se para mover as pernas. Não se importava em ficar parálitica para o resto da vida. Nos minutos seguintes, até saber que Travis e ela estavam a salvo, não aceitaria aquele destino. Ajudaria, podia movimentar os pés, podia nadar.

Travis cuspiu água ao emergir do rio. Sentia os pulmões queimando devido ao quase afogamento, mas estava determinado a salvar a funcionária. Segurando-a pelos braços, arrastou-a para a margem do rio.

Ela enterrou os calcanhares no lodo assim que saíram da água. Exausta, caiu ao lado de Travis.

— M. J.! Travis! — gritou Michael, da canoa. Continuou remando até encalhar a proa na margem, saltou e correu a tomar M. J. nos braços.

Ela se sentia a ponto de estourar de tanta dor no peito. Mas estava viva! Travis estava vivo! Michael estava vivo!

— Oh, pensei que a tivesse perdido... — murmurou Michael, afastando uma mecha de cabelo grudada no rosto dela.

M. J. sentia dor em todas as células do corpo. Não conseguia falar, só respirava arquejante.

Travis tossia recuperando o fôlego, mas conseguiu se sentar e levar os joelhos ao peito.

— Você está bem, M. J.? Ela assentiu.

— Ótimo... — Travis ainda sentia a água rolando nos pulmões. Só então M. J. percebeu o quanto o chefe se arriscara para

socorrê-la. Já Michael não pulara na água para salvá-la, não se arriscara por ela.

Encarou-o.

Como se lesse seu pensamento, Michael justificou-se:

— Bendito seja, Travis, eu já ia saltar para salvar M. J. quando vi que o canoeiro estava morto!

— Oh, não! — exclamou M. J., chocada. — Ele se afogou?

— Não — respondeu Michael. — Pensei que ele tivesse desmaiado quando batemos na pedra, mas quando seu corpo caiu de novo na canoa, constatei que tinha sido atingido.

— Atingido? Como? — indagou Travis.

— Com um dardo envenenado. Tinha uma vareta de dez centímetros fincada no pescoço.

— Oh, que horror... — M. J. levou a mão à boca e arregalou os olhos. Era a pior das previsões de Claire, seu maior pesadelo tornando-se realidade.

Michael olhou para Travis, que mantinha uma expressão taciturna.

— Você não está nem surpreso?

— Estão nos observando desde que chegamos ao rio.

— O quê? — Michael agachou-se.

— Não achei que chegariam a esse ponto — respondeu Travis, fitando a selva ao redor. — Já foram. Estaremos seguros aqui por esta noite.

— Está falando sério? — Michael viu Travis se levantar e chamar os três canoeiros restantes com um aceno.

— O que você achava, Michael? — disparou Travis, zangado. — Ficou tão ingênuo quanto a srta. Callahan? Sabia muito bem que esse bando de renegados nativos era uma possível ameaça. Pelo que sei, eles vieram, fizeram seu estrago e provavelmente não os veremos mais.

Michael levantou-se.

— Eles mataram um dos deles. Não foi essa a intenção. Aquele dardo era para mim e você sabe disso. Eles voltarão, sim.

— Pode ser. Por precaução, vamos nos revezar na guarda à noite. — Travis contornou Michael, mandou os canoeiros se apressarem e deu-lhes instruções em espanhol, para que montassem o acampamento.

Michael bateu o pé.

— Odeio ficar de guarda!

— Michael? — M. J. estava em pânico, tendo ouvido toda a conversa. Tremia e se abraçava. — De que renegados ele estava falando?

— Não lhe dê ouvidos. — Michael voltou para junto dela e pousou o braço em seus ombros, confortando-a. — Ele só estava conjecturando.

— Não, não estava. Alguém matou o canoeiro.

— Está bem, há um grupo de fanáticos nômades provocando incidentes por aqui.

— Chama um assassinato de incidente? Não admira não me querer neste projeto.

— Ouça, é tarde demais para "eu lhe disse". Teremos que lidar com isto agora.

— Michael avaliou a selva ao redor. — Francamente, eu não acreditava que viessem tão para oeste. Sem mencionar que não estamos pilhando a terra, derrubando árvores nem abrindo estradas. Podíamos estar só dando um passeio de canoa... a questão é que eles não sabem.

— Michael, é muito gentil da sua parte querer me confortar, mas eu não estava tão alheia quando você conversava com Travis. Sei o que está acontecendo tão bem quanto você. — M. J. passou a mão na testa e percebeu que estava mais nervosa do que pensava. — Farei a minha parte. Ficarei de guarda também.

Michael estreitou o olhar, atento aos arbustos, procurando, esperando outro ataque.

— É gentil da sua parte se oferecer, mas... — Voltou-se para ela. — M. J.?

Não houve resposta. M. J. desmaiara.

CAPÍTULO XII

Os gaviões do inferno não eram maior maldição no inconsciente de M. J. do que sua própria insegurança. Era sua própria psique que levantava os fantasmas do passado, as faces distorcidas devastando seu coração precariamente reparado.

— Papai, não vá! — implorava a pequena M. J., de três anos, agarrando-se à perna dele. — Não nos deixe!

Ele bateu-lhe na mão... com força.

— Largue-me, sua pirralha!

Ela se lembrava do hálito fétido, como o dos dragões nos contos de fada que a mãe lia todas as noites. A mãe lhe dizia que era a princesinha e a chamava assim sempre. Mas o pai a lembrava de que até as princesas corriam perigo. Não havia como prever quando o dragão mau, cuspidor de fogo, apareceria.

Era véspera de Natal.

Foi salva por mãos carinhosas... as mãos da mãe.

— Não" machuque a criança, Sean! Pare ou... ou eu...

— Vai fazer o quê? — provocou ele.

M. J. lembrava-se de estar muito trêmula e de a mãe ter permanecido calada.

— Vá ficar sóbrio para podermos ter um Natal feliz — pedira a mãe, resignada.

— Eu vou ter um Natal muito feliz, Ruth, porque vou embora. Eu lhe disse, quando você engravidou, que eu não queria essas fedelhas. Mas não! Você,disse que o pastor ia mandá-la para o inferno se fizesse o que eu queria. Bem, quer saber? Eu tenho minha vida também. Não queria ter filhos. Eu lhe disse isso quando nos conhecemos.

— Mas não é culpa delas, Sean!

— Claro que não! — Ele agarrou a garrafa de uísque e foi para a porta. — É sua. Você só fica se lembrando de como teve alguém que a amou um dia. Você nos separou, Ruth. Você nos separou!

Sean Callahan saiu pela porta dos fundos, que nunca se fechava bem, de tão velha e fora de esquadro.

M. J. lembrava-se da porta sempre aberta uma fração, a fechadura imprestável e ineficaz, na esperança de que Sean voltasse um dia.

Aquele fora o sonho da mãe até o dia de sua morte.

Mesmo quando dita rapidamente, a verdade conseguia romper as sombras resistentes da culpa.

No entender de M. J., ela e Claire eram as responsáveis pelo pai ter abandonado a mãe. Ele avisara que não queria ter filhos. Nunca. Tratava-se de um homem emocionalmente doente, mas a mãe não fora capaz de ensiná-lo a caminhar. Por isso, ele fugira.

— Está fugindo, M. J. ? — A voz de Claire surgiu nas brumas do pesadelo. — Fugindo? Tal pai, tal filha?

No sonho, M. J. ouviu a voz da irmã se intensificar e então enfraquecer novamente.

Então, reconheceu a voz de Michael e o pesadelo se tornou um sonho delicioso. O beijo a mandava para as estrelas, como da primeira vez. No cosmo, com certeza, encontraria Claire. Estaria em casa novamente.

Então, ouviu a voz da vidente:

— Não deve fugir do seu destino, criança. Mas, se continuar] no caminho atual, a morte a aguarda na floresta.

M. J. não sabia o que Martita quisera dizer, mas, no sonho tudo ficava claro.

Seu caminho atual era não dar seu amor a um home: Entendia isso agora, claro como cristal.

Assim que percebeu o fato, viu-se no fundo do mar, novamente procurando a voz de Claire.

Onde você está, Claire? Se pudesse encontrá-la, poderia voltaí para casa.

Em resposta, a voz da irmã surgiu balbuciante.

M. J. estendeu a mão para tocá-la, como se estivesse numi

bolha. Ao capturar a voz, percebeu que não estava em casa, mas, sim, que havia morrido. Não sentiu pânico, nem protestou. Aceitou a morte.

Se sentia algo era alívio.

Observou melhor a bolha e viu que era um momento de sua vida com Claire. Indo além, tocou em outra bolha, referente ao momento em que a mãe morreu.

De repente, centenas de bolhas flutuaram em sua direção no mar. Podia tocar o passado... os bons e maus momentos. Não obstante, permanecia inabalada.

Ali, não tinha ação. Não tinha emoção.

Ali, não havia agonia com relação ao amor de que precisava e o amor que sempre lhe permaneceria indefinível. Ali, não tinha que mentir para Claire, dizendo-lhe que não queria ninguém para amar, que não queria filhos. Ali, a verdade não causava dor.

E ali, M. J. admitia finalmente a si mesma que se sentia desesperadamente só.

Não temia a aventura, porque não tinha ninguém para chorar por ela, se se arriscasse demais. Se as piranhas a comessem viva, ninguém lamentaria seu triste destino.

Exceto Claire. Eram irmãs, afinal. Claire sentiria sua falta.

Mas Claire tinha uma família. Não era a mesma coisa.

Nesse instante, ouviu a voz de um homem mais velho. Era uma voz rouca, como se já tivesse sido muito usada.

— E o senhor, Deus?

— Alguns diriam que sou. — A voz tornava-se mais clara.

— Estou morta?

— Não.

— Que alívio! — retrucou, esforçando-se para abrir os olhos. As pálpebras queimavam. A testa, o rosto e o pescoço também. Levou a mão ao rosto.

— Está quente aqui, não está?

— Está — confirmou o ancião.

— Parece que estou no inferno.

Ele riu, mas, devido à falta de hábito, logo cessou.

— Sempre achei que sim.

M. J. precisou se esforçar muito para abrir um olho só uma fração. Estava tudo embaçado, como se uma nuvem branca a envolvesse.

— Pensei que o inferno fosse vermelho. Colocaram um pano úmido sobre sua testa e então o esfregaram por seu rosto, pescoço e peito.

Respirar era doloroso.

O ar estava quente e úmido. O pano parecia um pouco mais fresco, aliviando o calor nos braços, seios e costas.

— Michael? — murmurou, febril.

— Não sou Michael. Você não me conhece.

M. J. não conseguia pensar direito. Não conseguia impor lógica e ritmo aos pensamentos. Desejou sair do sonho, mas sentia-se drogada.

A voz era de uma pessoa mais velha do que Michael. Mais velha do que Travis também. Entretanto, o inglês era perfeito.

Só podia ser uma pessoa.

— Papai? — indagou, esperançosa.

— É ele que você gostaria de ver?

— Oh, sim! — exclamou M. J., tentando abrir os olhos.

— Então, serei ele — respondeu o ancião.

A visão surgiu devagar, como se regressasse do mundo dos mortos. O dia virou noite. O brilho da lanterna do acampamento assemelhava a um halo os cabelos brancos ao redor do rosto estranho. Por um segundo, M. J. pensou estar diante de Jesus em pessoa.

Ele tinha barba, mal aparada, mas curta. Na testa, apresentava pinturas de hieróglifos indígenas semelhantes a bonecas dançantes.

Os olhos eram castanho-escuros e cintilavam com uma intensidade incrível para alguém tão velho. Estimava a idade em oitenta anos ou mais. O rosto era redondo, não anguloso, e os lábios, embora não cheios, mantinham-se lisos e expressavam um sorriso quase travesso.

— Bem, eu nem sabia que era um curandeiro tão bom. A maioria a consideraria perdida — disse ele, encostando a mão firme em seu rosto. — Como pensei, a febre cedeu. Você ficará bem — assegurou, com uma carícia gentil no braço.

— Eu o conheço?

Os olhos escuros brilharam, iluminando o semblante, suavizando as rugas do rosto. Era fácil imaginar como ele fora na juventude. Ele a olhava com olhos da mocidade, com olhos ; de um homem esperançoso.

— Diga-me você — sussurrou ele.

M. J. tomou fôlego. Sentiu dor nos pulmões com o esforço. Sentia cada batida do coração. Era assustador estar tão ciente de cada função do corpo. Estava quase com medo de desviar a atenção do corpo e voltar a desmaiar.

— Eu nunca o vi antes.

A decepção no olhar dele foi tão grande que era doloroso até ver. M. J. quis fechar os olhos, mas estava fascinada demais por aquele estranho.

— E tanto esforço... — murmurou ele, num lamento.

— Mas você acha que me conhece?

— Não — desdenhou ele, mergulhando o pano na água novamente.

M. J. estreitou o olhar e estudou as figuras na testa dele.

— São de ouro?

Ele acompanhou seu olhar.

— Está se referindo aos meus ícones, creio. Sim, são" de ouro. Sobras das festividades tribais da última sexta-feira.

— Os nativos têm ouro em pó?

— Mais que pó. Os antigos ergueram uma cidade de ouro chamada Tomebamba, onde fica Cuenca hoje. Os construtores ergueram um templo sólido para o sol, e os palácios tinham

\ paredes revestidas de ouro. Claro, quando os conquistadores chegaram, era uma cidade fantasma.

— Nunca ouvi essa história.

— Claro que ouviu, minha querida. Eu lhe contei.

— Bem, sim, agora.

— Não, há muito tempo — esclareceu ele, sorrindo triste

— Há muito tempo... — M. J. sentia-se mais confusa do que cm seus sonhos malucos. Ele não fazia sentido. Ou ela não conseguia entendê-lo.

— Por isso voltou?

— Voltei? — Ela levou a mão à testa. Com certeza, ele queria dizer voltar dos mortos. — Minha cabeça...

— Dói, eu sei — respondeu ele, com empatia, o que a confortou mais do que com o pano úmido.

Quando ele limpou seu rosto, M. J. sentiu o aroma refrescante de ervas na água. A fragrância invadiu-lhe as narinas, fazendo-a sentir-se muito melhor.

— Tive sonhos horríveis — comentou. I

— Eu sei — respondeu ele. — Tentei evitar que fossem 1 longe demais. 1

— Longe demais? 1

— Você sabe... ao fim. — Ele se aproximou. — Você estava 1 lá, sabe. Morrendo. Mas não estava morta. Não realmente. Eu 1 sabia que podia trazê-la de volta.

Fraca, ela tomou a mão dele.

— Aconteceu de verdade?

— Claro — confirmou ele, irônico. — Você viveu aquilo. Posso lhe descrever cada detalhe.

M. J. atentou ao semblante estranho. Quem era aquele homem que sabia tanto sobre ela? Sobre a vida e a morte? Sobre sua morte e seus pesadelos? Seria um anjo? Talvez fosse sumir, como as bolhas que tocara pouco antes.

Seu raciocínio parecia se quebrar a cada instante.

— Ora, claro que sabe com o que sonhei. Eu falo no sono, às vezes.

— Você não disse nada.

— Não?

— Já estive onde você esteve. Quase morri também. Cheguei perto, mas voltei. Por isso, sei como ajudar os outros. Esse é o meu destino... curar.

Ela reparou nas roupas grosseiras dele. A camisa era branca, mas não o branco de que os americanos gostavam. Era um branco de tecido feito em casa, manchado de verde. Ele estava de short, na verdade uma calça com as pernas cortadas. Ao 1 redor da cintura, usava um cinto de couro com várias bolsas de tecido. Algumas eram pequenas, outras maiores. Algumas, estavam cheias. Pendurado no ombro, um odre para transportar água. Ele tinha também uma tira de couro ao redor do pescoço... ou melhor, era a tira de um chapéu panamá velho e outrora branco que ele carregava pendurado.

— Você é um... j

— Curandeiro — repetiu ele, orgulhoso. — Os brancos me chamam assim. Os nativos me chamam de Uma. |

— Mas esse é seu nome de verdade?

Pela primeira vez, ele desviou o rosto. Os olhos obscureceram-se, embora ela não soubesse se de tristeza ou decepção.

90

— É.

— Meu nome é M. J.

— É bom vê-la novamente, M. J.

— Novamente?

— Sempre vejo meus pacientes em sonho antes. E assim que chego até eles. Meus pacientes me chamam. Ou melhor, seus espíritos me chamam.

— Você mora por aqui, então?

— Moro longe e perto também.

— Bem, você devia estar perto, já que adoeci esta tarde.

— Minha criança, você está inconsciente há três dias e meio, pelo que sei.

— Eles... lhe disseram isso?

— Não com tantas palavras.

O curandeiro tirou uma pitada de uma substância que parecia casca de árvore. Pegou uma caneca de alumínio da mesa de madeira dobrável perto da cama de lona e misturou a substância com água.

— Isto aqui é um pouco amargo, mas não se preocupe.

— Preocupar-me? Por que deveria me preocupar? — M. J. tentou se soerguer, mas sentia-se forte como macarrão cozido.

— Eu acordo e vejo um estranho no meu... — Olhou ao redor.

— De onde veio esta barraca? Ele meneou a cabeça.

— Não faço a mínima idéia. Estava erguida e você estava aqui quando cheguei.

M. J. pareceu não ouvi-lo.

— Vejo um estranho em meus aposentos, endireitando tudo. Um homem que, devo acrescentar, lava meu corpo nu e me dá uma poção vodu que poderia ser...

— Você fala demais — repreendeu ele, levando uma colher a seus lábios.

— Travis disse o mesmo.

— Ah, sim. O seu colega.

— Um dos meus colegas — corrigiu ela, fitando o líquido âmbar.

— Beba. É a mesma droga que a curou.

— O que é?

— Oh, mas você é difícil, não? Quem lhe disse que ser geniosa é feminino?

— Ninguém me ensinou a ser feminina, em primeiro lugar. O curandeiro ergueu o canto dos lábios de forma quase sensual. Mas isso é impossível. Ele é velho o bastante para ser meu avô.

— Minha criança, você é a mulher mais bonita que já conheci. Tudo em você é feminino.

M. J. quase desmaiou com o elogio.

— Oh, que gentil...

— Tenho certeza de que ouve isso o tempo todo. Agora, beba.

— Nunca ouvi isso antes — afirmou M. J., e bebeu como ele instruiu.

Ele ficou atônito.

— Impossível.

— Está bem, como queira — respondeu ela, a teimosia voltando e com ela um pouco de força física.

— Qual é o problema com esses jovens que não vêem isso? Ela sorriu e ele inclinou-se. M. J. conteve o impulso de tocar

no rosto dele. Achava-o uma mistura de Papai Noel e... Meu pai... só que mais velho e mais gentil. Afastou o pensamento perigoso.

— Por que está sendo tão bom para mim, Uma? — questionou, de repente sentindo a boca seca e as pálpebras pesadas. Não queria dormir. Queria acordar, ficar boa, ver Michael novamente e provar a ele que não era um fardo. Queria deixar claro que não precisavam mandá-la de volta para casa.

Não queria voltar para casa. Não ainda. Ainda tinha tanto a vivenciar...

M. J. sentiu que mergulhava outra vez no mundo distante dos sonhos. Ergueu a mão e Uma a segurou.

Sorrindo, ela caiu num estado de obvio.

Uma afastou-lhe a mecha de cabelo rebelde da testa. A mesma mecha que parecia aborrecer Michael.

— Você voltou para mim, minha querida Dorothy. Sempre achei que voltaria. Finalmente, o mundo voltou a ficar certo.

Ele se afastou da cama de lona, saiu da barraca e desapareceu na noite.

CAPÍTULO XIII

Lentamente, M. J. emergia do estado de torpor que dominava seu raciocínio devido à febre. Sentia uma presença... um homem... mas não sabia quem era. Só podia ter esperança.

— Michael... é você? Ele tomou-lhe as mãos.

— Sou eu, meu bem. Voltou para nós? Ela percebeu o alívio na voz dele.

— Não o estou vendo... — Tentou alcançá-lo com a outra mão. — O que há comigo, Michael? Estou cega? O que aconteceu comigo?

— Não, meu bem. É tarde. Eu apaguei a lanterna.

— Oh, entendo... — As lágrimas nos olhos lhe distorceram ainda mais sua visão.

Michael acendeu a lanterna e ela viu o rosto dele. Não se barbeava havia dias.

— Michael, você está horrível...

— Obrigado — gracejou ele. — E tão bom conversar com você. — Sorriu largo e contente.

Ela sorriu, também, mas o esforço deixou-a exausta. Esfregou a testa.

— Ele ainda está aqui?

— Quem?

— O velho com quem eu estava conversando.

— Não há nenhum velho aqui. Só Travis e eu.

— Havia um velho — insistiu M. J., agitada. — Ele tinha cabelos brancos e barba... ele me deu uma poção, misturou naquela caneca ali. — Apontou para a mesa, mas não havia nenhuma caneca.

— Devia estar sonhando, querida.

— Não foi sonho — assegurou M. J.

Michael olhou-a condescendente e ela franziu o cenho.

— Michael, sei que conversei com alguém. Ele segurou a minha mão...

— Claro. — Michael pousou a mão em sua testa, verificando a febre. — Ouça, M. J., você passou dias desacordada. Vai levar algum tempo para se recuperar.

— Oh, Michael... Sinto tanta tontura. Foi uma concussão?

— Das grandes, acho. Mas você contraiu alguma febre, também. Provavelmente, alguma contaminação na água do rio através do ferimento na perna.

— Ferimento? Na minha perna? Ele assentiu.

— Onde a piranha mordeu. Travis deu uns pontos.

— Pontos? — A voz de M. J. subiu um oitavo. Ela tentou se sentar.

— Podia ter sido pior. Acho que ele a tirou da água bem a tempo.

— Pensei que as piranhas só atacavam quando percebiam a presença de sangue. Como os tubarões...

Michael acariciou-lhe o rosto.

— Não vamos falar sobre isso. Você já sofreu bastante.

— Michael, diga-me a verdade. Você vive dizendo que sou ingênua. Ensine-me.

— Elas atacam tudo o que entrar na água. Teve sorte de não cair num cardume de piranhas. Não sobraria nada, exceto seu esqueleto. Não levariam nem quinze minutos. Mas, com a água turbulenta, você deparou só com uma piranha isolada. Falta um pedaço de quase dez centímetros de carne na sua perna, perto do calcanhar.

M. J. levou as mãos ao rosto. Claire estava certa. Colocara-se numa situação de risco e não podia culpar ninguém, a não ser a si mesma. Fora idiota em ir àquele lugar, idiota em achar que precisava de aventura. Devia ter ficado em Tiburon e alugado uma fita de vídeo, ou ido ao cinema com as sobrinhas. Em vez disso, encontrava-se no meio da selva amazônica, provando que os dois, Michael e Travis, estavam certos... ali não era lugar de mulher.

— O que foi que eu fiz...

— Você sobreviveu. E estou muito orgulhoso de você.

— Está? — Ela se animou um pouco.

— Pode apostar — respondeu Michael, beijando-a afetuoso no rosto. — Mas você me deu um susto, mocinha. Não faça mais isso. Está bem?

— Está bem — resignou-se M. J., derretendo-se com a voz rouca, a preocupação nos olhos azuis dele.

Tinha sorte em ter Michael. Sorte por Travis pular no rio sabendo do risco que corria.

Tinha sorte em estar viva. E viver nunca lhe parecera tão precioso.

Engoliu em seco, reunindo coragem.

— Michael, erga-me para eu ver a perna.

— Não acho que seja uma boa idéia. Nesse instante, Travis entrou na barraca.

— Pensei ter ouvido vozes. No plural. — Olhou para M. J. Deixara transparecer alívio na voz, mas nos lábios havia só uma sombra de sorriso. — Ajude-a. Ela deve saber — opinou.

Michael protestou:

— Vai melhorar em poucos dias, Travis. Por hoje, chega. Travis avançou um passo.

— Então, eu a ajudarei.

— Está bem. — Michael o dispensou, colocou o braço em torno das costas de M. J. e a colocou sentada. A perna estava exposta ao ar, embora o resto do corpo estivesse sob um lençol. — Quer que eu tire o curativo?

M. J. fitou o quadrado de gaze.

— Quero.

Com cuidado para não provocar dor, Michael retirou o curativo.

— Mas o que...

M. J. não viu o ferimento, porque estava coberto com uma pasta de ervas e lama. Brotinhos e pedaços de casca de árvore distinguiam-se na mistura. — Só uma pessoa podia ter aplicado .aquele emplastro fitoterápico.

— Eu lhe disse que ele esteve aqui!

— Quem? — Travis analisou o remédio de aspecto bizarro.

— Ela disse que um curandeiro esteve aqui — esclareceu Michael. Travis encarou M. J.

— Não havia nenhum curandeiro por aqui. — De repente, pareceu lembrar-se de algo. — Será que Uma esteve aqui?

Michael mostrou-se cético.

— Impossível.

Travis ainda olhava para M. J.

— Esteve?

— Então, você o conhece? Michael perdeu a paciência.

— É uma lenda! Um mito! Uma história que os nativos inventaram para contar ao redor da fogueira enquanto bebem uísque.

— Mas ele esteve aqui — afirmou M. J. — Disse que estava tratando de mim. Disse que veio todas as noites!

— Impossível! Eu fiquei aqui a seu lado quase o tempo todo.

— Michael protestava beligerante.

— Exceto durante o seu turno de guarda. Aí, eu fiquei com você — detalhou Travis.

Ela olhou para Michael, incrédulo, e para Travis, curioso.

— Eu toquei nele, conversei com ele — declarou, convicta.

— Ele disse que, não fosse ele, eu estaria morta. Travis cocou a cabeça.

— Eu é que não fiz esse emplastro. Talvez ela tenha mesmo visto alguém.

— Ela esteve inconsciente por dias, Travis — argumentou Michael. — Ela deve ter sonhado.

M. J. franziu o cenho.

— Não é educado falar de alguém na terceira pessoa. Estou consciente e não foi sonho. — Deitou-se e cobriu os olhos com o braço. — Homens — resmungou. — Os dois são egoístas demais para admitir que esse velho frágil os passou para trás. Ele entrou enquanto dormiam, ou enquanto iam ao banheiro. Deve haver uma explicação.

Travis estalou os dedos.

— O telefonema de Jerry. Ontem à noite. Eu estava aqui, mas saí. Só por quinze minutos, mas, mesmo assim...

Michael levantou-se da cadeira de lona.

— Ela o convenceu dessa bobagem! Vou tomar uma bebida!

— Saiu da barraca.

M. J. apoiou-se num cotovelo.

— Michael...

Travis pousou a mão em seu ombro e gentilmente a fez se deitar.

— Deixe-o ir.

— O que há com ele? Por que ele não acredita em mim? Não estou inventando nada. Tenho a prova na perna. „

— Acho que Michael está se sentindo culpado por não a ter salvo.

Ela o encarou.

— Mas você me salvou.

— Eu sei — confirmou o chefe, amuado.

M. J. pensou ver um brilho de desejo no olhar dele. Foi muito fugaz, como o último lampejo de uma lâmpada. Travis esboçou um sorriso, mas logo ficou sério.

— Você devia descansar.

— Você acredita em mim, não é, Travis?

— Não acho que esteja louca. De fato, alguém esteve aqui. Se foi Uma...

— Ele disse que esse era seu nome. Por que Michael tem tanta certeza de que é impossível?

— Trata-se de uma velha lenda.

— Conte-me, por favor.

Travis sentou-se na cama de lona sentindo-se bastante ridículo, as longas pernas dobradas com os joelhos acima da altura da cama. Apoiou os cotovelos nos joelhos e o rosto entre as mãos. M. J. nunca o vira tão à vontade e se espantou.

— Esse homem é imortal, ou assim diz a história. Está nessa área há quase cem anos, segundo os nativos. Como é praticamente impossível, sempre achei que esse homem fosse algum tipo de xamã, curandeiro, que aprendeu o ofício com o pai, que provavelmente aprendeu com seu pai. Um negócio de família, entende? — Riu da própria piada e continuou:

— Nunca o vi, mas ouvi histórias em Lago Agrio e até conheci alguns de seus pacientes entre os canoeiros. Gustavo tem uma história ou outra sobre ele. — Deu de

ombros. — Claro, as descrições nunca batem. Ora é alto, ora é baixo. Ora é jovem, ora é velho...

— Ele é bem velho — declarou M. J. — Aparenta uns oitenta anos. Tem cabelos brancos. Dentes retos, bem cuidados, como se fosse ao dentista regularmente. Rosto enrugado. Mas os

97

olhos... os olhos são tão jovens quanto os meus. Cheios de vida. Vibrantes. E o sorriso... — Levou a mão aos lábios ao perceber que criava uma rapsódia sobre o homem. — Há algo nele... a energia, a preocupação... que o faz maior que a vida.

— Ele a impressionou — observou Travis.

— Ele salvou minha vida. — Ela estendeu a mão e tocou no braço de Travis. — E você, também.

Fitaram-se.

Lá estava. Ela viu novamente. Travis a olhava com uma intensidade que ela nunca experimentara antes. Nem mesmo com Michael. Isso a abalava profundamente. Era como se ele se apoderasse de seu ser, capturando sua essência, sua alma.

O mais espantoso era que não estava assustada, como quando Michael lhe dissera pela primeira vez que a desejava. Não sentia o impulso de se retrair. Ao contrário, queria tentar o homem, para juntos explorarem o sentimento.

Travis olhava-a terno, amigável, nem um pouco ameaçador. Poderia fitá-lo por dias, buscando a confraternização, sem se cansar do processo de união.

Havia silêncio na barraca; não obstante, milhares de promessas pairavam em seus pensamentos. E corações.

Travis aproximou o rosto do dela, os olhos oferecendo um banho refrescante, enquanto alojava M. J. dentro de si.

Ela nunca vira a alma de outra pessoa antes, mas Travis se abria para ela sem cautela, sem hesitação.

A atitude repentina a deixou atônita, porém satisfeita. Acariciou os dedos longos dele, entrelaçando os seus gentilmente, informando-o de que se submetia de bom grado à exploração espiritual de seu ser.

Travis achegou-se mais.

Não havia dúvida quanto à vulnerabilidade dele. O medo ameaçava encerrar o idílio, mas a coragem triunfou e ele a beijou.

— Eu lhe devo a minha vida — sussurrou M. J., tão suavemente que ele mal ouviu. — Para sempre.

Travis roçou os lábios nos dela bem de leve. Não era agressivo, como Michael, nem possessivo.

Ele se equilibrou sobre ela e suas respirações se mesclaram, tornando-se uma... uma alma, um pensamento. Roçou os lábios novamente. M. J. cogitou se sonhava.

Travis pegou a mão dela e aproximou dos lábios.

— Fique boa — desejou, beijando cada um dos dedos.

A eletricidade ao longo do corpo quase fez M. J. pular da cama. O estímulo nascia nos dedos que Travis beijava, percorria os braços, o peito, até chegar ao coração. Nunca fora tratada com tanta doçura por um homem.

Sempre me alegrarei com esta lembrança.

De repente, ele estava de pé.

— Vou deixá-la descansar — declarou. — Chamarei Michael. M. J. ficou confusa.

— Michael?

— Tenho muito trabalho a fazer. Infelizmente, perdemos muito tempo por causa do... acidente. Quatro dias já. É imperativo voltar à programação. — Dando meia-volta, abriu a porta de lona da barraca.

— Sim, eu entendo.

— Ótimo — respondeu ele, e se foi.

CAPÍTULO XIV

Travis teclou o número do telefone do médico em Quito. Estava atrás do profissional desde o dia do acidente. Mais do que frustrado, sentia-se furioso.

— Por que ninguém responde?

Michael aproximou-se, cortou a ponta de um charuto de marca famosa e acendeu-o com um isqueiro de butano.

— O que foi?

— Estou tentando falar com um médico em Quito. Quero que ele venha aqui para dar uma olhada em M. J.

— E qual é o problema?

— Pago uma fortuna por este telefone via satélite e não consigo ligar para lugar nenhum!

Michael meneou a cabeça.

— Não é o telefone. É o Carnaval, um feriadão. Dura cinco dias. Ninguém está trabalhando, principalmente o seu amigo médico.

Travis revirou os olhos.

— Como pude me esquecer?

— Acontece. Estamos no meio do nada. Perde-se a noção do tempo aqui. — Michael expirou a fumaça cara e contemplou o céu estrelado por entre os galhos das árvores. — E incrível, não é?

Travis pressionou a tecla de rediscagem.

— O quê?

— Esse céu. Sempre me impressiono com o céu aqui no hemisfério sul. Quero dizer, estrelas são estrelas, mas estas aparecem mais. — Hunter exalou outra nuvem de fumaça.

— Por que está tão filosófico esta noite?

Michael fitou as cinzas em brasa na ponta do charuto.

— Acredita na história dela, não é? Travis ergueu um sobrolho.

— Não. Acho que foi você quem preparou aquela pasta e passou no ferimento dela.

— Não brinque. Travis recuou um passo.

— Quer dizer que não foi você? Michael olhou para o sócio, incrédulo.

— Ora, vamos. Desde quando virei herbolário?

— Buana Hunter? Pensei que fizesse todo tipo de magia supersticiosa. Por isso o contratei. — Travis sorriu torto e levou o telefone ao ouvido... ainda não havia sinal de discagem. — Recolheu a antena e largou o aparelho.

— Não foi por isso que me contratou — replicou Michael, olhando de igual para Travis. — Foi?

— O que você acha?

— Acho que queria me manter por perto.

— Para quê? ,

— De acordo com o provérbio: mantenha os amigos perto e os inimigos mais perto ainda. — Michael riu, esperando arrancar a verdade de Travis.

O outro não se abalou.

— Quer dizer que não queria o trabalho?

— Absolutamente sim. Eu queria. Travis cruzou os braços e cocou o queixo.

— Isso eu ainda não entendi. Não precisa do dinheiro...

— Está enganado — interrompeu Michael.

— Como assim?

— Meu sócio venezuelano, do qual você ainda parece guardar rancor, não era o que eu imaginava.

Travis riu desdenhoso.

— Eles o passaram para trás? Imagine só! Michael ergueu a mão.

— Oh, sei no que está pensando... só sobremesas e tudo o mais. Travis riu. «

— Exato.

Michael deu uma tragada no charuto.

— Ainda gosto da aventura, sabe. Mas a verdade é que safáris e explorações como esta exigem dinheiro. Mesmo por divertimento, não sai barato. Porque conheço a selva, porque conheço os perigos, não saio por aí sem suprimentos e guias. Adoraria fazer isso pelo resto da vida. Mas custa dinheiro.

— E eu não sei? — respondeu Travis. Michael encarou-o.

— Mas você faz isso pela glória. O outro surpreendeu-se.

— Você me faz sentir nobre. Michael meneou a cabeça.

— Pois a glória pode matá-lo, Travis. O outro parecia contrariado.

— Preciso de dinheiro tanto quanto todo mundo.

— Não tente me lograr. Sempre achou que era seu dever bancar o Papai Noel para os seus funcionários. Raios, você ainda se sente culpado por aquele episódio em 1991! Qualquer um que o conheça pode ver os fracassos na sua testa.

— Assim, você me faz parecer idiota — ofendeu-se Travis. Michael admirou o céu novamente, soltou uma baforada e sorriu.

— Não um idiota, um sobrevivente. Nada derrota o idealismo, quando se trata de sobrevivência.

Atônito com o elogio de Michael, Travis ficou sem palavras. Pensativo, sentou-se numa cadeira dobrável próxima à fogueira. Michael conseguira dissipar a desconfiança que ainda alimentava.

— Estou contente por sermos sócios, Michael — declarou. Pela primeira vez, falava sério.

Michael fitou as labaredas e então Travis, com o semblante impassível.

— Eu também. Talvez agora acredite quando juro, sobre o túmulo de meus ancestrais, que não fiz o emplastro na perna de M. J. Não preparei nenhuma poção. Não a visitei no meio da noite, por motivo algum.

Travis acreditava.

— Então, temos um problema. Michael assentiu.

— Um muito grave. Travis fitou a fogueira.

— Assim que conseguir falar com o médico, farei com que a leve de volta a Quito.

Michael esfregou a nuca.

— Ela não regula bem, mesmo. Travis a defendeu:

— Não acredito que seja louca.

— Então, do que está falando? — indagou Michael.

— Acho que ela se levantou durante a febre, foi até a mata, descobriu as ervas e cascas de árvores certas, preparou o emplastro, aplicou na perna, voltou para a cama e inventou aquela história sobre Uma cuidar dela no meio da noite enquanto eu tentava usar o telefone.

Michael suspirou profundamente.

— Ouça, não existe esse Uma. Provavelmente, algum curandeiro local que vai aparecer pela manhã pedindo dinheiro, uísque ou... um dos meus charutos. — Fitou a brasa vermelha na ponta do havana.

Travis raciocinava.

— Nativos não usam botas.

— Como?

— Examinei o chão fora da barraca. A porta foi desamarrada e havia pegadas chegando e afastando-se da entrada.

Michael ficou boquiaberto.

— Além disso, se fosse nativo, falaria espanhol — considerava Travis. — M. J. não fala. Portanto, esse homem, seja quem for, fala inglês, pelo menos o bastante para ela entender e conversarem.

— Que bobagem! — desdenhou Michael. — É como procurar El Dorado ou algo assim. Não existe ouro. Não existe Uma.

Travis não parecia tão convencido.

— Não existe ouro? Devia bater um papo com o ministro das Minas e Energia do Equador.

Michael lançou a cabeça para trás.

— Ora, vamos!

— Sério. Existe ouro aqui há séculos, bastante. E não apenas em veios.

Michael olhou-o como se fosse louco.

— Ótimo. M. J. tem alucinações, e meu sócio, fantasias. Travis ergueu as duas mãos.

— Sei que parece enganação, mas, lá em Quito, durante as negociações para assegurar nosso contrato com o governo, deparei com esse camarada, proprietário de um restaurante. Ele liderou uma expedição às cordilheiras em 1983 e afirma ter encontrado El Dorado.

— Como ele era?

— Quem?

— El Dorado. Sabe, o ser dourado, o nativo que, segundo a tradição antiga, morava perto de Bogotá, Colômbia. Durante os festivais pagãos, ele passava ouro em pó no corpo nu e se atirava no lago Guatavita após a cerimônia. Dizem que os habitantes lhe atiravam ouro e jóias para encher o lago. Os conquistadores passaram décadas procurando, mas nunca o encontraram.

Michael continuou:

— Sempre achei que os espanhóis inventaram a história de que o El Dorado é um país inteiro, ou uma cidade pelo menos, para justificar o fracasso na busca do nativo. Foram até o rio Orinoco e percorreram os vales da Amazônia procurando

uma cidade mística que nunca existiu, em primeiro lugar. Até Pi-zarro cruzou os Andes de Quito até aqui atrás dessa lenda. E veja o que ele conseguiu. Nada.

Travis ia comentar, mas Michael o impediu.

— Creia, já conheço todas as histórias. Que Francisco de Orellana desceu o rio Napo e os afluentes do Amazonas. Que Queseda foi para leste de Bogotá à procura da cidade. O português Pero Coelho de Sousa foi para o norte, vindo de Pernambuco, no Brasil, explorando, e chegou a colocar a cidade no mapa, como se ela realmente existisse. Raios, só El Dorado é responsável por metade das explorações já realizadas na América do Sul. Não me leve a mal, Travis. Não fosse um bom mito de vez em quando, os seres humanos ficariam sentados vendo a vida passar.

Travis disfarçou o constrangimento.

— Tem razão, Michael. Eu não sabia tanto sobre El Dorado.

— Como disse, estudei tudo a respeito — gabou-se Michael.

— É, com certeza, estudou. Acho interessante você gastar tempo com isso...

Michael tratou de esclarecer:

— Acha que estou procurando ouro? Travis, vim aqui procurar petróleo. Algo que possa ver, cheirar, tocar... beber, se quiser! Não preciso tentar encontrar nenhuma cidade mitológica andina de ouro nem desperdiçar meu tempo tentando descobrir quem era o fantasma de M. J., fantasia ou seja lá o que for. Está bem?

— Tem razão — concordou Travis. — Está decidido, ela volta para Quito.

— Ótimo. Então, quem será o substituto?

— Ninguém. Michael bufou.

— Nesse caso, vamos perder outro mês ou mais, quando poderíamos terminar esta etapa, se ficarmos com ela.

Travis olhou para as próprias mãos.

— Perdemos quatro dias desde o acidente. Devíamos estar bem mais avançados na floresta a esta altura. Para piorar, meus fundos já estão esgotados.

— Como assim? — indagou Michael. — Falou com Jerry?

— Há uma hora. O acordo com os europeus gorou.

— E agora?

— Ou desistimos, ou...

— Insistimos — completou Michael. Travis assentiu.

— E nossa última tacada. Só que agora o prazo caiu pela metade. Precisamos mapear a área com o máximo de precisão. Quero estar com o equipamento de abalos tridimensionais e tirando uma conclusão em dois dias. Então, traduzimos as informações no computador, escolhemos os poços e voltamos para Quito com os resultados. Rezando para acertar na mosca.

— Ou?

— Ou vou vender jornais na esquina, M. J. fica desempregada e você... você volta a fazer o que quer que sempre fez. — Travis pegou um graveto e atizou o fogo.

Michael sentou-se no chão e fitou as chamas por um bom tempo.

— O que sempre fiz...

— É.

— Não me importo em lhe dizer que estou ficando velho para isso, Travis. Era brincadeira quando tinha vinte e cinco anos, mas espero não ter que me engalfinhar por dinheiro quando estiver...

— Com a minha idade?

— É. Eu olho para você e penso: gente, não quero ficar como aquele cara, velho antes do tempo.

— Obrigado.

— Disponha.

Travis olhou para Michael.

— Vou subir o rio amanhã com dois canoeiros e explorar um pouco. E ver no que dá. Você fica aqui com M. J.

— Espere aí. Prefiro que deixe um canoeiro com ela e eu vou com você. Exploramos cada um uma seção do bloco. Ambos sabemos como preparar as cargas de dinamite e instalar os microfones. Sei que leva tempo, mas podemos pegar as gravações e então analisar as leituras de computador aqui no acampamento. Assim, cobrimos o dobro do terreno e não ficamos longe de M. J. por muito tempo.

— Feito — concordou Travis, endireitando o corpo. — Acho que vou me recolher...

Michael olhou para o charuto.

— Eu apago a fogueira quando terminar isto aqui.

— Até amanhã — despediu-se Travis.

Michael deu uma tragada no charuto, olhou as estrelas e, então, para a barraca de M. J. Através da lona da barraca de Travis, viu-o despindo a camisa e depois estendendo-se na cama.

Iniciava-se o turno de Michael como vigia.

Com um chute na areia, extinguiu as chamas e aguçou os olhos de águia, avaliando os arredores. Como se tivesse visão infravermelha, avistou além dos canoeiros que dormiam em redes instaladas entre árvores.

Procurava os homens lendários que iam e vinham como fiéis, homens que misteriosamente transformavam-se na paisagem. Que adentravam acampamentos, preparavam poções e curavam mulheres à beira da morte.

Homens conhecidos por matar com dardos envenenados. Homens perigosos. Assassinos.

CAPÍTULO XV

M. J. acordou ao alvorecer ouvindo os canoeiros que carregavam equipamentos e suprimentos nas canoas.

Com uma energia que não imaginava ter, sentou-se na cama, girou as pernas para a lateral, levantou-se e... caiu.

— Estou parálitica! — berrou, desesperada.

— O quê? — Michael, que passava perto da barraca, parou e enfiou a cabeça dentro.

— Michael! Minhas pernas estão adormecidas!

Ele a segurou pelos braços e recolocou sobre a cama.

— Está na cama há quatro dias. Acho que o problema tem mais a ver com falta de alimentação do que com a doença ou o ferimento.

M. J. olhou pela fresta na porta de lona e viu um dos canoeiros carregando o equipamento de Michael pela clareira.

— Está de partida?

Ela parecia tão desamparada que ele não resistiu e beijou-a na testa.

— Só por dois dias e uma noite. Estaremos de volta amanhã no fim da tarde.

Ela lhe agarrou o braço.

— Promete?

— Sim, garotinha. — Ele a beijou sonoramente nos lábios e afastou do rosto uma mecha de cabelos úmidos devido ao suor causado pela febre. — Prometo.

Travis entrou na barraca, viu Michael abraçando M. J. e estacou. Ela enrubesceu. Michael sorriu. Travis recuou.

— Travis! — chamou M. J. — Não saia sem dizer adeus ou bom dia. — Qualquer coisa...

Sem perceber, levou a mão ao coração imaginando por que a partida dele a incomodava tanto quanto a de Michael. Talvez a explicação fosse simples: temia ficar na selva sozinha por uma noite. Num fato inédito, tornara-se dependente. E não só de um homem, mas de dois!

— Como está hoje? — indagou Travis, atentando ao rosto pálido. — Parece fraca.

— E como me sinto — confessou ela, estranhando o olhar de censura dele para Michael. — Eu caí. Michael me ajudou a levantar.

— Foi feio? — indagou ele, observando uma área descolorida no joelho.

M. J. esfregou o local, desejando escondê-lo. Era tudo de que Travis precisava... mais um motivo para reforçar sua determinação em mandá-la de volta.

— Não foi muito feio, não. Fiquei muito tempo deitada, as pernas estão fracas, acho. Logo me recupero, senhor.

— Vamos esperar que sim — replicou Travis, seco.

Ela sentia a cabeça latejando. Instintivamente, levou a mão à testa, mas lembrou-se do chefe e baixou o braço, forçando um sorriso.

— Eu disse a ela que precisava se alimentar — comentou Michael.

Travis assentiu.

— O cozinheiro fez um ensopado. Não está ruim. Não está bom também, mas vai ajudar. E tem suco em lata. — Travis fitou-a, avaliando os sinais vitais de longe.

— Quer ajuda para ir lá fora?

— Eu...

Travis vacilou. Percebeu que estava atento demais aos olhos azuis formidáveis de M. J. Desviou o rosto.

— Michael, ajude-a a se instalar. Vou mandar ligar o computador no gerador.
— Olhou para M. J., que tinha a expressão interrogativa, como se esperasse algo ruim. — Se você se sentir apta a trabalhar — esclareceu. — Estamos quatro dias...

— Atrasados — completou M. J. — Eu me lembro. — Minha culpa. Novamente. — Pode contar comigo, senhor.

Se Travis Kincaid sabia de algo naquele momento, era que não podia contar com M. J. Callahan. Arriscara o pescoço para

salvá-la porque ela não fora esperta o bastante para se agarrar à canoa quando passaram pela corredeira. Só por sorte a encontrara naquele redemoinho. Com isso, ela atrasara tanto o cronograma de trabalho que ele estava arriscado a perder a empresa por causa de sua ingenuidade.

Tinha vontade de estrangulá-la, chacoalhá-la com força a fim de enfiar algum juízo naquela cabeça. Mas nunca encostara a mão em outro ser humano e não começaria agora.

Travis pigarreou para aliviar a raiva e a frustração que se avolumava no peito. Eram emoções que não faziam bem a ninguém se reveladas. Eram emoções que ele enterrara anos antes, ao perder Blane e a outra empresa. Emoções que não tinham lugar em sua vida orientada aos negócios.

Foi difícil, mas respondeu:

— Ótimo. — E saiu.

Michael pousou o braço no ombro dela.

— Esse camarada tem o pior senso de adequação da terra — consolou, tomando-lhe o queixo delicado entre o indicador e o polegar. — Venha cá, você...

Beijou-a com ternura, compaixão e vontade.

Pelo beijo, M. J. soube que ele passara maus bocados preocupado com o que lhe aconteceria.

Ele continuou beijando. Apesar da fraqueza e do cansaço dela devido à febre, M. J. respondia com cada célula do corpo. Era como se ele a trouxesse de volta à vida.

— Oh, Michael... — Com um suspiro, retribuiu o beijo com ardor.

M. J. estava atônita com o desejo que sentia no coração, o desejo que lhe invadia o espírito. Sempre acreditara que o inconsciente criava um senso de imortalidade. Tinha a sensação de que dormira por um século.

— Você está de volta — sussurrou Michael, sedutor, deslizando a mão por baixo de sua blusa.

M. J. sentia os estímulos eróticos.

— Como a Bela Adormecida?

— Sim — respondeu ele,, forçando passagem com a língua, provocando o prazer em seu íntimo.

Ela o enlaçou ao pescoço e apertou o corpo contra o dele, enquanto suas línguas faziam amor. Sem pressa, Michael a

incitava a aproveitar a dança em ritmo lânguido. Ela memorizava seu sabor, a forma das paredes da boca, a sensação poderosa de tornarem-se um, de suas respirações se misturando.

Eram como um único ser, um ser perfeito concebido no amor.

Espantada com o encantamento que sentia, M. J. agradeceu a Deus o método engenhoso de mostrar aos humanos como entrar em contato com o divino.

Durante toda a vida, nunca entendera o entusiasmo da mãe ao falar de Sean Callahan, sempre com saudade e esperança no olhar. Para M. J., os homens eram todos iguais, exceto no vestir e na opção de carreira. Por esse motivo, optara por não se unir a nenhum. A simples idéia parecia loucura, uma perda de tempo. Convencera-se de que não precisava de atenções masculinas, de que não queria afeto. Considerava-se autônoma.

Agora, Michael lhe mostrava que não existia algo como a auto-suficiência, porque os humanos precisavam um do outro.

Michael precisava dela! A noção a atingiu como uma explosão, enfraquecendo-lhe as pernas. Não obstante, fortalecia seu coração... o bastante para dar uma chance a Michael, a si mesma.

Ele enterrou as mãos em seus cabelos, amparando-a, forçando-a a receber mais da paixão que se gerava como fogo entre eles. Não temia uma recusa. E ela jamais se cansaria de beijá-lo.

Rijo, ele se apoderou de um seio e esfregou o polegar contra o mamilo num movimento rítmico. M. J. estremeceu ante os estímulos de prazer carnal que ele lhe enviava.

Ele intensificou o beijo.

— Michael, por favor...

— Eu a quero... — A voz dele era grave, gutural, o rosnado de um felino antes do ataque.

Ansioso, Michael introduzia a língua na boca doce de mel repetidas vezes. Parecia determinado em seu propósito. Sabia exatamente o que fazia. E M. J. sentiu-se grata a todas as mulheres que lhe serviram de treino para aquele momento.

— Quero que sinta a minha falta enquanto eu não estiver, M. J. — Ele a fitou intensamente. — Muita falta.

Introduziu a língua em sua boca mais uma vez e beijou-a como um homem que acreditava que não retornaria. M. J. pressentiu o pensamento amargurado e uma lágrima lhe surgiu no canto do olho.

De repente, era como se estivesse sentada na canoa no lugar dele, vendo-o afundar nas águas turbulentas do rio, desaparecendo de sua vista e de seu alcance. E compreendeu o terror.

Agarrou-se aos ombros dele, esperando confortá-lo, ampará-lo, protegê-lo, porque iam se separar.

— Vou sentir sua falta — lamuriou-se, quando terminaram o beijo.

O olhar de Michael era exigente e intenso.

— Não sabe o quanto vou pensar em você. Não faz idéia. Apertou fortemente contra o peito.

M. J. fechou os olhos.

— Diga-me que sempre vai me querer assim — implorou ele. Ela ficou sem fala enquanto as palavras lhe alcançavam o

cerne dos ossos. Enquanto vivesse, nunca se esqueceria da aflição naquela voz, do desespero e da paixão naqueles beijos. M. J. permaneceu em silêncio, sentindo tudo o que podia, cônica de que as palavras eram inúteis.

— Diga — exigiu ele.

— Eu... não posso — sussurrou M. J.

Michael apoderou-se de seus lábios, clamando-a com ousadia mais uma vez.

— Eu a tenho comigo agora... Para sempre.

M. J. sentia as pálpebras pesadas de desejo. Só com muito esforço conseguiu abrir os olhos. Estava encantada por Hunter. Sentia-se fraca. Suas pernas pareciam de borracha, o raciocínio flutuava entre realidade e ilusão. Os beijos de Michael eram a droga mais potente que já experimentara.

— Você está bem? — indagou ele, os olhos muito claros, o sorriso indulgente e orgulhoso.

— Como consegue ficar tão lúcido num momento como este? — questionou M. J.

— Está enfeitiçada?

— Estou.

— Ótimo. Quero que sinta a minha falta. É importante. — Com um sorriso maldoso, Michael Hunter a soltou e deixou a barraca.

CAPÍTULO XVI

Cemitérios eram mais movimentados do que aquele acampamento, pensou M. J., diante do monitor de vídeo de seu microcomputador. Começara a trabalhar havia apenas uma hora, mas pareciam-lhe dias. Sentia pouca energia e a força de vontade apenas não bastava para animá-la.

Levantou-se do banquinho, foi até o fogão do acampamento, pegou a chaleira de água fervente para fazer mais chá. Foi quando ouviu um farfalhar de folhagens na beirada da clareira.

— Quem está aí?

Sua primeira idéia foi de que Michael retornara antes do planejado. Talvez tivessem decidido não passar a noite fora.

Deu uma olhada no acampamento. Os restos da fogueira da noite anterior amontoavam-se no centro. Duas cadeiras do-bráveis permaneciam onde Travis e Michael as tinham deixado.

Agli, um dos canoeiros, estava sentado e recostado no tronco de uma árvore enorme, tecendo o que parecia ser uma corda grossa de junco. Vegetação baixa, trepadeiras e capim invadiam a margem do rio a quinhentos metros dali. Copas de árvores altas cercavam a clareira por todos os lados, exceto ao norte, onde desapareciam por um intervalo e então recomeçavam. Tinha-se a estranha impressão de que pessoas haviam morado ali algum dia, cem anos antes, talvez. Sabia como a floresta devorava a madeira e pedras. Mesmo que alguém houvesse morado ali havia uma década, todas as evidências já teriam desaparecido.

Bolas, uma caravana podia ter passado por ali na semana anterior e ninguém nem desconfiaria disso.

Ante nova movimentação junto às plantas, M. J. ficou alerta. Com a pele arrepiada, prendeu a respiração e apurou a audição,

tentando distinguir diferentes frequências. Sentia-se uma predadora. Todos os instintos adormecidos de sua porção animal, herdados de eras passadas, desde o tempo dos dinossauros, explodiram. Era como se pudesse sentir o perigo através dos poros. Mesmo de olhos fechados, acreditava poder ver movimentos que nunca notara antes. O bando de garças perto do rio que levantava vôo com destreza, parecendo pipas ao sol. O cardume de peixes alimentando-se na superfície da água. Centenas de borboletas sobre a areia úmida ao longe.

O zunido irritante dos insetos a deixaria louca, não fosse o repelente. Felizmente, Travis não a obrigara a abrir mão dos produtos essenciais: repelente e filtro solar.

Mas nada poderia protegê-la da presença à espreita no meio da mata. Sentia algo, um raciocínio tomando forma, um plano de ataque.

Devido à adrenalina, sua mente se reduzia ao instinto, incapaz de discernir características humanas.

Querem me matar.

Ela sabia, sentia. Mas quem eram?

A visão não lhe servia para nada. A floresta era densa demais. Embora estivessem no meio da tarde, a luz filtrada pelas copas da árvore chegava fraca, dificultando a identificação de formas junto ao solo. Sabia, de ouvir histórias, como era fácil, mesmo para um nômade acostumado ao local, perder-se naquelas paragens. Longe do rio, a floresta podia engolir uma equipe de busca inteira, que diria uma mulher inexperiente como ela.

De repente, dava-se conta dos perigos mortais à espera de Travis e Michael na selva em que haviam se embrenhado. Pela primeira vez, temeu de verdade que eles não retornassem.

O ruído repetiu-se, mais fraco desta vez, como se um pé ou pata pisasse em galhos secos.

Tigres? Não, tigres são da Índia. Guepardos? Não, esses são da África. Macacos?

Suspirou. Repetia o mesmo erro, deixava a imaginação correr solta. Quase não havia risco de ataque de predadores junto ao rio. Michael ryio lhe afirmara que a maioria dos animais manteria distância do acampamento? Eles não queriam perturbá-la mais do que ela desejava tomar chá com eles.

Estreitou o olhar sobre o canoeiro.

— Agli?

Ele se levantou imediatamente e correu até ela.

— Si, senhorita? — Aguardou instruções ansioso.

— Ouviu alguma coisa? Será um animal? Ele piscou, confuso.

Ele devia ter ouvido, sim, pensou M. J. O problema era que ele entendia tanto inglês quanto ela espanhol. Tentou expressar despreocupação:

— Também. Nenhum problema.

Ele riu, assentiu freneticamente e voltou ao trabalho.

— Tanto esforço — resmungou M. J., tirando um saquinho de chá do saco plástico com zíper de dentro da bolsa.

Percebeu que, se tivesse qualquer dificuldade, não tinha como se comunicar com Agli. Como ele saberia se ela estava morrendo ou se só precisava de água para um banho?

Travis e Michael deixaram o canoeiro ali para defendê-la no caso de um ataque. Mas adiantaria? Uma onça a faria em tirinhas antes que Agli percebesse que havia algo errado.

Precisavam estabelecer um código de alerta, algum tipo de sinal especial que usariam em caso de emergência. Posicionou dois dedos junto à boca e assobiou alto.

Agli ergueu a cabeça e levantou-se num instante. Achevou-se preocupado.

— E, isso aí! — Ela tentou explicar: — Quando está perigosa, eu... — Então, assobiou novamente. Usou o pouco espanhol que sabia e Agli parecia compreender.

— Si! Si! — Ele sorriu e tentou imitar o assobio. Soprou e soprou, mas nada aconteceu. Parecia fascinado com a capacidade dela de emitir um som estridente o bastante para perturbar os pássaros.

— Não, assim — ensinou, posicionando os dedos corretamente sobre os lábios.

Nenhum progresso, mas Agli parecia determinado a aprender. O senso de humor o ajudava a continuar.

Uma hora depois, M. J. estava cansada só de ver Agli soprar. Ele finalmente emitiu um som que, embora não tão forte quanto o dela, melhoraria com o tempo.

Com sinais manuais e um espanhol precário, M. J. e Agli estabeleceram seu código. M. J. só esperava não ter que usar

seu novo "sistema de segurança". Embora arcaico, sabia que, sempre que percebesse algo estranho, ou tivesse uma sensação estranha, poderia comunicar ao canoeiro.

Finalmente, M. J. preparou o chá e instalou-se diante do computador.

— Quando Travis disse que estava atrasado quatro dias, não estava brincando — resmungou, ao se debruçar sobre a pilha de trabalho que o chefe lhe deixara.

No período em que ela estivera inconsciente, Travis e Michael aplicaram testes sísmicos tridimensionais preliminares. Agora, ela devia introduzir no computador os dados colhidos pelos equipamentos e analisá-los. As informações gravadas nos disquetes tinham que ser introduzidas corretamente no sistema, de modo a identificarem o melhor local para a perfuração. O problema era que mesmo a tarefa mais corriqueira a extenuava, enquanto os mapas geológicos pareciam dançar diante de seus olhos.

Seu raciocínio mostrava-se ineficaz como uma faca sem fio. Percebeu que não se lembrava nem do básico. Primeiro, uma lista atribuindo "pesos" na área, em busca das rochas contendo hidrocarbonetos, como argilas xistosas e calcários. Os mapas indicavam depósitos segundo as cores que ela atribuía... azul para argila, amarelo para calcáreo. O segundo passo era analisar os "reservatórios", os locais cuja topografia fora alterada por terremotos, tremores ou falhas. Camadas de arenito levavam a cor vermelha. Por último, havia o item "armadilhas", rochas porosas que retinham um petróleo que migrara de outras áreas. Pelo estudo, constatou que a área em questão apresentava um histórico geológico de intensa atividade tectônica e dobramentos.

M. J. sempre fora boa naquele tipo de serviço investigativo. Conseguira os mapas originais de 1930 da Royal Dutch Shell Oil e os copiara antes de partir de San Francisco. Travis tinha os mapas atuais.

Era vantagem poderem sondar perto de áreas já exploradas e, em alguns casos, até já sondadas. A diferença era que, antes da tecnologia tridimensional, tudo o que os geólogos tinham era um retrato bidimensional, um sistema de leituras verticais e horizontais, mas não na diagonal. Com a tecnologia tridimensional, as

cargas de dinamite enviavam ondas de choque para a terra; microfones captavam as ondas enquanto elas desciam e se refletiam nas várias camadas de rocha; noventa por cento das respostas ficavam gravadas. As ondas de choque entravam na terra em forma de cone, ultrapassando as camadas e refletindo-se num raio de trezentos e sessenta graus, como se houvesse milhares de microfones na terra, ouvindo todos os reflexos, coletando todas as informações possíveis.

M. J. entendia a nova tecnologia tridimensional como uma ferramenta que mapeava indireta e completamente o interior da terra, enquanto a bidimensional era como uma radiografia.

Na primeira porção do bloco que Travis e Michael foram explorar, vários poços de inspeção tinham sido abertos décadas antes e então abandonados. Travis e Michael realizavam uma tomografia cruzada entre os poços, instalando uma fonte de energia num e um microfone no outro para captar as ondas refletidas. A fonte de energia era uma explosão de dinamite. A comparação entre as ondas diretas e aquelas refletidas pelo solo permitiria o mapeamento do perfil do solo. Coletar os dados das explosões era a parte fácil. Difícil seria interpretar corretamente as propriedades e particularidades físicas da miríade de solos e composições possíveis.

Nesse ponto, entrava M. J. O sistema computacional sabia exatamente de onde vinham as ondas e os tempos de chegada, de acordo com os vários tipos de rocha. O trabalho de M. J. era determinar que densidades utilizar no sistema. As densidades produziram a imagem tridimensional do subsolo na tela do computador.

Ela comparava a velocidade das ondas nas formações rochosas e a aplicava às formações detectadas nas sondagens. Às vezes, surgia um veio ou canal. Medindo-se a variação das ondas e o comportamento delas, era possível saber se se tratava apenas de uma lâmina de petróleo. Podia não ser uma reserva grande o bastante que justificasse o gasto de milhões de dólares na perfuração de poços.

Introduziu a primeira massa de dados e começou a combinar as informações, mas os números pareciam dançar diante de seus olhos.

— Talvez sejam meus eletrólitos — murmurou, pressionando a parte superior do nariz. — Sinto-me tonta...

M. J. nunca usara óculos e sabia que não se tratava de um problema anatômico. Devia haver outro fator para aquela incapacidade. Fechou os olhos, esfregou a nuca e apertou os polegares atrás da cabeça.

— Um pouco de relaxamento e ficarei bem — convenceu-se, massageando mais um pouco a nuca. — Não sou um fardo. Sou um trunfo nesta expedição. — Apertou os dedos nas têmporas. — Sou um trunfo!

Cônsua da propriedade relaxante do chá, sorveu até a última gota e então girou a cabeça entre os ombros.

— Assim está melhor — murmurou a si mesma. Ao debruçar-se sobre a segunda massa de dados, de soslaio viu um homem camuflado de arbusto pular de trás de uma árvore para outra. — Ei, quem está aí? — Sentiu medo. — Não se esconda — alertou, sem se mostrar autoritária. — Eu vi você...

Levantou-se devagar do banquinho e sentiu as pernas bambas. Tudo o que devemos temer é o medo em si. Posicionou dois dedos junto à boca e assobiou. Não houve resposta. Nenhum assobio. Nada de Agli.

— Eu... eu vi alguma coisa. — Estreitou o olhar sobre a palmeira. Tudo parecia incrivelmente normal. Esfregou os olhos e olhou ao longe mais uma vez. Então, fitou a palmeira e riu nervosa. — Desisto. Não há ninguém aí.

A floresta estava em silêncio.

— Há? — gritou M. J., esperando assustar o homem, animal ou o que quer estivesse lá.

Ouvindo seus gritos, Agli levantou-se e assobiou. Não foi até ela, apenas assobiou novamente, como se soubesse como brincar.

— Ai! — Ela ergueu as mãos. — Ele não entende nada! — Dispensou-o e voltou ao trabalho. — Para que me deixaram esse canoeiro? — resmungou, voltando ao microcomputador.

Ainda sentia as pernas bambas. As imagens no monitor de vídeo pareciam ainda mais distorcidas, dobrando-se e rodando como desenho animado. Já não conseguia distinguir o real do irreal. Os sons pareciam provir de uma vitrola antiga e desajustada. A luz ambiente diminuiu e imaginou se já escurecia. Desmaiou e caiu, batendo a cabeça no chão.

Agli correu para M. J. repetindo o assobio, sem reparar na figura humana movendo-se atrás da seringueira.

Nem Agli nem M. J. viram uma bolsa ser aberta e uma jararaca, terrível víbora venenosa, deslizar pela relva em direção ao acampamento.

CAPÍTULO XVII

O sonho parecia curiosamente familiar, mas M. J. sabia que nunca o tivera antes. Estava na floresta e, depois, nas montanhas. Dois homens a acompanhavam, um de cabelos claros, como Michael, o outro moreno, como Travis. Acreditava estar apaixonada pelos dois. Subiam uma trilha precária num penhasco. Primeiro, pensou ser ela mesma; então, sabia ser outra pessoa. Mas a outra mulher era como ela mesma. Um pouco mais alta e mais magra, a pele não tão sensível ao sol. Mas por que usava uma saia de linho branca pouco prática com chapéu panamá combinando?

No sonho, tinha uma sensação de urgência, seguida de alarme. O homem moreno a ameaçava, mas ela não sabia por quê. Tentou defender sua posição, mas então ele se afastou. Ela sentia necessidade de se revelar, de admitir seu amor incontestável por ele. De algum modo, sabia que, se o fizesse, tudo ficaria bem.

No entanto, guardou seu amor para si.

Foi quando uma voz lhe chegou vindo de longe.

— Dorothy, olhe ao redor. Diga-me o que vê.

— Montanhas. Um desfiladeiro abaixo.

— Olhe para cima. Olhe para os lados. No sonho, M. J. tentou ver, mas era difícil.

— Há uma caverna do outro lado. Não, não é uma caverna, mas um palácio. Sim, vejo torres. E ouro! Oh, estou no paraíso! Nunca vi tanto ouro. Como será ter tanto ouro?

— Eu lhe darei tudo isso, Dorothy — afirmou a voz. De repente, ela sentiu medo.

— Eu não quero. Quero voltar para casa.

— Eu a levarei para casa — garantiu a voz. — Volte para mim.

De repente, a voz se dissipou e a discussão entre dois homens se intensificou. M. J. sentia como se caminhasse entre dois mundos... o real e o irreal, o céu e a terra.

O homem moreno aproximou-se do loiro e começou a gritar. De repente, atracaram-se como felinos selvagens.

— Não, parem! — gritou ela, mas os socos eram brutais, certos. Mortais.

Abalada, M. J. tentou deter a briga colocando-se entre eles.

— Parem agora!

Levou um soco no queixo e caiu para trás. Viu a borda do penhasco e o desfiladeiro abaixo enquanto tentava se reequilibrar. Sentiu pânico e terror.

— Socorro!

Agitou os braços, prestes a cair. Sentiu uma corrente de ar vindo do desfiladeiro e pairou no ar por um segundo. Então, nutro golpe de vento forte e foi empurrada para trás.

Viu-se lançada no espaço.

Vou morrer!

M. J. lembrou-se da sensação, exatamente como nos sonhos febris.

Era um sonho, não era?

Estendeu a mão e agarrou-se a uma pedra protuberante.

Não, é verdade.

Cortou a mão na pedra. A dor propagou-se pelo braço. O sangue escorria pelos dedos, tornando a rocha pegajosa e escorregadia.

Ouviu a si mesma chamando o homem pelo nome, mas, quando se forçou a lembrar do nome, não conseguiu.

Felizmente. É um sonho.

O sol apareceu de repente. Atingiu seus olhos, cegando-a. Não conseguia ver os dois homens lá em cima.

Não, não era o sol, mas o reflexo de todo aquele ouro. Das paredes de ouro. Da cidade de ouro.

— Dorothy! — chamaram-na novamente.

A mão escorregou. Gritou o nome do homem novamente. O loiro aproximou-se da borda do penhasco e tentou agarrá-la. Kle tentava salvá-la, mas por quê? Amava-a? Arriscava a própria vida para resgatá-la. Estranho, mas não imaginara que ele fosse tão nobre. Se bem que ele nunca tivera uma oportunidade de mostrar sua coragem.

Até aquele momento.

— Socorro! — gritou e, ao fazê-lo, sentiu que acordava. Sabia que estava dormindo, mas o destino daquelas pessoas,

de seu outro eu, a prendia àquele mundo perdido. O vento agitou os cabelos loiros dele.

— Rápido! — Ele estava aflito para salvá-la.

Ela se esforçava para segurar a mão dele, quando o homem moreno aproximou-se também. M. J. sabia que, por mais que vivesse, jamais se esqueceria do olhar demoníaco. Não se tratava de um ser humano, mas de uma criatura possuída pela necessidade de cometer o mal. Ele perdera toda a capacidade de amar.

Mal ela completara o raciocínio, o homem moreno empurrou o homem loiro para o desfiladeiro, e a ela também. Ainda fitou o algoz. A expressão demoníaca a aterrorizou enquanto caía. Apertou a mão do homem loiro, sentindo que ele precisava mais de sua força do que ela da dele.

Não sentiu o chão aproximando-se. Estava ciente da morte bem antes do impacto.

Viu-se flutuando para fora do corpo e a essência do homem loiro abandonando o corpo, também. Suas almas fizeram um pacto, de nunca mais deixar a terra zangados.

— Dorothy? — chamou uma voz. — Dorothy? Devagar, M. J. abriu os olhos.

— Dorothy, você voltou — declarou a voz de ancião, quando M. J. despertou completamente.

— Onde estou? — Ela observou os vultos esbranquiçados acima. Sempre achei que o paraíso seria branco.

Sombras moviam-se para dentro e para fora dos vultos brancos do mosquiteiro que a envolvia. Ela enxergava, mas não conseguia pensar direito.

A voz respondeu:

— Na sua barraca. Aqueles seus jovens colegas não sabem como cuidar de você?

M. J. levou a mão à testa.

— Sinto-me péssima. Pensei que estivesse morrendo. Tive febre novamente? Ainda?

Por quanto tempo dormi? Quanto daquele sonho foi real? Ele esteve aqui antes ou ainda é a primeira vez? Travis e Michael não estavam no acampamento? Ensinei Agli a assobiar ou isso foi parte da fantasia?

Tentou se sentar, mas caiu pesadamente na posição horizontal.

— Não tão rápido, Dorothy.

Eu estava certa, ainda estou sonhando. As pessoas me chamam de Dorothy. Mas talvez isto seja a realidade e minha vida como M. J. é que seja sonho.

Sentiu um cheiro de ervas e sabia que estava na floresta, não numa montanha. E a voz era de Uma, o velho curandeiro.

— Você voltou...

— Sempre estarei com você, Dorothy. — Ele se achegou. — Você viu aquilo novamente, não viu?

— O quê?

— A cidade, a cidade de ouro!

Ela meneou a cabeça. Tudo estava nebuloso.

— Não vi cidade nenhuma. Uma pareceu desapontado.

— Oh, pensei tê-la ouvido falar sobre a cidade em seu sono.

— Não sei do que está falando.

Ele sorriu como uma criança travessa.

— Você falou bastante... e deu descrições. Esforçando-se, ela sorriu e umedeceu os lábios.

— Porque tenho uma ótima imaginação e excelente domínio verbal.

Ele lhe afastou uma mecha de cabelos úmidos do rosto.

— Acho que é porque você estava revivendo o fato.

O olhar dele era de espanto. Ela se viu hipnotizada, sonolenta. Ele a balançou.

— Não. Não faça isso. Está na hora de acordar.

— Estou cansada...

— Depois. — Ele bateu em sua mão e massageou o braço. — Vamos. Muito bem. Abra esses seus belos olhos.

M. J. precisou se orientar.

— Que horas são? Que dia é hoje? — Conseguiu se sentar. Uma pousou a mão em seu ombro.

— Não tão rápido. Você precisa se alimentar antes de voltar ao trabalho, ou continuará desmaiando. Da próxima vez, vai acabar abrindo o ferimento na perna e eu terei que começar tudo de novo.

— Desmaio? — Então, ela estava sonhando.

— Sim. *.-.

Ela o fitou, confusa, e então se lembrou dos sons entre os arbustos que a assustaram.

- Como sabe que eu estava trabalhando? H,
- Vi os papéis caídos no chão ao seu redor.
- Você estava me observando — acusou ela. Ele sorriu sem jeito.
- Eu lhe disse. Sempre estou por perto.

Ela percebeu que ele gostava de fazer jogos. Seus comentários não eram bem o que pareciam. Seu trabalho era desvendar o mistério.

- Quão perto? — questionou, sonolenta.

— Ora, eu sou Uma — ufanou-se o curandeiro. Ela sentiu força em seu sangue irlandês.

— Você não é Deus. É um homem! — Tocou-o no tórax, não apenas para reforçar a declaração, mas para se certificar. — Está vendo? É carne e osso. Você não é nenhuma aparição ou fantasma. Não pode me assustar, como faz com Agli. Ele não foi com Travis porque tem medo de fantasmas. Sei só de olhar para ele. Agli adorou poder ficar aqui comigo.

— A maioria dos nativos tem medo da floresta... e dos seres que vagueiam por ela.

— Seres? Não há mais ninguém aqui além de mim e de . você. Diga, o que fez com Agli? — Ela posicionou os dedos nos lábios e assobiou.

- Ele não virá.

- Você o matou?

Ele ergueu o sobrolho e riu.

- Ora, não. Só lhe dei um pouco do seu chá.

— Meu chá? — Ela umedeceu os lábios e raciocinou. Arregalou os olhos ao entender. — Você me envenenou! — Tentou se levantar, mas ele a segurou.

- Ora, não leve a mal.

— Você é louco? — Ela se debateu, mas ele tinha o dobro de seu tamanho e força. — Está tentando me matar.

Ele a soltou. Com o impulso, ela derrubou a cama e caiu de lado.

— Ótimo, faça como quiser — resignou-se o curandeiro. Ergueu o mosquitoeiro e foi para os fundos da barraca.

- Por que não usa a porta? — desdenhou ela.

- É muito civilizado — resmungou ele.

— Pare! — Ela bateu os punhos no chão e suspirou. — Está bem. Você não está tentando me matar. O que está tentando fazer, então?

— Salvar a sua vida, por exemplo. Talvez se descansasse, como recomendei, eu não tivesse tido que colocar sonífero na sua água.

— Na minha água e não no chá?

— Todos os outros bebem água do pote. Você usa essas garrafas engraçadas com tampas cor-de-rosa.

— Cantil de esporte — corrigiu ela. — São ótimas durante minhas corridas.

— Corridas. — Ele meneou a cabeça. Ela suspirou cansada.

— Isto não está nos levando a lugar algum. — Levantou-se, mas bem devagar e com muito, muito cuidado. Respirou fundo e juntou forças. Pousou as mãos nos quadris. — Quero saber por quanto tempo ficou me observando.

Ele ficou muito sério ao responder:

— Ouvi o chamado de Agli. Ele tem um apito que soa bem melhor que o assobio. Você estava desmaiada quando cheguei.

— Então, você não estava aqui quando eu ouvi aquele barulho. — Ela apontou para a porta da barraca.

— Barulho?

Ela gostaria que ele não a olhasse como se estivesse louca. Sabia muito bem que o que dizia não fazia sentido. Que havia de sensato em estar na floresta amazônica, em primeiro lugar?

— Por que não ouvi Claire? Ele deu de ombros.

— Está além de mim. Eu preciso ir. Outros precisam de mim.

— Está mentindo — acusou ela, como se uma revelação incrível lhe ocorresse.

— Mentindo? — Ele a encarou.

— Sim, havia uma dureza na sua voz que nunca percebi antes. Ele se aproximou.

— Tem certeza?

Ela sentiu frio

— O que quer dizer?

— Você é inteligente demais para agir levianamente. Você fala ao dormir. Eu sei sobre os seus pesadelos. Na verdade,

tenho a habilidade de estar nos pesadelos com você. Quer saber o que significam?

— Quais?

— Aquele no penhasco, no qual você estava morrendo.

— Eu disse isso? — Ela o encarou, confusa.

— Eu estava lá, lembra-se? O que mais viu no sonho?

— Um penhasco. Montanhas. Mas era como um filme antigo. Eu faço isso às vezes... me coloco no papel de Bette Davis em preto-e-branco. Claire diz que é o resultado de uma imaginação muito fértil. Eu digo que é um dos meus muitos talentos. Eu queria ser atriz quando criança.

Uma esfregou a barba por fazer.

— Não reconheceu ninguém no sonho? — Inclinou-se, atento a sua expressão.

M. J. não sabia o que lhe acontecera. Era como se interruptores em seu cérebro fossem acionados e sua vida tomasse outro rumo. Os olhos de Uma eram os mesmos do homem no sonho, o homem que a matara!

— Nããããoooooooo! Ele lhe tapou a boca.

— Não! Vai acordar Agli!

— Era o que eu queria! — protestou ela, desvencilhando-se. Respirou fundo para se acalmar. — Está bem. Não vou ficar histérica.

— Felizmente.

— Sei sobre a terapia do sono. Sei que o meu subconsciente trabalha assuntos de meu consciente mental e emocional. Meus sonhos são muito simbólicos. Às vezes, espanto-me com o funcionamento do meu cérebro. Percebo que só estava liberando minhas frustrações e medos. O fato de você estar lá é até natural. Você veio para simbolizar a vida e a morte para mim, trazendo-me a cura e tudo o mais.

— Entendo.

Ela cruzou os braços e observou-o enquanto ele se sentava num banquinho. Só então ponderou sobre um comentário anterior dele.

— Espere um pouco. O que quis dizer com "estava no pesadelo comigo"?

— Exatamente isso. Eu estava na sua mente, nos seus pensamentos. Eu estava tendo o sonho com você.

— Isso é impossível.

Ele sorriu condescendente.

- Você não sabe muito, sabe? Ela ficou boquiaberta.
- Está sendo melodramático. Ele revirou os olhos.
- Veja quem está falando.

Como ele fazia isso? Como conhecia sua alma, seu passado, sem que ela tivesse lhe contado? Como se explicava que pudesse entrar e sair do acampamento sem ser notado? E como exatamente ele sabia quando devia se reaproximar dela? Como ficara sabendo que ela desmaiaria?

M. J. concluiu que era ele a pessoa que ouvira em meio aos arbustos antes de desmaiar. Mas não podia provar, e ele sabia disso. Uma brincava de gato e rato, mas ela não sabia por quê.

— Deve ser bem chato aqui na selva. Nada para fazer. Nenhuma distração — comentou, desejando provocá-lo.

— Você não me conhece.

— Não, mas estou tentando. — Ela dobrou os joelhos até o peito, abraçando-os. Apoiou o queixo e o fitou. — Aí vai um trato. Você pára de mentir e eu calo a boca.

Ele lançou a cabeça para trás e riu.

— Você é uma sirigaita.

— Essa palavra é boa — declarou ela, rindo também.

De repente, ele deixou de sorrir. No olhar surgiu aquela expressão de dor que ela se lembrava de ter visto na primeira vez.

— É do meu tempo — justificou ele, bem-humorado.

— Usava sirigaita para descrever uma garota das selvas?

— Oh, eu não morava aqui nessa época.

— E quando foi?

— Em 1929. Não, 1930, acho. Não tenho certeza. — O olhar distante dele indicava sinceridade. — Morei em Nova York e na Califórnia.

— Jura? Onde na Califórnia?

— Em Los Angeles. Adoro a cidade. Estrelas de cinema, carros esportivos... e torres de madeira de poços de petróleo alinhados contra o pôr-do-sol.

— Faz tempo que não vai lá, não é?

— Sim... — Ele esfregou o queixo. — Faz algum tempo.

— O que você fazia?

— O mesmo que agora, curava. Ela ergueu o queixo.

— Mas o que aconteceu? Largou a faculdade de medicina ou algo assim? Não se deu bem na América do Norte e resolveu vir para cá?

— Algo assim — declarou ele, evasivo.

M. J. tinha a impressão de que não havia nada de paternal em seus pensamentos.

— O que foi?

— Você é mais bonita do que eu me lembrava — comentou ele, tristonho, como se não estivesse realmente ali com ela, mas em outro lugar. Em outro tempo.

— Foi ontem, não posso ter mudado tanto em um dia. Além disso, eu estava doente...

Ele se recompôs e pigarreou. Então, apoiou-se nos joelhos e começou a se levantar.

— Preciso ir.

— Que tipo de cura?

— Como?

— Que tipo de cura você ministrava na Califórnia?

— Trabalhei com muitas substâncias naturais... laranjas, limões, morangos.

— Para realizar curas? — M. J. notou que ele se constrangia ante sua curiosidade. Só queria conhecer aquele ancião.

— Era só um hobby na época. Constatei que certos aromas ativavam a memória das pessoas. Idiota, concluí que, que se conseguíssemos destrancar nosso passado, poderíamos descobrir a base de nossas inibições. Freud ganhava notoriedade nessa época. Carl Jung também. As pessoas liam sobre seus trabalhos e as conjecturas eram tema de discussões em coquetéis dos quais eu participava. Eu achava tudo bobagem. Era muito insensível.

Ele ficou mais pensativo e continuou:

— Entretanto, nessas mesmas festas observei que a comida os aromas sempre faziam as pessoas recordar. Uma torta de abóbora fez alguém se lembrar de um Natal com a avó, outro se lembrou de uma briga em família e outro, de um funeral. A mesma torta de abóbora podia ser a Meca de um e a liberdade de outro. Assim, continuei experimentando com minhas descobertas e percebi que motivadores

alimentares, como os chamei, podiam superar algumas barreiras psicológicas. Quando as pessoas se confrontavam com seus demônios, os medos desapareciam. Misturei laranjas com canela e temperos diferentes, peguei um ou dois porquinhos-da-índia e comecei a destruir demônios.

— Então, alguém me chamou de charlatão. Isso chegou aos jornais e eu tive que sair da cidade. Fui para o Leste, estudei mais, informei-me. Acabei vindo para cá e aprendi sozinho a curar o corpo, bem como a mente, e nunca olhei para trás.

— Até agora — observou ela. Ele sorriu.

— Até agora.

— E os nativos pensam que você tem poderes mágicos? Ele riu.

— Está brincando? Eles pensam que sou Deus. O Deus deles, Uma.

— Mas é uma espécie de delírio coletivo que você mesmo está perpetuando! Ele riu.

— Sim, suponho que sim. Mas eu ajudo as pessoas. Vou continuar ajudando até morrer.

Ele tirou do bolso do short uma bela orquídea.

— Isto é para você. Achei que gostaria, porque o centro tem um rosa especial.

Ela aceitou.

— E linda. — Sorveu o aroma. — Adoro orquídeas. Elas me lembram...

— Baunilha — completou ele.

— Sim! Como sabia?

— Eu sei.

— Mas como?

— Apenas sei.

— Você é telepata?

— Como?

— Consegue ler a mente — traduziu M. J., já crente nisso. Ele sorriu malicioso.

— Você é irlandês, também?

— Galés, na verdade — esclareceu ele, e levantou-se. — Acho que basta por hoje. Quero que descanse.

Ela olhou para o computador.

— Mas o meu trabalho...

— Pode esperar até amanhã. Ou até a semana que vem, portanto.

— Acho que não. Tenho que acabar tudo até amanhã à tarde, antes que eles voltem.

— Eles voltam tão cedo? — questionou ele.

— Acho que sim.

— Não conte com isso. Estamos na selva. Só conte com o inesperado — alertou ele.

Ela estremeceu. Ele parecia lúgubre.

— Espero que não se afaste muito.

— Com isso você pode contar — assegurou ele. — Agora, descanse.

— Está bem. Mas sob uma condição — disse ela. — Que me responda uma pergunta. Você lê os pensamentos?

Ele se aproximou e tocou-a no rosto. O brilho nos olhos era tão intenso que, de repente, ele não era mais um velho, mas um jovem cheio de vida e promessas.

— Posso fazer bem mais que isso.

— Por exemplo?

— Adoro sua vontade de aprender, minha querida. Mas tudo •; a seu tempo.

— Ele passou o dedo na linha do rosto e segurou o queixo, como Michael fizera antes de beijá-la.

M. J. não entendeu o que aconteceu naquele momento, mas foi como ser transportada a outra época ou dimensão. Ele era jovem e bonito. Vestia um smoking com camisa engomada branca e gravata borboleta preta. Os cabelos eram negros, assim como os olhos. Só as emoções eram centenas de vezes mais exigentes.

Ele estava apaixonado por ela e não havia nada de paternal no sentimento, no olhar. Revelava um sentimento possessivo e muita emoção.

M. J. tinha a impressão de que o conhecia desde o começo das eras. Confiava nele, amava-o. Ele era o mestre, e ela, a pupila. Ele lia seus pensamentos e as palavras no coração que ela jamais pronunciaria.

Ele lhe entregou uma orquídea.

O perfume de baunilha tomou conta do ambiente. O hálito dele era de baunilha. Tudo ao redor pareceu ficar embaçado.

Tão rápido quanto veio, a visão desapareceu.

— Ensinarei mais amanhã — avisou ele. M. J. piscou, esgotada.

— Quanto tempo até o efeito passar? — indagou, abrindo os olhos.

Mas Uma já partira.

Será um mágico ou uma fantasia, como Travis e Michael disseram?

Então, pensou em Martita, na história sobre petróleo, ouro e morte.

Sentindo dor de cabeça, procurou aspirinas na bolsa para aliviar a dor. Pegou o cantil de esporte e encheu a boca com água, lembrando-se só depois de engolir que o líquido continha sonífero.

— Maldito!

Enxugou a boca com as costas da mão, saiu da barraca e esvaziou o cantil. Olhou para cima e percebeu que escurecera.

De algum modo, conseguira sobreviver ao primeiro dia sem Michael e Travis.

De algum modo, cruzara as barreiras do tempo e participara das lembranças de Uma quando jovem. Que feitiço ele lançara para conseguir aquilo e por que a relacionava a suas experiências? E por que ele continuava chamando-a de Dorothy?

A resposta era simples ou seria algo mais sinistro? Ele envenenara sua bebida? Dera-lhe um alucinógeno?

Seria possível que nunca tivesse tido febre em primeiro lugar? Talvez aquele velho sinistro a tivesse drogado, induzido a um sonho com itens aterradores para que ela duvidasse da própria sanidade.

Entretanto, como podia ser tão gentil e doce com ela? Como ele adivinhara que devia trazer uma orquídea? Não tivera como saber que orquídeas eram suas flores favoritas.

M. J. parou de pensar no passado e concentrou-se no presente.

Uma era mais que diferente, mais que especial. E sabia demais sobre ela. Como se pudesse ler mais do que os pensamentos.

Como era possível um velho ermitão perdido no meio da floresta amazônica saber tanto sobre ela?

— Eu só sou M. J. Callahan! — protestou.

Fitou a escuridão durante horas. Não viu, nem ouviu, a jararaca rastejar para dentro de sua barraca.

A cobra não procurava presa ou alimento. Satisfizera-se naquela tarde com um roedor e só queria um lugar para descansar. Desde que ninguém» a incomodasse,

não incomodaria ninguém. Mas uma jararaca sabia de uma coisa acima de tudo... seu hábitat na floresta era um lugar onde todos dormiam com um olho aberto.

Ele esteve aqui! Veja, ele me deu esta flor. Michael parecia abatido, como se não tivesse dormido bem. Travis concentrava-se em dar um telefonema e nem ouvia o que M. J. dizia.

— Estou dizendo que Uma é uma pessoa de verdade — insistia ela, sem convencer, passando a murmurar ao perceber que ninguém lhe dava atenção.

Michael foi até a pilha de análises e dados que M. J. imprimira.

— Você fez todas as simulações?

— Não estava com sono — respondeu ela, e deixou a orquídea na mesa. Pela primeira vez, decepçionava-se com Michael.

Ele começou a vasculhar os relatórios.

— Bom trabalho.

— Você parece surpreso. Ele a fitou.

— Não estou. — Continuou lendo.

Travis encerrou o telefonema para Houston.

— Como se sente? — indagou a M. J., examinando-a como a um inseto.

— Ótima, senhor — respondeu ela, olhando para Michael e imaginando por que ele se mostrava tão desinteressado em relação a ela. Esperara abraços exuberantes e ao menos um beijo de reencontro.

Ela se lembrou de cenas de reunião em velhos filmes. Não correram um para os braços do outro, não trocaram um beijo só de tirar o fôlego... nada. Michael só enxergava o trabalho que ela fizera.

— O que aconteceu lá? — indagou M. J. Michael ainda não a encarava.

— Nada. — Baixou os papéis. — Nadinha.

— Eu... eu senti a sua falta — sussurrou ela.

— E? — Finalmente, ele a fitou, mas só de soslaio. — Que bom.

Foi quando ela viu... a desilusão.

Michael usava as mesmas roupas de quando partira. Os cabelos, rosto, a altura pareciam as mesmas. Mas ele mudara. Não era a mesma pessoa.

Ele avaliou mais papéis, mais cálculos, como se esperasse encontrar um dado perdido. Ela notou que ele estava trêmulo e passava a mão nos cabelos, nervoso.

M. J. ativou o instinto. Havia algo errado. Acontecera algo lá, ou não acontecera. Michael agia como se seus planos, fossem quais fossem, houvessem malogrado.

E algo lhe dizia que não tinha a ver com ela particularmente, que ela era só parte daquilo.

Mas o quê? Parte do quê?

— Michael, se me disser o que está procurando, eu poderia ajudá-lo.

— Não estou procurando nada — retrucou ele, largando a pilha de folhas de um jeito frustrado.

— Claro que está. — Ela sorriu, gentil.

Ele enxugou as mãos no short, como se estivessem suadas de nervosismo.

— Claro que não. Estava só verificando. — A risada dele saiu forçada.

Ele está mentindo.

Mas por quê?

Michael avistou um mapa aberto sobre um banquinho. Pegou-o.

— Planejando ir para a Colômbia? Foi a vez dela de rir nervosamente.

Está reagindo mal, M. J. Não é ele que se mostra distante, mas você. Ele não sabe se pode confiar em você. M. J. pegou o mapa.

— Eu só o estudava. Só isso. Procurava desfiladeiros, passagens interessantes. Coisas assim.

— Por quê?

Apareceram no meu sonho.

— Quando partirmos daqui, pensei que seria divertido fotografar essas montanhas fabulosas... — explicou, vaga. — Um dia.

Michael sorriu.

— Não sabia que se interessava por fotografia. Ela meneou a cabeça.

— Só uso câmeras descartáveis. Nunca me interessei por fotografia. Até agora.

— Entendo. — Ele a observou guardar o mapa.

M. J. queria contar a Michael tudo sobre o sonho, a passagem na montanha e as estranhas visões da cidade de ouro, mas sabia que ele a acharia louca.

Além disso, ele não parecia desejoso de seus beijos. Havia algo diferente entre eles.

— Não ligo a mínima para isso! — vociferou Travis ao telefone, arrancando M. J. de seus pensamentos.

Ela olhou para o chefe. Imagino se o sr. Kincaid está por trás da mudança no comportamento de Michael. Quanto do relacionamento entre ela e o sócio ele vira antes de os dois partirem?

Travis desaprovava seu romance com Michael. Até a alertara. Talvez houvesse repreendido Michael também. Talvez houvesse ordenado ao sócio que se afastasse dela. Nesse caso, obviamente, Michael acataria.

Tinha que ser isso. Não enxergava outro motivo para a indiferença repentina de Michael.

M. J. sentiu um golpe no coração. Não podia acreditar que Michael não se sentisse mais atraído por ela. Não quando ela só pensava em ficar com ele. E, claro, no beijo dele.

Entretanto, não se faria de idiota. Precisava proteger o coração. Se Michael estava distante, ela poderia agir com mais desprendimento ainda.

— Você fez mais do que eu imaginava — comentou Travis, após desligar o telefone.

— Disse que estavam quatro dias atrasados por minha causa — justificou M. J.

— Por causa do acidente — corrigiu o chefe.

— Foi o que eu quis dizer — respondeu ela, indo até o computador. Organizou o resultado da última simulação.

— O que é isso? — indagou Travis, apontando para a tela.

— Um projeto xodó — declarou ela. Ele sorriu um pouco.

— No meu tempo?

— É para você. — M. J. retirou a primeira batelada de folhas da impressora. — Resolvi investigar sobre alguns campos antigos que foram explorados.

— É? — Ele pegou o relatório. — Quais?

— Panacochi. Venturi.

Michael e Travis entreolharam-se.

— Eu não disse nada — defendeu-se o primeiro.

Travis estreitou o olhar enquanto avaliava o relatório. Foi à última página, olhou os números finais e concluiu: -^ Você andou vendo meus arquivos. M. J. ficou boquiaberta.

— Não sou ladra, sr. Kincaid. Eu nem sabia que estava interessado nesses campos. Muitos desses setores estão abandonados há anos e qualquer um com cérebro perceberia que isso os torna ainda mais tentadores. Esta tecnologia poderia fazer fortuna só com esses dois blocos.

— Eu sei. Mas tenho de chegar primeiro. Tenho de colocar a marca primeiro.

— Por que essa corrida contra o tempo? — questionou M. J.

— Política — explicou o chefe. — O presidente levou o país à bancarrota reservando para si cerca de dois bilhões de dólares numa conta no Panamá. Um país pequeno como este não agüenta uma perda desse tamanho sem passar dificuldade. As pessoas estão desesperadas, não há dinheiro, a menos que o atual governo consiga à maneira antiga... através de alianças estratégicas. Estão num processo de privatização de empresas estatais. E um "tem para todos" aqui e eu estou brigando com empresas grandes. Entretanto, a questão de verdade não é o petróleo em si.

— Qual é? — indagou ela.

— É atingir o ponto crítico. Se o petróleo não for extraído logo, vai ferver e virar gás. Aí, ninguém vai receber a remuneração prevista em contrato.

— Não sabia disso* — murmurou M. J.

— Só tenho três meses para encontrar um campo viável e cumprir a minha parte no contrato de risco.

— Não admira ser importante para você — reconheceu M. J., respeitosa. — Senhor, peço desculpas por ter colocado a expedição em perigo — declarou, sincera. Então, pegou a orquídea que Uma lhe dera e enfiou-a no bolso da camisa. Vendo o gesto, Travis indagou:

— Acha mesmo que Uma esteve aqui?

Ela o encarou. O chefe aceitara seu pedido de desculpa, mas jamais o admitiria verbalmente. Aquele era seu jeito de dizer que eram iguais, que ele a respeitava. Tratava-se do maior passo já dado por ambos.

M. J. disse a verdade:

— Senhor, não estou certa. Michael ficou boquiaberto.

— O que há com você, M. J.? Ou ele esteve ou não esteve.

— Na verdade, estou em dúvida quanto a minha capacidade de discernir o que aconteceu. Lembro-me de ter desmaiado...

— Desmaiado? — repetiram Travis e Michael, ao mesmo tempo. Ela assentiu.

— Não sei bem por quê. Acho que bebi algo contaminado
— conjecturou, desejando disfarçar a culpa enquanto separava a verdade da impressão. — Tive pesadelos terríveis. Sonhei que estava morrendo...

Michael aproximou-se e abraçou-a.

— Desculpe-me, M. J. Eu não fazia idéia.

Ela desconfiou da atitude. Minutos antes, Michael a tratara com solene desprezo. Agora, abraçava-a. Ante a expressão amuada: do chefe, considerou que Michael talvez quisesse confortá-la mais para provocar Travis do que por se importar com ela.

Esses dois são mais perigosos do que a floresta! E, para piorar tudo, eu realmente desejo que alguém me abrace.

— Você estava no meu pesadelo, Michael. Pelo menos, acho que era você. E Travis, também. Bem, o homem tinha cabelos pretos como os dele, ao menos. Você tentou me salvar, Michael, mas eu caí.

— Caiu?

— Sim, num penhasco. Ele a estreitou.

— Você está trêmula. Deve ter sido um sonho muito ruim.

— Foi — choramingou M. J., tomada de medo novamente.

— Parecia tão real. Eu podia sentir todos os aromas. Sentir o vento. A dor... meu sangue. E lembro-me de ficar cega com o brilho dourado.

— Que brilho dourado?

— De dentro da montanha. Lembro-me de pensar numa cidade perdida ou algo assim. Estávamos tão alto. Eu não acreditava que o paraíso estivesse além...

Travis prendeu a respiração.

— Quão alto?

— Havia um penhasco e um desfiladeiro abaixo. Eu caí do penhasco. — Ela olhou para o chefe e estremeceu. — Você nos empurrou.

— Eu sou o vilão? Ora, obrigado.

M. J. sentiu-se de novo no sonho ao fixar o olhar impassível de Travis.

— Nós morremos antes de chegar ao fundo do desfiladeiro. Michael afastou-se, segurou-a pelos ombros e avaliou-a.

— Foi só um sonho, M. J. Agora você está aqui conosco. Eu e Travis. Olhe ao redor. Não há montanha alguma num raio de quilômetros, mas, se houvesse e você precisasse de ajuda, eu a salvaria.

— Eu sei que sim, Michael. — Ela sorriu. Sentia o medo se esvaindo. — Já me sinto melhor.

— Ótimo. — Ele retribuiu o sorriso.

M. J. sorria, embora sentisse que algo estava errado. Então, percebeu que o sorriso de Michael não era tão terno quanto antes.

Seria sua imaginação fértil novamente? Ou estava tão encantada pelo charme de Michael que imaginara a sinceridade do beijo?

Travis desviou o olhar e pegou os mapas nos quais M. J. trabalhava.

— Você fez mais do que eu esperava — repetiu, ansioso por mudar de assunto.

M. J. apenas assentiu ao elogio, sabendo o quanto lhe custara ganhar a aprovação do chefe.

Michael soltou-a e rapidamente voltou aos relatórios. Dobrou o mapa das montanhas colombianas e pegou um tubo de papelão com os mapas geológicos que haviam trazido.

— Vou voltar. Agora. Travis olhou-o atônito.

— O quê? Deve estar tão exausto quanto «eu.

— O tempo urge. Você mesmo disse isso.

— Sim, mas isso é demais... Michael o interrompeu.

— Já disse que vou. Lá mesmo eu lhe disse que queria fazer mais sondagens, gravar mais dados. Mas você quis voltar. Desistimos muito cedo. Vou levar os canoieiros; só Agli fica aqui com você. Sou conhecido por mapear grandes áreas em pouco tempo.

— E perigoso demais, Michael. Quando M. J. estiver bem... Ela protestou:

— O que isso tem a ver comigo? Estou ótima. Posso viajar. Vamos lá! — O entusiasmo a fez esquecer-se do sonho ruim. Sentia uma energia interna brotando. Contribuíra de algum modo e estava quase inclinada a acreditar que era um trunfo para Travis.

Olhou para Michael. Ele mantinha a expressão fria, calculista, enquanto analisava os dados novos.

M. J. observou-o folhear as páginas, descartar algumas, escolher, sempre tão conhecedor. Deteve-se sobre o último mapa que ela traçara, com os resultados da última expedição de Travis, um mês antes. Havia uma preponderância de calcário e argila xistosa que ela acreditava ser o envoltório de uma grande quantidade de petróleo. Duas falhas na área eram fortes indicadores de que estavam perto.

Michael é bom, muito bom. Mas o que se passa na cabeça dele? Por que toda essa pressa? Não pode descansar por uma hora ou duas? Passar algum tempo comigo? Será que não quer ficar comigo? Está fugindo? Ou buscando algo? E por quê?

Michael percebeu que ela o observava. Sorriu e ela retribuiu o sorriso.

— Quero que seja examinada por um médico — decretou Travis.

— O quê? — M. J. encarou o chefe. — Não há um médico a dias de distância.

— Foi o que eu disse — respondeu Michael, ainda concentrado no resultado do trabalho de M. J.

Travis meneou a cabeça, intransigente, e olhou para o relógio.

— Na verdade, ele deve chegar em pouco mais de uma hora. M. J. levou a mão à testa.

— Não acredito que isto esteja acontecendo!

— Nem eu — resmungou Michael. M. J. olhava incrédula para o chefe.

— Vai fazer um médico vir de helicóptero até aqui? Michael riu.

— Pode apostar.

Travis sacou o telefone via satélite.

— Entrei em contato antes. Ele virá de Quito até Lago Agrio de avião e, então, Gustavo o fará embarcar numa canoa. O médico chegará aqui da mesma forma que chegamos.

— Passando pelas mesmas corredeiras? — questionou M. J.

— Trata-se de um amigo meu. Já descemos corredeiras na Costa Rica.

Raivosa, ela esticou o braço com o dedo indicador em riste.

— Sabe o que você é? Insuportável! Não vê que estou ótima? Sou a representação da saúde. Poderia até fazer comerciais de vitamina. Acabei todo esse trabalho e fiz mais algum. — Agarrou a pilha de papéis para enfatizar. — Poderia colocar uma mochila em cada braço e andar por quilômetros na floresta, carregar a

minha bagagem. — Encerrando, endireitou os ombros, mas lançou um olhar magoado ao chefe.

— E, se algo acontecer a você na floresta, seus pais vão me processar e eu volto à estaca zero — concluiu Travis, irritado.

— E disso que estamos falando? Dinheiro?

— Sim, é — confirmou ele, dando-lhe as costas.

— Nesse caso, não precisa se preocupar, porque meus pais estão mortos — informou M. J., baixando a voz um oitavo. Argumentaria mais, se a emoção não atrapalhasse.

Não planejava aquela defesa. Sentia como se houvesse enterrado a mãe naquela tarde e agora a dor a aniquilava. Não havia espaço para ódio. Seu coração estava despedaçado demais.

Travis percebeu a dor que infringira.

— Sendo assim, acho que o bom doutor terá feito a jornada por nada — comentou, sem graça. — Dando meia-volta, foi para sua barraca.

M. J. observou-o se afastar.

— Filho da mãe insensível.

Travis entrou na barraca e começou a vasculhar bolsas e mochilas.

— Preciso de um uísque. Uma boa dose. Rapidamente, vestiu uma camiseta limpa, camisa jeans e short... itens de luxo de seus dias em Quito.

— Onde está?

Encontrou a garrafa e sentou-se num banquinho. Podia ouvi-los lá fora... M. J. e Michael.

— Michael, por favor, não vá já. Você... você precisa descansar. Olhe para você! Está um trapo!

— Obrigado pelo incentivo, mas eu vou. Ponto final.

— Michael, precisamos conversar...

— Sobre o quê?

— O que aconteceu lá? Travis lhe disse algo sobre nós?

— Não. Não há nada a dizer.

— Isso não é racional. Pelo menos, alimente-se antes de partir.

- Não tenho tempo.
- O que você quer dizer é que não quer dar-se o tempo. Michael estacou.
- Está bem, não tenho tempo para ter tempo.

Travis não ouviu a resposta de Michael, pois os dois atravessaram o acampamento, mas percebera a sedução subliminar nos apelos de M. J.

Ela queria dormir com Michael.

Fazia tempo desde a última vez em que uma mulher se aproximara dele com aquela voz ronronante. Muito tempo.

Travis sorveu o uísque. Enxugou os lábios na manga da camisa e franziu o cenho.

- Por que parece mais gostoso em casa? Olhou para a garrafa.
- Casa... A quem estou tentando enganar? Tomou outro gole.

Olhando pela fresta na porta da barraca, viu M. J. ainda argumentando com Michael.

- Fique. Descanse, Michael — implorou ela., Michael estava irredutível:
- Preciso ir.
- Pois então vá — conformou-se ela, a voz trêmula com uma emoção que não queria sentir, que não queria que ninguém percebesse.

Travis soltou uma imprecação. M. J. o ouviu, sentiu seu olhar e voltou-se.

O chefe a olhava com dó.

Ela sabia que falhara em esconder a melancolia no olhar, em manter sua vulnerabilidade em segredo.

138

- Bolas — lamentou consigo mesma.
- Maldita — grunhiu Travis. Levantou-se, virou a garrafa bebeu mais. — Devia tê-la mandado de volta! — gritou.

Ela baixou o olhar e correu para sua barraca. Travis sentou-se no banquinho novamente.

- Vai acabar nos matando a todos.

Apagou a lanterna e contemplou a noite escura.

CAPÍTULO XIX

M. J. sentiu um arrepio na nuca. Era como se alguém andasse sobre sua sepultura ou a observasse.

Voltou-se para a barraca de Travis e o viu lá sentado, o olhar fulminante como um raio laser.

Encararam-se, notando a perturbação um do outro. Eram como morcegos se observando.

— Senhorita! — o grito de Agli veio da margem do rio, ultrapassou os arbustos cheios e invadiu o acampamento. — Medicaí es aqui!

Travis saiu da barraca e foi para o rio.

M. J. foi atrás, mas o chefe deu meia-volta e a mandou voltar.

— Fique! Você já se meteu em muita encrenca andando por aí.

— Andando? Mas quando eu...

— Vá! — vociferou ele.

— Está bem! — Ela cerrou os punhos ao longo do corpo, considerando oportuna a chegada do médico... quando já estava a ponto de estrangular Travis com as próprias mãos. O médico o declararia morto, assinaria a certidão de óbito, arrastaria o corpo de volta a Lago Agrio e ela poderia ter um pouco de paz de espírito. — Mal posso esperar para conhecê-lo.

Entrou na barraca e baixou o mosquiteiro ao redor de si. Cruzou os braços zangada enquanto batia o pé no chão. Ouviu Travis falando.

— Não sei como lhe agradecer por vir até aqui, Juan Carlos. Fiquei preocupado com a possibilidade de a infecção piorar...

Ao se aproximar da barraca, o médico passou a falar em inglês quase perfeito e M. J. entendeu que ele sem dúvida estudara nos Estados Unidos.

— Está brincando? Minha última aventura numa corredeira dessas me custou quatrocentos dólares. Mas não fique preocupado. Ainda vou cobrar. Preço integral.

Travis baixou a voz, mas M. J. ainda pôde ouvi-lo.

— Ela é minha funcionária. Eu sou o responsável. Entraram na barraca.

Juan Carlos era mais baixo do que Travis, mas acima da altura média dos equatorianos. Tinha olhos castanhos e a pele clara, saudável. Sorriu ao cumprimentá-la e ela se sentou no banquinho, sorrindo coquete. Olhou para o chefe e se divertiu com a ansiedade dele.

— Ah, já entendi por que está tão preocupado, Travis — provocou o médico amigo. — Se eu soubesse que estava escondendo uma flor tão bela na floresta...

Nervoso, Travis apertou a mão no ombro de Juan Carlos, incentivando-o a iniciar o exame.

— A perna, Juan Carlos... A piranha mordeu... — Travis inclinou-se e pegou o tornozelo de M. J., expondo-o à luz.

— Ai! Cuidado! — protestou ela, franzindo o cenho. Juan Carlos assentiu.

— Deixe que eu faço isso.

— Oh, sim. Claro. — Travis afastou-se. — Como eu lhe disse ao telefone, algum velho xamã andou por aqui e colocou uma pasta... lama... algo assim... no ferimento. Estou certo de que é a causa da vermelhidão. Acho que há veneno nisso.

Juan Carlos pressionou gentilmente a área ao redor do ferimento. Agachado, abriu a maleta de couro de crocodilo, tirou gaze esterilizada e álcool e limpou o local. — Não está infectado, Travis. Está sarando. A descoloração é parte do processo normal de recuperação.

— Tem certeza? — questionou Travis, apreensivo.

Pela primeira vez, M. J. notou que ele quase sorria. O chefe estava mesmo preocupado com ela? Vivia demonstrando o contrário. Mesmo assim, ela acreditava que Travis poderia ainda considerá-la mais do que uma responsabilidade da empresa.

— Esse xamã provavelmente salvou-lhe a vida — concluiu Juan Carlos.

— O nome dele é Uma — sussurrou M. J. ao médico, sentindo nele um aliado. Ele arregalou os olhos.

— A lenda de Uma?

— Ele mesmo.

— E um mito — desdenhou Travis. M. J. olhou-o pasma.

— Mas você disse... Travis interrompeu-a.

— O que você sabe sobre ele, Juan Carlos? O médico deu de ombros.

— Cresci ouvindo histórias a seu respeito. Que ele era imortal. Ora, há histórias sobre Uma de quase cem anos. Não, duzentos. Ele aparece do nada e some do mesmo jeito. Há uns cinqüenta anos, diziam que ele roubava dos ricos e dava aos pobres, além de exercer os poderes de cura. — Franziu o cenho. — E o tolo não cobra nada. Camaradas como ele podem me tirar do negócio. Ha! — Rindo, bateu no joelho.

— Então, não sabe quem é esse camarada? — indagou Travis.

— Claro que sei.

— Quem? — indagaram Travis e M. J., ao mesmo tempo.

— Ele é Uma. De onde ele veio, não sei. Francamente, ninguém que eu conheço já o viu em carne e osso. Então, concluí que era apenas uma história, uma lenda para assustar os nativos incultos da floresta.

— Mas ele é gentil. Talvez queira atrair as pessoas — conjecturou M. J.

Travis lançou-lhe um olhar severo.

— Para quê?

— Talvez se sinta solitário — ponderou ela. Sabia que não era hora de comentar sobre o sonífero que ele colocara em sua água. Não apresentara seqüelas. Nem Agli. Então, que mal havia?

Juan Carlos e Travis riram.

— Pouco provável! — disse o médico. Travis acrescentou:

— Ele quer algo. Ninguém arrisca a vida sem esperar algo em troca.

— Você arriscou — lembrou M. J. — Por mim.

— Se esse camarada existe mesmo, acho que está só se divertindo com essa fantasia. Desde que não apresente risco à saúde de ninguém, não há com que nos preocuparmos.

— Mas como saberemos se ele não matou alguém? Quem está fiscalizando? Quem monitora seu trabalho, se é que se pode chamar assim.

M. J. observou Travis manifestar a ira. Definitivamente, não o entendia.

— Por que se importa? O chefe a encarou.

— O quê?

— Você me ouviu.

— Só quero ter certeza de que não é um demente. Um maníaco assassino. Como saberei se ele não colocou veneno nesse emplastro? Basta acordar e encontrá-la morta para provar minha teoria.

M. J. suspirou resignada.

— Oh, entendo o que quer dizer.

— Está tão encantada por esse velho que não é realista, lógica. Não estava pensando em todas as possibilidades.

— Eu lhe devo desculpas, Travis — reconheceu ela, esperando deter o raciocínio equivocados. Nunca lhe diria a verdade. O chefe organizaria grupos de busca para caçar o velho cu-randeiro. Mas sua intuição lhe dizia que Uma era um ancião inofensivo. Travis agia de forma protetora e exagerada.

Juan Carlos retirou da maleta um frasco de comprimidos.

— Vou deixar este antibiótico, caso precise, e um tubo de antibiótico em creme para o ferimento, embora ache que não será necessário. Seja quem for esse homem, ele sabe o que está fazendo.

— Juan Carlos apertou a mão de M. J. — Lamento pela cicatriz.

— Cicatriz? — M. J. horrorizou-se ao examinar o tornozelo e ver do que o médico falava. — Vou colocar vitamina E nisso.

— Engoliu em seco. Aquela seria uma péssima lembrança de sua aventura pela Amazônia.

Juan Carlos levantou-se e apertou a mão de Travis.

— E melhor eu voltar antes que anoiteça. — Olhou uma última vez para M. J. — Mantenha o ferimento limpo e coberto. Você ficará bem. Foi um prazer conhecê-la, M. J.

Ela o cumprimentou e sorriu.

— Obrigada pelo atendimento a domicílio.

— Disponha.

Travis e Juan Carlos saíram. Ela ouviu o chefe se despedir e então dar ordem a Agli em espanhol. A seguir, Travis acendeu a fogueira e abriu latas de alimentos que pôs para esquentar. Dali a pouco, voltava à barraca dela.

— Fiz sopa — anunciou ele, passando-lhe uma caneca de alumínio grande.

— Canja de galinha. A minha favorita...

— Tem uma maçã e pão também — acrescentou o chefe, tirando-os do bolso traseiro. — Juan Carlos disse que você deve se alimentar.

— Obrigada — respondeu ela, sorvendo a mistura quente com mais voracidade do que seria educado.

— Vou preparar lombo de porco e batatas cozidas para o jantar. Considere a sopa uma entrada.

— O quê? Sem musse de chocolate? — gracejou ela. Ele demonstrou pesar.

— Não pensei na sobremesa.

— Eu estava brincando. Gostei do menu.

— E só um tipo de carne seca de porco. — Travis baixou o olhar.

Ora, ele está nervoso por ficar sozinho comigo!

Pois M. J. considerava o gesto dele a homenagem mais doce que já recebera. Sem saber, Travis lhe elevara a estima de uma forma que nem um milhão de elogios, presentes e flores teriam conseguido.

Ele sorriu, então, e ela se sentiu perturbada. Andara tão concentrada em seus próprios problemas que até então vira Travis somente como adversário. Lembrou-se de coleguinhas de escola que ficavam conversando, procurando desculpa para não ir embora.

— Gosta de cozinhar? — indagou a ele, simpática, -r- Em casa, quero dizer.

— Gosto. — Ele enfiou a mão no bolso, agitado. — Não, na verdade, não. Eu compro tudo pronto e como em casa, ou peço que entreguem.

— Prefiro fazer receitas de forno — comentou M. J. — É tudo exato. As medidas, tempos e temperaturas. Nada de adivinhação. Nada de criatividade, tampouco.

— Eu não sabia que havia diferença.

— Há diferença enorme — afirmou M. J., ciente de que apreciava a companhia de Travis, até por que ele parará de implicar com ela.

Algo mudara nele. Então, ela percebeu.

Travis não mudara mais que Michael. Ela mudara. Havia dois homens em sua vida e nenhum era o que parecia. Ambos revelavam-se complexos e perturbadores.

— Não sou fã de doces — prosseguia ele, mais descontraído. Mas gosto de pães étnicos. Centeio russo, tomates e alecrim

secos, folhas de piteira grega. — Deu de ombros. — Lamento, não tenho nada parecido aqui hoje.

Ele a fitou com expressão enigmática, como se mantivesse os pensamentos em segredo conscientemente.

M. J. imaginou se ele conseguia ler sua mente.

— Bem, acho que é melhor começar...

Travis já ia sair da barraca, mas deteve-se e avisou:

— Vou pedir a Agli que esquite água do rio para você... para um banho. Isso sempre me faz bem quando estou doente.

— Eu gostaria muito.

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

— Talvez seja melhor descansar até o jantar.

— Mas eu ia lhe mostrar o que encontrei nos mapas. E um...

— Depois — decidiu o chefe. — Após a refeição.

— Está bem.

M. J. terminou a sopa e deu uma mordida na maçã. Estava com fome e devorou tudo num instante. Sentia-se como um animal movido pelo instinto.

Ouviu Travis lidando com panelas e, então, o chiado de carne fritando. Inclinou-se para a lateral da cama e degustou o pão, a fim de se apresentar ao chefe com uma aparência mais saudável.

Sobre a fogueira, suspenderam-se baldes de água para ferver e desinfetar. Tudo para mantê-la saudável, para mantê-la trabalhando.

Travis arrumou utensílios e pratos sobre a mesa dobrável do acampamento onde jantariam. Realizava o trabalho metodicamente, como se o posicionamento correto de cada item fosse importante. Dispôs guardanapos de tecido, uma prova de sua tendência ao luxo. Ela refletiu sobre o comentário dele de levar refeições prontas para casa. Tinha o palpite de que ele freqüentava lojas para gourmets. Imaginou-o saboreando salmão ao molho de endro, uma garrafa de vinho branco, talvez, arrumando a mesa só para um.

Então, percebeu que fazia exatamente a mesma coisa, embora acrescentasse uma flor e uma vela.

A mesma coisa. Somos parecidos? É possível. Mas não provável. Travis é Travis, um carrasco tipo Simon Legree de A Cabana do Pai Tomás.

O aroma de carne e batatas impregnou o ar úmido. M. J. percebeu que Travis convidava todos os animais selvagens da floresta para se juntar a eles. E sentiu a boca salivar só com o cheiro.

Acabou de comer a maçã e o pão e se levantou da cama. Passou repelente nas áreas expostas do corpo, penteou os cabelos, aplicou batom e mirou-se num espelhinho.

— Oh, como emagreci! Mas não nos lugares certos... — lamentou-se, tateando as olheiras. Parecia diferente, mais velha, mas não acabada. De algum modo, as maçãs do rosto altas davam-lhe um ar mais sábio. Reparou então numa nova qualidade em seus olhos, como se tivesse visto coisas, vivido experiências que agora iluminavam sua alma.

Vi a morte e voltei para a vida.

Tratava-se de uma revelação incrível para uma moça que nunca estivera fora da Califórnia antes. Finalmente, tornava-se adulta.

M. J. aplicou um pouco de maquiagem no rosto, alisou a frente da camiseta e imaginou por que agia como se tivesse um encontro marcado com Travis.

— Que birutice... — Ele é meu chefe. E tem que se alimentar. M. J. passou a andar em círculos pela barraca.

Ele não está fazendo isso por você, M. J. Você não é o centro do universo, do universo dele. Mas gostaria de ser.

Deteve-se. No que estou pensando? Mais importante, o que estou sentindo? Por que é importante ficar bonita para ele?

— Pare com isso, M. J., ou vai ficar maluca. Saiu da barraca. Travis servia-se de uísque.

— Ah, bem na hora dos aperitivos, estou vendo — comentou ela, aproximando-se.

O pouco sol restante não atravessava a floresta densa. A fogueira do acampamento lançava sombras douradas em seus rostos.

Travis disfarçou o cansaço e o estresse com uma firmeza na voz em que ela não reparara antes:

— Não devia tomar álcool com o estômago vazio...

O chefe olhou para ela, para o ventre e mais abaixo, mas só por um breve segundo. Quando a encarou novamente, ela reconheceu a paixão contida que

pensara ter visto antes. Ele tentava esconder as emoções, afastando-as do pensamento, porém permitindo que aflorassem vez ou outra, só para confundi-la.

A paixão se esvaiu num instante, como num passe de mágica. M. J. imaginou se, para Travis, as emoções constituíam tesouros preciosos. De qualquer forma, ele não as partilhava.

— Vou tomar o meu depois do jantar — gracejou ela.

— Boa idéia — disse ele.

Ela não sabia por que não conseguia desviar o olhar do chefe. Queria se portar de forma profissional, assim como ele... na maior parte do tempo. Talvez houvesse se enganado quanto ao desejo dele. Talvez ela o desejasse...

Travis era tão diferente de Michael, tão rígido consigo mesmo. Ele guardava os sentimentos e conclusões para si mesmo, enquanto Michael não podia esperar para se pronunciar. Travis agia como se fosse morrer, se se declarasse. Talvez fosse melhor mesmo ele não se revelar.

E talvez Michael tivesse agido rápido demais.

Finalmente, M. J. conseguiu desviar o olhar e concentrou-se nas panelas ao fogo.

— Está cheirando bem — comentou, tentando se descontraír.

— Felizmente, está quase pronto — respondeu o chefe — Sinto pelo menos uma dúzia de pares de olhos nos observando.

Assustada, M. J. achegou-se a ele, atenta ao perímetro do acampamento.

— E eu achava os peixes perigosos...

— Vamos jantar. Depois mandarei Agli lavar logo as panelas. M. J. ainda observava a floresta.

— Que... que tipo de animais há por perto? — indagou, a voz aguda, quase histérica. «

— Roedores, principalmente. Ela expirou aliviada.

— E talvez uma onça ou duas — completou Travis.

M. J. sobressaltou-se e agarrou o braço dele. O chefe riu.

— Eu estava brincando!

— Muito engraçado. — Amuada, ela se afastou.

Travis colocou um prato de carne com batatas e uma lata de suco de fruta diante dela. M. J. mal conseguiu esperar até que ele se sentasse, sem saber o que mais aumentava seu apetite, se a febre ou o medo.

— Vamos lá? — incentivou ele.

Ela obedeceu, cortou um pedaço de carne, mastigou e engoliu. De tão ávida, nem conseguia conversar.

Travis segurou a caneca de metal com uísque com as duas mãos e observou-a.

M. J. percebeu e levantou o rosto.

— O que foi?

— Você está comendo rápido, sem mastigar direito.

— Estou com fome.

Ele assentiu, sem demonstrar emoção, e então desviou o olhar, como se escondesse algo. Ela abocanhou mais uma porção.

— Está zangado comigo?

— Estou.

— Por quê?

— Paz idéia do quão perto da morte estive? Duas vezes?

— Estou bem agora — assegurou ela. — Graças a você.

— Você é uma idealista — criticou o chefe. — Anda por aí achando que vai dar tudo certo. Que os aleijados vão andar, que os cegos vão enxergar...

— A justiça será feita — afirmou M. J. Sorrindo, inclinou-se para trás e saboreou mais um bocado de comida. — Sabe o que o irrita mais, Travis?

— O quê?

— Você se vê em mim.

— Ha! Essa é boa.

— Claro que se vê. Você é um idealista enrustido. Ouço você falando de lucros e retorno de investimento com aqueles banqueiros ao telefone celular, mas o que realmente quer é bastante dinheiro para melhorar este país. Para ajudar as pessoas a construir escolas e hospitais. Já entendi.

Chateado, Travis passou-lhe o prato dele.

— Pode ficar com o meu.

— Oh, não. Não posso... — M. J. olhou animada para a comida extra. Sem poder se conter, pegou o prato e encheu a boca novamente. Sentia-se capaz de devorar uns sete pratos. Todos aqueles dias e noites de febre deixaram-na vazia!

Travis pousou o uísque.

— Sinto-me culpado só de pensar em comer. Você precisa disso muito mais do que eu.

— Estou satisfeita, de verdade — murmurou ela. Mastigou, engoliu e então sorriu. Sabia que se tornara uma pedra no sapato, justamente o que prometera não ser. Atrasara-os, colocara a todos em perigo. Travis tinha razão. Ela não tinha experiência e devia ao chefe muito mais do que um jantar.

Olhou-o terna. Queria dizer um milhão de coisas, mas resumiu num:

— Obrigada.

Travis a encarou e ela sentiu o coração estacar.

Ele está fazendo aquilo novamente. Não era minha imaginação. É como se pudesse ver através de mim.

M. J. sentia-se tragar para uma dimensão em que seus pensamentos não tinham lugar, onde as emoções dele tinham todo o poder. Não o entendia. Travis a confundia novamente. Por um momento, pensou ver, sentir, que ele se importava com ela.

Mas isso era impossível. Travis só se importava com sua empresa, com o petróleo. Nunca se importaria com elementos terrenos. Com gente.

De repente, o olhar de Travis mudou de magnético para glacial.

Idiota! Travis não se importa com você. Michael se importa. Não é?

Trêmula, M. J. baixou o olhar e pegou no garfo outra porção de alimento.

— Bem... — Travis já ia se levantar, mas pareceu recordar algo. — Não vem ao caso, mas estou curioso com algo que disse antes. No sonho, você mencionou uma cidade perdida.

— Eu disse isso?

— Sim. Especificamente. Gomo era essa cidade?

— Travis, foi um sonho.

— Eu sei. Você nunca ouviu falar na cidade perdida de Atlântida?

— Claro. Quem não ouviu? — M. J. continuava mastigando.

— Não ficava em algum lugar do Caribe?

— Está falando de Bimini. Já provaram que as colunas que alguns exploradores alegam ter visto do alto definitivamente não são de Atlântida.

— Não sabia que se interessava por tais assuntos.

— Você não sabe muita coisa sobre mim — retrucou Travis.

— Há muitas lendas sobre o continente perdido. Metade dos arqueólogos que vêm para a América do Sul estão à procura das ruínas. Oh, eles não dizem que estão fazendo isso. Mas é verdade. Um camarada que conheço em Quito diz que encontrou a cidade perdida em 1983. Está no alto das montanhas, num penhasco. Exatamente como você descreveu no sonho.

— De jeito nenhum.

— Sim.

— Como é possível?

— Segundo uma teoria, a Atlântida era um continente amplo que ligava parte do mediterrâneo à península de Yucatán. Houve três cataclismos que levaram a seu desaparecimento. Outra corrente acredita que essa civilização tecnologicamente avançada entrou em guerra, usando armas laser, e se destruiu. Alguns acham que houve uma série de terremotos, o primeiro por volta do ano cinquenta mil antes de Cristo, o segundo em torno do ano vinte e oito mil antes de Cristo e o terceiro e último lá pelo ano dez mil antes de Cristo. A cada destruição, houve uma onda migratória para outras partes do mundo. Alguns teorizam que a cultura egípcia que produziu a Esfinge e as grandes pirâmides na verdade são transplantes de Atlântida.

— Mas as pirâmides foram construídas por volta do ano três mil e quinhentos antes de Cristo — observou M. J.

Travis meneou a cabeça.

— Graças aos computadores, novas evidências vieram à tona. Com o programa SkyGlobe, arqueólogos puderam reconstituir a posição das estrelas como no ano dez mil antes de Cristo e... sabe o que encontraram?

M. J. sentiu um arrepio, esfregou os braços, mas a sensação não passou.

— O quê?

— Os pontos mais altos das três grandes pirâmides alinham-se perfeitamente com as três estrelas de Órion, conforme se apresentavam no ano dez mil antes de Cristo, ou seja, bem acima das pirâmides. As pirâmides eram uma marca na terra do mapa nas estrelas.

— Sério?

— O governo egípcio não quer aceitar essas descobertas, provavelmente por motivos financeiros, mas fatos são fatos. Tantos mistérios, como a construção das pirâmides, o que a esfinge representa e o calendário complicado e preciso dos egípcios, são facilmente explicados quando se aceita a idéia de Atlântida e das migrações.

— É muito para aceitar, Travis. Há outros que corroboram essa evidência?

— Claro! — Ele juntou as mãos e inclinou-se para a frente, entusiasmado. — Conheço um camarada, Bruce Bower, que em 1986 realizou uma datação de carbono num abrigo rochoso no Brasil e chegou a trinta e dois mil anos. As linhas vermelhas pintadas na área da fogueira desse abrigo são estimadas em dezessete mil anos.

— Então, isso torna a arte na caverna na América do Sul contemporânea às daquelas encontradas na Europa e África.

Travis fitou-a.

— Como sabia?

Dando de ombros, ela respondeu:

— Introdução à Antropologia. — Inclinou para a frente e pousou o queixo nas mãos. — Continue.

— A maior migração, entretanto, foi para a caverna Pikima-chay, em Ayacucho, no Peru, e hoje as datações dos artefatos indicam que são de quatro mil e quinhentos anos atrás. A história mais intrigante para mim é a recolocação da pedra-de-fogo, o isqueiro natural, ou grande cristal, de Atlântida. Muitos historiadores dizem que foi levado para Yucatán e que há um templo enterrado com informações. Ali estariam as instruções de como encontrar as pedras-de-fogo, mas não as pedras atuais.

— Você acredita que a Atlântida existiu?

— Acredito — confessou Travis. — Por quê? É tão absurdo?

— Vindo de mim, não. De você, sim.

— O quê? Por quê? — questionou ele, sinceramente surpreso.

— Atlântida é tão mística... Já você é racional. Científico, estruturado.

Ele ouviu atento a impressão que M. J. tinha dele. Não devia tê-lo chocado, mas chocou. Era um robô. Hermético. Não emotivo. Assemelhava-se a uma casca de noz, dura de quebrar, e ela sabia disso.

— Tudo no mundo não é um mito até que provemos o contrário? M. J. sorriu.

— É — concordou. — E, sim.

— Ótimo. Para convencê-la mais, já leu as histórias de Platão sobre a Atlântida?

— Talvez na universidade... Tenho certeza de que li. Para a matéria "Introdução à Filosofia Grega".

— E o livro de Ignatius Donnelly, Atlântida, o Mundo Antes do Dilúvio, de 1882? E o de Lewis Spence, Atlântida na América?, de 1924? Spence faz sentido para mim. Ele estabeleceu algumas correlações interessantes entre costumes similares e lendas dos índios da América do Norte e do Sul e dos nativos do Egito e da África. Também há toda essa escola teosófica de pensamento, em voga na década de 1920.

— Como era?

— E a teoria de Lemúria, um continente que um dia fez parte da África, Ásia, oceano Índico e parte do Pacífico. As pessoas foram empurradas para o leste quando o continente começou a afundar e acabaram onde fica o Arizona atualmente. Seriam os ancestrais dos índios Hopi e Navajo. James Churchward foi outro escritor popular concentrado na Atlântida que se baseou numa suposta tradução do Troano Codex dos maias.

M. J. estava atônita.

— Mas parece que você dedicou a vida à mitologia de Atlântida! Travis sorriu.

— Tolice?

— Não. Não! — M. J. inclinou-se para a frente, avaliando-o. — Intrigante. Pensei que fosse a única a me entregar às fantasias.

A expressão dele era impassível.

— Não é a única.

Ela não podia imaginar estar no mesmo nível energético de Travis, mas, de algum modo, estava.

Fitando-o detidamente no rosto exausto, M. J. imaginou se o olhar convidativo e suave era só sua imaginação. Não podia ser verdade. Travis quase fazia crer que tinha sentimentos.

— Qu&bom que concorda comigo — retrucou ele, a voz grave, uma mistura de cascalho e seda. Era o tom que os homens usavam para seduzir as mulheres. M. J. imaginou se ele tinha ciência disso. Estaria sendo charmoso propositalmente?

Corajosa, sustentou o olhar. Ele se concentrava em seu rosto enquanto sorvia a bebida. Num minuto, mantinha-a a distância; no outro, abria-se completamente. Chegou a uma conclusão: Travis Kincaid era mais enigmático do que Michael Hunter.

E só lhe restava uma saída: não confiar em nenhum dos dois.

M. J. desviou o olhar e inclinou-se para trás.

— Acho que vou tomar aquele banho agora.

— Oh, sim, quase me esqueci. Agli preparou tudo bem ali, entre aquelas duas árvores.

— Preparou? — Ela girou o corpo para ver.

— Um chuveiro — explicou Travis. — São só dois baldes de água, um para lavar, outro para enxaguar, presos num galho e que se acionam pela corda que Agli teceu. Eu o fiz estender um mosquiteiro, assim você não precisa ter medo de ser comida viva no processo.

— Mosquiteiro?

— É. — Ele tomou o último gole de uísque.

— E onde você vai estar enquanto eu me banho?

— Aqui.

M. J. enrubesceu.

— Olhando?

De repente, ele percebeu a que ela se referia.

— Oh! Desculpe-me. Você precisa de uma...

— Cortina de banheiro — completou ela, divertindo-se com o constrangimento dele.

— Claro, vou providenciar. — Travis enxugou os lábios com um guardanapo. Olhou ao redor.

— Quer usar o meu lençol? — ofereceu M. J. Ele estalou os dedos.

— E exatamente o que eu tinha em mente.

— Aposto que sim.

Pensando melhor, Travis resolveu ceder seu próprio lençol o ajudou Agli a prendê-lo entre as árvores, enquanto M. J. pegava o xampu de camomila, o sabonete e a toalha de algodão egípcio com monograma que trouxera de casa. Dava muita

importância a extravagâncias como aquela. Teria levado aqueles itens de luxo até o fim do mundo.

Pensando bem, fizera precisamente isso.

Quando saiu da barraca, encontrou Travis sorridente, apontando a lanterna para o chuveiro improvisado. E testou a corda.

— Forte como as muralhas...

— ...de Jerico? — completou M. J., pensando no filme estrelado por Claudette Colbert e Clark Gable.

— Estava pensando em algo mais sólido — disse ele, parecendo não recordar a película.

M. J. apagou o sorriso.

— Obrigada.

Travis olhou ao redor para colocar a lanterna num lugar seguro.

— Vai precisar da luz... Ah, aqui. — Prendeu o acessório numa saliência da raiz de uma árvore. — Não vai molhar aqui. Grite, se precisar de algo.

— Estou bem assim, senhor — declarou M. J.

Travis afastou-se a pretexto de arrumar o acampamento com a ajuda de Agli.

M. J. foi para trás da cortina e sob o mosquiteiro antes de tirar a roupa. Pendurou as roupas no varal de sisal que suportava a cortina. Fez entornar o primeiro balde e molhou-se com a água morna, que lhe pareceu um tanto fria sobre a pele. Ensaboou-se devagar, inalando o perfume de lavanda do sabonete. A lavanda tinha propriedades relaxantes, exatamente do que precisava naquele instante. Despejou uma porção generosa de xampu nos cabelos e esfregou vigorosamente, para se livrar dos sinais de febre, da enfermidade.

A água no segundo balde estava mais quente do que o primeiro e levou toda a espuma embora. O calor aliviou a tensão no pescoço e ombros, revitalizando-a. Sentia-se uma nova mulher.

M. J. enrolou-se na toalha, afastou a cortina e paralisou-se.

Ao lado da barraca, Travis olhava-a ameaçador. Sem dizer nada, ele levou a mão às costas e sacou o revólver.

— Basta!

Apontando a arma para ela, engatilhou.

CAPÍTULO XX

Travis! — gritou M. J., apavorada. Ele estreitara o olhar. Glacial. Cruel e mortífero.

— Não se mexa! — alertou. Houve um disparo.

M. J. gritou, largou a toalha e levou as mãos ao rosto. Não queria ver a morte chegando.

Outro grito, silencioso, ecoou em seu coração, onde permitira que Travis entrasse. Era o som de alguém que perdera a esperança.

Travis atravessou a clareira, mas não rápido o bastante para aliviar o pânico dela.

— M. J.! Você está bem?

A jararaca partida ao meio jazia a seus pés. De repente, ela se deu conta do terror de Travis. Sentiu-se fraca, os joelhos dobraram e ela cambaleou. Travis amparou-a nos braços antes que caísse. M. J. lutava para se manter consciente.

— Estou bem, senhor — afirmou, branca como giz. Viu o sangue em suas pernas. — Queria me matar?

— Eu matei a cobra — esclareceu ele, com dentes cerrados. M. J. sentiu um nó na garganta. Sentia medo, alívio, culpa, tudo ao mesmo tempo.

— Você está zangado comigo.

— Agli! — chamou Travis.

— Si, senhor!

— Lâmpadas, por favor! — pediu, indicando a lanterna. Depois, mandou o canoeiro recolher os restos da cobra, apagar a fogueira e se recolher.

— Pode me baixar, senhor — declarou M. J. — Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma.

— Oh, sim — ele fingiu concordar, carregando-a para a barraca dela. — Esses nacos sanguinolentos grudados na sua perna não incomodam?

Ela engoliu em seco.

— Nacos?

— Não se cansa de se meter em encrenca, não é? — ralhou, como se a culpasse. M. J. estava zonha.

— Hum...?

— E também não se incomoda em ficar nua, certo?

— Nua...

— Eu disse a Agli para não olhar. Mas acho que ele espiou. Lúcida de repente, M. J. franziu o cenho.

— E você?

— Ah, eu dei uma boa olhada.

Ela revirou os olhos e gemeu, zangada consigo mesma por comportar-se da mesma forma que as heroínas de contos de fadas... uma bela sem fibra.

Ao ser atacada pelas piranhas, ainda não sabia o que era terror. Era mais experiente agora. O veneno de cobra matava em minutos. Nos filmes, os personagens nunca sobreviviam a tais ataques... nem mesmo as heroínas.

Travis pousou-a na cama.

— Ela a picou? Cheguei tarde demais? — Pegou uma camiseta da bolsa e limpou-lhe as pernas.

M. J. puxou o lençol sobre os seios.

— Eu não devia já estar morta?

— Não ainda. Mais uns dez minutos, eu diria — respondeu ele, dirigindo o foco da lanterna a suas pernas, num exame minucioso.

— Eu só tenho dez minutos de vida?

— E possível — respondeu ele, limpando seu pé.

— Então, por favor, não fique zangado comigo...

Travis a fitou, os olhos brilhantes, como se voltasse à vida.

— Zangado?

Ela engoliu em seco.

— Parecia zangado... senhor.

Os olhos dele cuspiram fogo. Ele cerrou os dentes.

— Eu nunca... — Voltou a limpar a perna, subindo para a coxa. Tentou se deter, mas ergueu o olhar mais uma fração. — Nunca poderia... — A voz saiu tão entrecortada que desistiu de completar e se concentrou na tarefa.

Com lágrimas nos olhos, M. J. entrou em pânico. Ele estava tão quieto. Travis não ia lhe dizer a verdade. Ele a culpava por ela estar ali, por causar os atrasos. Ela ia morrer, e nem assim ele conseguia lhe dizer a verdade.

M. J. começou a tremer. Sacudida por soluços junto às costelas, entregou-se ao desespero.

— Eu lamento tanto... Tanto.

Enterrou o rosto nas mãos para não ver a censura no olhar de Travis. Não queria saber o veredicto.

— Gostaria de não ter vindo...

M. J. pensou nas cenas do casamento que imaginara para si e tudo virou fumaça. Viu os filhos que jamais teria, a casa que nunca construiria. O homem com quem nunca teria a chance de se casar e partilhar as alegrias. Ouviu as vozes das sobrinhas e de Claire chamando-a, implorando para que não morresse.

O lençol escorregou para a altura do ventre, cobrindo apenas uma faixa mínima de seu corpo. A luz da lanterna derramava-se sobre seus ombros e seios, como as águas de uma cachoeira.

Travis engoliu em seco. Já a contemplava por tempo demais.

Puxou o lençol tentando cobri-la, mas a mão roçou acidentalmente no seio. Largou o lençol como se o queimasse. umedeceu os lábios.

— Você levou ou não uma picada? — questionou, autoritário, naquele tom que ela odiava.

Ele agarrou o lençol e o puxou, roçando-a no ventre e no seio. Prendeu a respiração, rubro de embaraço.

M. J. arquejava, febril. Nem percebeu que ele prendia o lençol sob seus braços, o toque dele junto aos seios. Só viu a angústia nos olhos dele quando lhe tomou seu rosto, fitando-a detidamente, como se fosse beijá-la. Ele lhe dizia algo. Gritava. Mas M. J. só ouvia o som da própria respiração.

Enquanto ouvir minha própria respiração, saberei que ainda estou viva.

Os sons ao redor intensificavam-se, como se estivessem num vale montanhoso imenso e sua própria voz ecoasse pela eternidade.

— Está me ouvindo? — gritou Travis, desesperado. Tudo o que ela via era o cenho franzido dele, ameaçador.

Devia ser um fardo ainda mais pesado do que imaginava.

— O quê? — indagou ela, finalmente, confusa.

— Foi picada? Está sentindo dor? Dor de picada?

— Picada?

Ele voltou a inspecionar seu corpo.

— Tenho que descobrir onde foi a picada... — justificou, tocando em suas pernas, pressionando os dedos em cada centímetro de pele.

M. J. controlou a respiração. Tentou reter o fôlego, mas foi inútil. Parar de respirar parecia mais lógico.

Ao longe, um pássaro trinou, um macaco guinchou.

Travis lhe examinava as pernas superficialmente, como um médico faria. Voltou os tornozelos, um de cada vez, para a luz. Examinou as panturrilhas. E as coxas.

Ele prendeu a respiração.

M. J. ficou tensa.

Agachado junto a seus pés, ele a fitou. Outro pássaro trinou. Travis levou a mão mais para cima.

— Por favor...

Ele engoliu em seco, mas continuou fitando-a. Ela abriu a boca.

— Diga-me, Travis. Por favor, diga-me que não vou morrer. — Soluçante, enterrou o rosto nas mãos.

Ele tirou a mão de cima da pele sedosa.

— Você não vai morrer. Não há nenhuma picada. — Estendeu-se e segurou suas mãos. Gentilmente, ergueu-as do rosto.

As lágrimas rolavam soltas, mas M. J. tinha a expressão aliviada, e gratidão no olhar.

— Oh, obrigada, senhor! — Lançou os braços ao redor do pescoço dele, apertando os seios contra o tórax viril.

Ele a abraçou, acariciando as costas, descendo as mãos até o bumbum, demorando-se um segundo além da decência, considerando que eram empregada e empregador.

— Você me salvou de novo. — M. J. ria e chorava ao mesmo tempo. — Nunca poderei agradecer-lhe o bastante. Você é tão

bom para mim...

— Eu... eu... — gaguejante, o chefe continuou abraçando-a.

— Não há de quê — conseguiu responder, finalmente.

M. J. afastou-se e só então percebeu que estava nua.

— Eu... desculpe-me. — Agarrou o lençol e cobriu os seios.

— Não percebi... — Forçou um sorriso constrangido, corada. ^ — Estou tão envergonhada.

— Está tudo bem — disse ele, e afastou-se da cama. — Estamos na selva. Parece natural aqui.

Ela se surpreendeu com o comentário liberal.

— Você parece natural aqui — admitiu Travis, sem jeito.

— E isso foi um elogio.

— Oh.

Ele se levantou.

— Quer outro balde de água? Para acabar... de se lavar?

— Sim, obrigada. Seria ótimo.

Ele olhou ao redor pela barraca.

— Vou providenciar. Você consegue se arranjar sozinha?

— Consigo. — M. J. sorriu confiante.

— Ótimo. — Travis deu meia-volta e saiu.

M. J. observou Travis atravessar o acampamento e pegar um balde. Sentiu uma onda de calor tomar-lhe o corpo.

A princípio, atribuiu a reação ao constrangimento. Travis vira mais do que um pouco de sua nudez. Então, percebeu que o calor devia-se ao desejo. Desejava-o.

M. J. percebeu que Travis se revelara bastante a ela naquela noite, contando-lhe sobre mitos e lendas nas quais acreditava. Tinha a impressão de que ele nunca partilhara aquele lado com mais ninguém. Mas ainda era o homem mais hermético ((Lie já conhecera. Ainda...

Lembrou-se do abraço apertado dele, do toque em sua pele, «la maneira como lhe acariciou costas e os ombros e então abaixo da cintura, no bumbum. Ele lhe

afagara a pele puxan-ilo-a contra si, como se quisesse mais. Como se quisesse imobilizá-la sob o corpo másculo...

— Impossível!

Olhou para o acampamento. Viu Travis andando em círculos, leito um tigre enjaulado... ou um homem que não conseguia MC decidir.

Como se lesse seus pensamentos, Travis ergueu a cabeça. Voltou-se e seus olhares se encontraram através da fenda na porta de lona. Ele capturou seu olhar como se a abraçasse fisicamente. I Naquele segundo, M. J. viu tudo... a paixão, a luxúria.

A percepção foi um bilhão de vezes mais intensa do que tudo o que ela já experimentara na vida. Incluindo Michael. Sim, Travis a perturbava muito mais.

— Bolas! — resmungou, e baixou o olhar.

Ele me quer. E eu o quero. Acabei complicando a minha vida. Ele entrou na barraca dali a dois segundos.

— Aqui está a água. Trouxe uma esponja e... o seu sabonete. Ela pegou o material com mãos trêmulas.

— Você está bem? — indagou ele.

— Ótima.

— Ótimo — disse ele, parecendo hesitante.

M. J. recusava-se a encará-lo. Sabia que, se o fizesse, deixaria ver o desejo brilhando em seu olhar.

Não queria ser divertimento de uma noite para nenhum homem.

Mas era só isso o que Travis Kincaid queria. Ela sabia. Seria um interlúdio, uma lembrança para guardar e recordar, quando tivesse sessenta anos.

M. J. tinha mais consideração por si mesma e merecia mais. Queria o sonho, o conto de fadas. Queria o "foram felizes para sempre".

Travis Kincaid não era aquele tipo de homem.

— Descanse — recomendou ele. — Até amanhã.

— Até amanhã — retribuiu ela. Ele deixou a barraca e baixou a porta de lona.

CAPÍTULO XXI

Nas montanhas a noroeste do rio, vários dias de jornada pela densa floresta, Uma entalhara seu lar cerca de cinquenta anos antes. Não sabia exatamente havia quanto tempo, pois perdera a noção do com o avanço da idade. Raramente falava com brancos ou encontrava-os tão entranhados em seu território... em seu domínio.

Perdera havia muito o gosto pela civilização, pela civilização norte-americana em particular.

Uma planejava o fim de sua vida entre os pacientes nativos que o consideravam um espírito, no máximo um xamã curandeiro, mas não um amigo. Deuses não eram gente amigável e tal concepção adequava-se a ele. Gostava de ser um ermitão. Preferia a própria companhia à de outros seres humanos, que, quando o conheciam, passavam a criticá-lo, repreendê-lo e condená-lo.

Mas agora aqueles jovens dos Estados Unidos apareceram em sua terra, ele não gostava nem um pouco disso.

Podia cheirar a ganância entre eles.

Uma acreditara já ter passado anos o bastante na selva virgem e primitiva para ter se esquecido, mas o fedor da luxúria por dinheiro impregnava até os elixires aromáticos naturais de Oriente. Nenhuma quantidade de guaraná, baunilha, verbena ou bálsamo limparia o ar de seus vapores vis.

Voltou para o interior da caverna, iluminado com tochas presas às paredes e centenas de velas que ele mesmo fizera, misturando óleos florais com cascas e frutos, em testes que verificavam suas propriedades curativas.

Algumas receitas, aprendera com os xamãs nativos. Outras eram resultado de suas experiências juvenis na Califórnia.

Apesar da decisão de não comercializar com brancos, Uma tinha um nativo que lhe comprava amostras raras e sementes em mercados tão longínquos quanto Otaballo e Puyo, ao sul. Levou uma eternidade para cultivar as variedades singulares de lemongrass, uma gramínea tropical da Índia, laranjeiras, manjeriço, tomilho e zimbro mediterrâneo, uma planta aromática.

Orgulhava-se da árvore pervinca de casca branca australiana que reproduzia todos os anos. Somente os galhos, folhas e flores das plantas jovens podiam ser fermentados e depois destilados, para se curar o trato urinário e intestinal. Cultivava

gerânios em vasos feitos pelos nativos, cozinhava as folhas verdes ao vapor para extrair o óleo que usava como anti-séptico e como tônico geral para ajudar pacientes convalescentes.

— O mesmo tônico que lhe dei — murmurou, parado diante das ervas aromáticas, pedaços de casca de árvores e raízes.

Seu macaquinho de estimação, Chipshaw, sentara-se na mesa e observava-o atentamente. Sabia que não devia interromper as reflexões do mestre.

De uma árvore de mais de vinte metros bem adiante da entrada da caverna, Uma pegou um punhado de folhas verdes e colocou-a em seu ensopado. Então, enfiou a mão numa vasilha, tirou um pouco de confrei e deteve-se subitamente.

Levou os fragmentos ao nariz, inalou o aroma de madeira e musgo e pensou nela novamente.

Ela era o único motivo para que tolerasse os americanos.

Os homens não sabiam, mas a presença dela salvara-os a todos.

— Que magia — murmurou. Pegou um galho particularmente longo e observou-o contra a luz.

— Isto elimina rugas e cicatrizes. Nada cura melhor do que o confrei. — Pousou o galho. — Por isso o escolhi para curar seu tornozelo, srta. Callahan.

Olhava fixamente o caldeirão.

Era como se visse o passado no líquido fervente.

— Durante todos esses anos, não me atrevi a sonhar esse sonho. Os antigos xamãs me disseram que mortos podiam voltar para os vivos, se as duas partes quisessem. Mas não acreditei neles. Parecia bom demais para ser verdade. Como um conto de fadas. Achava que estava sendo esperto acreditando só na realidade.

— Embora seja verdade que, com os anos, tenha percebido que o que é imaginado geralmente se torna realidade e o que se acredita como realidade tende a esmaecer, a desaparecer num piscar de olhos. Os ricos ficam pobres. Os pobres ficam ricos. Os doentes se curam, enquanto os saudáveis caem doentes e morrem.

— Como a vida é irônica! Não é incrível eu ter vivido o bastante para testemunhar esse feito espantoso da força do pensamento, da vontade?

— Ah, minha querida Dorothy, gostaria de entender por que mudou seu nome. É tão desnecessário. Devia saber que eu perceberia quem você era e mataria a charada.

— Entendo que não quer que os outros saibam, nem mesmo essa jovem mulher cujo corpo escolheu habitar. E, querida, como encontrou alguém tão compatível? Ora, ela é igualzinha a você!

Sorriu largo para Chipshaw, que mostrou os dentes.

— Realmente gosto da sua ironia, Dorothy. Sempre foi esperta e brilhante assim, digna de todos os grandes jornalistas, imagino.

Pousou sobre a mesa rústica a espátula de pau que usava para misturar, a superfície bem danificada por fogo e impactos ao longo de meio século. Usava uma concha, feita com um pote raso amarrado a uma ripa de madeira, para distribuir o líquido em odres, bolsas de couro impermeáveis, que pendurava orde-nadamente nas paredes da caverna.

Uma não usava rótulos. Organizava os produtos por tamanho e cor. Os odres menores continham óleos preciosos, em alguns casos, insubstituíveis. Os odres maiores guardavam misturas aroma ti cas de óleos curativos e óleos vegetais que seus amigos nativos compravam nas vilas. Estes eram usados como lubrificantes para reumatismo e ungüentos para cicatrização de ferimentos na pele.

Tônicos para ingestão ficavam em bolsas de couro maiores. Temperos e essências para uso na cozinha eram os produtos em maior quantidade, por ser os mais requisitados. Dez anos antes, Uma cometera o erro de ensinar os nativos a cozinhar com ervas. Desde então, tornaram-se gourmets.

— Fico imaginando, srta. Callahan, se não devia acrescentar um tempero em sua próxima refeição — considerou, pensativo.

— Não muito, veja bem, mas só o bastante para ativar a sua memória. Para ajudá-la a se lembrar de quem sou.

Contemplou a fila de odres e bolsas, as prateleiras que contraíra com tábuas de madeira e blocos de pedra improvisados, carregadas de frascos minúsculos e cestos com plantas desidratadas, flores, frutos e cascas de frutos.

De repente, estalou os dedos. Seu olhar brilhou.

— Como pude me esquecer! — Deu uns passinhos de dança e voltou-se se como um duende travesso pronto para realizar uma arte. — Um cáptor de sonhos é tudo de que precisamos.

Chipshaw concordou eufórico.

Uma tirou um cesto da prateleira e abriu a tampa, pegando um par de brincos de prata com miçangas coloridas e penas verdes e amarelas de papagaios penduradas.

— Estes farão o trabalho.

Colocou os brincos e mirou a sombra projetada na parede da caverna como se fosse seu reflexo num espelho. Inclinou a cabeça de um ombro a outro, fazendo a sombra dançar.

— Vou usá-los enquanto sonho com você. Então, quando os colocar em você, meus sonhos vão invadir sua mente e remover o bloqueio em sua memória.

Chipshaw bateu as mãos, tirou o chapéu de lã preta estilo andino e recolocou-o.

Uma levou as mãos para trás dos brincos.

— Vai se lembrar, querida. Você é minha, Dorothy. Sempre foi, sempre será.

Uma vela esgotou-se e a chama se apagou. Chipshaw foi para sua cama sob as prateleiras e cobriu os olhos com as patas.

Uma olhou fixamente a fumaça da vela que subia para o teto.

— Você deve se lembrar de mim.

Olhou para as sombras do captor de sonhos.

— Ou tudo estará perdido. E isso simplesmente não pode acontecer.

CAPÍTULO XXII

Mavis estava de guarda e ouvia os sons da floresta. Macacos pulando nas copas das árvores, um roedor na margem do rio, tucanos batendo as asas ao encontrar um poleiro. Ouvia também Agli girando uma bateia procurando ouro, algo que os nativos faziam em seu tempo livre, acreditando nas tolas histórias sobre o tesouro perdido dos incas.

A cama de M. J. rangeu quando ela se agitou no sono, pronunciando o nome dele, para sua surpresa. Estaria sonhando com ele? Nesse caso, como era o sonho?

Chegara tão perto de se revelar. E por quê? Sexo? Já conhecia aquilo. Raios, era velho demais para uma reação tão adolescente. Tinha um destino a cumprir e isso não incluía um romance com uma funcionária.

Atribuiu a excitação à insanidade temporária, após o choque de abater a cobra, de estarem sozinhos na floresta, do nervosismo levado ao extremo da ansiedade ante as dificuldades de encontrar petróleo. De ver M. J. nua.

Apertou o dedo na região entre os olhos e lançou a cabeça para trás.

— Travis, meu velho, algo o aborrece... e é mais do que um desejo momentâneo.

Massageou a nuca.

— Mas o quê?

Levantou-se e começou a andar. Logo estacou, esquadrinhando a floresta procurando invasores. Satisfeito por não pressentir nenhum, foi para a fogueira fazer café.

Sentiu-se inquieto enquanto esperava a água ferver. Verificou o relógio. A aurora seria dali a uma hora.

De repente, percebeu.

— Jararaca!

Travis sabia o bastante sobre o Equador, a geografia, as riquezas naturais e a fauna para ter certeza de que estavam longe da área da jararaca. Jibóias, sim. Corais, sim. Mas as jararacas dificilmente iam além da Colômbia.

Com certeza, não chegavam ao Equador.

Nada era impossível, mas a chance de uma jararaca invadir o acampamento era de uma em um milhão.

Desde a morte de um dos canoieiros, Travis temia outro ataque, mas não dissera nada a Michael, muito menos a M. J. Achara melhor não alarmar ninguém. Entretanto, não havia dúvida de que alguém introduzira a jararaca ali. Mas quem? E por quê?

Seu primeiro palpite ia para o bando que matara os lenhadores meses antes. Mas o fato ocorrera bem longe dali. E eles tinham sido avisados para não cortar madeira daquela área. Com certeza, haviam ultrapassado o limite. Agiam ilegalmente. Eram saqueadores que se arriscaram e receberam o castigo merecido.

Várias facções podiam ser responsabilizadas pelo assassinato daqueles americanos.

E havia Uma. Quem seria o ancião? E se fosse espião de uma empresa concorrente? Talvez fosse apenas um velho ermitão, mas Travis não confiava em

ninguém que não se apresentava devidamente. O que o camarada escondia, afinal? Ou tramava?

— Qual era o problema? — Travis esfregou os braços, como se quisesse livrar-se de alguma maldição. Algo o incomodava. Algo sobre o fantasma de Uma não o deixava em paz.

Algo não estava certo. Na verdade, algo estava muito errado.

Travis enveredava por uma área desconhecida, bancando o detetive. Era geólogo, empresário, para todos os fins... mas não investigador.

Ou seria? Pois não reunia pistas, informações, amostras de solo, rocha e argilas, opiniões de especialistas e análises de computador, com um objetivo? Não juntava tudo, decifrava, discernia, para decidir onde perfurar? Não apostara suas fichas e o dinheiro dos investidores nesse trabalho de investigação?

Talvez fosse mais qualificado para encontrar respostas do que pensava.

Só não sabia o que faria se ficasse diante de um assassino.

10 havia um ali na floresta. Estava convencido disso. Sabia que era o alvo e que M. J. só estava no caminho.

Travis desconfiava de que o assassino não esperara encontrar uma mulher na equipe. Bandidos da floresta estabeleciam um limite quando se tratava de mulheres. Se a quisessem morta, teriam lançado um dardo envenenado e ponto final.

Era possível que alguém quisesse assustá-lo, convencê-lo a abandonar o projeto. Mas não acreditava tratar-se de uma batalha entre o bem e o mal, do meio-ambiente contra o capitalismo. Era uma luta entre ignorância e conhecimento.

Mais uma indicação do poder massacrante do século vinte « um.

Fosse quem fosse, estava na selva, atrás de cada árvore, como um caçador com mira infravermelha.

Travis nunca se sentira tão impotente na vida. Só lhe restava vigiar. Lutar. Salvar-se.

Mas da próxima vez...

Quando soltassem outra cobra ou atirassem outro dardo, conseguiria salvar M. J.? E se, na próxima vez que tivesse que sacar a arma, errasse? E se causasse a morte de M. J. acidentalmente? Seria o responsável.

Sempre fora responsável, pelo menos até a noite anterior.

Travis respirou fundo. Sempre arriscara tudo nos negócios, mas estava a ponto de fazer isso na vida pessoal. Procuraria M.J e lhe pediria perdão pela atitude lasciva.

Talvez tivesse sorte e ela se apiedasse dele.

M. J. sentiu o perfume das orquídeas antes de vê-las. Inalou o aroma de baunilha, espreguiçou-se e abriu os olhos.

— Travis! — Endireitou-se, baixou o olhar e viu que não estava mais nua, mas de camiseta. Lembrava-se de tê-la vestido antes de adormecer. — Ainda de olho em mim?

Ele franziu o cenho.

— Ai...

— Você mereceu.

— Mereci. — Ele assentiu. — Eu lamento por ontem à noite. Eu não. Expirou sonoramente.

— Não tem problema. Está tudo bem.

— Não, não está. Temo que meu comportamento fique entre nós enquanto estivermos trabalhando. Não era eu. Normalmente, tenho controle sobre minhas reações... M. J. o interrompeu:

— Eu entendo. Está tudo bem. Ele esfregou a nuca.

— Não sei o que deu em mim, eu apenas...

— Chega, sim? — Ela saiu da cama e afastou o lençol. — Por que simplesmente não admite que eu "liguei" você? Então, quando se deu conta do que acontecia, bancou o cavalheiro e saiu? Mas não. Você tem que abrir um processo federal para pedir desculpa. Não vou processá-lo por assédio sexual, não vou apodrecer nesta selva nem desistir desta missão porque você ficou interessado nos meus peitos! — Sentou-se no banquinho, calçou as botas e amarrou os laços, furiosa.

— O quê?

Ela bateu a palma na coxa.

— Às vezes, vocês, homens, são tão enervantes!

— Nós, homens? — disparou ele, percebendo que nunca, jamais entenderia a psique feminina.

Ela ergueu as mãos para o céu.

— Oh, por favor! — Franzziu o cenho. — Ouça, Travis. Você não me deflorou. Não traiu seus princípios morais. Ainda é o epítome da boa conduta. — Saltitante, passou por ele para sair da barraca. — Fez café? Estou faminta.

— Café?

— E. — Ela o fitou e sentiu um arrepio do coração ao ventre. —r Está pronto.

— Ótimo. — Ela saiu da barraca e estacou de repente. — Oh, aliás, obrigada pelas orquídeas.

— Eu não trouxe orquídeas. Ela se deteve.

— Será que foi Uma?

— É a minha aposta. — Travis olhou por sobre o ombro para a porta de lona da barraca e, então, para a lateral desamarrada.

— Ele esteve aqui? — indagou ela.

— Tenho certeza de que, se inspecionar o solo ao redor da barraca, encontrarei as pegadas dele.

M. J. pegou uma orquídea de um ramo com uma dúzia de flores arrumado em forma de colar.

— Uma... — Sorriu. Travis endureceu o olhar.

— Você não tem que parecer tão feliz com isso.

— Por que não gosta dele? Ele cerrou os dentes.

— Porque ele está tentando me matar.

— Ele não faria isso. Ele salva vidas, não acaba com elas.

— Como sabe? Não o conhece. Nem eu, mas não acredito numa palavra do que ele diz.

— Por que acha que Uma está tentando matá-lo? Talvez Hcja a mim. Talvez ele tenha alguma superstição tribal quanto u presença de mulheres na floresta. Afinal, ele colocou sonífero no meu cantil.

— Está bem. Ele está tentando matar a nós dois. M. J. irritou-se.

— Travis, está dramatizando demais.

— Não, não estou. Acredito que a cobra que matei ontem a noite foi colocada aqui deliberadamente.

— O quê? — Ela sentiu um aperto no estômago. — Está Talando sério?

— Muito sério. Era uma jararaca, não pertence à fauna local. M. J. reviveu o choque do disparo. Acreditara que Travis

decidira matá-la. Jamais se esqueceria do ódio nos olhos dele.

— Isso é ridículo! A coisa toda é sem propósito. Uma não... liem, talvez... E o rio... — A medida que os pensamentos se ligavam e as suposições transformavam-se em acusações, o pânico tomou conta de seu ser. Estaria o velho curandeiro tramando contra eles? Talvez fosse ele o inimigo.

Apesar do afeto crescente que sentia por Uma e suas histórias, M. J. preocupava-se com o fato de ele a chamar de Do-rothy, provavelmente alguém que ele perdera havia muito. De qualquer forma, achava-o interessante.

Gostava de ouvir suas histórias. Ainda não tinha certeza KC sonhara ou se Uma viera mesmo visitá-la. Ele parecia ir e vir como as brumas da manhã. Nunca aparecia de verdade. Sempre etéreo, mas de algum modo previsível, como a aurora.

Por que o velho sentia-se tão ligado a ela? Por que optara por segui-la, curá-la, para depois matá-la? Estaria fazendo al-Kum jogo doentio?

Um temor verdadeiro dizia-lhe que Travis tinha o direito de estar alerta a seres noturnos e loucos com dardos envenenados. Loucos matavam por esporte no mundo todo. Os noticiários corriam atrás de acontecimentos assim para divulgar. Mesmo assassinos frios e calculistas se faziam passar por enviados de Deus. Outros diziam estar acertando as contas com suas mães, que não os amaram o bastante.

O mundo da tecnologia estava perdido. Quem podia afirmar que a floresta estava melhor?

Fora ingênua confiando em Uma. Travis e Michael estavam certos em se preocupar. M. J. sempre confiara demais nas pessoas. Devia prestar mais atenção.

— Não quero morrer — sussurrou, assustada.

— Nem eu — replicou Travis, resoluta.

— Serei mais cautelosa daqui para a frente. Ele assentiu, solene.

— Ótimo.

M. J. adotou uma expressão igualmente séria.

— Agora que entramos num acordo, vamos tomar café!

Michael sentia cheiro de petróleo. Auxiliado pelas locações precisas fornecidas pelas simulações de M. J. ao computador, sabia que estava próximo... muito próximo.

O ar apresentava uma qualidade especial na presença de petróleo, mas não era o cheiro de petróleo normal que ele buscava. Tratava-se de um aroma picante, como se samambaias, argilas, ossos e carne humana tivessem se alojado numa cova pré-histórica comum, o peso da esperança e da culpa pressionando os elementos, abalroando o espírito até uma nova forma de criar... o petróleo.

Os escatológicos estavam enganados. Havia sob as crostas e gelos polares petróleo suficiente para abastecer a indústria (! trilhões de pessoas pelos próximos mil anos. O problema era que o equipamento necessário à exploração de tais reservas ainda não estava disponível.

Michael gostava de pensar em si mesmo como o salvador da humanidade. Encontraria o petróleo que manteria os bebês aquecidos à noite, que abasteceria os carros em que namoravam os amantes, a encomendar mais gerações.

Mas Michael não era Travis. Michael não tinha um único osso romântico no corpo, e tal crença lhe dava uma sensação de domínio. Como se fosse Deus. Era a confirmação como transformador do mundo... uma vocação nobre.

Mais que tudo, Michael queria ser nobre. O problema era que a nobreza não entrava em sua constituição. Tampouco gostava de pensar em si mesmo como um avaro. Mas, se ele não cuidasse do número um, quem cuidaria?

Ao estudar os resultados mais atentamente, seu respeito por M. J. cresceu. A mulher tinha um raciocínio incrivelmente analítico, era um gênio na aplicação de dados outrora abandonados às camadas pertinentes. Mostrava-se quase tão brilhante quanto ele.

— Pedro, ponganle equipo aqui. — Michael instruiu o canoieiro a arrastar as bananas de dinamite, microfones, equipamento de coleta de dados e o computador pela área que encontrou no vale estreito entre dois espigões cobertos por densa mata. Olhando ao redor, teve a sensação de que um dia dinossauros andaram por ali em bandos.

Inalou o ar parado. Sentiu a forte energia e apostava que o ar estava magnetizado. Cada molécula de seu corpo pareceu ganhar vida.

Fechou os olhos, sintonizando-se com a terra e seu passado pré-histórico. Quase sentia o solo tremer à passagem de brontossauros e estegossauros. Daria tudo para ouvir o trinado de répteis voadores.

Michael não se lembrava de quando não se sentira fascinado pela pré-história. Quando criança, montara modelos de cada dinossauro conhecido na época.

Memorizara os anos que se passaram desde o domínio daqueles seres... embora as datas fossem sempre alteradas devido a novas descobertas.

Já era fanático pelo período jurássico três décadas antes do lançamento do filme. Esse amor pelo passado o levava a estudar geologia. Por algum tempo, pensara em se tornar arqueólogo. Mas o trabalho era pesado, e o pagamento, quase inexistente. Assim, optara pelo petróleo. Corria muito dinheiro no setor.

— Aqui. — Apontou para uma rocha protuberante. Pedro começou a instalar o microcomputador portátil.

Michael ficava mais ansioso a cada instante ali. Sentia a energia do lugar como se proviesse de um ser humano incansável. A terra o recepcionara, mas queria que ele se apressasse e fosse embora.

A sensação devia deixá-lo nervoso. Em vez disso, informou-lhe tudo o que queria saber.

Olhou para o computador e franziu o cenho. Não precisava de máquinas sofisticadas. Nem sabia por que trouxera toda a parafernália. Relatórios impressos eram necessários somente aos investidores. Ele tinha tudo de que precisava em si mesmo, no cérebro.

Enquanto Pedro e Andreas instalavam o gerador, Michael se agachou e tocou o solo. Então, estendeu-se e ouviu a terra, embora na realidade ouvir não tivesse nada a ver com o processo. Usava o sexto sentido... a intuição, a alma sensitiva.

O petróleo corria em rios entre as camadas de argila xistosa e rocha. Acreditava-se que lagos se formavam naquela região, lembrando oceanos, só que sem marés ou correntes. Michael sabia que oceanos de petróleo cantariam para ele como sereias. Já ouvira o canto antes. Ouviria novamente.

Fechou os olhos e a mente a tudo, exceto ao petróleo. Enterrou os dedos no solo e arrancou um punhado de terra. Sentiu o cheiro. Degustou, não para engolir, mas para sentir o gosto e procurar traços de alcatrão.

Agachou-se. E sorriu. Não gritou de alegria, não rezou em agradecimento. Simplesmente, olhou entre as árvores, pedras e morros ao redor, memorizando o lugar e traçando mentalmente o caminho até chegar ali.

Bateu no solo com emoção, como dois colegas após um jogo de bola.

— Vamos instalar as cargas aqui! — Foi até um ponto e apontou: — Aqui.

Os canoieiros apressaram-se com os fios e marcadores.

No dia seguinte, mapearia aquele local com o equipamento químico. Gravaria todas as explosões possíveis e voltaria ao acampamento.

O acampamento significava M. J.

M. J.

Ao pensar nela, estacou. Inclinou a cabeça, usando o instinto animal para detectar a natureza ao redor. Sentia-se inquieto, como se alguém o observasse. Mas era impossível. Estava sozinho ali, com exceção de Pedro e Andreas.

Era a natureza o que ouvia. O movimento irregular da folhagem não fora provocado por animais, mas por nuvens escuras que se formavam no céu. Como seguiam para o sul, concluiu que não choveria ali. Então, lembrou-se de que se afastara da floresta, mais do que pretendia, iniciando a subida da região montanhosa. O El Nino, fenômeno de aquecimento das águas do Pacífico, estava ativo, provocando mudanças misteriosas no clima da América do Sul e do mundo. Portanto, naquele ano, as regras não se aplicavam.

A situação diferia. Tudo diferia naquele momento.

O tempo era essencial. O sonho que M. J. descreveu o abalara, porém de forma positiva. Seria possível que ela tivesse sonhado com o El Dorado, como previra a vidente esquisita no hotel Oro Verde?

Michael desconfiava de que M. J. houvesse providenciado o mapa da Colômbia para estudar não apenas os desfiladeiros, mas áreas específicas que confirmassem que seu sonho se baseava na realidade. Apossara-se do mapa para fazê-la desistir da tolice.

Não podia facilitar. Não naquele momento. Não quando estavam tão perto do petróleo, tão perto de ter aquilo tudo.

Michael queria o petróleo. E queria M. J. também. Chegara até a fantasiar uma vida com ela.

Não sabia como ela conseguira, talvez olhando-o como se fosse seu universo. Ela o fazia se sentir como um milionário.

Gostaria de lhe dar um milhão de dólares.

Nem acreditava no que sentia. Nunca se deixara abalar por mulheres. Mas naquele momento sentia que devia, podia, fazer algo altruísta. E, para um homem que sempre cuidara de si, que nunca tivera um gesto caridoso na vida, tratava-se de um desafio.

M. J. lhe dava a impressão de que podia mudar o mundo. Ela o fazia acreditar que podia mudar sua própria vida. Era apropriado estar de joelhos. Encontrara sua Meca.

De sua moradia na caverna, Uma observava o americano e sua equipe no pequeno vale.

— Você é mais esperto do que eu achava — resmungou. — Devem ser essas máquinas novas. Nenhum dos outros que passaram por aqui trouxeram tanto equipamento.

Sorveu uma mistura que destilava a partir de frutinhas que cresciam na lama vulcânica, semelhante ao licor que Dorothy adorava. Sentia falta dela principalmente ao anoitecer, quando costumavam tomar um aperitivo e traçar sonhos para o futuro. Ele queria construir um chalé junto ao mar, plantar jasmims e malvas, pintar a cerca de branco. Queria um filho também. Mas tinha que ser com ela.

Agora, estava velho demais para pensar em ter filhos. Velho e doente.

Não gostava de pensar na doença, mas era um homem instraído. Reconhecia o câncer quando ele surgia. O seu era particularmente doloroso... câncer nos rins.

Combatia a dor com drogas da floresta, bem mais fortes do que os remédios que conhecera na Califórnia. Mas já fazia muito tempo. Talvez a ciência tivesse evoluído. Pensou na mulher que se autodenominava M. J. Ela o fez perceber que deixaria o mundo sem um legado. Sem herdeiros.

Entretanto, tinha bens. Olhou por sobre o ombro para seus potes, cestos e bolsas. Suspirou. Devia ter se preparado melhor para a morte. Como um idiota, calculara mal a própria idade, eliminara uma década, fingindo que viveria para sempre. Somente ao se ver nos olhos de uma jovem percebeu que tinha pouco tempo. A doença não retrocederia.

Só piorava.

Franziu o cenho ao homem no vale que cheirava o solo como um animal, apurando os ouvidos ao menor ruído. O homem prosseguia com o trabalho, locando poços de acordo com o mapa que carregava debaixo do braço.

— Eu não faria melhor — comentou Uma.

Entrou na caverna, abriu uma caixa de madeira e tirou um par de binóculos da Segunda Guerra que barganhara com um nativo havia vinte... ou melhor, vinte e três anos. Apagou a tocha na parede e as velas. A caverna mergulhou na escuridão. Aproximou-se da entrada, lembrando-se de cada centímetro sob os pés.

— Vamos ver se você é mesmo bom, ianque.

Ajustou as lentes, focalizando o rosto de Michael. Via o brilho no olhar do jovem, o gosto pela posse em seus lábios. Observou-o medir as distâncias com passos e então usar um equipamento para local o ponto exato. A equipe acendeu lanternas e preparou uma fogueira. Michael trabalhava freneticamente, cada etapa lançando-o à seguinte, elevando sua adrenalina.

— É isso, meu rapaz. — Uma ajustou o binóculo. — Você sente, não é? Acha que encontrou e agora... isso mesmo. Festeje. A terra esta de comemoração. Dance! Agradeça! Tenha seu momento.

Baixou o binóculo.

— Pois isso é tudo o que terá.

Recostou-se na parede da caverna e contemplou o vale.

— Seu idiota egoísta. Está tão perto mas não faz idéia. Oh, você é bom, eu admito, mas não é nem metade do explorador que eu era. Que sou.

— Senti, no instante em que passei por aquelas árvores na entrada do vale. Senti no tutano dos ossos. Nas células do sangue. Mas olhe para você! Encontrou o que procurava e parou! Ergueu suas barreiras mentais. Ha! Não admira não haver grandes homens no mundo hoje.

— Você deve abrir a sua mente, filho. Abrir. — Uma bateu palmas. — Abre-te, Sésamo!

O macaco imitou o mestre, tirou o chapéu e recolocou-o rapidamente.

Uma franziu o cenho ao animal de estimação.

— Para onde o mundo está indo, Chipshaw? Não há magia, porque eles não a procuram.

Foi até o macaco, pegou-o e levou-o ao ombro. Uma fitou o exterior. O sol se punha. As estrelas surgiam, mas não haveria lua naquela noite.

— Talvez esse seja o meu trabalho, Chipshaw, mostrar-lhes um pouco de magia. Um pouco de magia negra.

O macaco aplaudiu efusivo, como fora treinado a fazer.

CAPÍTULO XXIV

Conquistadores sempre voltavam com espólios. Michael tinha o dele e mal podia esperar para partilhar a vitória com M. J. Sentia-se como que carregando a tocha olímpica ao se aproximar do acampamento.

Normalmente, deixaria os canoieiros tomarem a frente, mas não desta vez. Adiantava-se dez passos, na expectativa da reação de M. J. ao ver o resultados da empreitada.

Estava convencido de ter localizado o ponto exato onde deviam perfurar. O local de onde surgiria o arco-íris mágico com o pote de ouro, o futuro deles.

Sabia que fora negligente na demonstração de seu afeto antes de deixar o acampamento. Determinado, obstinado por óleo, até se esquecera de se despedir de M. J. adequadamente.

Ao recordar o fato, concluía que devia ter estado temporariamente insano. Era a única explicação, porque cada segundo longe dela lhe parecera uma eternidade.

Não queria sentir falta de M. J. Por que deveria? Nunca sentira falta de ninguém na vida. De onde a certeza de que desta vez seria diferente? De que aquela mulher era diferente?

Passara mesmo só três dias no vale, aplicando as cargas de dinamite? Era espantoso que conhecesse M. J. havia pouco mais de uma semana, nove dias, e ela já causasse tamanho impacto em sua vida.

Simplesmente, sentia-se dividido entre o desejo e a realidade.

Mas por que andava tão devagar, como se as trepadeiras da floresta o retivessem? Não sabiam que ele tinha que voltar para M. J.?

Com os fones de ouvido de seu toca-CDs portátil, M. J. se embalava ao som de Who Wants to Live Foreverl, do grupo Queen, enquanto enxaguava suas roupas íntimas num balde. Torceu o sutiã e a calcinha totalmente em sintonia com o espírito da canção.

Ergueu o olhar e notou Agli rio abaixo, ainda procurando ouro. No dia anterior, conversara com o canoeiro a respeito daquela atividade e descobrira que ele encontrava de cinco a sete pepitas de ouro em cada expedição.

Apesar de seu espanhol sofrível e do inglês precário de Agli, soube que Agli os considerava tolos por procurar petróleo em vez de ouro.

Ela tentara explicar que, no mercado mundial, o preço do outro estava em baixa, mas a informação pareceu irrelevante ao canoeiro. Com as pepitas de ouro, ele alimentava e vestia a família por meio ano. Com o ouro que encontrara desde que começara a trabalhar para Travis Kincaid, já comprara uma lavadora de roupas para a esposa e seus filhos agora iam regularmente ao médico em Lago Agrio, para tomar vacinas. A família alimentava-se melhor do que os vizinhos. Com o resultado daquela expedição, Agli esperava comprar uma motocicleta. Ele se considerava um homem esperto e próspero.

M. J. gostava do jeito como os olhos dele cintilavam ao falar da esposa e dos dois filhos. Até comentou a respeito, ao que o canoeiro assentiu sorridente.

Absorta na música e nos pensamentos, M. J. não percebeu a aproximação de Travis.

— Você parece contente — comentou o chefe.

— Estava ouvindo música e... — Ela agarrou as peças que estendera sobre uma rocha e as escondeu às costas.

Travis meneou a cabeça.

— Já devíamos nos sentir mais à vontade uns com os outros por aqui, não acha?

M. J. corou.

— Tenho uma imagem a zelar.

— Tem mesmo — concordou ele, malicioso.

Ela se sentiu aquecer de desejo e desviou o olhar. Travis pigarreou.

— É... fez a última simulação no computador para mim? — indagou, profissional.

— Sim. Está sobre a mesa.

— Vou dar uma olhada — disse ele.

Mas não se afastou. Hesitava. Embora de costas, M. J. sentia a vontade dele de se aproximar e imaginou por que ele simplesmente não fazia o que tinha vontade, ou seja, abraçá-la, aninhá-la junto ao corpo.

O homem estava tão distante de si mesmo que não percebia as próprias necessidades?

Infelizmente, M. J. estava muito ciente de seus próprios sentimentos. Reagia a Travis com uma paixão assustadora, quando até pouco tempo antes nem cogitava que as pessoas podiam ter emoções tão fortes.

— M. J.?

Não era a voz de Travis. Ela se voltou.

— Michael?

A voz dele ultrapassou a folhagem espessa e se sobressaiu ao trovão.

M. J. passara três dias naquele acampamento praticamente sozinha com Travis, um homem introspectivo e sexualmente carregado. Devido à intensa troca de energia entre eles, sentia-se esgotada.

Durante aquele período, não pensara em Michael. Por três dias, esquecer-se dele. Agora, de repente, ele voltava. E, ao ouvir a voz dele, ela sentiu culpa.

— Michael? — sussurrou Travis, e viu o choque no olhar de M. J.

De repente, o céu se abriu e a chuva desabou sobre suas cabeças.

— Meu computador.1 — M. J. correu para o centro do acampamento. Sabia que não devia deixar o computador a céu aberto àquela hora do dia, quando geralmente chovia a cântaros por meia hora e, então, a torrente cessava tão abruptamente quanto começara.

— M. J.! — gritou Michael, quando a viu correndo como uma fadinha em sua direção.

Ela agarrou o microcomputador portátil e o protegeu contra o peito.

— Michael! Corra! Vai se molhar! — Ela entrou na barraca. Michael se apressou sob a chuva e entrou na barraca também.

Ofegante, as gotas de chuva escorriam por seu rosto, pingando da borda do maxilar. Os olhos fulguravam de expectativa. O sorriso iluminava o interior da barraca.

Ele não precisou dizer nada. M.J soube pela expressão, pela euforia contagiante.

— Você encontrou! Ele confirmou.

— Graças a você.

— De jeito nenhum! — Ela nem cogitava a possibilidade de ser responsável por uma das maiores descobertas do século. — Tem certeza?

— Tanta quanto se pode ter sem perfurar.

— Oh, Michael... — Ela o fitou embevecida. Ele abriu os braços.

M. J. olhou-o como se portasse uma doença contagiosa. Encarou-o. Então, percebeu... havia algo diferente.

— Não mereço um abraço? — indagou ele.

— Oh, claro — concordou ela, ainda agarrada ao microcomputador portátil.

Ele a enlaçou mesmo assim, estreitando-a contra si. Beijou-lhe a orelha. Uma mecha dos cabelos molhados grudou-se no rosto dele. Ante a fraca retribuição de M. J., afastou-se um pouco. O que esperara dela, afinal?

— Ouça... sei que discutimos quando parti — recordou Michael. — Sei que queria ir comigo, e eu não estava tentando tirar-lhe a glória, nada disso. A verdade é que estava tão obcecado naquela hora que não enxerguei mais nada.

Ele lançou a cabeça para trás e riu, nervoso.

— Você me ouviu? Não é demais? Parece que fiquei fora por semanas...

— Séculos...

— Você sentiu, também? — Fitando-a ternamente, ele continuou: — É incrível o quanto pode acontecer em poucos dias, horas, até. Não é?

M. J. sorriu constrangida, sentindo-se culpada.

— É.

Entusiasmado, Michael relatou:

— Fica a uma eternidade daqui. Viajamos sem parar. Mal dormimos, para dizer a verdade. Você nem vai acreditar. Fica bem na borda da Amazônia. Eu nem sabia para onde estava indo, só segui a falha que você calculou. Juro que o homem contemporâneo nunca pisou naquele vale. Se pisaram, nunca documentaram. É incrivelmente isolado. Desprovido de seres humanos... sei lá, sem energia psíquica humana. Eu só sentia os animais. Nenhum processo mental. Juro, foi como se o lugar me atraísse. — Passou a mão nos cabelos, os olhos maravilhados ao repassar mentalmente a aventura enquanto a narrava. M. J. não cabia em si de alegria.

— É incrível, Michael! Não consigo acreditar! Conte mais!

Naquele momento, Travis entrou pela porta de lona, trazendo chuva consigo. Erguera a gola da camisa e protegera a cabeça com o chapéu panamá. Quando seu olhar cruzou com o de M. J., esquivou-se.

— E o que o lugar dizia para atraí-lo? — indagou a Michael, rabugento.

Ao soltar M. J., Michael quase se desequilibrou no espaço exíguo. Voltando-se, cumprimentou Travis com as duas mãos.

— Parceiro, você não vai acreditar! Era como... raios, nem sei... um filme! Ou melhor, era como se estivesse dentro de um mito ou algo assim. O lugar é tão primitivo. Nem Pedro nem Andreas alguma vez tinham ouvido falar do vale que encontramos.

Travis franziu o cenho.

— Vale?

M. J. estranhou também.

— Mas meus mapas não mostram nenhum vale.

— Eu sei, eu sei. Mas está lá. Eu estive lá. Segui as suas coordenadas, M. J. Tenho que ser honesto: não fosse o ano do El Nino, nunca teria encontrado o lugar. Este ano está mais seco, com menos chuvas, e não é tão difícil andar pela mata. Esta chuva é a primeira que cai desde que parti. As nuvens se formam mas não chove. Lembra-se de termos ouvido que até Banos na Califórnia está em estiagem? Não há verde em exuberância neste ano...

— É verdade — ponderou Travis.

— Pois esse vale tem o solo mais rico que já vi — prosseguia Michael. — Acho que, se plantarmos uma semente pela manhã, a noite ela já brotou. Tipo "João e o Pé de Feijão". Eu trouxe um pouco... — Vasculhou o bolso e retirou um saco plástico com amostra de terra. — Sinta, Travis. Isto exala cheiro de petróleo. Aposto que, sob condições normais, estaria a florando, mas como está seco... voilà!

— Incrível! — sussurrou Travis, após cheirar o punhado de solo. Passou-o a M. J.

Ela não encarou o chefe. Sentia-se constrangida, como se tivesse feito algo errado. Mas não fizera. Apenas deixara cair a toalha após sair do chuveiro, quase fora picada por uma cobra e Travis a salvara. Aqueles eram os fatos. Fatos que nunca contaria a Michael. Se soubesse que Travis a carregara nua para a cabana, ele concluiria que ela e Travis tinham se tornado amantes, o que definitivamente não ocorreria.

Não por falta de desejo de ambas as partes.

— Temos que voltar lá o mais rápido possível — declarou Michael, agitado. — Temo que, se o tempo virar... eu não encontre mais o lugar. — Olhou aflito pela fresta na porta da barraca.

— Mas você remapeou, não? — questionou Travis.

— Sim, claro. Fiz ensaios. No local todo. — O entusiasmo de Michael suplantaria o despertar do vulcão Chimborazo ora inativo. — Assim que a chuva passar...

Travis ergueu a mão.

— Primeiro, você vai descansar. E se alimentar. Podemos partir amanhã. Além disso, os canoeiros parecem exaustos. Eles também precisam descansar.

Michael cocou a cabeça.

— E, tem razão. Eu estou com a adrenalina alta, mas eles, não. Travis apertou o ombro do sócio.

— Se isso vingar, você salvou a plantação!

— Obrigado — respondeu Michael, batendo nas costas de Travis. Respirou fundo, sua energia baixou de repente. — Acho que um descanso não seria má idéia, afinal.

A chuva parou.

— Felizmente — aliviou-se Michael, olhando para fora. — Ainda temos uma chance.

— Claro que temos — reforçou Travis. — Mas amanhã. — Chamou Michael para fora.

Michael olhou para M. J.

— Quero ouvir tudo, Michael — disse ela. — Depois que você descansar. Vou ajudar Agli a preparar um ensopado para o jantar — acrescentou.

Ele sentiu o estômago se revolver em expectativa.

— Comida caseira, é?

Ela assentiu e forçou um sorriso.

— Vamos tentar.

Travis e Michael deixaram a barraca de M. J. Num momento em que o sócio não via, Travis olhou por sobre o ombro para ela.

Foram só segundos, mas ela teve a impressão de que Travis finalmente encontrara seus sentimentos. Era como se experimentasse uma nova emoção, a qual teimava em combater.

Se tivera uma chance de se ligar a Travis, acabava de perdê-la.

CAPÍTULO XXV

Os guardiões falharam. Praticaram um jogo de morte, torcendo as pontas para esmagar o meio. Alguém perderia. Esse era o plano. Só não previram que poderiam ser os perdedores.

Como adivinhar que a consciência se alteraria no meio do fluxo? Como saber que líderes eram falíveis? Como imaginar que seus ideais seriam usados para ganhos pessoais?

Eram os homens de Uma.

Supostamente, sabiam tudo, sabiam mais.

Consultar os oráculos só resultava em mensagens confusas, o pior destino que podiam projetar para si mesmos.

Os cristais também não traziam a iluminação.

Ao consultar as runas de cerâmica, começavam a discutir, quando era imperativo que permanecessem como uma mente, um propósito.

Um dos membros sugerira até que orassem para os santos cristãos, mas lembravam-se bem da impotência dos espíritos mortos e da falta de conhecimento universal.

Os homens de Uma eram mais poderosos do que os mortos. Conheciam a abrangência e a força do poder mental coletivo. Sabiam como atingir os mistérios ocultos do universo procurando o corpo do pensamento que assomava sobre a terra como um oceano de energia, envolvendo-a como uma oração... a concentração dos pensamentos subconscientes de todos os seres humanos, mortos e vivos, que já existiram ou que viriam a existir no tempo. Conheciam os pensamentos das almas dos reis que dominaram aquela região por séculos, desde cinquenta mil anos antes, quando os primeiros caçadores e silvícolas chegaram à Amazônia. Sabiam dos desejos que mantinham as J dmas ligadas à terra através da reencarnação e do processo pelo qual as personalidades aprendiam as lições de vida antes do ascender a dimensões superiores, além do tempo e do espaço, a fim de completar a mente universal.

Eram esses pensamentos dos seres superiores que os homens de Uma acreditavam entender e que traduziam em ações. Só não entendiam como se deixaram enganar, confundir.

No devido momento, eles se apresentariam. Precisavam fazer uma declaração, não apenas aos invasores, como ao líder, que parecia tê-los abandonado.

Desta vez, não usariam os tsentsak, os dardos mágicos. Precisavam ser mais dramáticos, mais enfáticos em seus métodos.

Entreolharam-se, procurando alguém para guiá-los, mas ninguém se destacou. Por serem os homens de Uma, resumiam uma só personalidade. Nenhum se sobressaía ao outro, porque isso significaria a extinção do grupo.

A única esperança era entrar em contato com o divino pelo método mais antigo conhecido por seu povo. Consumiriam as folhas de coca e o alucinógeno mais poderoso da terra, a aya-huasca, a vinha da alma.

As culturas ocidentais ignorantes abusavam de alucinógenos para o prazer do corpo, acabando em autodestruição. Os homens de Uma preparavam as poções mágicas num ritual precioso, usando a fórmula transmitida de geração em geração havia dez mil anos. Colhiam as folhas e galhos necessários diariamente, nunca viajando para tão longe a ponto de não ter os ingredientes à mão ou em bolsas de couro que mantinham ao pescoço e à cintura. Essa proximidade constante também permitia às ervas e plantas desidratadas assimilar seus pensamentos, sua noção de justiça e seu propósito divino.

Vestiram-se com penas coloridas roubadas dos pássaros da floresta. Pintaram os rostos com as mesmas cores vistosas, cujos pigmentos eram extraídos de frutos, raízes e madeiras de Oriente.

Iniciaram devagar as batidas dos tambores, num compasso assustador, como se recriassem as batidas do coração do Homem. Aos poucos, aumentavam o ritmo, sincronizando-se com a batida da mente universal. Uma flauta de junco alcançou uma nota alta, aguda e sentimental. Então, outra flauta e outra nota se juntaram às vozes humanas e o conjunto criou vida própria.

Sentados em círculo, acenderam as tochas na fogueira. Era vital que os membros capturassem o fogo simultaneamente.

Observavam as chamas enquanto cantavam. As fagulhas elevavam-se ao céu, misturando-se com as estrelas. As vibrações da música levavam as cinzas aos planetas, e além deles.

A música proveniente de suas almas fundiu-se ao choro dos anjos. Os tambores, as flautas e os homens imploravam orientação. A ayahuasca circulou... todos tomaram.

Então, o visionário dançou entre eles, despejando partes de sonho em suas mentes. Era o início da comunhão com o ancestral.

Uma mítica anaconda serpenteou ao redor da fogueira, mas permaneceu ilesa. Embora as serpentes fossem poderosas, eles assistiram à morte da jararaca que introduziram no acampamento dos invasores.

Os invasores prevaleciam.

O visionário dançava em suas mentes. Entrava e saía do fogo, parecendo espírito, parecendo real.

Sabiam que não era humano. Se fosse, seu poder seria inútil. Procuravam respostas que só o divino podia dar.

Hipnotizados pelas chamas, dominados pelo fluxo de drogas na corrente sangüínea e pelas qualidades transcendentais do man-tra, os homens de Uma encontraram seu Deus. E Ele lhes falou.

Doze mentes receberam a mensagem que a resposta diante deles continha. Simplesmente tinham sido cegos demais para ver.

Abriram os olhos, a lucidez os trouxe de volta a terra.

A arma lhes fora dada. Sagrada. Eterna. A semente de toda a criatividade.

O fogo.

CAPÍTULO XXVI

No sonho, M. J. pensava sentir cheiro de fumaça. Apesar da irritação nas narinas e garganta, não despertava. Voltou-se na cama.

Viu as sombras de dois homens rodeando-a, e então um terceiro. Sabia que não devia confiar neles. Estava mais que ciente da presença, estava apavorada.

Uma das sombras tinha uma tocha e ateou fogo à pilha de madeira a seus pés. Percebeu que estava amarrada a um poste.

Mas não podia ser Joana D'Arc. Era só M. J.

A fumaça picante tomou conta do ar, e ela tossia. Sentia cheiro de carne humana se queimando... a sua carne.

— Ai! — gritou, e levantou-se. — Não é sonho!

Pulou da cama, espanando as cinzas dos braços. Tinha os cabelos em chamas e pequenas marcas pretas na pele.

Com um tapa, arrebatou o pedaço de lona em chamas que caíra do teto da barraca em sua cabeça.

— Meus cabelos estão queimando! — gritou, em pânico. Girando os braços feito as pás de um ventilador, tentava apagar o fogo. As chamas aumentaram. Finalmente, abafou com as mãos nuas.

Vou morrer, como minha mãe!

Não! Não como minha mãe. Eu estava lá para chorar por minha mãe. Não há ninguém para chorar por mim aqui.

Pensou em Claire, no conselho da irmã para que não se aventurasse na América do Sul, permanecendo num lugar seguro.

Tinha o raciocínio sobrecarregado. O terror se apossava de seu corpo, imobilizando-a. Não estava quente. Sentia-se fria como gelo.

Na verdade, estava tão quente que chegava a sentir frio. (>u melhor, sentia-se vaporizar. Como o gelo.

Estremeceu e percebeu que o calor intenso lhe provocava suor. Esforçou-se para pensar e avaliar a situação em que se encontrava.

O teto da barraca estava em chamas. Em poucos segundos, tudo desabaria sobre ela.

— Pegue o que precisa, garota — disse a si mesma. — O mais valioso. — Pensou em Claire. Pensou em Travis e Michael.

— Meu trabalho!

Agarrou o microcomputador portátil, os disquetes e o arquivo de pesquisa prévia que passara anos coletando. A caminho da porta, arrebatou o short e o sapato. Parou ainda para pegar o frasco de vitamina E e saiu da barraca quando as chamas já tomavam conta das paredes.

Fora, voltou-se e viu a barraca desaparecer diante de seus olhos, consumida pelo fogo.

— Travis! — gritou, sem pensar, movida pelo instinto. Tinha de salvá-lo, salvar o mais importante. Então, pensou em Michael. Olhou para a barraca de Travis

e para a de Michael. Ambas ardiam. Os dois deviam estar dormindo. Se não agisse, em segundos estariam mortos. M. J. não pensou. Só agiu.

Precisava da ajuda de um para salvar o outro. Não podia fazer tudo sozinha, mas tinha de tentar.

— Travis! Michael! — gritou, apesar da fumaça irritando a garganta. Seus apelos mais pareciam grasnidos de uma cigarra em noite de verão.

Sentia-se deslocar em câmara lenta. E se os dois já estivessem mortos? E se chegasse tarde demais?

— Travis!

Esqueceu-se da tensão entre ambos junto à fogueira no jantar, após a volta de Michael. Não era culpa de Travis a atração que ela sentia por ele, a confusão que ainda fazia das próprias necessidades. Ele nem imaginava o tormento dentro dela. Não fazia idéia de que ela ainda se regozijava à lembrança das mãos dele examinando seu corpo.

Mesmo que ela contasse tudo isso, Travis não daria atenção. Mas nada daquilo importava agora. Só queria salvá-lo.

— Por favor, não morra! Por favor, Senhor, não me deixa sozinha novamente!

Largou no chão o que tirara da barraca e correu para o fogo que transformava a terra em inferno, o medo suplantado pelo desespero.

Tenho de salvá-lo!

O teto da barraca de Travis desabou. O banquinho com as roupas dele contorcia-se entre as chamas, uma personificação do demônio da destruição. Mapas e planilhas viravam cinzas. O fogo lambia o lençol sobre a cama.

— Travis! — M. J. entrou na barraca, arrancou o lençol e começou a bater no corpo de Travis em chamas, queimando as mãos. — Travis, acorde!

Ele despertou e agarrou-lhe os punhos.

— M. J.? Mas o que você... — Só então sentiu o cheiro. De fogo. De morte.

O olhar de M. J. era puro terror.

— Travis, levante-se! Temos de sair daqui!

Ele pulou da cama e olhou ao redor estarrecido.

— Os mapas!

— Já queimaram! — Ela o agarrou pelo braço com força e quase o derrubou.

— Vamos sair daqui!

— Céus.... — Travis reparou nas queimaduras nos braços de M. J., nos cabelos chamuscados. Estendeu as mãos para abraçá-la.

— Vamos! — Com a mesma dose de adrenalina extra que os super-heróis experimentavam nas crises, ela empurrou Travis para fora da barraca. Ele rolou pelo chão.

M. J. atirou o corpo sobre o dele, abafando suas roupas em chamas. Ele entendeu o que ela fazia, o que acontecera. Então, sentiu a dor das queimaduras e gemeu, embora desejasse grilar. Conteve-se para não assustar M. J. ainda mais.

Frenética, ela rolou o corpo dele pela areia e bateu nas costas e coxas. Seu calção virará trapo. A dor o galvanizava; mesmo assim, afirmou:

— Estou bem... — Novamente apto a raciocinar, esqueceu-se da dor. — E Michael?

— Travis, temos de correr! — gritou M. J., levantando-se, no mesmo tempo que o puxava pelo braço.

Travis olhou para a barraca de Michael. Devia ter sido a última a ser atingida pelo fogo, pois o teto ainda não desabara.

— Michael! — Olhou ao redor. — Onde estão os canoieiros? Agli!

M. J. lembrou-se do assobio, posicionou os dedos junto aos lábios e soprou. Os empregados começaram a acordar. Como puderam continuar dormindo apesar dos gritos? Talvez tivessem sido drogados.

— Água! — gritou M. J. — Muito para lá frente!

— Si, senhorita! — gritou Agli, organizando os canoieiros para trazer água do rio.

M. J. voltou-se e viu Travis correndo para a barraca de Michael. Foi atrás, mas estacou e a segurou pelo que restava da camiseta.

— Aonde pensa que vai?

— Vou salvar Michael!

— Já fez o bastante. É a minha vez.

Sem esperar resposta, ele entrou na barraca. Michael dormia profunda e merecidamente.

— Michael, acorde! — Travis o segurou pelos ombros e tentou erguê-lo.

Michael custou a despertar.

— O quê? — indagou, sobressaltado. — Que diabo está _ acontecendo?

Viu o teto da barraca em chamas, tossiu com a fumaça.

— Você está queimando! — Travis passou o braço ao redor dele, arrancando-o da cama. — Corra, M. J.! Temos só alguns segundos. Ajude-me a tirar o computador! Rápido!

Ela correu para dentro. Agli e os demais chegavam com baldes de água, prontos para combater o incêndio.

Precisavam salvar o mapeamento da última e mais preciosa locação de Michael.

— Ajudem! — ordenou Travis aos canoieiros.

M. J. passou papéis para os braços estendidos de Agli enquanto os canoieiros jogavam água na barraca. Michael pegou o microcomputador e componentes. Travis arrebatou um punhado de disquetes, sabendo que o futuro deles estava gravado* com aquelas informações.

M. J. recolheu o que pôde da e saiu correndo com Agli. Os poucos baldes de água não surtiram efeito contra as chamas altas. As laterais da barraca eram rapidamente tomadas pelas labaredas.

— Ei! Não arrisquei a minha vida para vocês esnobarem, Travis Kincaid e Michael Hunter! Saiam já daí!

As palavras surtiram efeito. Eles saíram da barraca no instante em que as paredes eram engolidas pelas chamas. A onda de calor os obrigou a se afastar.

— Santa Maria... — rezaram os canoieiros, fazendo o sinal da cruz.

— Não posso acreditar! — Michael contemplava atônito a destruição. — As três barracas...

— Viraram cinza — completou M. J., largando os tubos com mapas no chão. Sentiu os braços arderem e então latejarem. Dor. — Oh, como sou idiota! — Inclinou-se e calçou os sapatos.

Enquanto Travis avaliava o estrago, Michael sentou-se no chão, parecendo em choque.

— Mas o que foi que aconteceu aqui? — murmurou Michael, meio em transe.

— Gostaria de saber. — M. J. foi fazer o rescaldo de sua barraca com uma vareta.

— O que está fazendo? — perguntou Travis.

— Procurando o meu filtro solar. Michael meneou a cabeça, irritado.

— Não é hora para isso.

— Tem aloé na composição. Com certeza, é a hora. Isso e minha vitamina E vão curar as minhas queimaduras, e as de vocês.

— Como você está? — Travis a segurou parada e examinou seus braços e pescoço. — Céus... — Bolhas enormes formavam-se em sua pele delicada, incluindo a do rosto. Queimara-se mais perto das orelhas, por causa do fogo nos cabelos. Seria preciso mais que aloé para tratar aquilo; deviam chamar um médico imediatamente. Mas não tinham tempo.

Travis apostava como não sairiam vivos daquela selva.

— Michael, pegue sua arma e toda a munição que encontrar. Rápido. Não temos um minuto a perder.

— Do que está falando? — questionou o sócio.

— O incêndio foi deliberado. Alguém está tentando nos assustar desde que chegamos. Sinto que agora não vão se satisfazer enquanto não estivermos mortos. Eles estão aí, observando todos os nossos movimentos. Pegue o essencial.

— Tem razão. — Michael levantou-se.

Travis olhou «para M. J. Queria tocá-la, abraçá-la, mas não leriam mais momentos assim.

Queria dizer-lhe um milhão de coisas. Queria pedir desculpas por trazê-la ali, mas era tarde demais para isso.

M. J. viu Travis franzir o cenho ao avaliar suas queimaduras, Engoliu em seco. Estava mal. Sabia disso. Não podia ver além das pequenas queimaduras nos braços, e era melhor assim. O resto era pura dor. Não queria saber se ficaria marcada pelo resto da vida. — Ficarei bem — afirmou, corajosa.

Travis sentiu-se dominar pela familiar onda de culpa. Er o responsável por aquelas terríveis queimaduras, cortes e hé matomas em M. J. Castigaria a si mesmo de bom grado, a fií de aliviar o remorso, mas não tinham tempo.

As chances dos três de sair dali com vida diminuía a cad instante.

— Vou ser honesto, M. J. Não podemos voltar. Sejam, que forem essas pessoas, vão continuar nos seguindo, para a frent ou para trás. Não é que não queiram que encontremos o pe tróleo. Eles não nos querem aqui e ponto final. Vai ficar ainda mais perigoso para nós. — Ele tomou-lhe a mão. — Talvez não voltemos nunca mais.

M. J. sentiu o coração falhar quando Travis confirmou seus piores temores. Via a dor nos olhos dele, o senso de derrota.

Ele apresentara-lhe os fatos, frios e assustadores como eram. Era esse seu dilema quanto à realidade... deixava-a apavorada, Mesmo assim, respeitava Travis pela franqueza. Ele lhe contava a verdade... para seu próprio bem. Para o bem deles.

— Não é sua culpa — declarou, solidária.

— É, sim.

— Não voltei quando você mandou, no primeiro dia. Percebe agora que fui ingênua. — M. J. respirou fundo, deixando cair os ombros ao expirar. — Olhe, foi difícil para mim, admitiu meu erro. Sou melhor defendendo minhas ações, por mais ir responsáveis que sejam. Mas ainda vou melhorar, acredite.

— M. J., você não tem que se responsabilizar por nada.

— Travis, pare. Você não está pedindo desculpas a Michael Por que me trata de forma especial?

Travis suavizou a expressão, o olhar cintilante de ansiedade de vontade de se revelar. M. J. sentia-se enfeitiçada. Penso" ver a alma dele e ficou chocada ao identificar tanta necessidade ali, um vazio a ser tratado, preenchido com amor.

Percebia tudo aquilo, quase partilhava a sensação. Por que ele não admitia?

Como ele podia olhar para ela assim, revelar sua alma e ainda acreditar que ela não se perturbava? O filho da mãe a deixava cada vez mais apaixonada!

Obrigou a lógica a suplantear as emoções.

Seria Travis um covarde? Ou estava apenas se protegendo? M. J. nunca teria certeza. De qualquer forma, era a perdedora naquela história.

M. J. viu quando os olhos dele se obscureceram, deixando-a de fora. E sentiu o sangue gelar.

Lembrou-se da discussão com Claire, como se um grilo falante a atormentasse. Malograra sua crença em que uma aventura a tornaria uma pessoa de valor.

Em suas fantasias, M. J. estava sempre no centro do palco, objeto de adoração, coberta de elogios. Via a realidade agora. M. J. Callahan não tinha nada de especial. Não era nenhuma Ava Gardner, mas uma simples geóloga, embora das melhores. E era uma idiota. Uma idiota por participar daquela expedição. Uma idiota por não ouvir os conselhos de Claire, de Travis e de Michael.

Com certeza, era uma idiota por se apaixonar por Travis.

Se sobrevivessem àquela expedição, o que parecia improvável, ela e Travis não teriam mais do que uma lembrança duvidosa a acalantar. Ele seguiria seu caminho,

ela seguiria o dela. M. J. imaginou se ele se lembraria dela de vez em quando. Provavelmente, não.

Nunca fora eficiente em colocar o passado para trás. Nada do que fizera eliminara seus demônios interiores. Era culpada por fazer escolhas idiotas, tudo em busca da necessidade de ser amada.

Era mesmo um caso perdido. Embora mais forte e resistente do que imaginara. Superara a febre, a cobra e o fogo. Nunca testara a esse ponto sua força interior antes. Oh, escondera bem o sofrimento, sustentara a máscara de confiança contra as inseguranças. Ensinar a si mesma a ser rebelde. Fingira ser outra pessoa, vivera a vida de outros.

Agora, forçada a viver a própria vida, dava-se conta do quanto esta lhe era preciosa. Acima de tudo, percebia o quanto estava determinada a descobrir mais sobre si mesma e sua capacidade de sobreviver a tudo.

Aprendera a ser heroína, ao mesmo tempo que entendia que não existia tal entidade chamada herói.

Arriscara a vida por Travis e Michael. E arriscaria novamente. Lembrava-se da onda de adrenalina invadindo seu corpo, o ataque de altruísmo ao correr para salvar Travis. E novamente para salvar Michael.

Talvez a morte da mãe lhe tivesse dado essa nova coragem. Não queria perder mais ninguém e faria qualquer coisa para garantir que isso não acontecesse. Engoliu em seco e declarou:

— Eles não vão nos matar se não conseguirem nos encontrar, senhor.

Toda vez que ela se dirigia a ele com formalidade, Travis sentia um gosto amargo na boca. Restava-lhe imaginar aonde sua necessidade de proteger a funcionária o levaria.

M. J. inclinou-se para pegar a mochila.

— Sei para onde Michael está nos levando. Se continuarmos para o oeste, subindo os Andes, acabaremos encontrando uma cidade. De lá, iremos para Quito e, então, para casa.

Travis concordou.

— Já tinha pensado nisso. É uma chance. M. J. sorriu.

— Então, vamos lá.

Michael acabou de arrumar os pertences que conseguirá salvar do incêndio e enganchou a arma no cós do short.

— Não concorda? — indagou-lhe M. J.

O semblante dele era implacável, determinado.

— Precisamos andar rápido. E não vamos parar para nada.

— Certo — respondeu Travis. Olhou para M. J. — Tem certeza de que consegue?

M. J. imaginou se ele sabia que franzia o cenho sempre que olhava para suas queimaduras. Obviamente, ela significava mais para o homem do que ele jamais admitiria. Pelo menos, a ela.

A reação era um sinal de que ele se importava. Um sinal mínimo, fraco, porém algo em que ela podia se agarrar. Continuaría procurando sinais.

Continuaría a ter esperança.

CAPÍTULO XXVII

Uma chegou a tempo de ver o que restou do fogo. Inspecionou o entulho para verificar se os americanos haviam apagado todas as brasas.

— Ora. Metódicos e atenciosos. Surpreendente para saqueadores, não é, Chipshaw? — indagou ao macaco atento ao rescaldo, empoleirado no ombro do mestre.

— Mas também, quem pode dizer que eles são as bestas? Talvez eu seja a besta. Fui um dia. Posso ser novamente.

Com olhar arguto, Uma examinou a área, verificando além das árvores e folhagens, procurando o que os homens normais não viam. Buscava Cofan, o nativo que fizera do combate aos petroleiros a razão de sua vida. Mas a área estava limpa.

— Vão encontrar nossa casa, Chipshaw, e não posso deixar que isso aconteça. Nosso trabalho é precioso demais para ser aniquilado pela ignorância. Ou pela ganância. — As palavras morreram no solo, carregadas de culpas passadas.

O macaco aquietou-se.

— Talvez seja hora de parar de brincar com esses invasores e acabar com tudo. Não é como se eu tivesse todo o tempo do mundo. — Uma suspirou. — E espantoso como a vida passa depressa. Com certeza, esperava ter realizado mais a esta altura.

Mas de algum modo, não consegui. Não que tenha falhado, veja bem. E esse pesar que trago comigo...

Uma olhou ao longe e uma expressão de esperança iluminou seu rosto. .

— Eu gostaria que ela tivesse visto minha glória. Ela ficaria impressionada.

Chipshaw parecia saber exatamente o propósito do mestre, pois nesse momento grunhiu selvagememente, provocando a resposta das araras. Elas voaram para outros galhos, movimentando as copas.

— Fique quieto! — censurou Uma. — Sei o que estou dizendo. Sei melhor ainda o que estou fazendo. Ou melhor, a ponto de fazer.

— Dorothy... — Ao pronunciar o nome, trouxe o passado e o juntou ao presente. — Perdoe-me, meu amor, pelo que irei fazer. Mas é a única forma. Não posso deixá-la aqui para morrer sozinha. E é isso o que acontecerá. Você precisa de mim. Deve entender isso a esta altura.

Uma pegou um galho para usar como cajado. Seguiu para o norte, para o vale que os americanos procuravam e encontrariam.

M. J. os atrasava e sabia disso. A dor devido às queimaduras era quase maior do que podia suportar. Estava determinada a provar que podia carregar o próprio peso, mais seus pertences, mas era impossível levar a mochila nos ombros cobertos de bolhas e os músculos doíam demais. Decidiu arrastar a carga pelo chão.

Agli, Paulo e Andreas carregavam o que restara dos mantimentos. M. J. notou que os canoieiros caminhavam em silêncio naquela parte da floresta, o olhar fixo na vegetação rasteira, atentos à presença de felinos. Mas era a ausência dos sorrisos e risadas que a incomodava mais. Tinha a forte impressão de que iam bater em retirada na próxima desgraça. Não os culpava. Eram pagos para fazer aquela jornada, como ela, mas apesar de toda a experiência na floresta, com certeza nunca haviam passado por tantos horrores.

M. J. estava contente por ter recuperado o filtro solar e a vitamina E, mas sabia que precisava de algo como a novocaína para aliviar a dor. Na floresta, porém, não encontrariam nenhuma farmácia.

— Vamos parar um pouco aqui — sugeriu Travis. . Michael olhou-o contrariado.

— Temos de continuar.

— Precisamos descansar — insistiu Travis. — Os rapazes estão cansados também. Agli poderia dormir por uma semana.

— Talvez ainda esteja drogado — lembrou M. J. Meneando a cabeça, Michael declarou:

— Estamos todos cansados, mas é melhor do que estarmos mortos. Não sabemos quem ou o que está nos seguindo. Eu voto por continuar.

— Ela precisa descansar — sussurrou Travis. Michael largou a bolsa com o microcomputador.

— Está bem. — Suas juntas estalaram quando estendeu o braço. Com um gemido, admitiu: — Acho que estou mais cansado do que imaginava.

— Ora, então não sou a única fracote — brincou M. J., tentando disfarçar a dor. Mas acabou franzindo o cenho.

— Quero ver essas queimaduras — declarou Travis, aproximando-se.

Puxando o decote da camiseta dela, examinou a pele injuriada. Seu conhecimento médico era limitado, mas precisava tomar uma providência para evitar a infecção.

— Tem aquele antibiótico que Juan Carlos lhe deu? Ela negou.

— Queimou com a barraca.

— E a vitamina E? — Travis puxou a camisa para fora do short e tirou uma faixa. — Agli! — gritou ao canoeiro. — Água pura, por favor.

— Si, senhor. — Agli entregou um dos jarros plásticos com água potável.

Travis umedeceu o tecido com a água.

— O que está fazendo? — protestou Michael. — Vamos precisar disso!

Travis limpou a pele queimada de M. J., abriu a cápsula de vitamina E e derramou o líquido sobre os ferimentos.

— Ela precisa disto agora — respondeu, por fim.

— Não vou beber muito — prometeu ela.

— Pode ficar com a minha parte — sussurrou Travis. Michael os observava. Então, percebeu que não tinha escolha

senão acreditar. Estava lá, irradiando ao redor deles, como um halo ou campo elétrico. Travis olhava para M. J. como se ela fosse a última mulher na face da Terra, a única mulher na face da Terra. .

E ela o olhava como se fosse Deus.

Mas eu devia ser o Deus dela, pensou Michael. Então, viu M. J. desviar o rosto, tentando esconder a dor. Ou algo mais.

M. J. baixara o rosto para que Travis visse suas queimaduras, seus ferimentos, mas não sua vulnerabilidade.

Michael quase estremeceu por ela.

Talvez ela não percebesse o que acontecia. Talvez estivesse alheia à atração entre ela e Travis que ele via claramente. Talvez ainda se considerasse sua namorada. Devia ser sua namorada. Já não haviam concordado com isso?

Refletindo, Michael concluiu que seu relacionamento com M. J. Callahan era uma grande incógnita. Ele a assediara desde o começo. Não pudera se deter, não conseguira colocar um freio no desejo. Falara sério ao declarar que a queria. Durante aqueles primeiros dias, ansiara por ela como um adolescente apaixonado.

Então, organizara as prioridades. Concentrado em encontrar petróleo, pusera de lado seu desejo por M. J. Desistira da mulher em benefício da busca do petróleo. Não para si mesmo, mas para todos eles. Mas não era o que esperavam? Não era por isso que estavam ali?

Mas algo ocorrera, em algum momento entre o começo da expedição e a cena que assistia agora. Travis tentara conquistar M. J.? Ou ela era tão volúvel a ponto de se satisfazer com qualquer homem que estivesse à mão? Entregava-se a qualquer homem que se apresentasse?

Talvez M. J. experimentasse jogar um contra o outro. Talvez realizasse um capricho, ver dois homens brigando por ela, o que era infantil e extremamente perigoso.

Michael nunca se envolvera com a mulher de outro homem. Havia mulheres demais no mundo para incluir esse tipo de encrenca em sua agenda corrida.

M. J. disse a Travis que estava bem, que podia acabar de limpar o ferimento sozinho e que ele não precisava se preocupar. Nesse momento, Michael percebeu que sua desconfiança era ridícula. M. J. não era ardilosa. Já vira casais cúmplices. Sabia o que procurar. M. J. era honesta e essa qualidade o matava naquele instante.

M. J. apaixonara-se por Travis enquanto ele não se distraía. Mas quando? E como? Qual a profundidade daqueles sentimentos? Ela contara a Travis sobre eles? Tinha ciência do que sentia?

Michael olhou para Travis, procurando o mínimo sinal de que ele sabia dos sentimentos de M. J. Era possível que nenhum

dos dois tivesse ciência do magnetismo entre eles. Possível, mas pouco provável. Ele nunca deixaria um fato como aquele passar despercebido. Pelo menos, não se lembrava de ter bobeado alguma vez.

Entretanto, muitos momentos haviam surgido e passado, mas jamais fizera amor com M. J. Perdera cada oportunidade. E nunca dissera a M. J. como se sentia em relação a ela.

Sim, deixara muitos momentos escaparem. Momentos em que poderia ter beijado M. J., podia tê-la abraçado, ouvido, conversado. Seria possível ter estado tão concentrado em si mesmo a ponto de não ter desejado conhecê-la?

Fora tão estúpido? Tão cego?

— Obrigada, Travis — disse M. J., e pegou o frasco de vitamina E. O momento era de grande intimidade. Ela sorriu, demonstrando o quanto apreciava a gentileza.

— Obrigado por salvar a minha vida — sussurrou ele. Ela sentia o hálito de Travis no rosto. O calor do corpo

atingiu-a como uma onda sexual e foi como se ela derretesse de fora para dentro. Ela se inclinou para ele uma fração quase imperceptível.

Mas Travis notou. E prendeu a respiração. Tocou-lhe a nuca e acariciou a pele suada.

Ela sentiu um arrepio de excitação. Um arrepio que tomou seu corpo e concentrou-se nas coxas. Sentia as pálpebras pesadas e os joelhos fracos.

— M. J.... — Travis sussurrou o nome para que Michael não ouvisse.

Houve silêncio.

Ela não ousava responder. Temia a própria reação ao responder.

Sentia os músculos tensos. Travis sentia-se como aço fétido.

Enrijecendo-se contra mim. Protegendo a ele mesmo.

Um estímulo da realidade tirou-a do devaneio. Ela sabia como era se sentir rejeitada, abandonada. E ninguém fazia aquilo melhor do que Travis Kincaid. Ele se afastou.

Ela não se atrevia a encará-lo, para não desabar emocionalmente. Jurara que não reagiria daquela forma. Gostaria de entender a si mesma melhor. Mas não conseguia.

Não sabia o que lhe acontecia. Nada parecia fazer sentido. Engoliu em seco. -

— Não há de quê — murmurou, os lábios contraídos. Recuou um passo. — Preciso descansar.

— Claro — concordou Travis, notando sua expressão alarmada, como se o considerasse um monstro. — O que foi? — perguntou, vendo o medo no olhar. Havia contrariedade no belo semblante, como se tudo nele fosse desagradável. — M. J.?

M. J. prendia a respiração.

— Travis... não se mexa.

— O quê? — Ele avançou um passo. Trêmula, ela estendeu a mão. Travis a segurou..

— Uma onça! — gritou M. J., puxando Travis em sua direção. Era tarde demais.

A onça pulou de uma pedra atrás de Travis com as garras abertas e um grunhido selvagem.

— Michael! Faça alguma coisa! — gritou M. J., enquanto o felino lançava Travis contra o solo.

— Raios! — Michael levantou-se num segundo, sacou a arma do cós do short e agradeceu ao anjo da guarda por tê-la carregado antes de saírem do acampamento.

Como segurava a mão de Travis, M. J. caíra no chão com ele. A onça atacava impiedosamente, um animal diabólico determinado a se alimentar de carne humana. Deu uma patada violenta na cabeça de M. J. Soltou-se de Travis, ou ele a soltou... não sabia ao certo.

Sob os rosnados aterradores da onça, M. J. tentou gritar, mas estava sem ar. As bolhas de suas queimaduras estouraram. Apesar da dor lancinante, só pensava em matar a onça e salvar Travis.

Lutando com os cotovelos, soltou-se da perna de Travis e da garra da onça. A um braço de distância, havia uma pedra grande o bastante para ferir o animal. Se conseguisse pegar a pedra e atingir a onça na cabeça... bolas, em qualquer lugar, só para desviar sua atenção de Travis... talvez o salvasse.

Ouvia os gritos desesperados de Agli, sentia o terror de Paulo e Andreas, embora se afligissem calados.

M. J. observou as sombras deles se afastarem no duelo mortal entre besta e animal. Sentia o pânico como uma onda de energia térmica. Não podia se deixar dominar pelo medo. O medo era inaceitável.

Gritou quando a onça lhe arranhou a panturrilha, rasgando a pele. Tinha que alcançar a pedra. A pedra os salvaria.

Além dos rosnados do animal, M. J. ouvia os gritos de Agli, tentando desviar a atenção da onça.

— Diablo! Diablo! — gritava o canoeiro. Mas o felino não se abalava.

Então, Andreas e Paulo começaram a entoar um canto nativo. M. J. não entendia as palavras, mas sabia qual era a intenção... salvar Travis.

Afastou-se mais alguns centímetros do tumulto.

— M. J.! — gritou Michael. — Saia da frente!

Ela ergueu o rosto e viu Michael fazendo mira com a arma.

Agli e os canoeiros gritavam.

A onça arranhou-a novamente. M. J. gritou de terror, não de dor.

A floresta estava cheia de sons angustiantes, de animais feridos, de animais que temiam o homem, mas que temiam a onça ainda mais.

Travis conseguiu dominar o animal, segurando-o de costas no chão, mas levava golpes das garras afiadas, no rosto, no pescoço e no bíceps. Cerrando os dentes contra a dor, rolou com a onça novamente, desta vez posicionando as pernas musculosas sob o animal. Após um chute certo, posicionou a bota contra a barriga da fera, tentando erguê-la.

Sabendo que a onça atacaria com mais força, Travis calculou que só tinha um segundo para sacar a arma do cós do short e atirar para matar.

Um tiro cortou o ar. O felino caiu sobre Travis, imobilizando-o.

— Oh, meu Deus! Travis! — M. J. levantou-se, o pânico tomava conta do corpo mais rápido que a adrenalina. — Você está vivo?

Ela não se importava se a onça a atacasse, pois lutaria até a morte.

— Travis!

Com fumaça saindo do cano do revólver, Michael correu para junto das formas imóveis no chão. M. J. voltou-se furiosa para Michael:

— Você atirou!

— Claro que atirei — replicou ele.

— Se o tivesse matado, eu nunca mais falaria com você! me mataria!

— Eu matei a onça, M. J. — esclareceu Michael. Ergueu a carcaça da fera, liberando Travis.

Arquejante, Travis olhou-os.

— Por que demorou tanto? — questionou. Com esforço, sentou-se e então levantou-se.

M. J. continuava irada com Michael.

— Como sabia que não ia matar Travis? E se errasse?

— Mas não errei — gabou-se ele.

— Mas podia ter errado!

— Nunca. — Michael olhou para Travis. — Você está bem? Ofegante, Travis contemplava os vergões sangrando ao longo

dos braços. Estremeceu ao descolar a camiseta das unhas que levava no pescoço.

— Estou vivo. — A voz saiu transtornada, como se ele não tivesse certeza de falar a verdade. Voltou-se para M. J. — • Você está bem?

Ela levou a mão à testa.

— E-estou... — tartamudeou, fracamente.

— Que tipo de carma doentio é este? — indagou Travis, estacando as várias hemorragias com tiras da camiseta. —. Quantas vezes teremos que encarar a morte?

— Não sei — respondeu Michael. — Mas, como você, começo a ter calafrios. Parece um tipo de jogo mórbido...

— Começando a ter calafrios? — repetiu M. J. — Eu estou como gelatina desde que saímos de Quito. Não consigo me acostumar com essas experiências quase mortais, como vocês — desabafou, abraçando-se.

— Vamos sair daqui — decidiu Travis. — Minha aposta é que essa onça tem amigos. Eles vão sentir o cheiro de sangue e virão correndo. Não precisamos de companhia para onde estamos indo. — Olhou para o oeste.

M. J. ainda tremia, de medo e choque.

— Isso não os assustou nem um pouco, não é? Houve silêncio.

Travis encarou Michael. Nenhum dos dois admitiria o medo. Já haviam enfrentado de tudo na vida. De algumas experiências era melhor nem lembrar; outras, era melhor negar. Só assim se preservava a sanidade.

M. J. apontou para Agli e os companheiros, que inspeciona vão a carcaça da onça com assombro e horror. Esperara vê-lo exultantes, carregando o grande caçador branco nos ombros, como nos filmes.

Mas os canoieiros permaneciam muito sérios.

— Devemos ir embora, senhor Kincaid — avisou Agli. — Nossos regressos é hoje.

— Bem — respondeu Travis, assentindo.

— O quê? — M. J. olhou para Travis. — Vai deixá-los ir?

— Eles não seguirão conosco, de jeito nenhum. Achem que foram os deuses que mandaram essa onça. Que temos má sorte.

— Talvez estejam certos — murmurou ela.

— Eles ficarão bem. — Travis observou o trio afastar-se correndo. — Nossos inimigos não estão atrás dos canoieiros. E não vão parar enquanto não tiverem nossas cabeças.

— Que ótimo — ironizou M. J. — Não podia simplesmente acreditar na palavra de Michael? Que o petróleo está onde ele disse que o encontrou?

— É, podia — reconheceu o chefe.

Ela notou que Travis evitara encarar Michael.

— E?

Michael sorriu presunçoso.

— Você não me conhece muito bem, M. J., e por isso Travis não lhe responde diretamente.

M. J. suspirou. Adoraria brigar com os dois, mas não tinha energia. O encontro com a onça lhe trouxera à lembrança histórias de mártires e portões do céu.

— Explique, então.

— Travis não confia em mim.

— Isso é ridículo! Vocês são sócios.

— Em parte — continuou Michael, lançando um olhar severo a Travis. — Ele tem motivos. Eu tenho uma certa... bem, má reputação, de passar meus sócios para trás.

Travis mantinha a expressão impassível. M. J. olhou bem para Michael.

— E você os passou para trás?

— Depende do ponto de vista... e de para que lado você tende a acreditar. — Michael a desafiava a fazer uma escolha.

M. J. não sabia exatamente o que ele estava insinuando e 11:10 era hora de esclarecer isso.

— Eu não estava lá, Michael. E não tomo partido baseada em depoimentos só de uma das partes, sem ouvir o outro lado da história. Na hora de decidir, levo em conta minhas próprias experiências. — Pegou a bolsa que caíra no chão.

Michael assentiu.

— Justo. — Compenetrado, tomou a trilha à frente, liderando a expedição.

— A jornada vai ser difícil — alertou Travis.

— Sou forte — garantiu M. J. — Às vezes, mais do que imagino. — Lançou um olhar duro a Travis, imaginando se ele sabia que ela não se referia à selva, mas a ele.

CAPÍTULO XXVIII

No limites ao norte da bacia hidrográfica de Oriente, onde as montanhas se erguiam em direção ao sol, o vale primitivo aguardava cautelosamente a chegada dos três invasores. O calor tórrido e a umidade da floresta irromperam enquanto Travis, M. J. e Michel subiam platôs, morros e, finalmente, o sopé dos Andes. A mata densa, tanto à frente quanto na parte já vencida, ajudava-os a se esconder dos inimigos. Ou assim pensavam.

— Michael! — chamou Travis. — Estamos muito ao norte para encontrar petróleo. E, com certeza, muito a oeste de onde eu calculei. Tem certeza de que estamos na direção certa? — Abriu mais um pouco a picada com o facão. Precisava da lima para afiar a lâmina, porém, a exemplo de outros itens essenciais, a ferramenta fora consumida no incêndio.

Travis não comentava nada com M. J., mas arrepiava-se na direta proporção do número de ataques recebidos.

Alguém na floresta os queria mortos. Toda vez que deparava com questões sem resposta, pensava nas histórias sinistras que a vidente Martita contara a M. J. Acabariam desaparecendo para sempre em Oriente, como aquele trio, cinquenta anos antes?

O que o perturbava mesmo era o motivo. Por que estavam sendo perseguidos? Por que eram os alvos? Sempre houvera muitas companhias de petróleo, no passado e no presente, em Oriente.

Não era uma questão de meio ambiente. Os nativos aceitavam bem os serviços médicos oferecidos pelas companhias. As mães e esposas convenceram os filhos e maridos a se empregar nas companhias, em vez de trabalhar com drogas, e as vacinas traziam saúde às crianças.

Mesmo as estradas abertas na floresta não causaram debates acalorados, porque as companhias mantinham o traçado estreito e oculto, para que a concorrência não acompanhasse de helicóptero suas táticas de exploração.

As madeireiras acabavam com as florestas, não as companhias de petróleo. Não, eram perseguidos por outro motivo, algo mais sinistro. Que não tinha a ver com a exploração petrolífera. Mas o quê?

Michael parou e enxugou o rosto na manga da camisa.

— Sei o que está pensando, Travis. Pode imaginar minha surpresa quando me vi aqui — respondeu, por fim, recostando-se numa espessa parede de trepadeiras.

— Vamos — animou, afastando a cortina vegetal.

— Sinto como se adentrasse uma distorção do tempo ou algo assim. A energia aqui é outra. Pacífica — comentou M. J., respirando fundo.

— É diferente, sim — reconheceu Travis, enquanto as folhas arranhavam seu rosto.

Michael manteve a liderança. Travis e M. J. seguiram-no. Michael marcara a trilha e só ele sabia ler os sinais.

— Lembre-se, não usei o seu mapeamento, Travis.

— Ele usou o meu — lembrou M. J., sofrendo calada com os músculos doloridos.

— Nunca perguntei, M. J., mas como exatamente você chegou a essas coordenadas? — indagou Travis.

— Ótimo. Agora quer saber meus segredos profissionais? — Com um grunhido, ajustou melhor a mochila nas costas. Parou um segundo para girar o pescoço.

— Acho que pode confiar em mim quanto a isso, a esta altura. M. J. estacou. Nunca lhe fizeram uma pergunta tão íntima

e especulativa na vida.

— Por que não pergunta meu saldo bancário, já que está tão desinibido?

— Eu só queria saber como fez isso — replicou Travis, rangendo os dentes ao ver as gotas de suor escorrendo pelo pescoço esguio de M. J., mergulhando no vale entre os seios. Tentava se concentrar no trabalho, não na camiseta fina de algodão so agarrando às formas daqueles seios sem sutiã.

Enxugou o suor do rosto com a mão. Estremeceu quando ela o encarou, desafiadora. Sempre pronta para provocá-lo verbalmente. Sempre desafiadora. Elétrica. Viva.

Ela ativava seu lado mais básico, mais primitivo. E ele não gostava disso. Sentia-se sem controle. E, se já houvera um momento em que precisara comandar seu destino, era aquele. Suas vidas dependiam disso.

M. J. sentiu o olhar glacial. Devia estar ansiosa como um prisioneiro sob interrogatório, porém não se abalava com a tentativa de intimidação. Sabia a verdade.

Travis se denunciara na barraca. Desejava-a. Sentia o mesmo que ela.

Sua intuição lhe dizia que era importante deixar acontecer. Lembraria a Travis aquele sentimento que aflorara, aquela conexão partilhada, ainda que fosse seu último ato em vida.

M. J. retribuiu o olhar intenso. Podia jogar e arriscar tudo... até o coração.

— Na Internet — revelou, orgulhosa.

— O quê?

— Costumava fazer da forma antiga, comprando revistas e jornais, acompanhando histórias interessantes. Sempre gostei de charadas, e geologia para mim é apenas um quebra-cabeça grande e intrigante para resolver. Recolhi tudo o que pude sobre petróleo. Meus arquivos eram tantos que precisei alugar um boxe nesses galpões de armazenagem. Confesso que tenho mania de guardar tudo, como um rato.

— Como nunca estive em lugares remotos, a exemplo de você e Michael, não podia me basear em expedições anteriores, sem falar nesse instinto que vocês têm, mandando virar à direita quando acho que devia ir à esquerda.

— Então, o que fiz foi um pouco incomum, mas outros já li aviam feito. Conversei com alguns amigos paleontólogos que fizeram uma descoberta incrível após ler as entrelinhas de uma revista popular de ciência.

Travis cocou a cabeça.

— Essa é a sua resposta? Você é assinante de uma revista popular de ciência?

— Sou membro do clube da revista, sim — confirmou M. J., empinando o nariz. — Há dez anos. Não, onze. Mas essa não minha única fonte.

— Felizmente — aliviou-se Michael. Ela endireitou os ombros, orgulhosa.

— Quando a Internet surgiu, pude ir atrás das histórias, confirmar informações. Li sobre velhas lendas em sites de associações de história em vários países.

— Lendas? — indagou Travis, revirando os olhos. — Espantoso.

— Não é? — concordou M. J., e continuou: — A princípio, segui o curso natural e estudei os mapas geológicos publicados por várias companhias de petróleo. Todas as grandes. Continuava deparando com referências aos mapas originais das décadas de 1920 e 1930. Fiz cópias dos velhos mapas em transparências e sobrepus aos mapas atuais. Mas os velhos mapas me fascinavam. Copiei arquivos do Instituto Smithsonian. Encontrei publicações originais sobre a composição dos xistos, calcários e areias da área. Então, confrontei as informações com artigos que encontrei nas revistas especializadas na área de petróleo. É incrível como a maior parte desse material jamais chega à imprensa. Encontrei dicas obscuras nas agências de notícia. Comparei histórias que li nas revistas e jornais especializados. Fui incansável. Enquanto vocês dois se embrenhavam nas matas e matavam leões, tigres e ursos...

— Ursos, não. — Michael estremeceu. — Ursos, nunca.

— ...eu organizava informações para que a Stewart Energia conseguisse extrair o máximo de seus campos de petróleo no Atlântico Norte. — Alcançou Travis e cutucou-o. — Foi como ganhei minha reputação, que o levou a me contratar

— Devo lembrá-la de que não a contratei! — protestou Travis. Ela franziu o cenho, contornou Michael e tomou a frente.

— Acho que sei para onde estamos indo. Michael olhou para Travis.

— Faça-me um favor? Não a irrite mais. Estou morto de cansaço. — Apertou o passo, alcançou M. J. e agarrou-a pelo cotovelo. — Ora, não fique zangada comigo!

— Michael, o que há com aquele homem que me deixa furiosa? — O olhar dela era de ódio.

Michael avaliou a expressão cautelosamente.

— Não sei, M. J. Diga-me você.

Ela abriu a boca para responder, mas não disse nada. Michael largou-a e tomou a frente.

M. J. olhou para Travis, que ajustava a mochila nas costas. Encararam-se. Ela sentiu aquele arrepio novamente, só que desta vez foi direto no coração.

Desconfortável com o magnetismo entre eles, Travis desviou o olhar.

Ela desviou o olhar, também, e o momento passou.

Continuaram em silêncio por quinze minutos. Havia pouca luz natural.

M. J. estava exausta. Os músculos doíam, a cabeça latejava e as queimaduras pareciam arder em ondas. Nenhuma quantidade de aloé substituiria analgésicos, mas acalantar tal sonho era perda de energia.

— Rapazes, é quase noite — comentou, por fim. — Podemos, por favor, descansar? Não acho que posso ir muito além...

Mesmo ansioso em ver o vale novamente, Michael quase caiu de joelhos.

— Ela tem razão. Se continuarmos no escuro podemos nos perder. Estou acabado.

— Está bem — concordou Travis. — Vamos acampar junto destas árvores. Aquela parede de trepadeiras vai nos ocultar do...

— Do inimigo? — M. J. completou o pensamento sombrio.

— Sim — respondeu Travis, sem emoção.

— Então, não podemos fazer uma fogueira? — indagou ela. — Preparar algum alimento?

— Não — decretou Travis. — E perigoso demais.

— Estou com tanta fome... De qualquer forma, não sobrou muita coisa, não é?

— O carrinho do supermercado está vazio — confirmou Travis. Deitando-se de costas, Michael caçoou:

— Novatos.

— O quê? — M. J. notou o tom defensivo na própria voz. Embora cansada, estava pronta para brigar... qualquer tipo de batalha.

— Olhe ao redor. — Michael abriu os braços. — O lugar é uma lanchonete.

— E o calor — explicou M. J. às plantas e pássaros.

— Está bem, está bem, acho que terei que provar — rendeu-se Michael. — Está vendo aquele macaco vermelho gritando naquela árvore?

— Sim — respondeu M. J., estreitando o olhar devido à escuridão crescente.

— Isso me indica que as bananas não devem estar longe — concluiu Michael, levantando-se. — Não se preocupem, vou buscar o jantar.

M. J. sentiu alívio e apoiou a cabeça num monte de grama e musgo.

— As bananas ficam no alto. Como vai conseguir...

— Subindo, M. J.

— Oh. — Ela bocejou. — Como não imaginei?

Ele se achegou, afagou-lhe a testa úmida e sussurrou:

— Por isso, eu sou o herói.

Ela esboçou um sorriso, quase adormecendo, enquanto o som dos passos dele diminuía.

Travis baixou a mochila pesada crente em que suas costas se partiriam em duas. Deitou-se na relva ao lado de M. J.

— Você está com dor — adivinhou ele, puxando o decote da camiseta para ver seu ombro. O ferimento deixava vaziar uma gosma esbranquiçada.

M. J. franziu o cenho. A fim de esquecer a dor, tocou no braço dele, onde a onça arranhara.

— Você também.

A razão abandonou Travis ante o rosto suplicante de M. J. Segurando-a pelos braços, puxou-a para perto.

Mergulharam no olhar um do outro. Ela se revelou, superou o ego e entregou-se ao desejo dele. Deixara-se enfeitiçar. Sentiu lágrimas brotando.

— Travis, não...

Ele prendeu a respiração.

— Eu a quero tanto, não posso suportar.

— Não diga isso. Não tenho mais defesas.

— Eu sei. E eu sou a pior aposta que você pode fazer na sua vida.

— Isso o deteve? — indagou ela.

— Sim. Porque, por minha causa, você podia ter morrido. — Zangado, ele a sacudiu um pouco. — Eu devia ter feito você entender. Entender que não sou bom para você. Mas olhe para mim...

— Como? — Ela fitou a boca sensual.

— Como se eu fosse o último homem na face da terra.

— Você é.

Ele a beijou, então, em parte por desespero, em parte para se restaurar. Ele a enlevava, tocara sua alma, capturara seu coração.

De repente, era como se o mundo de M. J. afluísse. Todas as peças fragmentadas pareceram lógicas e ordenadas. Encai-xáveis. Perfeitas.

Ela abriu o coração espontaneamente. Percebeu quanto amor retivera todo aquele tempo, esperando por ele. Por Travis.

Sentia como se voltasse ao lar, a onda de docilidade era uma prova de como fora mal-amada.

Sabia que a mãe e Claire a amavam, mas eram da família. Tinham expectativas. Tratava-se agora de um amor que ela dava generosamente. E tinha esperança de que Travis a amasse em retreição. Cônsia de que sua vida jamais seria a mesma.

Retribuiu o beijo, entregando-se completamente.

— Meu Deus... — gemeu ele. Abraçava-a, acariciava-a, com respeito e desejo. Ela sentia uma explosão tomando forma.

Ele a despiu da camiseta e tomou seu rosto entre as mãos. Devorava seus lábios, introduzindo a língua, fazendo-a desejá-lo tanto quanto ele a desejava.

— Meu Deus, você me faz sentir vivo — gemeu ele.

M. J. ofegava, de calor e desejo. Alucinada, pressionou os seios contra as mãos dele. Aninhou-se, forçando-o a acariciar, a experimentar, sentindo o coração explodir.

Sentiu êxtase quando ele a fez se deitar na relva macia, pairando sobre ela como os anjos sobre as almas.

Ele aninhou-se entre suas coxas para que ela sentisse a ereção. Abriu o zíper de seu short e a ajudou a retirá-lo, até que ela mesma chutou a peça para longe. Então, ela o ajudou a se livrar do short também, ficando livre para amá-la.

Ele provocou o mamilo com a língua e foi descendo o rosto, até o ventre e ainda mais abaixo, entre as pernas.

— Eu sonhei com isto — sussurrou ele, enlouquecido. — Mas não ousava imaginar que você estaria tão pronta para mim. Você me quer tanto assim?

— Eu preciso de você assim — respondeu ela.

M. J. sempre ouvira dizer que os amantes eram tolos. Naquele momento, comprovava: sentia-se a pessoa mais tola do mundo.

— Diga-me para parar — implorou ele, esfregando-se sobre ela, provocando-a com seu órgão.

Ela o agarrou pelos quadris e puxou-o contra si.

— Nunca — murmurou. — Diga-me...

— Eu a quis desde o primeiro instante em que a vi — gemeu ele, beijando um mamilo, apalpando o outro seio.

— Acho que eu sabia — respondeu ela, arqueando o corpo ao sentir outro espasmo de prazer. Gemeu. A dor dentro dela era mais inquietante do que os perigos desconhecidos da selva ao redor.

— Travis, eu o quero — sussurrou ela.

— Então, abrace-me. Abrace-me, como se não quisesse me soltar mais — disse ele, penetrando-a.

Naquele momento, M. J. acreditou que, num plano místico e espiritual, ela e Travis estavam ligados para sempre. Era como se ele houvesse estado sempre lá, em algum lugar, esperando por ela. Tinha razão.

A dor no coração que conhecia desde sempre finalmente cessou. Enquanto Travis excitava-se, ela via banidos os fantasmas que habitavam seu oceano emocional. Imaginou tomar uma estrela-do-mar como guia. O orgasmo foi crescendo, para além do corpo, além das águas, subindo em espiral da terra até o céu. A estrela-do-mar explodiu gerando constelações, ba-nhando-a de prazer. Não tinha corpo, dor, nem passado.

— Oh, Travis... — sussurrou no ouvido dele, quando retornou ao corpo.

Ele a tocou no rosto.

— Por tanto tempo, pensei que fosse a namorada de Michael.

— Não, eu só pertença a mim.

Ele a beijou com tanta emoção, tanta ternura, que os lábios tremiam.

— Agora, você pertence a mim.

Ela não se sentia ameaçada pela declaração conservadora, mas enternecida por um homem, de forma inédita em sua vida.

— Que gentil dizer isso — sussurrou ela, enquanto uma lágrima rolava pelo rosto. Percebeu pela primeira vez que não se sentia só.

M. J. sentia-se satisfeita, amada e protegida.

É tudo verdade. Tudo em que sempre acreditei é verdade. Estranho, encontrar um cavaleiro de armadura reluzente em plena selva amazônica!

Travis a beijou novamente, tão voraz quanto da primeira vez.

— Eu a quero mais uma vez — disse ele. Forçando a razão, afastou-se devagar e sentou-se. Pegou a camiseta dela e ajudou-a a se vestir. — Mas vou me comportar — declarou, sorrindo terno.

M. J. o fitou, e uma sombra de medo a assolou. Queria dizer que o amava, mas ele mesmo não fizera tal declaração. Ele dissera apenas que a queria. Sentia paixão, luxúria. Mas e amor?

— Travis...

— Sim?

Ela tocou o rosto amado, fitando-o.

— Eu... eu...

Ele beijou-lhe os dedos.

— Está arrependida?

— Oh, não — afirmou ela, sincera. — Eu achei... você foi maravilhoso. É que...

— Eu sei. Michael. Você...

— Eu devia falar com ele — explicou ela.

— Não, M. J. Eu falo. Logo ele estará de volta, e saberá.

— Saberá?

— Se já não estiver desconfiado.

— Como?

— Eu lhe disse, você olha para mim como se eu fosse o último homem na face da Terra.

A afirmação foi um choque. O que seu coração tentava lhe dizer, que seu raciocínio não captava? Desconfiara de Michael desde o começo? Soubera intuitivamente que Travis a desejava no momento em que se conheceram, como ele

dissera? Adivinhara o desfecho? Por isso, nunca deixara Michael invadir seu coração, como deixara Travis?

E por que ela, dentre todas as pessoas, alguém que proclamava aos amigos e familiares que reconheceria sua alma gêmea assim que a encontrasse, quase escolhera o homem errado?

Talvez não fosse o caso de Michael ser trapaceiro e pouco confiável. Talvez o que seu íntimo tentara lhe dizer o tempo lodo era apenas que Michael Hunter não era o homem certo.

Fitou Travis. O olhar dele brilhava como uma árvore de Natal.

M. J. nunca colocara ninguém num pedestal. Aquele devia ser o seu lugar.

Mas não resistiu à isca.

— Eu? E você? O seu rosto está iluminado neste instante.

— Admita — disse ele. — Estava em dúvida.

— Estava — confessou ela.

Ainda estou. Sou a única mulher na face da Terra para você, Travis?

M. J. baixou o rosto.

— Acho que não sou uma boa atriz, afinal.

— Sorte minha — concluiu ele, e beijou-a profundamente antes de se afastar e espanar o musgo das roupas.

Triste, ela viu areia e grama caírem no chão... as últimas evidências do ato de amor.

Absorta nos sons da selva, imaginou se viveriam o bastante para se amar novamente.

CAPÍTULO XXIX

Começaram devagar no dia seguinte. A falta de comida e água minava-lhes toda a energia. Principalmente a de M. J., que se arrastava, consumida pela culpa.

Sempre se orgulhara de agir corretamente com as pessoas. Honestidade... esse era seu lema.

Não entendia como pessoas casadas podiam ter casos amorosos fora do matrimônio. Sentia náusea com a idéia. Com certeza, não era casada com Michael, nunca dormira com ele. Não haviam se comprometido um com o outro. Na verdade, a presença dele em sua vida mais a confundia do que aliviava.

Sim, sentira-se atraída por ele. Que mulher com sangue nas veias não se sentiria? Ele era extraordinário, bonito e viril... e estava visivelmente atraído por ela. Mas era só isso.

Não obstante, sentia-se como Hester Prynne, personagem de Nathaniel Hawthorne, merecendo um tê maiúsculo na testa por trair Michael.

Não que deitar-se com Travis tivesse sido errado. Tratava-se da coisa mais certa que fizera na vida. No entanto, à medida que a manhã avançava e seguiam atravessando a selva, só pensava em falar com Michael, tirar aquele peso do peito.

Pelo que sabia, não chegariam ao vale misterioso tão cedo, e sua aflição em ver logo o local não tinha a ver com petróleo.

— Quanto mais? — indagou, ajeitando a mochila. Michael parecia reanimado.

— E logo após esta colina.

— Nem acredito — murmurou M. J., impulsionando-se para a frente.

Trinta e cinco minutos depois, entraram no vale de Michael.

215

M. J. estacou, contemplando as paredes verdes de vegetação. Uma sensação estranha, de ultrapassar uma barreira do tempo, provocava-lhe mais espanto do que temor, mais respeito do que entusiasmo.

Respirou o ar puro, sentindo os aromas da selva. Ou seria o cheiro almiscarado e fúnebre de organismos em decomposição?

— Céus! — exclamou M. J. — Tudo é tão diferente aqui.

— Não é? — gabou-se Michael, a vitória estampada no rosto.

Travis olhava ao redor, sempre vigilante, pronto para contra-atacar um inimigo invisível. Mandaria o camarada, ou camaradas, para o inferno, se aparecessem. Mas não apareceu ninguém. Mesmo assim, sentia que o perigo não estava longe.

As árvores eram mais altas ali no vale e, embora a terra não alimentasse aquela densa folhagem que viram na floresta propriamente, havia uma qualidade majestosa na composição, que garantia a M. J. que nunca mais veria nada como aquele lugar, pelo resto da vida.

— Quase dá para sentir os dinossauros andando por aqui, não é? — sugeriu Michael, afoito.

— É incrível — concordou M. J. — O ar é, tão parado...

— Isso mesmo. Nenhuma corrente de ar. Estamos num nível muito baixo. Mas as nuvens que se formam nas montanhas podem trazer chuva ao anoitecer. Precisamos montar acampamento, só que antes quero lhe mostrar o que encontrei, Travis.

Michael correu pelo vale, pisando nas folhagens altas e flores selvagens. M. J. o comparou a um menino correndo para casa. Sentiu o coração acompanhando-o.

Michael voltou-se e acenou.

— Venha, M. J.! Você também, Travis! Não sentem aquilo?

— Aquilo? — indagou ela.

— Sim! — gritou ele, inclinando a cabeça para trás. — Sucesso! De repente, ela entendeu a excitação. Aquilo, como que vindo

do centro da Terra, atravessou as solas de suas botas e subiu pela espinha, até a cabeça. Tinha a impressão de que explodiria com a intensidade da sensação.

— Céus, Travis! — Ela voltou o rosto ansioso para ele. — Ele conseguiu mesmo!

— Se está aqui, então, conseguimos juntos — corrigiu Travis, solene.

— Se...

— E uma palavra enorme. — Travis seguia em frente sempre de olho no solo. Mantinha o instinto sob rédea curta. Pelo que sabia, não havia mais dúvida. Dissera "se" a M. J. para mantê-la calma, para protegê-la de uma eventual decepção. Se fossem vítimas de alguma obra do destino, queria que M. J. estivesse preparada. Sempre havia a chance de voltarem para casa de mãos vazias.

Travis sentia o solo a seus pés, cujo aroma picante se intensificava à medida que adentravam o vale. Sentia o sucesso. Fazia muito tempo e era uma ótima sensação. Seria novamente rico, mas desta vez sua vida seria diferente. Imaginava uma nova ala na universidade, mantida por ele, porém construída por um ben-feitor

anônimo. Escolas. Centros médicos. Dinheiro para manter profissionais como Juan Carlos trabalhando na floresta.

De repente, percebeu que não pensara muito em sua vida pessoal. Planejara o que fazer pelo mundo, que não fizera na primeira vez. Mas não estabelecera nada para si mesmo... nenhuma viagem de lazer, férias, nenhum passeio. Nenhuma aula de esqui.

Não se via observando o pôr-do-sol nas Montanhas Rochosas, porque não havia motivo. Não tinha com quem compartilhar. Ocorreu-lhe que estaria mais sozinho no futuro do que estivera no passado e no presente.

Estacou e olhou para M. J., que o seguia devagar, por entre as flores silvestres e as trepadeiras. Ela absorvia tudo aquilo... cada aroma, cada flor, cada minuto daquele lugar que existia desde tempos imemoriais. Ela vivia cada segundo de sua experiência.

M. J. tinha coragem de abraçar a vida, bem mais do que ele podia dizer de si mesmo.

Sendo honesto, o mais perto que chegara de se conhecer, de se entender, fora ao fazer amor com M. J. Dissera que ela lhe pertencia e falara sério. Na realidade, porém, não tinha mais a lhe oferecer naquele instante do que na noite anterior.

Não havia garantias na vida. Mas isso não era declaração que se fizesse a um ser amado. Era preciso garantir fartura... uma vida longa, para começar. Enquanto ele não podia nem prometer que estariam vivos no fim da tarde.

— Aqui! — gritou Michael, acenando. — Encontrei a minha marca! Como se a tivesse esquecido!

Travis respondeu ao aceno e olhou para trás.

— Apresse-se, M. J.! Não quer perder isso, quer? Ela apertou o passo, sorrindo.

Travis retomou o caminho ao encontro de Michael. Cobriu a distância rapidamente. Ao se aproximar, seu instinto lhe dizia que era de verdade. Havia encontrado o que procuravam.

Finalmente, Travis conseguiu a confirmação de que estivera certo ao insistir para que permanecessem juntos. Não teria tido tempo para levar M. J. para Lago Agrio, nem para mandar Michael com ela. Tivera que pressionar.

Também porque queria M. J. com ele naquele momento.

Não percebera que a resolução era parte da decisão de mantê-la a seu lado. Convencera-se de que cuidava dela, quando todo o tempo só pensara em seu próprio bem-estar.

Ela foi a última a chegar no vale propriamente.

— M. J.! Pare de se arrastar! — Travis sorriu.

Ela ergueu a cabeça e o último raio de sol cegou-a momentaneamente.

— Estou indo!

Embora quisesse correr até eles, ela não se apressou. Estava mais cansada do que queria admitir. Mas era mais que isso. Havia algo naquele lugar misterioso que a instigava de uma maneira estranha.

Era como se se envolvesse no sonho de outra pessoa. O modo como o sol se escondia em meio às copas das árvores, a declividade das montanhas, o verde da relva e as flores selvagens estranhas atiçavam sua memória. Nunca estivera ali antes... poucos seres humanos haviam estado. Então, por que a sensação de voltar para casa? Como podia saber que, além do arvoredo a leste, havia um pequeno riacho com a água mais límpida? Com pequenos peixes que pareciam estar longe de seu lar caribenho. Por que o ar lhe parecia familiar? E aquelas montanhas peculiares a oeste... Teria o vale sido fotografado, e as imagens publicadas em alguma reportagem que lera? Teria aparecido em algum filme?

Talvez se parecessem com as Sierras que visitara com Claire e as meninas. Talvez não houvesse nada de estranho ali, afinal. Tratava-se apenas de outro vale pitoresco, como todos os vales montanhosos.

De repente, viu-se num vestido de linho e chapéu panamá na cabeça. Estava com os dois homens novamente, um moreno, e o outro, loiro.

Ouviu a voz do homem. Ele cantava:

— Veja o outro lado num avião prateado... Veja a floresta quando estiver molhada da chuva... Lembre-se, querida, até estar em casa novamente, você me pertence...

A voz continuou:

— Veja o mercado na velha Argel, mande-me fotografias e souvenirs... apenas lembre-se de que, quando um sonho surgir, você me pertence... Ficarei tão sozinho sem você... Talvez você se sinta sozinha, também. E saberá...

M. J. sintonizou-se com o momento, lembrando-se da música, ouvindo-a com o coração. A orquestra chiava, como se usassem uma vitrola muito antiga.

— Você me pertence... — Ele cantava com tanta emoção. Devoção.

M. J. abriu os olhos.

— Uma! — Levou a mão à boca. — Mas não pode ser... Mas era. A voz de um homem jovem. Um rapaz que ela

vira em seu estado febril. Um jovem Uma, de smoking. Era loucura. Insanidade. Estava perdendo a razão.

— Talvez eu esteja dramatizando novamente — ponderou consigo mesma.

Um trovão roncou ao longe. Nuvens desceram pela encosta das montanhas como anjos diáfanos baixando à Terra. M.J estremeceu, mas a temperatura não caiu.

Sentiu uma sombra sobre si. Parou e olhou atrás de si, mas não havia ninguém. Só o som de pássaros trinando por perto.

A sensação se repetiu.

— Olá? — cumprimentou, a ninguém em particular, e olhou ao redor, aguardando uma resposta.

Deu mais alguns passos.

— M. J...

Certa de que alguém sussurrara seu nome, ela estacou novamente.

— Quem é? Quem está aí?

O dardo atingiu-a no pescoço, atravessando a queimadura, indo mais fundo, o veneno atingiu-lhe a corrente sangüínea. O caçador era especialista, pensou ela, no instante da picada. Foi seu último pensamento antes de desfalecer.

CAPÍTULO XXX

Os homens de Uma finalmente teriam que falar do assunto uns com os outros. Dessa vez, a telepatia não bastaria. Havia um traidor entre eles.

Porque não havia chefe no grupo, a tarefa de identificar o blasfemador mostrava-se mais do que difícil. Concordaram que era impossível.

— Nós somos a unidade — lembrou o mais jovem. — Uma mente. Um corpo. Um objetivo. Como pode estar acontecendo? Somos os crentes verdadeiros. Fazemos a história acontecer com nossas mentes. Vocês todos me disseram que, se um

discordar, mesmo que por um momento, é o nosso fim. Por que um de vocês tentaria nos destruir? Destruir a si mesmo?

— Ele tem razão. É impossível que nos voltemos contra nós mesmos. Separar em dois é morrer — alertou o membro Cofan, o mais velho do grupo.

— Devemos fazer um teste para descobrir o demônio que se infiltrou em nossa unidade.

— Como se pode testar a unidade? — indagou o mais jovem.

— A unidade deve estar sempre se testando. Senão, não há crescimento. Talvez estejamos em caminhos diferentes há algum tempo e não percebemos nossa falha em relação à unidade — explicou o membro Cofan ao resto do corpo, que não era tão velho e experiente quanto ele.

— Quem de nós seria tão atrevido a ponto de pegar a mulher? E para quê? Algum entre nós sente luxúria por ela?

Houve silêncio na roda.

Olhares acusadores. Mas nenhum olhar se desviou. Covardia não era aceita entre os homens de Uma.

— Não somos os guardiões? — questionou o membro mais jovem. — Não somos dirigidos pelo Deus Uma em pessoa?

Todos assentiram. O jovem continuou:

— Então, sugiro que consultemos Uma da forma que sempre nos dirigimos a ele. Deixe que ele aponte o traidor. Deixe Uma decidir que punição aplicar. Uma é o Deus. Nós somos apenas a unidade, realizando suas ordens na Terra. Não é assim?

— Sim — responderam os membros, em coro.

— Que seja — decidiu o mais velho, abrindo uma bolsa feita de folhas de palmeira. Deitou o pó secreto num cachimbo, acendeu-o com um galho incandescente da fogueira e inalou a fumaça mágica.

Passou o cachimbo ao membro a seu lado, que também inalou profundamente. O cachimbo foi partilhado pelos doze membros. De acordo com os costumes, sonhariam o mesmo sonho, teriam a mesma visão e, sem falar entre si, ouviriam a palavra divina de Uma em pessoa.

Entoando uma melodia gutural, criaram um som cósmico semelhante ao rio passando sobre as pedras. Fecharam os olhos e deixaram o divino Uma invadir suas mentes.

Uma apareceu em sua forma costumeira... com uma máscara horrível que escondia um rosto ainda mais grotesco. Era jovem, alto, e seu corpo parecia de carne humana. As asas abriam-se amplas como as dos arcanjos, mas as garras nos pés revelavam-se mais afiadas do que as do animal mais mortífero da Terra. Era muito forte, os braços e bíceps estufados de músculos, os ombros largos o bastante para causar sensação em Oriente enquanto açoitava a terra, purificava-a com o fogo, preparando-a para o renascimento.

Porque Uma aparecera a eles por tantas vezes para dar ordens, orientações, às vezes para elogiar, não estavam preparados para aquela visita inusitada.

A voz de Uma retumbou nas mentes como uma tempestade feroz. Ele parecia possesso ao passar os braços poderosos sobre a cabeça e então ao redor do corpo, girando como um tornado, ameaçando destruir tudo pela frente.

— Não há nenhum traidor entre nós! — ecoou Uma. — Há um impostor.

Embora o membro mais jovem ficasse tentado a abrir os olhos ante o anúncio espantoso, não se atreveu. Fazer isso romperia a visão e não queria ser responsabilizado pela partida de Uma no momento em que a verdade seria revelada.

— Impostor? -r- repetiram os doze, ao mesmo tempo.

A visão continuou. Uma revelou telepaticamente a seus seguidores que o impostor era um homem branco, velho, que não representava ameaça física a eles. Uma disse que o velho fazia-se passar por Deus havia muito tempo e que chegara a hora de deter o demônio. Contou também que o velho vivia numa caverna acima do vale sagrado dos monstros e era ele quem mantinha a mulher cativa.

— Ele quer matá-la? — indagou o mais jovem.

— Ele quer possuí-la em vida, e na morte também — esclareceu Uma.

— Ela é nossa presa. Nosso troféu. Deverá ser sacrificada a Uma — explicou Cofan.

— Só o sacrifício de criaturas puras de espírito é aceitável.

— Nós somos puros.

— Eu digo que não.

Os homens de Uma ficaram em silêncio verbal e mental. O ódio de Uma cresceu.

— Não se ofendam porque eu falo a verdade. Vocês faltaram em pensamento. Já não são mais capazes de completar missões simples. Eram responsáveis por manter este vale puro e falharam. Os invasores já andaram em meu solo duas vezes

agora. Um dos três tem o coração do demônio, um demônio tão incompreensível que não tem lugar neste vale. Lembro-me de sentir essa profanação duas gerações atrás, quando três homens brancos chegaram ao vale. Então, como agora, seus corações continham ganância. Sinto tudo novamente.

Uma continuou:

— Vocês falharam. Permitiram que eles chegassem ao vale. Não os detiveram. Não os mandaram de volta. A ganância deles é maior do que a sua convicção. Perderam seu poder. — Uma abriu as asas, demonstrando poder. Sua intenção era provocar medo e conseguiu.

Os homens de Uma intimidaram-se diante de seu deus. O mais jovem abriu os olhos e ficou atônito ao ver a face

grotesca de Uma, os olhos vermelhos flamejantes vindo em sua direção. Mas sentiu uma força de propósito surgir de dentro dele, dando-lhe coragem.

— Não é verdade! — protestou, defendendo a unidade.

— Silêncio! — vociferou Uma. — Como se atreve, meu escolhido, trair-me e abusar dos dons e poder que lhe dei?

Uma lançou um hálito quente como o inferno e forte como o vento das tormentas, ao que os seguidores cobriram o rosto com as mãos.

A voz de Uma ressoou nas mentes, em cada célula dos corpos, pois era assim que lhes falava.

— E seu destino manter este vale e seus segredos a salvo. Os segredos que jazem ali permaneceram ocultos da humanidade por doze mil anos. Seus ancestrais não eram corruptos. Eles sabiam da importância do desafio. Mas vocês! Vocês são fracos. Falta-lhes o coração! E quanto a isso não há perdão. O futuro da humanidade está em suas mãos!

— Nós... nós aceitamos a missão. — Eles rezaram mentalmente.

— Esse impostor que raptou a mulher deve ser eliminado. E, principalmente, os três invasores devem ser mortos. Eles ameaçam expor tudo o que mais valorizamos. Não entenderiam nossos segredos. Fariam mau uso dos segredos. Trariam terror ao mundo.

— Os seres humanos não estão prontos para aprender o que sabemos. Não estão prontos para a verdade. Estão confortáveis acreditando no que acreditam. E verdade que o mundo e os planos energéticos que circundam a Terra estão se movendo numa frequência mais alta. Eles mantêm sintonia com os deuses que

habitam planos inferiores. O acesso a meu mundo está próximo. Posso sentir a força da nova forma de pensar. Mesmo assim, ainda é cedo para eles, cedo demais para mim. Sou uma alma antiga, e alterar meus pensamentos para me alinhar às vibrações mais altas leva tempo.

O membro mais jovem ficou confuso.

— Há outros acima de Uma? Os olhos de Uma cuspiram fogo.

— Eu os vejo vindo em hordas como nunca antes.

— Quem são eles?

— Não são deuses — respondeu Uma. — Eles se autodenominam anjos.

Uma abriu as asas novamente.

— Estou decepcionado com vocês, como unidade e como membros individuais do corpo único. Prestem atenção! Não tomem levianamente este alerta.

Uma bateu as asas e elevou o corpo. Então, sobrevoando, lançou outra rajada de vento.

Os homens de Uma juntaram-se enquanto o ar voltava a esfriar.

Estavam inseguros sobre que rumo tomar, mas era imperativo agir. Ignorantes sobre os dogmas metafísicos que Uma tentara explicar, assumiram entre si que haviam pecado.

A simples idéia contrariava todas as suas crenças. Pecado era falha. Falha era inaptidão. E inaptidão na floresta significava morte certa.

Sentiram a picada de sua própria corrupção. Precisavam se redimir. Coletivamente, concordaram que só havia uma forma de redenção.

Tinham que sacrificar a mulher branca e seus companheiros para salvar as próprias almas.

CAPÍTULO XXXI

M. J. sentia-se como a protagonista de um filme de ficção científica, viajando à velocidade da luz, através de túneis de som e espirais em galáxias brilhantes. Caía.

Sabia que gritava, mas não ouvia a própria voz. A garganta estava áspera. A roupa de linho branca agitava-se contra sua pele à medida que caía. Tentava alcançar alguém. Então, ouviu a mesma voz dos outros sonhos febris.

— Dorothy?

Quantas vezes teria de lhe dizer que se chamava M. J.? Não era Dorothy. Nunca fora.

— Dorothy?

Ela protestou no sonho.

— Não... — murmurou, virando a cabeça de um lado a outro. — Acorde, Dorothy.

M. J. despertou do estado de sonho induzido por drogas. Sentia uma forte dor de cabeça. Levou a mão às têmporas e sentou-se, gemendo.

— Onde estou?

— A salvo, finalmente — respondeu a voz áspera.

Ela estreitou o olhar à fraca iluminação e olhou ao redor na caverna.

— Quem está aí? Ele riu.

— Como pôde me esquecer tão fácil?

— Uma?

— Sim. — Ele se aproximou devagar.

— Como cheguei aqui? — Ela fitou a penumbra e então viu tochas e velas. Dezenas delas. Tateou o chão duro abaixo e afastou uma montanha de cobertores nativos. — Onde exatamente é aqui?

— Bem-vinda ao meu lar — declarou ele, pousando uma vela espessa a seu lado.

— Você me encontrou?

— De certa forma. — Ele riu misterioso.

A lembrança voltou numa velocidade impressionante. M. J. levou a mão ao pescoço, onde fora atingida por um dardo.

— Você tentou me matar!

— Não, eu a salvei. Ela o encarou.

— Não posso acreditar. Você me atacou deliberadamente.

— Era só um sonífero. Pode-se comprar o equivalente em qualquer farmácia nos Estados Unidos, provavelmente sem receita médica, hoje em dia.

— Como sabe? — acusou ela.

— Leio o jornal de vez em quando. Do meu jeito, procuro me manter atualizado. — Ele sorriu com charme.

— E depois, o que você fez? Trouxe-me nas costas?

— Estou em boa forma para a minha idade, mas era demais para mim. Usei um burro — explicou Uma. — Chamado Al.

— Claro. — M. J. assentiu, condescendente. — Você simplesmente me colocou no lombo do burro sem ajuda de ninguém.

— Poderia ter tido alguma ajuda.

— Agora, a verdade vem à tona. — Ela cruzou os braços.

— Eu disse "poderia" — observou ele.

— Quantos há aqui? — indagou ela, olhando desconfiada ao redor, imaginando se a espreitavam das sombras.

— Só dois. Eles moram perto. Francamente, são tão velhos quanto eu. E você... bem, você é muito saudável, devo dizer.

— O fato de eu ter baixado um número de manequim desde que cheguei ao Equador já indica...

— Então, por que mencionar? — provocou ele. M. J. fumegava.

— Então, esses amigos seus sabem que são cúmplices de um rapto e que vão apodrecer na cadeia quando eu os denunciar?

Uma riu e bateu no joelho.

— Ora, isso é muito maduro.

— Qual é a graça? Eu vou denunciá-lo às autoridades assim que sair daqui.

— Não, não vai — respondeu ele, e deixou de sorrir quando ela afastou o cobertor.

M. J. olhou para as próprias pernas e para a corda que as mantinha unidas, prendendo-a a uma estaca.

— Mas o que é isto? — questionou, horrorizada. Uma pousou a mão em seu braço.

— Você sofreu queimaduras sérias. Enquanto eu a tratava, você entrou em choque. Tive de amarrar suas pernas.

— Ah, entendi. Então, vamos tirar agora. — Ela começou a desatar o nó.

— Não tão rápido. Como saberei que não vai fugir?

— E claro que vou fugir!

Uma a segurou com força, machucando-a. M. J. espantou-se com a energia e já não sabia se ele precisara da ajuda dos amigos.

— Não acabei o tratamento — explicou o curandeiro. — Várias das queimaduras infeccionaram.

— É mesmo?

— Estafilococo, provavelmente. Não sei ao certo, pois não tenho como fazer uma cultura. Terá que acreditar em minha palavra. Vai ficar com cicatrizes. Se a infecção se espalhar... — Uma ergueu as mãos.

M. J. compreendia. Conhecia bem os perigos da infecção. Estafilococo era algo que todo médico, enfermeira e hospital temiam. Mas não confiaria seu tratamento a alguém que a raptara.

— Quero ver.

— Se insiste...

— Insisto.

Uma levantou-se, foi até uma montagem alta de prateleiras toscas e retirou um espelho de mão de casca de tartaruga. Para M. J., parecia um artefato que as mulheres usavam cinquenta anos antes.

Ele lhe passou o espelho e aproximou uma vela.

— Olhe seu pescoço.

M. J. ficou ansiosa. Suas mãos tremiam. De repente, perdia a coragem. Tinha ferimentos consideráveis na camada superficial da pele, onde o fogo queimara. Nas bordas, acumulava-se o temido pus branco. M. J. sentia-se exposta e extremamente

vulnerável, como se as queimaduras representassem o enfraquecimento de sua alma. Nunca olhara tanto para dentro de si mesma como fazia naquele momento.

Acontecera novamente. Escapara da morte por um triz. Dessa vez, resgatara a si mesma. Salvara-se.

— Estou mutilada.

— Francamente, sim.

M. J. sempre se orgulhara de sua pele lisa e bonita. Agora, tinha uma cicatriz na perna, marcas indeléveis no pescoço causadas pelo destino... um destino que ela mesma escolhera.

— Diga-me que vão sarar.

— Farei o máximo. Só tenho a erva confrei para esse tipo de tratamento. É um bom anti-séptico e bactericida. Se funcionar, a infecção vai ceder rapidamente. Tenho também álcool destilado de flores de laranjeira, cerefólio, outra erva de propriedades antibióticas, hortelã e segurelha para ação adstringente. Mas só um milagre pode salvá-la das cicatrizes.

M. J. refletiu a respeito.

— Está bem. Vou deixar meus cabelos crescerem para esconder. — Sabia que ela própria provocara aquelas marcas definitivas. Já começava a se conformar. Afinal, salvara vidas humanas para ganhar aquelas medalhas de honra. Valera a pena.

— Estou preocupado porque o estafilococo pode ser mortal.

— Não sei sobre essas ervas que está usando, mas eu tinha um creme antibacteriano que o médico me deu para a perna. Queimou no incêndio.

— Imagino, pelo seu estado, que deve ter sido terrível para você — comentou Uma, compassivo.

M. J. o fitou cautelosa.

— Você não viu? Não estava lá?

— Por que acha que eu estaria?

— Você parece saber todos os nossos passos. Antes mesmo de nos pormos a caminho. — Ela endireitou o corpo defensiva, afastando-se dele.

— Acha que tive alguma relação com os incêndios?

— Como sabe que houve mais de um? Não falei nada.

— Fui ao acampamento depois. Queria me certificar de que não havia brasas.

— Não precisava. Travis e Michael fizeram o rescaldo.

— Fizeram um bom trabalho.

— Então, por que foi bisbilhotar?

— Estava preocupado com você — justificou Uma, tranquilo. Levantou-se e foi até a mesa onde misturava um elixir alcoólico. Amassou hortelã e cerefólio num pequeno pilão.

— Isso é para mim?

— Sim. Você é minha paciente.

— Você não é médico — rebateu ela.

— Sou melhor que aquele novato que seu amigo trouxe de fora. — Seguiu amassando as ervas com força renovada.

— Ele veio de Quito — informou M. J., achando boa a referência.

Uma acrescentou óleo de confrei às ervas desidratadas e, em seguida, uma pasta de flores de laranjeira e segurelha. Misturou tudo até conseguir uma pasta de cheiro forte.

M. J. sentiu o aroma.

— Não vai colocar isso em mim, vai?

— Não — respondeu ele, entregando-lhe o pilão. — Você vai. Tenho que cortar a gaze. O fermento não deve ficar em contato com o ar, por causa das impurezas.

Ela pegou a pasta.

— Isto, de um homem que me trouxe aqui à força.

— Não foi à força.

— Um dardo é um instrumento de agressão.

— Você não teria vindo por vontade própria. Mas precisava de atenção médica — insistiu ele. — Duvido de que seus companheiros vissem algo além do próprio nariz, de que enxergassem algo mais que a busca gananciosa deles.

— Não gosta deles, certo?

— Certo.

— Acontece que a busca também é minha — esclareceu M. J., passando o dedo nas pasta. Espalhou uma fina camada nos braços. A sensação era pegajosa e fria, embora a pasta em si estivesse morna. — Parece ácido. Tem certeza de que me contou tudo o que vai nesta fórmula?

— Nem tudo. Você nunca ouviu falar de certas plantas. Poucos ouviram. — Uma posicionou a gaze sobre os ferimentos. — Erga o pote. Vou passar no seu pescoço.

M. J. segurou o pote junto ao pescoço enquanto ele aplicava a pasta. Fitou as velas para manter a mente longe da dor. Franziu o cenho quando o creme tocou na pele, mas esta logo ficou insensível.

— Podia vender essa fórmula e fazer fortuna.

— Não preciso de fortuna, mas cheguei a vendê-la certa época.

— É? Quando?

— Não me lembro direito. Minha memória não é o que costumava ser. É a senilidade, suponho.

— Você é tão senil quanto eu. Memória seletiva é mais apropriado.
Uma permaneceu em silêncio enquanto acabava de aplicar a pasta.
— Então, o que acha? Vou sobreviver?
— Precisa de tempo para se curar.
— Disse isso na última vez.
— O tempo é a grande cura, para quase tudo — filosofou ele. —
Especialmente para a psique. Eu sei. Tive uma vida para me curar.

A falta de sinceridade na voz chamou a atenção de M. J.

— Está falando de si ou de outros?
— De ambos, suponho.
— Tem o coração ferido? Uma paralisou-se.

M. J. percebeu que disparara a pergunta sem pensar. As palavras pairaram no ar como adagas.

— Desculpe-me, não é da minha conta.
— Tudo bem. Quero que me conheça. Há muito tempo, tive uma amiga com quem partilhava meus pensamentos.
— Então, é disso que estamos falando? — indagou ela.

— Disso?
— É. O motivo de você nos seguir, espionar, me abater com seu dardo.
Ele ponderou sobre a acusação.

— Não pensei que estivesse fazendo isso, mas você pode estar certa. —
Aplicou gaze no pescoço. — Pronto, deve bastar. Trocarei os curativos pela manhã.

M. J. pressionou:

— Deve ser bem solitário aqui na floresta, não?
— Oh, não sei bem. Lembro-me de estar sozinho na cidade

230

grande, cercado de amigos. Acho que era mais solitário antes do que agora.

— Ah, duvido.

Ele sorriu ante a ingenuidade.

— Tenho Chipshaw para me fazer companhia. — Bateu palmas e o macaquinho pulou da cama no canto, achegando-se.

Uma continuava reflexivo:

— Às vezes, até vou à aldeia e vejo só uma pessoa. No passado, atendia tanta gente que chegava a ser hóspede dos chefes por uma semana. Quando voltava, estava exausto.

— Parece que precisa de ajuda — concluiu ela.

— Ajuda? Está maluca? Ninguém além de um velho idiota como eu faria o que eu faço. Esses médicos novatos como o seu amigo...

— Juan Carlos — informou ela.

— Eles todos só querem dinheiro, muito dinheiro, por serviços prestados. Os meus pacientes não podem pagar.

— Mas o governo poderia subsidiar os médicos e construir hospitais, assim que conseguir se reestruturar.

— Sim, poderia. E todos seriam beneficiados. Mas não acredito que viverei o bastante para ver isso.

— Não fale assim! Se meus amigos e eu encontrarmos petróleo aqui, esperamos que nossos investimentos sejam empregados na construção de hospitais.

Ele a encarou.

— Quem lhe vendeu esse papo furado?

— Travis...

Uma a interrompeu, de repente zangado.

— Foi assim que ele a convenceu a vir? Apelou para seus ideais americanos ridículos?

— Não, eu...

Ele ergueu as mãos.

— E espantoso o que os homens fazem para alimentar sua ganância.

— Ganância? — M. J. observou o velho deixar a mesa e ir para uma área de trabalho composta por dois cavaletes e tábuas justapostas sobre as quais ervas desidratavam. Batendo um galho com folhas contra a perna, fitava as paredes da caverna como se não existissem.

— Ganância é o único motivo para homens virem a este lugar esquecido. Por que mais arriscariam suas vidas? Já vi acontecer muitas vezes. Eles vêm à procura de

fortuna, mas encontram o perigo. A morte. Encontram seus demônios, travam guerra com eles e perdem. — Uma esfolava a perna com as folhas, mas parecia não se importar.

— Você está bem? — indagou M. J., cautelosa. — Parece nervoso. — Olhou para o galho.

Uma acompanhou seu olhar.

— Como? Oh, desculpe-me. — Ele inalou o aroma das folhas, acalmando-se, e largou o galho na bancada.

— E você perdeu a batalha consigo mesmo?

— Sim, mas estou vencendo a guerra agora — afirmou ele, o resto de ansiedade dissipava-se.

— Como conseguiu?

— Eu lhe disse. Com o tempo.

Ela assentiu, sorrindo. Não entendia os enigmas que ele dizia, mas percebeu que devia ser diplomática ao conversar com ele. Sempre considerara a impaciência um entrave a seu crescimento. Tempo era a recomendação que mais detestava ouvir.

— Diga-me que preciso de meditação, mas não me peça para ser paciente — pediu. — Odeio isso!

— Típico dos jovens.

— Só dos jovens? Acabo de ver você perder a paciência bem rápido. Talvez não tenha derrotado todos os seus demônios, afinal.

— Não. Não há mais demônios. — Ele suspirou. — Só lembranças.

— De quê?

— De quem — corrigiu ele, montando uma perfeita fogueira de escoteiro no meio da caverna, sobre as cinzas da fogueira do dia anterior.

O olhar dele passou de vago a emocionado e, então, solene.

— Você me lembra tanto dela. Era um pouco mais alta, mais esguia e bonita.

— Ora, obrigada.

— Não entende como era nossa relação. Você é igualmente bonita. Não há dúvida. — Uma ergueu o rosto e, embora os olhos estivessem fechados, M. J. sentia que ele via tudo o que precisava ver. Revivia o passado.

— Ela era cheia de vida, como você — continuou ele. — Corajosa e muito inteligente. Inteligente demais para a maioria dos homens. Se bem que sempre gostei de me considerar acima da norma, também. Eu a considerava uma deusa.

— Apaixonou-se por ela — concluiu M. J.

Uma não modificou a expressão, as chamas da fogueira emprestavam-lhe uma tonalidade dourada. Parecia etéreo, como um velho sábio dos contos de fadas, ou de filmes das arábias. O olhar transmitia uma emoção tão poderosa e devoradora que M. J. quase sentia a força. Era como um campo magnético. Ao mesmo tempo, tão tangível quanto uma chuva de verão. Uma lembrava uma criatura mística capaz de atrair as pessoas a seu domínio e, então, transformar-se em algo ou outra pessoa. De príncipe a sapo. De sapo a príncipe.

Mas qual era sua forma naquele momento?

— Eu estava perdidamente apaixonado por ela — confessou, tristonho.

M. J. sorriu, sentindo empatia. Imaginou se Travis um dia pensaria nela assim.

— Qual era o nome dela?

— Dorothy. Dorothy Stevens.

— Por que jamais se esqueceu dela?

Ele atçou uma tora em chamas. A expressão era impassível, o olhar vago, como se tivesse perdido todo o contato com a realidade.

M. J. logo se arrependeu da pergunta. Algo lhe dizia que não gostaria da resposta e instintivamente retraiu-se.

Ele voltou o olhar para ela.

Foi quando M. J. viu o demônio nele.

— Eu a matei — confessou o curandeiro.

CAPÍTULO XXXII

Travis sentiu um arrepio na nuca. — Não é incrível, Travis? Está sentindo? Sente o cheiro? — indagou Michael, levando um punhado de terra ao nariz. Inalou o aroma como se fosse um vinho fino, saboreando-o. O presente de repente tornou-se passado. Pensou nos milhões de anos de que a Terra precisara para criar tal aroma. Não havia nada igual na Terra. Travis olhou para trás.

— Sinto.

— Concorda que acertei o filão principal? — gabou-se Michael, excitado.

— Onde está M. J.? — perguntou Travis, esquadrinhando o riacho e a floresta que haviam cruzado.

— Ora, está... — Michael endireitou-se e olhou ao redor. Voltou-se para o norte, para o leste.

Travis sentiu o sangue gelar. Foi como se levasse um golpe de lança.

— Onde raios está M. J.? — Travis deu meia-volta, pronto para correr por onde viera, em meio à relva alta e flores selvagens.

— Oh, raios! — Michael agarrou as mochilas e seguiu Travis.

— M. J.! — gritou Travis. Ouviu só o eco da própria voz. Tardiamente, percebeu o erro. Acabara de anunciar sua posição aos inimigos.

Abaixava o capim alto usando os braços como foice.

Ela podia ter desmaiado, considerou. Podia ter sido picada por uma cobra. Ou caído num buraco. Ou tropeçado numa armadilha de caçador. Pensou numa centena de infortúnios. Um mais terrível do que o outro. Não obstante, sabia que não

ocorrera nenhum deles. Os perseguidores os tinham seguido e levado M. J.

— Malditos!

Vinham sofrendo atentados desde que chegaram pelo rio. Travis estava cansado do jogo de gato e rato. Saía-se melhor quando era o caçador.

Sacou o revólver do cós do short e instruiu Michael a fazer o mesmo. Engatilharam as armas ao mesmo tempo.

— Seus filhos da mãe! — gritou Travis para a floresta e então para as paredes montanhosas. Ergueu a arma e atirou, para ser ouvido.

— Vamos! Venham me pegar!

— Está louco, Travis? — Michael tomou-lhe a arma. — Isso foi mesmo muito inteligente. Nunca a encontraremos se estivermos mortos. O que deu em você, cara?

Travis levou as mãos ao rosto.

— Perdi o controle.

— Eu vi — concordou Michael. — Sabe tanto quanto eu que há tribos canibais doidas em Oriente. Continue assim e acabaremos na sopa. Literalmente.

— Ela não pode ter desaparecido sozinha, Michael. Não sairia da trilha. Não é burra.

— Com certeza, não. Por enquanto e como ponto de partida, vamos admitir que ela foi raptada.

Travis sentia medo e uma dor profunda no coração.

— O que vamos fazer?

— Eles não passaram por nós; então, só podem ter ido para o sul, leste ou oeste.

Travis sentia o coração palpitando e tentou raciocinar. Não era fácil.

— Deixariam marcas, pegadas.

— Sim, galhos quebrados, relva pisada, flores amassadas.

Travis fitou o local onde vira M. J. pela última vez. Lembrava-se de ter se voltado para acenar. Ela sorria e acenara em resposta. Ainda sentia a força de sua energia, via o amor em seus olhos.

— Tenho que encontrá-la. — Travis contemplou as montanhas. — Não há muito tempo.

Apontou para o ponto em que M. J. devia ter desaparecido.

— Tem que estar aqui.

— O quê?

— Nossa pista. — Travis passou por Michael e pisou no capim alto. Voltava a ser um investigador.

Lembrou-se que M. J. tinha flores amarelas na mão ao acenar.

— Flores amarelas... — Esquadrinhou a área. — Ali! Travis apressou-se para um canteiro natural de flores parecidas com margaridas.

— São estas.

— O quê? — indagou Michael.

— Ela colheu flores bem aqui.

Travis agachou-se e viu as primeiras pistas.

— Veja, uma pegada. — Levantou-se e adentrou a trilha secundária. — Michael, como perdeu isso?

— O quê?

— Estas são as botas de Uma! Eu as reconheço. São as mesmas marcas que vi ao lado da barraca depois que ele esteve no acampamento.

— Não pode ser. — Michael estava incrédulo. Também começou a vasculhar.
— Veja! Mais duas pegadas. Mas estas são de pés descalços.

— E mais profundas. Felizmente, esse solo é macio — disse Travis. — Dois homens a carregaram. Uma encerrou a fileira.

— Mas como fizeram isso tão rápido? M. J. teria lutado... — Michael adivinhou: — Um dardo.

— Isso mesmo — confirmou Travis. — Estavam preparados. Sabiam que viríamos.

— Quer dizer, estavam escondidos na floresta, em vez de atrás de nós?

— Exatamente. O que significa que o seguiram até aqui na sua primeira incursão. — Travis estudou as montanhas e colinas. — Ou pelo menos viram quando você chegou ao vale. E não acho que sejam os mesmos que tentaram nos matar.

— Ótimo — disse Michael. — Agora temos inimigos de todos os lados.

— Precisamente.

— Bem, eles são rápidos, tenho de admitir — comentou Michael.

— Juro que dei as costas a ela só por um segundo ou dois. Talvez mais. Acho que estava tão entusiasmado que não...

— Nós. Não prestamos atenção em M. J. — completou Michael.

— Viu a mochila dela em algum lugar por aí? — indagou Travis.

— Não. Devem ter levado também.

Travis seguiu as pegadas por quase cem metros. Michel verificava a direção.

— Foram para noroeste, para as montanhas.

— Era o que eu temia. Não temos cordas para escalar. Michael devolveu o revólver de Travis.

— Teremos sorte se sairmos do vale até o anoitecer.

— Vamos ver até onde conseguimos chegar. Sem luz perderemos a pista. — Travis inclinou-se, pegou a mochila e lembrou-se de que não haviam coletado as amostras de solo pelas quais arriscaram a vida.

De repente, não lhe pareciam mais importante.

— A falta de clareza é o que menos me preocupa — comentou Michael, sombreando os olhos.

— Eu sei. — Travis bateu nas costas de Michael como incentivo. — A mim, tampouco.

CAPÍTULO XXXIII

Você matou Dorothy? — Matei — confirmou Uma.

— Quer dizer... foi um acidente?

— Não, eu a quis morta.

— Por quê?

— Foi a única forma — respondeu ele.

M. J. sentiu a boca seca. Raciocinava freneticamente tentando compreender aquele monstro.

— A única forma para quê?

— Para remetê-la à eternidade.

Surpresa com a resposta, M. J. sentiu repulsa, um nó no estômago e quis vomitar. Se ele matara uma vez, faria novamente. O que o deteria? Obviamente, permaneceria ileso, morando ali na obscuridade.

Por que enfrentava tamanho pesadelo? Que anjo sinistro a colocara ali?

— Não quer ouvir a história? — indagou ele.

Ela fitou os olhos escuros. Seria louco? Estaria inventando aquilo? Achava-se perturbado após décadas de solidão?

M. J. temia o que Uma lhe faria se ela não continuasse o jogo.

— Claro que quero ouvir a história.

— Achei que sim. — Ele se instalou numa cadeira que construía com toras, galhos e pedaços de couro.

— Vamos ver por onde começar. — Iniciar a história era difícil para Uma. Nunca percebera que ficaria tão comovido.

Optou por detalhes simples:

— Certa vez você me perguntou qual era meu nome verdadeiro. Bem, é Nelson Anderson — revelou, com uma risada

contida. — Que estranho. Quase me esqueci do meu próprio nome. Fazia tanto tempo que não o pronunciava. Suponho que quisesse mesmo me esquecer dele, como se pudesse me expurgar de meu pecado.

— Entendo — respondeu M. J., esperando manter a situação estável. —
Prossiga.

— Era 1933. Eu era um geólogo com alguma reputação na época. Desistira da medicina e a medicina desistira de mim. Além disso, vivia-se a corrida do petróleo. Compravam-se concessões para explorar petróleo e minerais no Texas e na Louisiana. A Califórnia também era visada. Mas eu lera sobre a América do Sul durante toda a minha vida, era fascinado pelo exótico, suponho.

— Era muito convencido naqueles dias. Contei a alguns jornalistas na Califórnia que viria para cá e encontraria uma grande bacia de petróleo, antes das grandes companhias de Nova Jersey. Claro, era estúpido, também. Não sabia que localizar o petróleo era só metade da batalha. Tirá-lo de Oriente era outra história. Mesmo assim, tolo e romântico, eu me achava invencível.

Ele fitou as sombras, com o olhar carregado de lembranças.

— Bem, Dorothy era um dos jornalistas. Trabalhava para um periódico de San Francisco. Era uma das pupilas premiadas de William Randolph Hearst, segundo ela mesma...

— Sou mais que uma pupila premiada — dissera Dorothy, erguendo o queixo sob o sol brilhante de Los Angeles. — Sou a melhor repórter da equipe. Minha mãe trabalhou para o sr. Hearst antes de se casar. Cobriu o terremoto e me ensinou tudo o que sei — declarou a Nelson.

— E qual foi a coisa mais importante que ela lhe disse?

— Que eu saberia por instinto quando encontrasse uma grande história — respondeu ela, os olhos castanhos brilhando. — Acho que o senhor é essa história, sr. Anderson.

— Não sei quanto a isso, mas com certeza você afaga o meu ego.

— Espero que sim! De que outro modo poderei convencê-lo a me levar na sua viagem?

Ele reposicionou o chapéu de feltro na cabeça e esfregou a nuca.

— Acho que não é possível, senhorita...

— Stevens. Dorothy Stevens.

— Srta. Stevens, disponho de uma verba limitada. Não daria para a sua passagem de navio, alojamento...

— Oh, não se preocupe com isso. Farei o jornal pagar as minhas despesas. Só quero que me garanta uma história boa do inferno!

Ele riu.

— Sempre pragueja, srta. Stevens?

— Absolutamente não, sr. Anderson. — Ela abriu um sorriso largo, mostrando dentes brancos e bem ajustados.

Ela o confundia. A srta. Stevens o procurara após a entrevista coletiva pouco antes e o conquistara, assim como Teddy Roosevelt tomara San Juan, no final do século dezenove.

— Se conseguir que o jornal pague as suas despesas, negócio fechado, srta. Stevens. Pode ir comigo para a América do Sul.

— Jura?

Ele a fitou nos olhos e sentiu uma onda de energia tomar seu corpo, como se a força da natureza os tivesse colocado frente a frente. O que começara como uma briga verbal transformara-se em algo diferente.

Ela o queria.

Ele sabia disso. Acreditava nisso. Era como se ela orquestrasse seus futuros e ele não tinha o que fazer a respeito.

Sentiu uma paz inusitada em seu ser. Durante toda a vida, só tivera um objetivo: riqueza. Queria tanto ficar rico que venderia a alma ao diabo. Não lhe importava como fazer dinheiro, desde que fizesse. Apesar da excelente educação, dos vários títulos acadêmicos, não tinha grandes recursos e não pudera aplicar no mercado de ações na época da valorização. Por ocasião da crise na bolsa, quatro anos antes, vira-se na miséria, como todo mundo. A diferença era que não tivera muito a perder, em primeiro lugar. Longe de se prostrar derrotado, demonstrara força trabalhando. Seu entusiasmo energizava os investidores. Quando se tratava de correr riscos, Nelson sempre estava entre os mais corajosos. Não importava aonde teria de ir, nem os perigos que encontraria. Estava determinado a encontrar petróleo. Minutos antes, divertira-se com as perguntas da imprensa, às quais dera respostas rápidas e precisas. Impressionara a todos com seu conhecimento sobre a localização da melhor jazida na região de Oriente, no Equador. Expusera as idéias com clareza, um raciocínio direto.

Até ela aparecer.

De repente, ele soube que algo mudara. Sua vida tomara uma nova direção, e nada seria o mesmo. Quase sem pensar, confirmou:

— Sim, juro. — Pegou a mão dela. — Minha palavra é o meu compromisso, srta. Stevens.

— A minha também — replicou ela, com seu sorriso inesquecível. Um sorriso indelével. Uma visão que ele acalentaria para sempre. Nelson estava mais que atônito, parecia enfeitiçado.

O banqueiro e parceiro de Nelson, Darren Klein, descia a escadaria da prefeitura. As coletivas de imprensa mais importantes aconteciam ali para que as bandeiras nacionais aparecessem nas fotografias, esvoaçando no pátio de entrada. Cada empreendedor que Darren financiara, tanto pessoal quanto comercialmente, dera uma entrevista coletiva naqueles degraus. Era bom para os negócios.

— Está louco, Nelson? — vociferou Darren, enquanto Dorothy Stevens se afastava. — Nunca viu essa mulher. Não só é ridículo levar uma mulher para a floresta como se trata de uma repórter. Ela vai delatar todos os seus segredos.

Nelson seguiu Dorothy com o olhar enquanto ela descia a rua, rebolando. O vestido de organza floral tinha um corte longo e romântico, na moda. Caía-lhe no corpo esguio como uma cachoeira. Os cabelos passavam dos ombros e caíam em cachos por baixo do chapéu de palha que ela usava. Notou também que ela segurava as luvas em vez de usá-las, pronta para deixá-las cair e fingir inocência quando um cavalheiro parasse para pegá-las e devolvê-las.

Era uma coquete experiente, pensou ele. Toda suavidade e luxúria. Não havia ângulos em seu rosto. Nenhum traço de aspereza na atitude. Mesmo assim, era segura, como ele. Gostava disso, gostava muito.

— Em primeiro lugar, não acredito que o jornal vá liberar essa verba — replicou Nelson. — Em segundo lugar, olhe para ela. Não há nada profissional nela. Principalmente na maneira de vestir...

— Ela pragueja como um jornaleiro. Nelson sorriu. «

— Ela está fazendo cena, eu lhe digo. — Rindo, deu um tapa nas costas de Darren. — Não tenho a intenção de levar aquela mulher a lugar algum... exceto parada cama.

CAPÍTULO XXXIV

No dia seguinte, Dorothy Stevens foi ao escritório da companhia de navegação onde Nelson deveria reservar as passagens dele e de Darren.

— Tinha esperança de encontrá-lo aqui — comentou ela, eufórica, ao vê-lo. Usava um vestido de chiffon verde-maça para dia e chapéu branco de crina de cavalo com fitas de gor-gorão verde no mesmo tom do vestido que caíam sobre seus cabelos, assemelhando-a a uma ninfa primaveril.

Ele ficou encantado, embora ciente da audácia dele em procurá-lo. E se não conseguisse a verba do jornal? No dia anterior, não teria se importado, mas passara a noite suando frio, imaginando fazer amor com ela, convencido de que a viagem à América do Sul não teria o menor sentido sem ela.

— Por acaso marcamos encontro?

— Eu o segui. Bem, mais ou menos...

Dorothy exalava uma essência de jasmim, gardênia e baunilha. Intoxicado pelo almíscar natural, Nelson ajustou o colarinho. Ela estava próxima demais. Já se impregnara em sua pele e não podia fazer nada. Dorothy o fisgara.

— Mais ou menos? — questionou, engolindo em seco ao sentir uma ereção ainda mais pungente.

— Fui à pensão onde estava hospedado, depois de conseguir o endereço com um conhecido funcionário da prefeitura, pelo registro de sua empresa e de Darren Klein, caso esteja curioso — relatou Dorothy, orgulhosa da capacidade de investigação. Respirando fundo, continuou: — A senhoria me disse que você não ficou lá por muito tempo.

— Só alguns...

242

— ...meses — completou ela, assentindo. — O que significa que não viu muito de Los Angeles.

— Só porque não moro há muito tempo aqui não significa que não conheço a cidade.

— Au contraire, mon cher — respondeu ela, fazendo beicinho com os lábios carmim.

Ele gostava da forma como ela usava o tratamento familiar. Sentia-se mais próximo, o bastante para ter esperança de ela não estar apenas flertando. De ela estar interessada nele.

Ela o envolvia como uma especialista e ele permitia.

— Dei uma olhada na sua correspondência, Nelson. Algumas foram reenviadas de Nova York. O que foi fazer lá?

— Com certeza, já imaginou isso também. Ela se balançou nos calcanhares.

— Investidores poderosos, talvez?

— Bingo.

— Foi lá que conheceu Darren Klein?

— Ele me encontrou — corrigiu Nelson.

— Ele é um playboy.

— Mas um playboy sensato. — Nelson agitou o dedo negativamente. — Não tire conclusões precipitadas.

— Não há nada no currículo dele que justifique esse súbito interesse em petróleo — observou Dorothy, perspicaz.

— Muitas pessoas estão procurando petróleo agora. É o investimento mais seguro. E o futuro. Minha previsão é de que será a base das economias para as futuras gerações de americanos. A Depressão não pode durar para sempre. Todo dinheiro dobra em sete anos. Não acredito em má sorte após sete anos. Quebre um espelho e terá sete anos de má sorte. Mas e depois? Ora, sete anos de boa sorte. O pêndulo sempre balança de volta. Sete anos de escassez. Sete anos de fartura. Lembra-se dos sonhos de José na Bíblia? Sete. Bem, já faz quatro anos desde a crise. São mais três anos de dificuldades e tudo começará a mudar. Acredite em mim, por volta de 1937, o pior terá passado. Algo surgirá para mudar tudo.

— Como o quê? Um milagre?

— Historicamente, é uma guerra, mas não falemos disso. Vamos falar da sua conversa com o editor do jornal.

— O que tem?

— Conseguiu a verba?

Sem pretensão, ela abriu a bolsa de couro quadrada e retirou um passaporte e uma passagem de vapor. Sorriu misteriosa..

— Eles abrem às sete. Eu era a primeira da fila. Nelson espantou-se.

— Não acredito! — Pegou a passagem. — Como conseguiu tão fácil?

Ele levava quase dois anos para fazer alguém ouvir suas idéias e acreditar nelas o bastante para lhe financiar a busca do sonho. Entretanto, aquela mulher audaciosa, que nem imaginava existir petróleo na América do Sul até o dia anterior, quando ele chamara a atenção para o assunto na coletiva de imprensa, estalava os dedos e conseguia uma passagem para o Equador com todas as despesas pagas.

— O que você é, uma bruxa?

— Obrigada!

— Bem, é que conseguiu tão rápido... Parece mágica.

— Meu caro Nelson, vai descobrir que, quando estou por perto, a mágica sempre acontece. Esse deve ser o seu problema.

— Eu não tenho problema — protestara ele.

— Mas claro que tem, se não acredita em mágica. — Ela deu um sorriso arrasador.

Dorothy tinha razão. Com certeza, o enfeitiçara. Sentia-se impotente contra ela, e a sensação atordoava. Era o líder daquela expedição, o criador, o fundador e a força por trás da largada. Entretanto, em poucas horas, Dorothy Stevens tornara-se o ímpeto que o empurrava para a frente.

Queria encontrar petróleo, sim. Mas agora a viagem à América do Sul tinha outro objetivo paralelo. Queria aproveitar o tempo para explorar Dorothy. Queria conhecê-la, invadi-la, ser parte dela. Mas não sabia como convencê-la a aceitá-lo... ela parecia estar sempre uns seis passos à frente dele.

— Tenho toda a fé do mundo em você, Nelson — declarou ela. — Sua expedição vai dar notícia. Notícia internacional. Mais que isso, você está na iminência de fazer história, de mudar o rumo de um continente. Ora, é como se você fosse Atlas, carregando o mundo nas costas. E um fardo e uma responsabilidade, não é? Mas, ao mesmo tempo, sinto que não poderia ser diferente com você. Sinto que homens como você,

que escolhem esse destino, é que se tornam heróis. Uma pessoa maior que si mesma. Você é o tipo de pessoa em que todos nós nos espelhamos. Precisamos de pessoas como você, Nelson. O mundo precisa de heróis — finalizou, despejando as palavras como uma coroa de louros. — Que tolice duvidar de que eu daria um jeito de viajar com você.

Ela o fez se sentir simultaneamente um idiota e seu ideal de pessoa.

— Está exagerando.

— Pelo contrário, Nelson. — Dorothy suspirou, sedutora. — Ainda nem comecei com você. — Passou a língua pelos lábios, provocando-o, brincando com ele. Desafiando-o.

Ele se sentiu excitado novamente.

— Pelo menos, ainda não. — Ela quase ronronava, o rosto tão próximo do dele que seus lábios quase se roçaram.

Nelson engoliu em seco. Cerrou os punhos e enfiou-os nos bolsos.

— Devemos manter a relação num nível estritamente profissional, srta. Stevens.

— Oh, não tenho nada contra, sr. Anderson. — Ela recuou, mas só depois de roçar os seios em seu tórax.

Ele forçou o controle, imaginando que perdera a cabeça. Não conseguia raciocinar.

— Ótimo. — A língua colava-se ao céu da boca quando tentava falar. — Então, até quarta-feira de manhã, quando partiremos.

— Com certeza, sr. Anderson. — Dorothy deu-lhe as costas e se foi.

O sol parecia esconder-se atrás das nuvens quando Dorothy não sorria, pensou Nelson, vendo-a seguir pela calçada e pegar um táxi. Contemplou o céu nublado.

Estranho, o sol não aparecera durante toda a manhã.

No primeiro dia no mar, Nelson não viu Dorothy - Fingiu trabalhar em sua cabine, mas a verdade era que não conseguira concentrar-se em ninguém nem em nada além de Dorothy.

O jantar seria formal naquela noite. Black-tie. Na mesa do comandante.

Darren penteara os longos cabelos pretos engomados para trás, como sempre fazia em ocasiões especiais. Assim, ficava parecido com o ator Errol Flynn, só que mais baixo. Nelson

preocupava-se com a boa aparência de Darren. As únicas mulheres a bordo eram a antiquada sra. Helena Lancaster-Throckmorton Whyte, três vezes casada, seios fartos, cabelos brancos, socialite intrometida de San Francisco e, naturalmente, Dorothy.

Dorothy ficaria fascinada por Darren, temia Nelson.

Pior, não sabia nada sobre Darren além de sua capacidade financeira para abrir a empresa. Mas lembrou-se da declaração de Dorothy: Ele é um playboy.

Gostaria de ter perguntado como ela chegara àquela conclusão. Seria boato? Ele saíra nas colunas sociais? Ou fora uma observação pessoal dela?

De qualquer forma, teria de ficar atento perto de Darren.

Dorothy trajava um longo de cetim branco cortado de viés. Em torno dos ombros, camadas de seda lembravam nuvens. Os olhos escuros de Dorothy, as maçãs do rosto altas, a boca sensual destacavam-se ainda mais que a roupa. Ela cativara a todos... o comandante Parker, o primeiro subcomandante Elroy, a equipe da cozinha, Darren, Nelson, até a sra. Lancaster-Throckmorton-Whyte... Todos queriam usufruir seu encantamento.

Segurando o cigarro, o queixo apoiado na mão, Nelson concluiu que nem Scherazade arrebatara seus contemporâneos tão completamente.

— Vive tantas aventuras no seu trabalho, srta. Stevens — comentou a sra. Lancaster-Throckmorton-Whyte. — Essa será a maior de todas! — Bateu palmas, alegre.

Dorothy sorriu sofredora e voltou os olhos arrasadores para Nelson, que não estava preparado para o impacto da declaração.

— Acredito que estou para embarcar na maior aventura de todas. Entretanto, quem garante é o sr. Anderson. Ele tem a chave.

Nelson engoliu em seco. Endireitou-se um pouco e então, desinteressado, agitou o cigarro sobre o cinzeiro quadrado.

— Se eu não for bem-sucedido, o sr. Klein e seus investidores perderão um bom dinheiro. Francamente, a possibilidade de fracasso não passa em minha cabeça.

O comandante grisalho declarou:

— Assim espero, filho. Eu mesmo nunca fracassei. — Riu. — Se tivesse fracassado, estaria bem fundo agora!

Os convidados não captaram o humor negro do comandante e fitaram-no assustados. O primeiro subcomandante, sr. Elroy, salvou a noite desviando a atenção para Nelson.

— Se está indo para Oriente, sr. Anderson, tem certeza de que está à procura só de petróleo?

— Ora, do que mais seria?

O comandante ficou boquiaberto ao olhar para o auxiliar. Os dois riram.

— Com certeza, está brincando.

— Não. — Nelson acendeu outro cigarro. Não gostava da insinuação de que era idiota, mesmo que tivesse sido chamado disso várias vezes. — Não há mais nada lá que me interessa.

— Nem mesmo El Dorado? — O comandante tirou um charuto do bolso interno da jaqueta.

O sr. Elroy imediatamente acendeu um fósforo para o comandante, que tragou o charuto devagar e com conhecimento.

— Com certeza, já ouviu...

— Sim, sr. Elroy. Já ouvi. Minha mãe costumava me contar histórias quando era pequeno também.

— El Dorado não é um conto — afirmou o comandante, sério.

— Creio que o senhor esteja brincando agora — retrucou Nelson. — Sou inteligente demais para cair nessa.

O capitão o encarou.

— Eu vi El Dorado.

As pessoas ao redor da mesa espantaram-se, subtraindo todo o oxigênio da área. Nelson ficou tonto.

— Não pode estar falando sério.

— Não costumo mentir, filho.

— Acho que estou perdida — confessou Dorothy. — O que é El Dorado? — Enquanto procurava papel e lápis na bolsa, os homens trocaram olhares surpresos. Ao perceber que só levava o batom, fechou a bolsa e ergueu o olhar. — O que foi?

O comandante sorriu compreensivo.

— Você não se interessa por arqueologia, não é? Sentindo os olhares espantados, ela respondeu:

— Comecei a me interessar há pouco tempo. — Apoiou os cotovelos na mesa, pousou o belo rosto nas mãos e sorriu cativante. — Deve ser uma lenda espanhola, provavelmente deixada pelos conquistadores — arriscou.

— Os conquistadores batizaram a cidade, mas os incas a construíram bem antes de os espanhóis descobrirem aquelas

montanhas. Naquele tempo, todo mundo procurava ouro, e os incas eram conhecidos por sua preferência por esse metal. Eles, como os maias no México, tinham muito ouro. Faziam estátuas e coroas de ouro, passavam ouro na pele durante danças tribais e comemorações. Mas comentava-se que os incas tinham reservado ouro para construir uma cidade. Placas do metal para cobrir as paredes dos templos. Os templos eram esculpidos nas montanhas rochosas para que ninguém visse a cidade de fora. É preciso saber exatamente qual passagem atravessar, quanto subir e, então, literalmente, que rocha procurar.

— Lembra-se de onde era?

— Nunca me esquecerei. Era na face leste dos Andes, onde a rocha acaba tão abruptamente e a vegetação é tão densa que entrar na floresta é impossível. Assim como ir pela montanha. Não há nada além de paredes íngremes. Descer com cordas ao estilo dos alpinistas é a única forma de chegar.

— Que loucura.

— Foi o que eu disse. — O comandante riu para si mesmo. Fitou a brasa na ponta do charuto, a lembrança da experiência vivida retornava aos poucos. — Foi por pura diversão, eu lhe garanto. Não devia ter tentado. Mas era jovem. Já me arriscara bastante no mar e nunca na terra. Fiquei pensando... que mal faria?

— O que aconteceu? — Dorothy praticamente implorava mais detalhes. , Os olhos do comandante obscureceram-se.

— Aconteceu há trinta anos e, mesmo assim, foram os piores dias de minha vida. E os mais miraculosos. Só por milagre sobrevivi. Nunca devia ter ido.

Dorothy inclinou-se mais para o comandante, e Nelson observou como ela sorvia os detalhes da história como se sua vida dependesse disso.

O comandante continuou:

— Quando cheguei lá, a entrada parecia uma fratura comum na lateral da montanha. Dentro havia colunas de pedra polida enormes, que lembravam algo grego ou romano, mas diferente. Eram mais lisas, com topos afilados e sem apoios no alto. Pareciam espigas de milho.

Dorothy desdenhou.

— Parece mais o foguete de Flash Gordon, para mim.

Nelson prendeu a respiração.

— Que pensamento singular. Dando de ombros, ela respondeu:

— Não para mim. Eu lhe disse, sempre olho para o futuro. Não para o passado.

Nelson captou o brilho sensual no olhar. Sorriu para si mesmo, apreciando a réplica sexual sutil.

— Continue, comandante. Estou fascinada.

— O primeiro dos longos corredores era todo de ouro, e imaginei que seria incrível ver o resto.

— Mas pensei que tivesse visto. Não seguiu adiante?

O comandante exalou, e a fumaça lhe envolveu o rosto como um elmo. Baixou o olhar.

— Não conheço nenhum homem que tenha feito isso. Dorothy inclinou-se para a frente.

— Mas...

Ele a interrompeu.

— Não me interprete mal. Eu quase estive lá. Vi a entrada de meu ponto de vista privilegiado no desfiladeiro. Mas a passagem era estreita, apenas uns trinta centímetros de largura dos dois lados. Ao recordar, tento me convencer de que devia ter pulado... mesmo que significasse a morte. Afinal, viver in-tensamente é o que interessa. Há os que sonham em passar a velhice no campo, mas não eu. Acredito que um homem é a soma de suas aventuras. Arriscar tudo por uma descoberta como aquela teria valido o perigo.

Nelson não resistiu e perguntou:

— Então, por que não pulou?

O comandante pressionou o charuto no cinzeiro.

— Esse é o verdadeiro mistério de El Dorado. Francamente, acredito que muitos viram a cidade de ouro. Simplesmente não admitem que não conseguiram trazer as riquezas, assim como eu. O que importa é que há algo lá. — Gesticulou, imaginando objetos invisíveis, os quais fazia. — Uma força maligna, acho.

— Maligna? — questionou Dorothy. — O que há de metafísico na arqueologia?

— Nada e tudo. Pelo menos em El Dorado.

— Por que acha que é maligna?

— Porque me deu medo. — O comandante grunhiu, como que constrangido em reconhecer a falha. — Eu tremia tanto que cambaleei. Mas não era só isso. Era...

O olhar do comandante perdeu-se, focalizando reto sobre a cabeça de Dorothy. Ao longe, estava a imensidão do mar e, no fim da eternidade, o horizonte. Estava novamente lá, dentro de sua experiência, revivendo cada momento.

— Eu me lembro agora. Havia muito vento. Ventos uivantes que açoitavam meu rosto. Havia um pouco de poeira, mas lembro-me de meu rosto ser atingido por pequenas rochas. Fechei os olhos. Parecia ouvir os sons do inferno. Queria pular, mas os ventos me mantinham suspenso. Estava com medo, muito medo. Era como se uma maldição bíblica se manifestasse. Estava frio. Não, eu estava frio por dentro, como se algo mal me cercasse. Lembro-me de que os ventos uivantes pareciam o som da morte.

— Toda vez que tentava me mexer, uma nova rajada de vento me atingia. Era como se uma mão fantasma me segurasse ali. Ou talvez fosse meu anjo da guarda me protegendo. Não sei. Nunca saberei. Quando dominei o medo e forcei um passo, comecei a recuar e contornei a encosta da montanha, pegando a trilha íngreme por onde viera. Percebi que não precisava daquele ouro em minha vida. Acreditara precisar, mas estava enganado. Naquele momento, senti falta do mar. Chorei o tempo todo. Não é coisa de homem, eu sei, mas não me importei. Descobria que sempre seria feliz no mar. E não o deixei desde então.

— Fascinante — avaliou Dorothy, arrebatada. Acreditara na história.

Nelson não estava tão convencido.

— Sempre conta essa fábula para seus passageiros? O comandante guardou silêncio.

O auxiliar encarou Nelson.

— Posso garantir que é a primeira vez que ouço a história inteira. — Olhou para o comandante com compaixão. — Só uma vez antes, quando ele voltou para o mar, ouvi um boato em Belize sobre um capitão que perdera a tripulação ao procurar El Dorado. Três homens.

— Três homens morreram? — Dorothy engoliu em seco.

— Morreram — confirmou o comandante. — Eles caíram para a morte ao tentar passar para o outro lado por uma ponte estreita. Um após o outro. Lembro-me de que parecia estranho, na verdade, impossível, ver o que via. Eles flutuaram por

algum tempo, como se tivessem propulsão sem asas, Ficaram suspensos como se aquela força, aquela força maligna que tentei explicar, os mantivesse sobre o desfiladeiro, provocando-os. Brincando com eles como deuses, antes de os largar ao encontro do destino. Voltei sozinho.

— Céus — murmurou Dorothy, o olhar cheio de compaixão. Por um instante, estava lá com eles. — Que terrível para o senhor, comandante. Lamento.

O silêncio tomou conta da mesa, como se dedicassem um minuto de oração aos mortos.

Nelson viu no semblante de Dorothy a empatia. E soube que, daquele momento em diante, para o resto da vida, estava inexoravelmente apaixonado por Dorothy. E jamais se satisfaria somente com sexo. Teria mais que seu corpo. Tinha que possuir seu coração, sua alma.

Puxou o lenço de linho do bolso e o ofereceu a ela. Lágrimas rolavam pelo belo rosto. Ela viu sua mão. Pegou o lenço, deixou-o na mesa e tomou a mão, apertando-a entre as suas.

Nelson sentiu o coração falhar.

Dorothy o fitava. Uma lágrima rolou solitária, como que em câmara lenta, pelo canto do olho.

Nelson jamais se esqueceria daquela visão. Ela lhe mostrava sua alma em toda a sua vulnerabilidade.

Ele entrelaçou os dedos nos dela e, sem se importar com os demais presentes, levou a mão delicada aos lábios e beijou um dedo de cada vez.

Silenciosamente, Dorothy levantou-se, sem desviar o olhar.

Ele deixou a mesa também e acompanhou-a para longe dos comensais.

Nelson pousou o braço nos ombros dela enquanto desciam ao convés assolado pelo vento. Dorothy estava fria. Trêmula. Ele despiu o paletó do smoking e a cobriu, amassando as camadas de fina seda francesa que ornava o vestido. Chegaram à cabine dela. Ele destrancou a porta e a segurou aberta para que ela entrasse primeiro.

Ele preparou dois uísques... puros.

Sem falar nada, brindaram e saborearam a bebida.

O olhar dela indicava que sabia o que ele estava fazendo, que não era nenhuma virgem. Mas ele também não era, embora, em sua fantasia, quisesse ser o primeiro homem daquela deusa.

Nunca lhe ocorreu perguntar se ela já fora casada. Ou se estava casada. Se tinha filhos. Qual era sua cor favorita. Seu prato favorito. Seus hobbies.

Não perguntara por que só sentia luxúria por ela.

Luxúria não era uma reação intelectual. A luxúria era maliciosa e divina ao mesmo tempo. A luxúria aceitava completamente o momento no tempo e espaço em que ocorria. Afastava os assuntos periféricos e todos os outros detalhes imateriais da vida da pessoa. A luxúria era o tônico que curava os pecados de culpa e depressão, baixa-estima e autodestruição.

Luxúria era tudo o que ele queria. Em vez disso, encontrara o amor.

E isso acabaria com ele.

CAPÍTULO XXXV

Uma mansão majestosa estava sendo construída bem no centro de Quito por uma família libanesa de Quayaquil. Quando o patriarca descobriu que Nelson e Darren iam ao Equador para conquistar Oriente, convidou-os para jantar em meio aos materiais de construção.

O dia estava claro, e o ar, rarefeito. Nelson nunca estivera numa altitude de 2850 metros, e sentia dificuldade em se adaptar, fazendo amor duas vezes ao dia com Dorothy.

Baixou o chapéu panamá para sombrear os olhos contra o brilho intenso do sol da montanha. Darren chamou-o de lado.

— Acho maravilhoso você estar se entrosando com esses equatorianos ricos. Eles podem nos ajudar. Mas é melhor deixar para depois, quando voltarmos da expedição. Precisamos partir para a floresta.

— Providencie tudo para partirmos amanhã — tranqüilizou Nelson. — Mulas de carga. Canoeiros para o trecho pelo rio. Suprimentos. Cordas. Comida. Água. Guias. Faz bem relaxarmos um pouco antes da partida.

— Pensei que fosse isso o que você e Dorothy...

— Deixe-a fora disso. — Nelson cutucou o peito de Darren com o indicador, agressivamente.

— Calma, eu só...

— Sei que queria dizer — ralhou Nelson. — Ainda não a quer na viagem.

— Não, não quero. Acho que ela vai nos atrasar.

— Ela é jornalista. Vai registrar tudo o que virmos e encontrarmos, o desenrolar da exploração. — Nelson sentiu que brilhava de dentro para fora. Era espantosa a rapidez com que encontrara uma justificativa plausível. «n

— Ela vai nos deixar famosos, é o que está dizendo.

— Quem se importa com a fama? Imortalidade é tudo o que importa para a imprensa. Ela é a imprensa. Ela cuidará disso.

Darren meneou a cabeça, levou as mãos aos quadris e olhou ao redor.

— Céus, você caiu.

— O quê?

Darren deu as costas ao amigo e sócio.

— Por ela!

— Dorothy é vital para o nosso futuro — argumentou Nelson.

— Para o seu, quer dizer. — Darren voltou-se. — Ouça, Nelson. Não é segredo que vocês são inseparáveis. Eu quero o que for melhor para você. Mas o problema é que está dando ouvidos demais a ela, sinto como se ela comandasse a expedição. Mas ela não sabe nada sobre a floresta.

— Nem você.

— Ou você! — rebateu Darren. — Nunca tinha posto o pé fora dos Estados Unidos em sua vida. Pelo menos, eu já estive em Riad, o que não é muito, mas já é alguma coisa.

— Por que está tão cismado com Dorothy? Darren massageou a nuca.

— Estamos atrasados, Nelson. Uma semana fora da programação. Essa programação me custa dinheiro. Partirei amanhã, com o equipamento, com ou sem você.

— Sem mim, você não tem geólogo para lhe dizer para onde ir.

— É assim? Bem, eu sou o investidor, e nos últimos dois meses fiz o que bons investidores devem fazer. Estudei. Analisei os mapas e acho que estou entendendo um pouco. Vou arriscar. É o meu dinheiro.

Nelson percebeu que Darren chegara, ao limite. Não podia passar mais tempo no quarto de hotel com Dorothy, fingindo que o amanhã nunca viria. Precisavam

partir. Colocaria Dorothy em perigo na floresta, mas ela queria ir. Ela queria a história muito mais do que ele a queria.

O que não contou a Darren, nem a Dorothy, era que, enquanto estavam em Quito, pesquisara sobre El Dorado. Fizera perguntas e conseguira muita informação.

Ouvira as lendas. Conhecera um velho disposto a vender um mapa da cidade de ouro por cem dólares. Nelson pagara. Era dinheiro de Darren. Que importava?

Nelson não sabia por que sua personalidade mudara tanto de repente. Nunca pensara em si mesmo como um tipo obsessivo, mas talvez fosse.

Trabalhara diligentemente juntando ervas e flores para desenvolver medicamentos. Tentara patentear, mas ninguém prestara atenção na época.

Culpava a Grande Depressão. Culpava a falta de capacidade daqueles que o entrevistavam. Culpava a falta de capital de risco. Mas não se culpava nem às montanhas de estudos que realizara. Todos os estudos apontavam na mesma direção. Não era sua hora, só isso.

Então, decidira dar o pulo do gato. Sentara-se em sua cadeira numa noite de sábado com uma pilha de jornais de um mês aos pés. Analisara o mercado de ações. Tendências de mercado. Tendências de capitais. Ações negociadas.

Percebeu que só havia uma coisa à qual dedicar seu tempo e energia durante a década seguinte: o petróleo.

Não desistira das plantas e ervas. Só as colocara na retaguarda. Faria fortuna com elas nos anos vindouros.

Após ouvir o convincente relato do comandante sobre El Dorado, Nelson percebeu que seu destino mudara novamente.

Queria encontrar o ouro. Seria uma tacada de mestre! Que história Dorothy escreveria sobre Nelson Anderson!

Imaginou-se na capa das revistas Time e Look. Dorothy tinha razão. Darren também. Ele queria ser imortal. Queria ver escrito que realizara o que todos os conquistadores espanhóis nunca haviam conseguido. O que homens como o comandante desistiram de conseguir. Encontraria El Dorado. Entraria na cidade e tomaria posse. Seria imortal. Se tivesse que usar Darren no processo para atingir o objetivo, usaria.

O fim justificava os meios.

— Partiremos amanhã cedo — prometeu Nelson. — Encontrará o seu petróleo, Darren. Isso eu lhe prometo.

Embora a jornada jia selva fosse árdua, transcorria sem atropelos. Não cartografada, a mata densa exigia a abertura de picadas. Viajavam com vinte nativos munidos de facões para derrubar a vegetação. Darren preparara-se para um safári na

África. Corno não havia estradas para os Andes, seguiam a pé com burros de carga pelos Andes. Acampavam à noite, e dois empregados preparavam o jantar. Darren conformara-se em perder duas semanas e meia para chegar ao local que se chamaria Lago Agrio no futuro. Acreditava que não levariam mais de três meses procurando petróleo.

Não havia comunicação com o mundo exterior. Quando Nelson, Dorothy e Darren deixaram Quito, a população local despediu-se e se esqueceu deles, sabendo que, se voltassem, seria um milagre.

Nelson deu instruções sobre a direção a tomar em seguida. Suas orientações eram precisas, embora nunca tivesse estado na América do Sul. Só não previra o exército de formigas roubando os alimentos, carregando folhas inteiras de alface nas costas, marchando para suas fortificações em fila indiana. Os borrachudos eram um aborrecimento constante, bem como os mosquitos. Dorothy usava um chapéu de safári com mosquiteiro para proteger sua pele delicada das picadas incômodas.

Embora ouvissem o rosnar dos jaguares à noite, Nelson explicou que se tratava de animais tímidos, que não atacavam o homem, como as onças. Cobras anacondas enroscavam-se em árvores imensas e vez ou outra surgiam no caminho, mais por curiosidade do que por fome. A floresta estava cheia de pequenas presas e as grandes serpentes não precisavam atacar seres humanos.

O grupo temia mesmo os canibais. Corriam histórias nas vilas e aldeias na encosta dos Andes sobre nativos possessivos que matavam os invasores e encolhiam suas cabeças, como aviso para que outros para não se aventurassem muito por Oriente.

Dorothy não acreditava em canibais, embora pensasse em citá-los, para tornar a história mais pungente, sensacional e comercial. Quanto mais perigo, melhor, recomendara o editor.

Pretendia manter a emoção latente.

Ironicamente, para ela, o grande perigo na expedição não viria dos canibais nem dos felinos. Viria do próprio grupo.

Com o passar dos dias, Nelson viu-se cada vez mais apaixonado por Dorothy. Ela, por sua vez, não se comprometia. Só pensava em tornar-se uma grande

jornalista. Aquela expedição ao Amazonas a faria famosa. Quando voltassem, planejava ir a Nova York encontrar-se com Hearst em pessoa. Se fosse hábil, conseguiria dar entrevistas nas rádios... talvez até falar com Walter Winchell, o radialista do momento.

Certa tarde, quando jantavam cordeiro assado, Dorothy fez sua jogada com Darren, na forma de proposta comercial.

— Andei pensando, Darren. Você parece ter relação com os poderosos em Los Angeles...

— Conheço alguns — confirmou ele.

— Andei relacionando alguns fatos. Tenho uma idéia para um roteiro que gostaria de vender para a MGM.

— Esse pessoal é grande. Não sei se...

— Ótimo. Vamos baixar um pouco. RKO. Universal. Nelson não gostou do jeito como ela tocou no braço de Darren,

com a mesma familiaridade que dispensava a ele. Perdia o controle com relação a ela e não podia deixar isso acontecer.

— Qual é a história? — indagou, ríspido.

— Ora, sobre as nossas aventuras aqui. Nelson meneou a cabeça.

— Não pode vender isso. Não lhe pertence. Pertence a mim. Ela se enrijeceu.

— Como?

— Você me ouviu. Essa história é minha. Eu possuo os direitos.

— Isso é impossível e sabe muito bem. Legalmente, não sou paga por você ou Darren, mas por meu editor. Preciso levar uma história, mas não preciso entregar toda a história, nem eles estão interessados na versão ficcionada. A minha perspectiva desta expedição é minha e somente minha. A sua é só sua. Johnny Weissmuller pode fazer o seu papel.

Dorothy parecia afastá-lo, excluí-lo de seus planos. Já a imaginava em Hollywood, perseguida por produtores e galãs. Podia vê-la à beira da piscina, flertando com rapazes bonitos que a usariam para subir na carreira.

O cenário todo o irritava profundamente.

Dorothy percebeu a ansiedade de Nelson e tentou amenizar o quadro.

— Querido, não fique preocupado. Ora, você está soltando fumaça pelas orelhas. Foi só uma idéia. E provavelmente tola. Afinal, como eu encaminharia minha história à pessoa certa? Não conheço nem uma alma naquela indústria...

Nelson permitiu que ela lhe desse um tapinha na mão. Sentiu o suor frio de medo brotar na testa. Estava mais do que agitado com a possibilidade de ela o abandonar. Sentia-se aterrorizado.

Pegou a mão dela, levou-a aos lábios e beijou-a.

— Não suporto a idéia de você longe de mim.

Ergueu o rosto e viu a expressão compassiva de Dorothy.

— Oh, Nelson. Você é um tolo sentimental, não é?

De soslaio, Nelson viu Darren observando-os. Não teve dúvida quanto ao ciúme no olhar do parceiro.

Nesse instante, Nelson percebeu que agira mal. Mostrara sua vulnerabilidade a Darren, sem notar até aquele instante que ele também estava apaixonado por Dorothy.

Os ânimos se alteraram a partir daquele momento. Nelson levantou a guarda, atento a Darren como uma águia, dissecando todas as suas palavras e intenções. Assim como o calor na floresta, sua obsessão aumentava. Insistia em conversar sobre El Dorado. Quando não pensava em Dorothy ou na artimanha que usaria para controlá-la, montava uma estratégia mental para encontrar a cidade de ouro.

Em sua mente, os dois tornaram-se o mesmo. Dorothy e El Dorado. Meca e o paraíso.

Darren parecer divertir-se em expor a sensibilidade de Nelson em relação a Dorothy, que parecia distanciar-se do namorado cada vez mais obsessivo.

Dorothy permanecia à mesa do acampamento enquanto o cozinheiro e seu ajudante lavavam a louça do jantar. Sua beleza resplandecia sob as chamas da fogueira, enquanto ela e Darren trocavam olhares. Como Nelson não pensava em outra coisa senão El Dorado, a conversa tornara-se maçante, quase um monólogo.

Ele não era mais divertido, e Darren aproveitava-se:

— Estive pensando na sua sugestão, Dorothy, e percebi que, não apenas posso ajudá-la a encontrar um estúdio para seu roteiro como conheço um editor em Nova York que ficaria interessado em sua autobiografia.

Dorothy prendeu a respiração e levou a mão ao coração.

— Um livro?

— Por que não?

— Céus, nunca nem ousei pensar... Ouviu isso, Nelson? Um livro! Com meu nome impresso.

Darren estalou os dedos, o olhar cheio de desejo sobre Dorothy.

Nelson viu a luxúria, mas não reagiu. Mostrar-se inseguro só aumentaria o poder do outro. Se o ignorasse, talvez se mantivesse no controle. Chamou o cozinheiro, que se aproximou rápido.

— Uísque!

O cozinheiro abriu uma arca, tirou uma garrafa cheia e serviu-lhe uma pequena dose num copo, com uma leve medida.

Nelson agarrou a garrafa, despejou três dedos de bebida e sorveu o líquido. Dispensou o cozinheiro, retendo a garrafa, enquanto Dorothy e Darren conversavam, alheios a seu humor sombrio.

— Aliás, tenho uma idéia melhor — dizia Darren. — Por que não inventa um personagem, como você mesma, que vive uma série de aventuras?

— Ficção? — Ela arregalou os olhos, absorvendo cada palavra.

— Você consegue — incentivou Darren.

— Não sou escritora de ficção. Sou jornalista.

— Mas pode ser. Não percebe? Você tem tantos talentos, Dorothy. Mal começou a usá-los...

Nelson observava Darren manipulá-la como a um instrumento. Oh, ele era bom nisso. Muito bom.

Bebeu outra dose generosa de uísque. O fogo a sua frente parecia crescer e diminuir, em ondas.

— Nelson, você está bêbado! — acusou Dorothy, desgostosa. Nelson não sabia como, mas caíra de cara na mesa.

— Estou cansado, só isso. Leve-me para a cama, Dorothy...

— Nelson! Darren levantou-se.

— Vamos, meu velho, fim do dia para você. — Segurou-o pelos braços, ergueu-o e ajudou-o chegar até a barraca.

Nelson não se lembrava de muita coisa após o incidente, embora devesse.

Horas depois, acordou tonto, a cabeça latejante como se alguém a martelasse.

— Dorothy? — Sentou-se na cama de lona. — Dorothy? Abriu os olhos e fitou a escuridão além do mosquiteiro e da

porta de lona. Havia silêncio... exceto pelos sons que vinham da barraca de Dorothy.

Não sabia se ela conversava com alguém ou apenas falava no sono.

Levantou-se, deixou a barraca e atravessou o acampamento.

— Oh, não!

Nelson ouviu o grito de orgasmo de Dorothy com o coração, não com os ouvidos. Como um idiota, foi até a barraca dela e escancarou a porta de lona. Precisava vê-los juntos. Não podia acreditar que ela era capaz de dormir com outro homem sabendo o quanto ele a amava.

Viu as costas nuas de Darren subindo e descendo. Viu as pernas e braços de Dorothy em torno dele, os cabelos caindo sobre a borda da cama como uma sombra.

Nelson estremeceu. As pernas fraquejaram, mal suportando seu peso. Gélido, teve a impressão de que lhe drenavam o sangue. A respiração era difícil, até que se tornou impossível. Pensou que estivesse morrendo.

E estava.

Seu coração explodiu de raiva, e os fragmentos pairaram num estado de animação suspensa, recusando-se a se juntar. Recusando-se a perdoar. Ódio e vingança preencheram o vazio surgido de repente.

— Darren, não imaginava que podia ser assim... — sussurrou Dorothy.

— Eu a amo desde o dia em que a vi pela primeira vez — respondeu ele. — Pensei que fosse enlouquecer se não a tivesse...

Nelson não acreditava que Darren dizia as palavras que ele queria dizer. Que ele fazia amor com Dorothy com o consentimento dela. Saber que ela o convidara para ir a sua barraca desfrutar de seu corpo o desolava. Era inconcebível.

Pensando bem, nunca revelara a ela suas verdadeiras intenções. Flertara, mas não se comprometera. Tratava-se de um passo sério a dar. O compromisso. Era mais do que estava disposto a conceder no momento.

Mas o fato de não poder culpar ninguém a não ser ele mesmo não o aplacou. Odiava Darren pelo abuso de confiança.

Darren tomara algo que não lhe pertencia. Roubara Dorothy. Era um bandido, um ladrão. E devia ser punido por seu crime.

Nelson maturou a decisão. Cabia a ele julgar e condenar. Precisava de mais evidências.

Era importante ver Darren beijar os seios de Dorothy. Vê-la pedir para que ele a possuísse novamente. Presenciar a demonstração de paixão. De amor.

Embora arrasado, suportou a cena. Como um mártir. Sentia-se como um santo. E seria recompensado.

Nelson voltou a sentir as pernas. Retirou-se silenciosamente, como se fora uma sombra. Fingiria ignorância aos amantes até a hora de reclamar o que era seu de direito.

CAPÍTULO XXXVI

Nelson não sabia que estava perturbado. Só sabia que amava Dorothy e que a teria, bem como o ouro, a qualquer custo.

Completa e inexoravelmente concentrado em Dorothy, Darren não prestava atenção em trivialidades como, por exemplo, o rumo que tomavam.

Nelson os redirecionava para as montanhas onde o comandante afirmara localizar-se a cidade de ouro.

Chegaram a um vale pré-histórico fértil com cheiro de flores silvestres e petróleo. Teatralmente, para impressionar Dorothy, Nelson usou uma varinha de rdbomante, uma forquilha, para localizar o petróleo. Tirou uma amostra do solo e inalou o odor... o petróleo estava lá.

Exultante, Darren começou a planejar como anunciaria a descoberta à imprensa, como estruturaria o negócio. Como criaria a maior companhia de petróleo do mundo. Já se via como um rei no meio dos capitães de indústria. E imaginava Dorothy como sua rainha.

— Case-se comigo — pediu Darren a Dorothy, não achando mais necessário esconder o romance do sócio.

— O quê? — Ela riu e atirou os braços ao redor do pescoço dele.

— Estou rico! Eu a levarei a qualquer lugar que queira!

— Nova York! — exclamou Dorothy, eufórica. — Paris! Barcelona! — Beijou-o.

Nelson não agüentou mais.

— Como são baixas as suas expectativas...

Eles imediatamente deixaram de sorrir e o olharam.

— O que quer dizer, Nelson?

— Achamos só um pouco de petróleo. Não é nada.

— Que nada, meu velho — rebateu Darren, enlaçando Dorothy pela cintura possessivamente.

— El Dórado. É lá que a riqueza está. — Nelson apontou as montanhas a oeste.

— Não é tão longe. Podemos conseguir. Vamos chegar lá.

Dorothy desvencilhou-se de Darren e aproximou-se de Nelson.

Ante o movimento simples, Nelson percebeu que o jogo de xadrez recomeçava. Desconfiara de que Dorothy era uma mercenária e agora confirmava. Ela queria Darren apenas pelo dinheiro e contatos com que ele poderia alavancar sua carreira. Mas não era amor, disso tinha certeza.

Nelson sorriu.

— Ouro, Dorothy. Uma cidade inteira. Pense nisso. Paris não seria nada. Você poderia possuir Paris e Moscou também. Comprarei o bale Bolshoi só para entretê-la.

— Não está querendo dizer que vai até lá, está? — duvidou ela.

— Não vim até aqui para voltar sem ao menos tentar.

— Mas não conseguirá passar pelo desfiladeiro — advertiu Darren, enquanto Dorothy dava mais um passo na direção de Nelson.

Nelson não se importava por Dorothy ser corrupta. Ele também era.

— Trouxe cordas de alpinismo, ganchos e cunhas de Quito. Tenho o equipamento apropriado para chegar ao outro lado do desfiladeiro.

Dorothy tinha voracidade no olhar. Parecia capaz de comê-lo com uma bocada. Queria tudo... tudo. Ao constatar tanta ganância, Nelson percebeu que estava salvo e que a teria, afinal.

Estendeu a mão.

— Venha comigo, Dorothy. Vamos ao topo da montanha. Ela correu até ele, deixando Darren para trás, esquecido.

— E o que é que eu faço? — questionou Darren. — Volto sozinho?

Nelson riu.

— Leve a equipe. Deixe apenas um guia para nos dar apoio na volta. Não sou tão egoísta. — Sorriu, sabendo exatamente como motivar Darren.

— Nada disso — decidiu o sócio. — Vou com vocês.

— Ótimo — concordou Nelson. Fitou Dorothy e imaginou como pudera confundir vazio com brilho, egoísmo com compaixão. Tratava-se de uma atriz completa. Enganara a ele e Darren. Era uma perfeccionista em sua arte.

Pena não ser também estrategista como ele. Dorothy deixava-se manipular.

A subida não era tão árdua quanto demorada. Encontraram trilhas que pareciam ter sido abertas ao longo dos séculos por nativos descalços. Como o comandante dissera, o caminho até o topo não tinha mais que trinta centímetros de largura e, muitas vezes, Nelson viu pedras se desprender sob seus pés e rolar pela encosta íngreme.

A realidade da subida perigosa era uma aventura mais enervante do que Dorothy imaginara. Várias vezes, ela pediu a Nelson que voltassem.

— Não vale a pena... — lamuriava-se, temerosa.

— Claro que vale — afirmava Nelson.

— Como traremos o ouro? — questionou ela. — Esta trilha é estreita demais para os animais de carga. E, como os carregadores se recusaram a subir conosco, só temos nossos bolsos e duas bolsas. Não é muito.

Darren concordou.

— Ela tem razão. E loucura.

— Não é! — insistiu Nelson. Convenceu-os a dobrar mais uma curva. A direita.

Estavam entre dois penhascos montanhosos tão próximos que se tinha a impressão de que somente um raio de sol poderia passar pela brecha. O desfiladeiro que separava as duas partes parecia muito fácil de transpor.

— Ora, não é nada! — afirmou Dorothy.

— Não mais do que o comprimento de um carro — respondeu Darren.

— Vamos! — incentivou Dorothy, excitada. — Continue! — Mandou Nelson fazer a curva.

E então aconteceu.

Um vento tão poderoso quanto as rajadas do Saara subiu da base do desfiladeiro, enquanto outro descia do céu. Atravessava a passagem estreita emitindo um uivo semelhante a um grito de dor humano. O som feria os sentidos.

Dorothy tapou os ouvidos com as mãos, o vento agitava o lenço que ela amarrara no pescoço. Foi atirada contra a parede da montanha com força impressionante.

— Céus! O que é isso?

O vento açoitava seus rostos. O chapéu panamá de Nelson foi arrebatado e ficou pairando sobre ele.

O sol invadiu o penhasco, cegando-os momentaneamente.

Estreitando o olhar, Nelson avaliou o desfiladeiro e então o alto da montanha. Foi quando viu. E sentiu um respeito inusitado.

— Meu Deus...

— Ouro — sussurrou Darren, emocionado, ao ver os pilares brilhantes na entrada da caverna. — Talvez jóias, também.

Dorothy tentou abrir os olhos, mas o vento e o sol a impediam.

— Eu não estou vendo... Darren voltou-se para ela.

— Você é a mais leve, Dorothy. Devia tentar a ponte de pedra. Veja se suporta você.

Ao pensar em Dorothy em perigo, Nelson sentiu a dor da perda.

— Não — decidiu. — Eu vou.

Deitado de barriga, começou a se arrastar pela ponte sobre o abismo. O vento circulava a seu redor como um tornado. Agarrava-se precariamente à base rochosa. Ao chegar ao outro lado, acenou para Darren.

O sócio estreitava o olhar ante o brilho do ouro.

— Você é a próxima. — Colocou Dorothy na extremidade da ponte. — Depois eu vou.

— Dorothy, deite-se! — gritou Nelson, mas era tarde demais. Ela estava no meio do caminho quando ventos fortes a desequilibraram e derrubaram. Por reflexo, agarrou-se a uma rocha protuberante, mas a mão direita pendia livre.

Nelson arrastou-se de novo pela ponte.

— Dê-me a sua mão! — gritou, estendendo-se para alcançá-la. Ela lhe agarrou a mão um segundo antes de despencar para

a morte.

— Pronto, peguei! — Nelson agonizava com o esforço de sustentar o peso de Dorothy só com um braço.

Darren ignorou o conselho de Nelson de se arrastar deitado e cometeu o mesmo erro de Dorothy. De pé, o vento o arrebatou da ponte como se fosse um pedaço de pano.

— Darren! — gritou Dorothy. — Darren!

— Querida, eu a salvei! — exclamou Nelson. Mas sentia os dedos dela escorregando.

— Eu a amo, querida. Nunca deixarei que ninguém a machuque — declarou, sincero.

Tarde demais. Dorothy lhe escapou, caindo silenciosamente para a morte. Ele viu o belo rosto distanciar-se. Sussurrou seu nome repetidamente, enquanto o coração se despedaçava.

Nelson cometera um erro. Tentara conquistar Dorothy apelando para sua ganância. No final, perdera para o único fator com que não contara... o verdadeiro amor. Os últimos pensamentos dela foram para Darren.

O abismo era tão profundo que Nelson nem ouviu os corpos se chocarem contra o chão.

Por um longo tempo, pensou que, se observasse da borda, veria o espírito de Dorothy subir e voltar para assombrá-lo. Esperou, mas nada aconteceu.

Então, concluiu que ela teria de voltar de outra forma que não espírito. Afinal, agora era sua para sempre. Decidira isso ao lhe entregar seu coração, e ela selara seus destinos ao despedaçá-lo. Estavam ligados para a eternidade. Nunca escapariam um do outro.

Finalmente, Nelson levantou-se. Olhou para a entrada da cidade de ouro. Era como o capitão descrevera. Duas colunas altas de trinta metros, parecidas com espigas de milho, o que fazia sentido, já que foram os incas a introduzir o vegetal nas Américas. Pareciam-se também com os foguetes de Flash Gor-don, com estabilizadores nas bases para mantê-las na vertical.

O vento continuava a açoitar. Quando tentou avançar, descobriu que não era um tipo comum de vento. Era como se estivesse num túnel, com as massas de ar empurrando-o para fora e, ao mesmo tempo, puxando-o para dentro. Lembrou-se dos ímãs com que brincava quando criança.

Deu-se conta de que estava diante de uma espécie de porta para outra dimensão. "Aquilo não era vento, mas uma área magnetizada onde o negativo encontrava o positivo. Onde as forças do bem e do mal coexistiam.

Naquele momento, constatou a dimensão do que fizera.

As ondas de energia e a força da polarização haviam alterado sua mente.

Majara Dorothy e Darren, como se os tivesse empurrado para o desfiladeiro com as próprias mãos. Levava-os até ali, colocando suas vidas em perigo.

Acreditara agir em nome do amor. Agora, entendia que fora um instrumento do mal, pois, no fundo do coração, desejara a morte deles. Sabia que estaria perdido sem Dorothy, inconformado com o fato de ela preferir Darren. E a força de suas intenções malévolas realizou a tragédia.

Cobriu os olhos com o braço, não ousando mais ver a cidade de ouro. Não podia ceder à tentação. Tinha de sair dali, mas estava preso ao lugar pelas energias ao redor. Era o centro de um tornado. Estava morrendo, e ao mesmo tempo estava vivo. Sentia-se louco e são.

— Dorothy! Eu a amo! — gritou, desesperado. — Lamento o que fiz...

Conseguiu mover o pé direito do vácuo de energia. Deu outro passo, e outro, devagar, sempre se afastando de El Dorado. Desceu a montanha cada vez mais desolado com a dimensão de seus pecados. Sofria no coração e na alma.

Podia não tê-los matado diretamente, mas causara suas mortes. Merecia morrer. Pensou em se jogar da montanha, mas era um covarde.

Quando chegou à base da montanha, a equipe o aguardava. Ficaram espantados ao vê-lo e recuaram. Vários fugiram gritando.

— O que foi? — Nelson não entendia.

Um dos carregadores passou-lhe o frasco de prata que Nelson usava para transportar uísque. Ele mirou o próprio reflexo na superfície polida e viu que seus cabelos e sobrancelhas tinham ficado totalmente brancos. Largou o frasco, caiu de joelhos e soluçou por horas.

Nelson soube então que mudara seu destino. Jamais poderia deixar a floresta. Jamais voltaria aos Estados Unidos. Passaria o resto da vida atormentado pela lembrança do que acontecera, mas se redimiria de seus pecados.

Fora à montanha para encontrar a lendária cidade de ouro. Quisera tornar-se ele mesmo uma lenda.

Bem, conseguira.

CAPÍTULO XXXVII

Em seu atordoamento, M. J. ouvia alguém cantando. Era a voz de Uma, a voz do jovem Nelson. Era a voz do passado e do presente.

M. J. não sabia se estava num passeio de avião ou de tapete mágico. Esfregou a testa, tentando despertar, mas só ouviu Travis dizendo: Você me pertence.

Reparou que ele não declarara: Eu te amo. De repente, sentiu-se triste e sozinha.

— Dorothy?

A voz atravessou as camadas de inconsciência.

— Sim? — respondeu, e então recordou que não era Dorothy. Mas sentia-se como Dorothy... perdida, sozinha, abandonada e esquecida. Tudo o que queria era voltar para casa.

Mas M. J. não tinha mais casa. Largara a carreira. Deixara Claíre e as sobrinhas para trás. Apaixonara-se, mas não tinha certeza se Travis a queria.

— Dorothy? — insistiu Nelson, pousando a mão em sua testa. — Está dormindo há um bom tempo, mas fico contente que queira despertar.

M. J. afastou a mão, zangada. Estava farta de homens que a desejavam, mas nunca se comprometiam. Não era essa a questão na história bizarra que Nelson lhe contara?

— Não toque em mim. Eu não sou Dorothy!

— Era isso o que eu ia lhe perguntar — explicou ele, desdenhando a revolta.

— Qual é o seu nome, exatamente?

Ela sentia a cabeça girando.

— Você me drogou novamente...

— Desculpe-me — ofereceu ele, sentando-se na cadeira e entrelaçando os dedos.

Ela desviou o olhar, tentando localizar a luz fraca.

— É M. J.

— Isso não é um nome.

Ela sentia a cabeça latejar. Não imaginava para onde o curandeiro a mandara por meio das drogas, mas devia ser para bem longe. Perdera metade da massa cinzenta na volta.

— Não tenho nome...

— Como não?

— Meus pais não pensaram o bastante para me dar um.

— Que lamentável. Tudo bem, porque você sempre será Dorothy para mim.

Ela estava cansada daquele jogo. Cansada de discutir. Como ele a drogara novamente, levaria horas até conseguir raciocinar. Odiava as dores de cabeça, nunca se dera bem com remédios. Por isso, agarrava-se a ervas e vitaminas. Nunca tomava drogas industrializadas e as considerava um desperdício de dinheiro.

— Por que é tão importante para você que eu seja Dorothy?

— Porque estou morrendo.

— O quê?

— Já sei há algum tempo agora.

— Como sabe? — questionou M. J., suavizando a voz em empatia.

— O câncer se faz anunciar sozinho.

— Mas pode voltar para Los Angeles. Pedir ajuda. Podia...

— Dorothy, minha querida. M. J. — Ele suspirou. — Estou velho. Não tenho mais tempo para roubar. Não tenho nada a perder aqui em meu mundo. E, aqui, preferia que você fosse Dorothy. Gostaria tanto que você acreditasse em reencarnação. Tornaria tudo mais fácil para nós.

— Mas não acredito.

— Que mal — disse ele.

— Não sou um fantasma. Sou uma pessoa.

— Mas Dorothy retornou a mim através de você — insistiu ele.

— Ela está morta, Nelson. Você a matou, como disse. Eu esperava que houvesse algum engano, algum acidente pelo qual se culpou durante todos esses anos. Mas você a matou mesmo.

— Eu sei.

— Não, não sabe. Se soubesse, perceberia que ela está morta, para todo o sempre. Eu sou M. J. Sou outra pessoa e nunca

poderei ser Dorothy. — Ela sabia que era inútil tentar fazê-lo aceitar a realidade. Ele estava morrendo. Provavelmente, drogava-se com todo tipo de poção e ficava num estado lunático. Não que o culpasse. Se sentisse dor, ela desejaria um analgésico também. Talvez uma dose cavalara.

Mas no fundo sabia que devia continuar fazendo o jogo, se quisesse escapar. Iria se aproveitar das ilusões do velho, até confundi-lo o bastante para fugir da caverna.

Embora hesitasse. Sentia pena do curandeiro. Ele não parecia tão perturbado naquele momento quanto estivera na época de Dorothy. Ganância e paixão o levaram ao limite, então. Depois disso, ele passara o resto da vida tentando salvar vidas. Nelson não estava tão louco quanto algumas pessoas com quem ela já trabalhara.

— Você a amava o bastante para desgraçar sua vida por ela?

— Desgraçar? — Nelson olhou para os odres, bolsas e cestos com substâncias curativas. Meneou a cabeça. — Talvez ela fosse meu destino, afinal. Se não tivesse conhecido Dorothy, não a teria desejado tanto a ponto de perder a razão. Não teria ficado nesta floresta nem um minuto a mais depois de encontrar o campo de petróleo. Teria arrumado a mala, voltado para a Califórnia e passado o resto da vida atrás de uma mesa. — Massageou a região entre os olhos com o polegar e o indicador. — A idéia me parece insana agora.

Uma expirou sonoramente.

— Criei tudo isto sozinho. Inventei, procurei, combinei e testei plantas e ervas em humanos e animais por quase cinco décadas. Guardei todas as anotações naqueles calhamaços sobre a prateleira perto da entrada.

M. J. olhou fascinada para as pilhas de anotações.

— Verdade?

— Imagino se alguém estaria interessado...

— Está brincando? A indústria farmacêutica daria tudo para pôr a mão nesses papéis!

Cansado, Uma esfregou o rosto com as mãos.

— Não faz diferença para mim agora.

— Pois devia — ralhou M. J. — E se você descobriu aqui algo que, com alguma ajuda ou melhoria, pode salvar não uma dúzia de vidas, mas vidas ao redor do mundo? E se encontrou um remédio para eliminar a dor e o sofrimento? E esse

suco que você fica me dando? O que é isso? Quero dizer, fico tão fora de mim... vou a outro lugar, como se adentrasse outra dimensão do tempo...

— Você está — confirmou Uma. — Essa é a questão.

Ele fazia aquilo novamente, pensou ela, mostrava-se meta-fisicamente assustador, quando ela tentava ser positiva e gentil. Não gostava da insistência dele em questões psíquicas abstratas. Preferia lidar com fatos, números, gráficos, mapas. Agradava-lhe ver a vida tabulada num gráfico de barras. Assim, podia analisar os resultados, considerar possibilidades... não, probabilidades... mas com certeza entraria em pânico se visse um fantasma. Não apreciava a idéia da existência de um mundo espiritual. Não porque temesse encarar o demônio, mas porque, se havia anjos guiando seu destino, não estava apreciando o trabalho deles. Aparentemente, achava-se do lado menos favorável da questão mística. Fora abandonada pelo pai, a mãe estava morta, apaixonara-se por Travis, não sabia se ele correspondia e era prisioneira numa caverna no meio do nada.

M. J. sabia que ninguém a salvaria. Os anjos tinham mais o que fazer. Teria de se salvar sozinha.

— Não, Nelson, o que me deu foi um sonho. Sonhos bons, alguns, mas só isso. Eu sou eu. Gastei muito tempo e energia inventando a pessoa que decidi ser. Pode encenar Pigmalião com outra pessoa, mas não comigo.

Levantou-se, então, mas caiu no mesmo instante.

— O que você fez? — questionou, vendo-se de tornozelos amarrados.

— Estou mantendo-a a salvo.

— Mentira! — Irada, M. J. inclinou-se para desamarrar a corda. O couro cortou-lhe a mão e logo começou a sangrar. — Oh, não... bolas! — Levou o dedo à boca.

— Não chupe o sangue... — aconselhou Uma. M. J. caiu dura.

— ...ou vai dormir novamente — completou ele, tirando-lhe o dedo da boca. Cobriu-a com um cobertor. — Talvez esteja certa. As indústrias farmacêuticas pagariam uma pequena fortuna por um anestésico que funciona tão rápido.

Uma levantou-se, enfiou as mãos nos bolsos e ponderou:

— É algo a se considerar.

Travis olhou ao redor.

— Eu mataria por um binóculo.

— Lamento, companheiro, virou cinzas — lembrou Michael, esquadrinhando a parede rochosa. — Nunca a encontraremos a partir daqui. Não há como saber para onde foram.

— Instinto — decidiu Travis. — E o que temos.

— Importa-se em me dizer exatamente como pretende usar seu instinto? — indagou Michael.

— Concentre-se em M. J. Nos pensamentos dela. Tente conectar sua mente à dela. Talvez veja o entorno dela com os olhos da mente. Talvez capte um cheiro ou cor que nos dê uma pista — explicou Travis.

— Está brincando.

— Estou falando muito sério. — Travis sabia que extrapolava, mas estava desesperado.

Meticulosamente, examinou cada árvore, cavidade e trilha na montanha.

— E dá certo? — Michael parecia em dúvida. Assentindo, Travis subiu numa pedra grande e ampliou seu horizonte.

— Não faço a mínima idéia.

— Ótimo. Maravilha. — Michael pôs as mãos nos quadris. — Por que não vamos para a direita, seguindo essa pedrinhas pontudas?

— Porque eu quero ir para lá.

— Por quê?

— É o caminho da luz.

— Que luz? — questionou Michael.

— Aquela vindo dali de cima. — Travis apontou. Michael acompanhou o gesto até um pontinho de luz brilhando no meio do que parecia uma floresta.

— O que acha que é?

— M. J. — respondeu Travis, escalando mais a pedra. Sentia o coração palpitando de ansiedade. Era como se visse o rosto de M. J. Ela lhe dizia algo, mas ele não ouvia. Fechou os olhos e ouviu claramente.

Salve-me, Travis. Estou aqui. Venha me encontrar. Estou esperando você.

Era espantoso o esclarecimento que vinha com o medo.

Travis sabia que, se encontrasse M. J. viva, nunca mais se separaria dela. Confessaria que a queria consigo para sempre, que percebera que ela era o motivo de

seu destino o ter levado ao Equador. Vagava pela Terra, achando que a empresa era a coisa mais importante. Mas não... era a ela que sempre buscava.

A visão de M. J. confundiu-se com os pensamentos de Travis, transformando-se em um. Ele estava na mente dela agora, lendo seus pensamentos.

Travis sabia, não racionalmente nem com o coração, mas pela intuição, que M. J. estava amarrada. Podia quase sentir as cordas nos tornozelos.

Detestava ser imobilizado. Isso o assustava.

Então percebeu que era M. J. que detestava ser imobilizada... principalmente por um homem. Ela lutava para se soltar. Construíra a vida em torno da liberdade... não se casara, não tivera filhos, nem comprara uma casa. Até preferia alugar um carro, isso para poder jogar tudo para o alto e viver sua grande aventura um dia... uma aventura que lhe abriria o mundo.

A aventura fora Travis. E, naquele momento, ele também se dava conta do fato.

Ele a via como se ela estivesse a seu lado. Travis olhou ao redor no cativeiro. Esperava ver árvores, mas viu luzes. Muitas luzes.

Velas?

Abriu os olhos.

— Ela está numa caverna, Michael.

— O quê? — O sócio o encarou.

— Eu... consegui ver. Não há uma floresta lá. São árvores, sim, mas atrás há cavernas e ela está numa delas.

— Está bem. Vamos esperar que a luz não se apague, ou levaremos uma eternidade para encontrá-la.

Travis concordou.

— Temos menos de trinta minutos de luz. Um passo em falso e escorregamos para o fundo do penhasco.

— Iremos até onde for possível e, se não conseguirmos chegar até o anoitecer, montamos um abrigo e recomeçamos ao alvorecer. De acordo? — indagou Michael.

— De acordo.

CAPÍTULO XXXVIII

Dessa vez, M. J. estava preparada. Lutou contra o efeito da droga com toda a força. Sabia que a mente, se podia curar o corpo, podia também retardar a ação dos medicamentos. Nelson já a dopara tantas vezes que ela com certeza já criara alguma imunidade à substância. A essa altura dos acontecimentos, pouco lhe importava a acuidade científica. Precisava apresentar à mente uma explicação lógica para a tarefa que se impunha.

Ondas anestésicas atacavam seus sentidos, mas sobrepujava-se a elas como uma surfista. Convinceu-se de que deslizava na crista das ondas. E que as ondas passariam.

Ouviu Nelson se afastar, o barulho de panelas e potes. Os sons iam e vinham. Embora mantivesse os olhos fechados para fingir sono, estava atenta. Nelson acendeu um fósforo e, a seguir, um cachimbo ou charuto, a julgar pelo cheiro de tabaco. O detalhe não importava. Tinha de aproveitar o fato de Nelson não estar mais vigiando-a. Crente em que a prisioneira se achava inconsciente, ele sem dúvida adentraria seu mundo de sonho agora.

Curvada como um feto, posição na qual se acomodara propositadamente, não teve dificuldade em desamarrar as tiras de couro junto aos tornozelos. Nelson entrelaçara um tipo de planta ou trepadeira com o couro, que provocara o ferimento em sua mão. Reagira precisamente como ele esperara. Sugara o veneno do corte.

Assim que sentiu o gosto amargo, reconheceu-o. Não engoliu e, ao tombar na pilha de cobertas, cuspira o veneno.

M. J. percebeu que desempenhava seu papel mais desafiador como atriz. Se conseguisse fugir sem que Nelson e seu macaco

Chipshaw percebessem, iria se auto-indicar ao Oscar. Ou ao Emmy, pelo menos.

As tiras de couro afrouxaram assim que ela desfez os nós. Cautelosa, desvencilhou-se das amarras com planta venenosa e arriscou abrir um olho.

Exatamente como imaginara, Nelson estava sentado na cadeira à entrada da caverna, fumando um cachimbo rústico. Chipshaw vagava a seus pés como um bicho de estimação leal. Admiravam as estrelas. Não olhavam para ela. Podia se levantar e sair correndo, passando por eles. Mas e depois?

M. J. não tinha idéia de onde estava... se a norte, sul, leste ou oeste do lugar em que vira Travis e Michael pela última vez.

Travis. Michael. Com certeza, já notaram a minha falta. Mas como vão me encontrar? Podiam estar em qualquer lugar, procurando por mim nas montanhas em vão.

Sentiu pânico. As mãos ficaram suadas e começou a tremer. Não queria morrer na floresta nem ser dada como desaparecida. Não queria ser personagem na lenda de uma outra pessoa, dali a meio século.

Por tudo o que era sagrado, não conseguia acreditar que Nelson matara Dorothy a sangue frio, do jeito que descrevera. Era um homem tão gentil, já ajudara tanta gente. M. J. gostava de pensar que Deus atuava de forma misteriosa, às vezes forçando uma pessoa a matar a fim de procurar seu caminho divino... tornar-se um curandeiro. Mas não acreditava que Nelson fosse um assassino.

Ele omitira algum detalhe. Havia segredos, não mentiras, enraizadas naquele relato. A ilusão de El Dorado podia cegar alguns, mas Nelson era inteligente demais para se deixar lograr.

Entretanto, ele vira.

Sim, havia algo errado, mas M. J. não sabia o quê.

Tinha a impressão de que, se encontrasse El Dorado, o local em que Nelson afirmava ter cometido o crime, obteria muitas respostas.

Tampouco acreditara na explicação de Nelson, de sentir remorso pela morte de Dorothy, para nunca mais ter voltado aos Estados Unidos. Com certeza, ele não temia a prisão. Para ser inocentado, bastava-lhe inventar uma boa história. Tivera muito tempo e era criativo o bastante.

Ninguém, nem mesmo nos dias atuais, questionaria um acidente no meio de uma floresta não mapeada. Nenhum tribunal no mundo duvidaria do depoimento de um cientista consagrado. Para todos os efeitos, Nelson jamais tivera motivos para assassinar os companheiros de expedição.

Era suspeito demais ele ter desistido dos milhões que lhe renderia a descoberta do petróleo. Talvez houvesse entrado em El Dorado. Embora não guardasse um grama de ouro na caverna. Nenhum ícone. Nenhuma barra do metal. Nem mesmo uma bolsa com ouro em pó. Não fazia sentido.

Tratava-se de um homem de visão. Ele confessara o desejo de fazer nome, tornar-se uma lenda. Mas desistira da maior chance do século de ficar famoso, tanto com petróleo quanto com arqueologia.

Por quê?

A cada suposição e conclusão, M. J. se via com outra enxurrada de perguntas. Quanto mais pensava em Nelson, em sua vida, em sua história, mais se convencia de que ele escondia algo... algo grande.

M. J. não parava de raciocinar, tanto que conseguiu combater o narcótico. Como a maioria dos soníferos, a potência do narcótico diminuía após os primeiros vinte ou trinta minutos. A consciência lhe retornava fresca como uma chuva de verão. A leve tontura cessava aos poucos. Não sentia mais o corpo pesado. Recuperava-se rapidamente.

O que faria, então? Deveria sair correndo da caverna e encarar o desconhecido perigoso e selvagem? Não podia pedir orientação a Nelson. Talvez devesse virar a mesa e torná-lo seu prisioneiro, obrigando-o a mostrar o caminho para o vale.

Sim, era isso. Iria...

— Aí vêm eles, Chipshaw — comentou Nelson, exalando anéis de fumaça calmamente. — Sabia que eram inteligentes. Não tão inteligentes quanto eu, claro. Mas, também, levei alguns anos para alcançar este nível, não é? — Riu.

Travis e Michael. Até que enfim! Serei resgatada desta prisão!

M. J. reteve o fôlego, imaginando o que fazer. Se seus amigos tinham algum plano, não queria malograr a estratégia. Nelson pensava que ela estava inerte, ainda sob o efeito da droga.

Se Travis e Michael abordassem Nelson com violência, seria vantagem ela estar consciente e livre para agir.

Intrigava o fato de Nelson não se levantar da cadeira com a aproximação dos inimigos. Ele aguardava pacientemente... Mau sinal. Por que Nelson não se preparava para enfrentar os invasores? Não devia estar reforçando a defesa da caverna? Ou fugindo? Ou se escondendo?

Ele devia ter alguma vantagem. Mas qual? Estreitando o olhar, reparou na manta que ele estendera sobre as pernas. Como se ocultasse algo.

Uma arma!

Ouviram-se vozes abafadas.

Travis.

Chipshaw chiou, subiu no colo de Nelson e o escalou até o ombro. Gritava e arregalava os olhos, assustado. Pulou numa prateleira e passou a outra, sempre fazendo muito barulho.

Travis chegou à entrada da caverna.

— Uma, presumo — manifestou-se, a voz grave.

A luz das velas e da pequena fogueira iluminava os rostos do curandeiro e de Michael, emprestando-lhes halos dourados. Lembravam anjos com atitude.

— Nelson — corrigiu o curandeiro, sem se levantar. Pousou o cachimbo numa prateleira próxima.

Chipshaw levou as mãos ao rosto e recomeçou a gritar em tom agudo, numa estratégia para assustar animais predadores... incluindo caçadores brancos.

— Este é Chipshaw — apresentou Nelson, indicando o macaco.

— Bela mascote — comentou Michael.

— Ainda precisa ser educado, mas me faz companhia.

— Você não é Uma? — questionou Travis.

— Não como pensa. Entretanto, você acredita que sou. Portanto, devo ser.

— Foi o que pensei. Nelson sorriu maldoso.

— Mas não sou o Uma que você procura. Está atrás de um demônio. Um destruidor. Um assassino.

— Esqueceu de raptor. — Travis olhou para o interior da caverna. — Onde está ela?

— Aqui, senhor! — gritou M. J., de seu lugar nas sombras, de repente deixando toda a cautela de lado.

Travis estava ali. Para salvá-la. Tudo ficaria bem.

Levantou-se devagar, desajeitada. Não andava havia algum tempo e ainda estava entorpecida pela droga. Tropeçou.

Nelson respirou fundo. Era velho, mas não perdera a agilidade. M. J. o viu mover a mão sob a cobertura e alertou os companheiros:

— Cuidado! Ele tem uma arma!

— Eu também! — respondeu Travis, apontando o revólver para o ancião. — Carregada. E balas extras no bolso. Não tente nada.

Conformado, Nelson deu de ombros.

— Você está bem, M. J.? — perguntou Michael.

— Estou! — respondeu ela, finalmente dando alguns passos. Sentia-se como um potrinho recém-nascido aprendendo a caminhar. Já superara o narcótico mentalmente, mas recuperar os movimentos era outra batalha.

Saindo para a área iluminada, viu o medo no olhar de Travis desaparecer. Ele era pura alegria quando ela correu para seus braços abertos.

— M. J... — sussurrou ele, aliviado. Abraçando-a com força, beijou-a na testa e achou que sua sorte voltara. — Pensei que a tivesse perdido — revelou, pesaroso. — Não sei o que faria se a tivesse perdido.

— Estou bem, senhor — sussurrou ela, agarrando-se a ele. Michael não percebera que também abrisse os braços, mas

M. J. nem o vira. Correria direto para Travis. Eles ficavam bem juntos... tão naturais quanto a chuva. Ela procurara Travis. Buscara o homem que amava e que a amava também.

Michael deixou os braços penderem ao longo do corpo. Não pensava mais na segurança, pôs de lado a preocupação com Nelson. Sentiu uma fisgada no estômago, como se recebesse um golpe de lança. Recuou cambaleante sob o impacto da traição.

Michael nunca perdera no amor antes. Sempre escolhera. Era dizer onde e quando e as mulheres iam a seu encontro. Sempre fora assediado e rompera quando bem entendera. Seu ego jamais recebera tamanha afronta. Nunca tivera o orgulho ferido... até aquele momento. E não gostava da sensação. Nunca sofrerá tanto.

Michael não sabia que seus pensamentos sombrios transpareciam no olhar. Não sabia que seus lábios haviam trocado o sorriso pelo desdém ameaçador. Não viu sua expressão se transtornar de ódio. _.

Mas Nelson viu.

— Dói, não é? — sussurrou ele a Michael.

— O quê? — Michael não tinha tempo para bater papo com um velho senil.

Nelson mantinha a voz baixa e a mão sob o cobertor, supostamente armado. Dorothy acreditava que havia uma arma, mas estava enganada.

Olhou para Michael.

— Ela não o quer.

Michael adotou uma expressão sombria. As palavras do velho eram tão simples. Como toda verdade. E despedaçavam seu coração. Até então, Michael acreditara ter feito tudo por M. J. por amá-la.

O fato de sua conclusão não ter fundamento não importava. Sempre reinterpretaba os fatos, conversas, motivações e incidentes para se ajustarem ao que desejava que acontecesse, de modo a fazer o papel de herói.

Michael era um bom camarada. Michael era o gênio. Michael era o amante extraordinário.

Jamais encarara a verdade: era um egocêntrico narcisista. Nunca se vira como tal. Não ele. Michael Hunter era sempre o mocinho.

Solteiro, independente, aventureiro, belo perfil. Não era verdade que todas as mulheres que amara o tinham abandonado. Não se lembrava do motivo de cada rompimento. Pouco importavam. Sempre encontraria outra mulher, melhor, mais bonita, mais tolerante. Mais inteligente, divertida, excitante. Afinal, conhecera M. J.

Era imperativo conquistar M. J. Assim como encontrar o petróleo. E vencer competição que travava com Travis. Tinha que possuir M. J., a qualquer preço.

Travis a beijava como se nunca mais fosse beijá-la. Michael observou-os partilhando o amor, se amando. Abraçando-se, acariciando-se, tocando-se. Ela chorava. Travis enxugou-lhe as lágrimas e assegurou que tudo terminaria bem. E ela acreditava nele.

Michael sentiu um aperto no estômago, de inveja. O ódio incitou seu fígado a produzir bÍlis, que lhe subiu à garganta, queimando como ácido.

— Por que não se manifesta? — inquiriu Nelson, alto o bastante para trazer Travis e M. J. de volta ao presente.

— Como? — indagou M. J. Nelson olhou para Michael.

— Seu amigo tem algo a declarar — esclareceu Nelson.

— Eu? — Michael franziu o cenho. — Eu não raptei ninguém.

— Nunca foi minha intenção machucá-la, e você sabe disso. Eu queria protegê-la... protegê-la de você.

M. J. e Travis trocaram olhares.

— O que está acontecendo?

Nelson não deixou de encarar Michael. Vigia-o com um olhar perspicaz, atento. Não obstante, M. J. tinha a impressão de que ele se baseava no instinto, na intuição, mais do que na visão.

— Diga-lhes onde encontrarão a cidade de ouro — instigou Nelson.

Michael permaneceu em silêncio.

— Mas do que ele está falando? — questionou Travis. M. J. sentiu um arrepio na nuca, enquanto seu sangue se

enregelava. Temia cobras, onças e outros bichos noturnos desde o começo da expedição, mas nunca experimentara aquela sensação de impotência. Algo estava muito errado. Olhou para Michael e Travis fez o mesmo.

— Michael? Do que ele está falando?

Então, ela viu. O ciúme latente no olhar de Michael, dirigido a Travis. Ele lhe dedicou um olhar glacial também, porém sem o ódio que ele nutria pelo outro homem, seu adversário.

Travis apertou a mão em sua cintura. Ela pousou a mão sobre a dele. Queria que ele soubesse que ela estava do seu lado. Que estavam juntos naquilo. Acontecesse o que acontecesse.

Nelson rompeu o silêncio com sua voz envelhecida:

— Não vai falar, é? Bem, eu entendo. Em minha última visita a um grupo isolado de nativos, há vários meses, um deles contou vantagem afirmando que haviam quebrado a barreira entre o céu e a terra e vislumbrado o Deus Uma. Não acreditavam mais que Uma fosse um velho curandeiro, um xamã, como eu. E disseram que eu não tinha mais poder, agora que sabiam a verdade sobre Uma. Expliquei que nunca me considerara uma pessoa mística. Sou muito humano, embora os nativos gostassem de espalhar histórias sobre mim ao longo das décadas. Mas interessei-me por essa nova conduta e os

incentivei a falar mais a respeito. Contaram que Uma veio a eles acusando-os de falhar em sua missão como guardiões. Haviam permitido invasores na floresta, homens que queriam aniquilar El Dorado.

— El Dorado? — Surpresa, M. J. olhou para Michael, que estava visivelmente nervoso.

Michael apontou a arma para Nelson.

— Continue, velho — vociferou.

— Uma lhes disse que três invasores pretendiam roubar não apenas o ouro, mas os segredos também. São os segredos de El Dorado que os homens de Uma guardam com suas vidas.

Nelson continuou:

— Eu o vi no vale há alguns dias, quando veio pela primeira vez. Você encontrou o local da perfuração sem perda de tempo. Mas não era isso realmente o que queria. Já vi outros geólogos em Oriente. O procedimento exige várias detonações. Mas você usou uma pequena quantidade de dinamite.

Travis olhou para Michael.

— De fato, você voltou ao acampamento ainda com muita dinamite.

— Porque ele usou pouca — acusou Nelson. — Com os equipamentos sofisticados, ele analisou as cavernas, onde não há petróleo.

Michael expressava desdém.

— Mas há ouro.

— Não do tipo que você procura — alertou Nelson. — Acredite em mim, não quer saber...

— Não me diga o que eu quero ou não! — gritou Michael, brandindo a arma. — Vim atrás de você, velho. Ouvi histórias a seu respeito. Alguns dizem que você é uma lenda, mas quando M. J. começou a falar de um velho curandeiro, eu soube que deparara com algo. Achei que mais cedo ou mais tarde você faria uma bobagem e eu aproveitaria. Ela era minha passagem para chegar a você.

— Não acredito, Michael! — gritou M. J., zangada. — Você não queria me machucar. Você não é mal, você não é assim...

— Admito ter me desviado um pouco do caminho. Andava mais brando. Mas, felizmente, voltei ao normal. Esperei muito tempo pelo grande prêmio. Precisava de um disfarce como esta expedição para que os antiquários locais não desconfiassem. Estive aqui há um ano e acho que fiz perguntas demais sobre El Dorado. De repente, outros arqueólogos estavam competindo por verbas para procurar Atlântida. E o assunto da moda, com a chegada do milênio.

— Mas você tinha dinheiro, Michael — observou Travis.

— Ha! Gastei tudo procurando algo grande assim. Não sabe o que passei. Esse tipo de descoberta me fará... — Hesitou, procurando a palavra certa.

— Imortal? — sugeriu M. J.

— Isso!

— É ridículo, Michael. — Travis avançou um passo. Michael atirou junto a seu pé.

— Proteção não funciona comigo. Veja, Travis, você acha que todo mundo é tão nobre quanto você. Bem, não é verdade. Você quer ser o "papai coelho"... ter sua empresa, dinheiro no banco. Eu? Eu quero mais. Quero o dinheiro e a fama. A capa da Time. Entrevistas na televisão. Os prêmios. O Nobel, talvez. Consegue imaginar? Descobrir a chave de Atlântida?

M. J. meneou a cabeça.

— Mas é só mitologia, Michael. Nelson lançou um olhar sofredor a M. J.

— Temo que Michael esteja certo, minha querida. Eu estive em El Dorado.

M. J. queria protestar, dizer que ele só tivera uma ilusão, mas Travis a deteve.

— Agora não — sussurrou. Michael sorriu malévolo.

— Pode apostar como estou certo, velho. E você terá a chance de ver tudo, M. J. Você também, Travis. O bom Nelson vai nos levar lá.

— Não vão conseguir — alertou Nelson.

— Quem vai me deter? — indagou Michael, rindo. — Você? Nelson meneou a cabeça.

— Os homens de Uma,. Eles juraram matar todos que tentarem profanar El Dorado. O mundo não está pronto para os segredos contidos naquela caverna. Os homens de Uma sabem disso. São guiados pelas visões. Eles os perseguem desde o começo. Vocês nunca saíram da mira.

— São selvagens — declarou Michael. — As armas primitivas não são páreo para revólveres e pistolas.

— Não tenho tanta certeza — ponderou Travis. — Eles conseguiram nos assustar bastante.

— Não hesitarão em matar para manter o segredo — continuou Nelson, fitando Michael. — Não poderá detê-los com balas. Eles são incansáveis.

— Cale-se! — gritou Michael.

— Eles nos matarão a todos antes que violemos El Dorado.

— Eu disse: cale-se!

Travis aproveitou a distração do sócio para golpeá-lo na mão.

O revólver caiu.

Com o impacto, ambos foram ao chão. Travis pressionava o punho de Michael, mas este era muito forte e conseguiu dar-lhe um murro no queixo.

— M. J.! Abaixе-se! — gritou Travis, lutando pela posse da arma. Houve um disparo.

Chipshaw pulou para outra prateleira. M. J. gritou e tapou os ouvidos contra o eco nas paredes da caverna. O macaco fugiu para as sombras.

— Seu maldito! — rosnou Travis. Michael golpeou-o novamente.

— Saia de cima de mim!

Os dois rolaram pelo chão. Travis batia o punho de Michael contra a superfície áspera, mas era difícil subjugar-lo. Finalmente, conseguiu desarmar o sócio enfurecido e atirou-o rumo a uma parede distante. Então, esquivando-se de um soco, esbofeteou Michael com um golpe de esquerda. Longe de se abalar, Michael empurrou Travis e levantou-se.

— Vamos! Anda! Vamos lá! — provocava, chutando-o. M. J. rastejou na escuridão até onde vira a arma cair. Tateou

nas sombras e encontrou um metal. Pegou o revólver. Dona de ótica pontaria, posicionou o revólver com as duas mãos.

— Parem! — gritou. — Os dois! Agora!

Travis deu outro soco no estômago de Michael. Este recuou, sacudiu a cabeça e avançou com raiva redobrada.

— Não pode me deter! — rugiu, procurando algo às costas. Sacou uma pistola e segurou-a com as duas mãos.

— Michael! — gritou M. J., apontando o revólver.

Ele riu.

— Abaixе a arma, M. J., ou acabo com Travis.

Ela baixou o revólver e correu para junto do amado. Michael apontou a pistola para Nelson.

— Agora, levante esse cobertor e jogue a arma ali.

— Você sabia? — indagou Nelson.

— Tenho cara de idiota?

— Não — disse Nelson. — Só não achava que fosse tão imprudente.

Michael parecia possuído pelo demônio.

— M. J., pegue fósforos e algumas velas. Tenho certeza de que precisaremos de iluminação para onde vamos.

Ela obedeceu.

— Vamos, velho. Vamos continuar o show antes que seus amigos malucos apareçam

Nelson tentou convencê-lo uma última vez:

— Para sair daqui só há um caminho...

— Não me enrole — alertou Michael.

— Devemos subir as montanhas pela passagem. É muito perigoso. Não tenho certeza se me lembrarei da trilha...

Michael engatilhou a pistola e a apontou para a cabeça de M. J.

— Tenho confiança de que se lembrará exatamente de como chegar lá.

Nelson engoliu em seco.

— Já estou me lembrando.

— Ótimo — aprovou. — Vamos indo.

CAPÍTULO XXXIX

Havia confusão entre os homens de Uma, onde nunca houvera discórdia. Eles sentiam a fratura no universo. Algo horrível acontecia, algo que desequilibraria a balança do poder para sempre. O poder deles.

— Alguém se aproxima da cidade proibida.

— Os invasores não serão detidos.

— Essa desgraça será possível?

— Devemos todos concordar que, de tempos em tempos, é necessário purificar a Terra. Limpar é bom. A morte é para o bem — ensinou Cofan, o membro mais velho.

— Tem razão — aquiesceu o membro mais jovem, lembrando-se do hálito tenebroso que Uma lançara sobre ele.

— Se não matarmos os invasores, Uma nos rotulará como malignos. Outros exigirão nossa morte.

Sabiam que só havia um modo. O modo divino. Precisavam manter a ordem. Eram os guardiões. Era seu trabalho manter a Terra em equilíbrio.

— Devemos reverter essa desordem. Matar é bom. E o nosso princípio, nossa verdade mais sagrada. É o nosso caminho — decretou Cofan. — Somos onipotentes entre os seres humanos. Sempre alteramos o destino da humanidade expulsando os in-trusos da floresta. Sabemos como assustar e intimidar. Se permitirmos que esses enviados do mal roubem os segredos de El Dorado, estaremos perdidos. Não descansaremos enquanto não limparmos a Terra desses espíritos — concluiu, com atitude passional.

Os membros sentiram a eletricidade. Assentiram solenemente em concordância. Experimentavam a renovação da fé, tio zelo.

Eram os homens de Uma. Iriam se ligar e se tornar uma única consciência novamente, assim que os invasores morressem.

— E quanto ao impostor sobre o qual Uma nos contou? Aquele que promove curas e se autodenomina Uma sendo apenas um humano? — indagou o membro mais jovem.

— Livraremos a Terra dele também — decidiu Cofan. — A salvação será nossa se colocarmos ordem de novo no mundo.

Cantaram os mantras mentalmente e seu poder aumentou. Voltaram a se comunicar por telepatia. Essa era a forma antiga, ensinada pelos antepassados, antes que a linguagem fosse desenvolvida por seres inferiores que vagavam pela Terra.

Os homens de Uma erraram ao permitir que seus pensamentos fossem corrompidos pela discórdia. Sabiam que era imperativo retomar o poder e tornar-se uma unidade novamente.

Eram os guardiões. Conheciam seu dever para com seu Deus, e não falhariam.

CAPÍTULO XL

O caminho para Utopia era tão perigoso quanto todas as peregrinações místicas deviam ser, pensou M. J., mas a trilha estreita que subia em direção à lua e às estrelas e depois escondia-se na massa dos picos montanhosos rochosos a assustava mais do que a selva.

— Tem certeza de que sabe o caminho? — perguntou a Nelson, tropeçando pela quarta vez quando uma pedra se desprende sob seu pé. — É como se a montanha estivesse viva e tentando me matar!

Nelson ia na frente com Chipshaw ao ombro.

— Está muito viva, sim, e esta velha montanha ficaria feliz em nos ver perecer antes de chegarmos a El Dorado.

— Obrigada. Eu precisava dessa certeza — ironizou M. J. — O que eu não daria por uma lanterna. Está tão escuro...

— Use os seus instintos para guiá-la, minha querida — aconselhou Nelson. — Às vezes, a visão decepçiona. Mantenha as costas contra a montanha, como estou fazendo. Deslize os pés pela fenda entre a montanha e a trilha. Assim, não cairá.

— Gostaria de ter a sua confiança.

— Oh, eu não tenho confiança — esclareceu ele.

— O que é, então?

— Vou morrer de qualquer forma. Não me importo.

M. J. engoliu em seco. Pensou nos beijos de Travis, na vida que gostaria de ter com ele. Uma vida normal. Tranqüila. Ir ao supermercado. Experimentar roupas. Enviar cartões de Natal. Eram pequenas coisas. Queria viver o bastante para dar outra chance a tudo aquilo.

— É? Pois eu me importo.

Travis vinha depois de M. J. e Michael, ainda de arma em punho, fechava a procissão.

Travis culpava-se por cair na armadilha de Michael. Como não percebera? Estivera tão resoluto em manter a empresa solvente que não percebera os sinais. Seus instintos alertaram desde o começo, dizendo-lhe para não confiar em alguém que já o traía uma vez. Michael se aproveitara dele anos antes e repetia o feito agora.

— Travis! Michael! — M. J. acenou e apontou para a base da montanha. — Temos companhia.

Ofereceu a Travis os binóculos que Nelson levara. Ele se esticou, pegou o acessório e ajustou as lentes para ver.

— Dê-me isso — ordenou Michael, e Travis entregou-lhe. Ao ver a imagem, riu, divertido. — Aqueles camaradas ma-gricelas são os meus inimigos? Cara, andei me preocupando por nada.

Travis notou as vozes excitadas.

— Fomos localizados! Vamos logo. Nelson deu uma olhada no abismo.

— Estão destruindo minha caverna! Todo o meu trabalho! M. J. compadeceu-se. Sabia como se sentiria se alguém destruísse o trabalho de sua vida. Apertou a mão de Nelson.

— Vamos superar isso. Assim que ficarmos livres, voltaremos para pegar suas anotações e...

— Você é uma sonhadora, não é, minha querida? — Nelson meneou a cabeça.
— Não vou sobreviver a isto. Nem você.

— Conversa animadora — ironizou Travis.

— E, chega de papo e siga em frente, vovô — ordenou Michael.

Nelson resmungou, mas continuou.

— Não podem nos matar — disse Michael. — Tenho armas e bastante munição. Posso abatê-los um a um. M. J. atira bem, também — lembrou-se.

— Oh, eu não disse que eles usariam métodos convencionais — esclareceu Nelson.

— O que vão usar? Dardqs? — indagou M. J.

— Possivelmente. E outras coisas.

— Que outras coisas? — pressionou ela. Nelson sorriu.

— Sabe, faz muito tempo que não tenho vida social. Até que gostaria de contar minhas aventuras para uma platéia tão seleta.

— Excelente, velhote, mas continue — desdenhou Michael.

— Bruxaria, costumávamos chamar. Prática vodu é outro termo. Mas o fato é que eles rezam para que as pessoas morram. Meditam pedindo a extinção dos inimigos. Juntam-se mentalmente e acreditam que, juntos, têm poder bastante para dominar o mundo... o mundo deles, pelo menos.

— Primitivo — comentou Travis.

— Na verdade, Carl Jung, o psicanalista, escreveu bastante sobre o inconsciente coletivo, pelo que me lembro. — Nelson deu uma piscadela para M. J. e continuou subindo, sempre com as costas coladas à montanha.

— Então, quem está liderando esta procissão, um maluco ou um geólogo? — questionou Michael.

Nelson não se perturbou.

— Vai descobrir com a vida, meu jovem, que vale a pena prestar atenção a muitas coisas. Esse é o problema com o mundo moderno, ou era, quando o deixei. Tudo e todos tornavam-se compartimentalizados. Separados. Cada doutrina se diferenciava da outra. Só quando pegamos um pouco desta e um pouco daquela conseguimos algumas respostas verdadeiras.

— Respostas verdadeiras — repetiu M. J. — A quê?

— A vida, claro! — Nelson olhou-a condescendente.

— Ouça, velhote — ralhou Michael. — Só espero que saiba o bastante sobre a vida para nos livrar deles e levar-nos de volta à civilização.

— Pelo que sei, ninguém além de mim e meus amigos, Dorothy e Darren, chegaram até aqui. Há muitas formas de morrer nas trilhas falsas que derivam desta que estamos percorrendo. Vocês estão a salvo porque estão comigo. Eu conheço bem o caminho.

— Quantas vezes esteve aqui? — indagou M. J.

— Só uma.

— Então, como pode ter tanta certeza?

O olhar de Nelson expressava sabedoria e assombro.

— E um caminho do qual você nunca vai se esquecer, tampouco.

M. J. moveu o pé esquerdo, cautelosa, sentindo o solo sob o pé, e endireitou o corpo. Deslocavam-se a passo de tartaruga. Sempre que tentava se apressar, M. J. tropeçava. Arriscou um olhar à encosta íngreme e ao abismo. Um luar fraco iluminava os contornos das rochas. Se caísse, morreria empalada. Sentiu náusea.

— Esse negócio vodu deles funciona? — indagou, pouco interessada na resposta. Mas, enquanto Nelson continuasse falando, não teria de pensar na trilha perigosa e na proximidade da morte a cada passo.

— Nem sempre.

— Mas você disse que era isso o que eles usavam para derrotar os inimigos.

— Eles gostam de pensar que é como fazem, mas eu diria que você já experimentou todo o repertório deles. Fogo, dardos...

— Cobras — lembrou Travis.

— E cabeças encolhidas — finalizou Nelson.

— Essas eu não vi — declarou M. J., com um arrepio.

— É uma das favoritas deles.

— Ainda está longe, velhote? — indagou Michael.

M. J. viu a lua se esconder atrás da montanha. Mal esperava admirar novamente o maravilhoso nascer do sol. Enxergaria o caminho bem melhor de dia.

Mas também veriam os homens de Uma.

— Esta é a parte fácil da jornada — avisou Nelson. — A distância em si não é muita.

Olhando para a trilha estreita, M. J. engoliu em seco. O comprimento de seus pés já ultrapassava a largura da trilha.

— Como esta pode ser a parte fácil?

— E — respondeu Nelson. — Mas está a salvo comigo.

Ela não acreditava. Estava convencida de que morreria. Ninguém tinha tantos encontros com a morte e saía ilesa. Ninguém tinha tanta sorte.

Nelson ainda falava, e M.J percebeu que ele só fazia isso para mantê-la distraída do perigo, do fato de que iam morrer.

— Só se poder contar a idade se a pessoa usa o tempo com sabedoria para juntar todos aqueles compartimentos isolados da vida de que falei...

M. J. sentia o coração contra as costelas. Já tivera ataques de ansiedade antes. Na verdade, era especialista em ansiedade e pânico. Mas nunca se afligira tanto.

— Quer explicar melhor, Nelson? — Fechou os olhos e continuou deslizando os pés sobre o cascalho solto, subindo... sempre subindo.

— Adoraria — afirmou ele.

Deus, como ele pode parecer tão feliz quando estamos prestes a morrer?

— Acho melhor ficarmos todos quietos e andando — opinou Travis, segurando a mão de M. J.

Ela abriu os olhos e o fitou. Nunca vira tanto amor no olhar de alguém. Nunca sentira os medos dissiparem-se tão rapidamente. Nunca se sentira tão amparada.

Ele pressionou os dedos contra a palma de sua mão.

— Não fique com medo. Conseguiremos. Todos nós. Eu prometo — murmurou ele.

Ela assentiu, querendo acreditar.

— Certo. — Foi tudo o que conseguiu dizer, mas era o bastante. Rendia-se a ele, permitia que ele tomasse conta dela.

Michael contornou mais uma curva, as costas coladas na montanha, metade das solas das botas para fora da trilha. Uma chuva de cascalho caía pela montanha a cada movimento. Percebeu que a cada passo a trilha ficava mais estreita e mais perigosa. O suor escorria pelo rosto e estava ofegante.

M. J. sentia a trilha estreita sob os pés.

— Nelson? Percebeu que, a cada passo, um centímetro da trilha vai embora? Não poderemos voltar. Nunca conseguiremos.

Nelson riu.

— Não se preocupe. Eu lhe disse, não voltaremos pelo mesmo caminho. É como a vida. Quando se toma uma decisão, não há volta. Você só pode ir para a frente.

— E é o que estamos fazendo? — indagou M. J. Antes que Nelson respondesse, Travis confirmou:

— Isso é definitivamente o que estamos fazendo.

— Acho que agora é uma boa hora para contar o que os aguarda em El Dorado — declarou Nelson. — É muito importante chegar aos portões quando a lua estiver baixando e o sol nascendo.

— Por quê? A luz é importante?

— Não, mas as correntes de ar são.

— Correntes de ar? — repetiu Travis. Nelson não deu detalhes.

— Estamos a alguns metros da entrada agora.

— De jeito nenhum... — Travis afastou-se da parede rochosa. Ao movimento repentino seguiu-se uma onda de ar frio e então outra, de ar morno. O vento envolveu seu corpo como uma mão gigante, puxando-o. Ao derrapar, assustou-se e agitou os braços. Agarrou-se a uma pedra saliente junto à cabeça e sentiu o ar passar por ele, apertando contra a montanha. — Raios! Essa foi perto! — desabafou, arquejante.

— Está vendo? O vento sobe. — observou Nelson.

— É incrível... — Travis ainda estava assustado.

— Venha. Tome cuidado. — Nelson pegou a mão de M. J.

— Estou com medo — disse ela, desejando estar em qualquer outro lugar do mundo.

Nelson meneou a cabeça.

— Você, dentre nós, é a que tem menos medo.

— Por... por que diz isso?

— Porque seu coração é puro. Seu coração está repleto de amor. Até por mim. Até por Michael, apesar de seus atos malignos.

— Não entendo. O que tem isso a ver com El Dorado?

— Tem tudo a ver. — Nelson venceu outra curva, conduzindo-os à indefinível cidade de ouro. O vento uivava na caverna estreita, lembrando animais morrendo e crianças rindo. Era o som mais sinistro que M. J. já ouvira. Assustador e sombrio, ao mesmo tempo, melódico e homérico. Era como ouvir um tipo de poesia angelical.

O sol surgiu e a lua desceu no oeste. A iluminação mudou com o reflexo do ouro rivalizando com o sol.

— A aurora de um homem é o ocaso de outro — filosofou Nelson.

Continuaram subindo devagar.

— Só mais alguns passos — avisou Nelson. — Devo alertá-los de que o vento vai ficar muito mais forte. Muito mesmo. Será assustador. Os ventos devem estar a mais de cento e sessenta quilômetros por hora. Segurem-se uns nos outros. Encontrem um apoio na montanha, uma rocha ou reentrância. Quando virem El Dorado, os ventos atingirão a velocidade máxima.

Podem nos matar. Precisam ser fortes. E corajosos. El Dorado estará na nossa frente. Fica na outra metade da montanha.

— Há uma trilha? Uma saliência para atravessar?

— Sim, mas não a vejo há décadas. Era bem estreita na época. — Nelson levou um braço aos olhos para evitar a poeira que subia com o vento.

— Como você passou?

— Eu nunca passei — disse Nelson. — Nunca vi El Dorado por dentro.

— Então, como sabe o que esperar? — indagou M. J., o vento descabelando-a, açoitando seu rosto.

De repente, Travis estacou e apertou a mão de M. J., sinalizando para que parasse.

— Você nos levou a uma armadilha, velhote, não foi?

— Do que está falando, Travis? — gritou M. J.

Travis inclinou-se sobre M. J., que se mantinha colada à montanha.

— Nelson! Isto não é vento e você sabia! Nelson permaneceu em silêncio. Michael aproximou-se de Travis, gritando:

— O que é, se não é vento? Nelson sorriu malicioso, conhecedor.

M. J. o encarou e teve a nítida impressão de que havia mais do que idade no olhar, mais do que sabedoria. Havia conhecimento. Sentiu um arrepio na espinha e o frio espalhou-se pelo corpo e pelo sangue.

— Diga! — exigiu.

— Polarização magnética... a força criada quando uma energia positiva inacreditável encontra uma energia negativa.

— Faz sentido — declarou Travis. — Os Andes são conhecidos como a Avenida dos Vulcões. Quando a lava endurece, a direção do campo magnético da Terra naquele instante fica trancada. Podemos medir quando isso ocorreu há milhões de anos. Essa descoberta levou à teoria das placas tectônicas, segundo a qual os continentes flutuam sobre mares de lava. Assim, claro, é possível ter campos magnéticos positivos e negativos alojados nesta área.

— E este vento ou atração não tem nada a ver com o nascer do sol e o ocaso da lua? — indagou ela.

— Um pouco, mas não tudo. — Nelson conduziu-os pela última curva. A trilha não se alargava mais diante deles. Do outro lado da montanha, esculpida em rocha, havia uma abertura que dava para os penhascos. O acesso era por uma ponte de pedra estreita sobre o abismo.

Fora da entrada da caverna havia duas colunas altas esculpidas na rocha. Revestidas de ouro, lembravam o estilo egípcio com grandes esmeraldas não polidas formando uma borda decorativa. A entrada era tosca, como se alguém quisesse manter a integridade da paisagem natural e, mesmo assim, imprimir um toque artístico nas colunas. —

Então, um som sobressaiu-se aos ventos vindo da caverna. Era um som melodioso, mas mesmo assim M. J. sentiu medo.

— Os homens de Uma! — gritou Michael, brandindo a arma. Começou a atirar nos homens que entoavam um canto e

subiam pela faixa estreita na encosta da montanha.

— Michael! Dê-me uma arma! — gritou Travis.

— Acha que sou idiota? Posso cuidar de alguns nativos estúpidos.

Nelson foi até M. J., tomou-lhe a mão e incentivou-a a se agachar.

— Fique abaixada. — Indicou os homens de Uma. — Eles têm lanças.

— Elas não chegarão aqui com esse vento — observou ela.

— Eles são os guardiões. O zelo deles fará com que acertem. Nelson firmou as mãos contra a montanha e passou por M. J.

— Fique abaixada e siga para a ponte de pedra. Deve atravessar o abismo e chegar a El Dorado. Não há vento do lado de lá.

— Como você sabe?

— Quando estive aqui antes, com Dorothy e Darren, chegamos aqui exatamente deste jeito. Não percebemos que havia uma força magnética atuando, além do vento. Quando Darren viu o ouro e as jóias, a ganância aflorou. Na época, a trilha era mais larga. Podíamos ter pulado. Mas não quisemos nos arriscar. Darren tentou usar Dorothy como cobaia, ver se ela conseguia atravessar. Mas eu peguei a ponte antes. Deitei-me sobre a pedra, arrastando-me de barriga. Na metade do caminho, os ventos começaram e, em vez de arrancar, pressionam. Como um ímã.

— Quando Darren viu que eu estava conseguindo, mandou Dorothy para a ponte. Ela estava com muito medo. Eu a ouvi gritar 6, quando me virei, agarrei-a bem a tempo de evitar sua queda.

— O entusiasmo de Darren com a descoberta de El Dorado deixou-o maluco. Ele estava louco. Pulou na ponte e, em vez de manter-se deitado, tentou cruzá-la de pé. Uma corrente de ar o arrebatou e ele caiu. No mesmo instante, a mão de Dorothy escorregou da minha e ela despencou.

— E você não foi até o outro lado? Para ver a cidade.

— Não pude. Não tinha mais significado para mim, sem Dorothy. O mais estranho era que, os ventos, ou seja lá o que fossem, cessaram imediatamente, e eu desci a montanha até a caverna onde moro.

— Então, eu estava certa. Você não matou Dorothy, afinal. Nelson fitou o chão.

— Eu a matei trazendo-a para esta terra esquecida de Deus. — Ele desviou o olhar para que M. J. não visse as lágrimas. Apontou para o outro lado. — Vê as colunas? Não diminuíram com o tempo. Não houve erosão. Na metade da ponte, os ventos começam a diminuir. Você é forte. Vai conseguir.

— Aonde você vai? Ele sorriu desolado.

— Vou retardar os homens de Uma enquanto você e Travis atravessam.

— Mas você...

Ele meneou a cabeça e gritou para se fazer ouvir além do vento:

— Minha hora chegou! A sua, não...

— Nelson...

— Adeus, Dorothy.

Ela ia argumentar, mas pensou melhor. Deixe-o ter sua fantasia. Restam-lhe poucos minutos de vida. Sentiu uma pontada no coração. Tentou falar, mas a emoção lhe bloqueou a garganta. Atirou os braços ao redor do pescoço dele.

De repente, quis ser Dorothy para ele. Queria afirmar que era a mulher de seus sonhos.

— Você tem uma vida maravilhosa — disse ele, e beijou-a no rosto.

Ela não sabia que estava chorando até sentir o sal das lágrimas.

M. J. o soltou e ele voltou pelo caminho.

— Desista, Travis — aconselhou Nelson. — Michael acha que controla a situação. Vá ajudar M. J. Eu disse a ela para atravessar o abismo. Salvem-se.

— De jeito nenhum. Nós vamos juntos — argumentou Travis. Nelson negou.

— Ela vai morrer, se você não fizer algo! — gritou, para se fazer ouvir.

— E você?

— Eu já sou um homem morto. — Sombrio, Nelson olhou para Michael.

Travis deu-se conta de que nenhuma vez cogitara a possibilidade de morrer. Mesmo que para se enganar, jamais admitia a derrota. Mas aquele homem fazia exatamente isso. Imaginou se encararia a morte com tanta coragem. Esperava que sim.

— Obrigado — declarou, apertando a mão de Nelson no momento em que um dardo passava perto de seu rosto, atingindo a montanha.

— Corra, não há tempo! — alertou Nelson.

Travis foi para o lado de M. J., que se movia centímetro a centímetro sob os ventos cada vez mais fortes.

Michael conseguira matar dois homens de Uma. Outro caíra sozinho. Havia ainda nove homens a abater com sua única arma. Tinha certeza de que podia derrotá-los, mas enervava-se com o refrão de palavras truncadas sem sentido que

entoavam. O timbre era arrepiante. Atirou novamente. Nesse momento, outro dardo passou rente a sua cabeça, quase repartindo seus cabelos.

— Morra, maldito! — Atirou de novo e matou mais um, de cem anos ou mais.

Nelson aproximou-se.

— Michael, você deve ir com os outros. Eu os mantereí afastados.

— Está louco. Não vou lhe dar a minha arma!

— Você não tem escolha. Eles vão matá-lo! Cuidarei para que eles não avancem.

— Como?

Nelson pegou uma bolsa junto à cintura e tirou um caniço fino e um punhado de dardos. ^

— Meu veneno é mais potente. E tenho muito mais prática do que qualquer um deles.

Uma lança atingiu o solo junto aos pés de Michael, fazendo-o pular. Ele atirou, neutralizando mais um inimigo. Mas o resto prosseguia sem se intimidar.

— O que há com eles? Por que não voltam?

— Não podem. É contra a crença deles. Não devíamos estar aqui e eles não vão parar enquanto não nos detiverem! — gritou Nelson. — Agora, vá com os outros!

Michael não hesitou.

Nelson sabia que ele não hesitaria. Michael era um covarde.

Nelson esperou os homens de Uma se aproximarem, vendo a morte se aproximar com determinação. Assim como Dorothy renascera em M. J., tinha certeza de que a morte era uma passagem para outra vida. Em outro tempo e espaço.

Esperou Michael fazer a curva e, então, largou os dardos. Não queria mortes em suas costas ao passar para o outro plano.

Os homens de Uma continuavam entoando seus ritmos ecléticos enquanto entravam na região dos ventos.

Nenhum deles se aproximara tanto da cidade proibida antes. Nenhum deles jamais saíra da selva. Nenhum deles sentira tanto medo quanto experimentavam naquela missão.

Reconheceram o impostor ao vê-lo. Correspondia à descrição do velho curandeiro que procuravam.

O membro mais velho, Cofan, ainda estava vivo; porém, ao erguer a lança, um golpe de vento envolveu seu braço, tirou-lhe o equilíbrio e ele caiu no penhasco rochoso.

Outro membro escorregou ao tentar salvar o companheiro, optando por uma vida humana, em vez de proteger e guardar a cidade sagrada de El Dorado. Por esse pecado, tinha de morrer. Mas não se importava, pois amara o velho toda a sua vida.

Nelson cobriu a cabeça quando uma chuva de lanças desabou, atingindo suas pernas e braços. Cerrou os dentes para não chorar de dor.

Os cinco guardiões restantes lançaram dardos envenenados, acertando o alvo. Mas Nelson recusava-se a morrer. Ergueu o olhar, fitando os inimigos. Iria combatê-los com a força do pensamento. Pensamentos contra pensamentos. O bem contra o mal. O conhecimento contra a ignorância.

Os homens de Uma foram forçados a se aproximar, impelidos pelos ventos fortes. Nelson sabia que eram habitantes da selva, pouco acostumados à precariedade das jornadas pelas montanhas, às armadilhas.

O sangue de Nelson escorria pela rocha. O veneno invadia seu corpo. Seu coração diminuía o ritmo. Os olhos se fechavam. Já mal ouvia o canto, mas sabia que eles se aproximavam.

Então, ouviu um grito, e outro e outro.

A trilha cedeu. A terra parecia tão ansiosa por suas almas quanto os inimigos.

Um a um, os homens de Uma caíram para a morte, até não restar nenhum. Então, Nelson não ouviu mais nada.

Estava contente por não morrer sozinho.

CAPÍTULO XLI

Eu vou primeiro! — decidiu Travis. — Fique abaixado, como Nelson disse! — gritou M. J.

— Não se preocupe! — Ele se deitou de barriga e começou a se arrastar pela ponte de pedra, os braços fechados. Foi avançando, segurando-se com força.

Os ventos eram tão fortes quanto correntes marítimas. Sentia-se sugado por um redemoinho e, ao mesmo tempo, arrebatado por um tornado. Não ouvia nada, exceto o vento uivando, atirando grãos de areia contra seu rosto.

Estava no meio do caminho quando os ventos pareceram mudar e teve outra sensação. Até seus cabelos mudaram de direção com o novo vento.

Apressou-se, sabendo que a ponte era segura, que estava quase chegando. Venceu a última parte e chegou ao outro lado do penhasco. Ali, o terreno era bem mais firme e amplo.

Voltou-se e acenou para M. J.

— Venha! — chamou, mesmo sabendo que ela não o ouvia. M.J, não comentou com Travis os sonhos que tivera na pele

de Dorothy. Não contou que se vira caindo naquele abismo, como Dorothy numa encarnação passada. Tampouco confessara que estava amedrontada, quase em choque.

Deitou-se de barriga sobre a ponte e iniciou a travessia. O vento a descabelava, os fios açoitavam seu rosto.

— Abaixе o bumbum! — gritou Michael. Ela encostou a barriga na pedra.

— Está abaixado — replicou, jurando nunca mais comer outra barra de chocolate na vida.

Imitando os movimentos de Travis, M. J. aplacou o terror enquanto lutava contra os ventos fortes. Na metade do caminho, sentiu uma mudança no vento, mas não se tranqüilizou.

Antes que M. J. chegasse ao outro lado, Michael prendeu a arma no cós do short e começou a atravessar também.

M. J. levantou-se e se atirou nos braços de Travis, beijando-o ardentemente. Michael já completara metade do trajeto.

— Você está bem? — indagou Travis. Ela assentiu.

— Estou bem, senhor.

Riram e Travis a beijou de novo.

Michael alcançou a extremidade, levantou-se num pulo e sacou a arma, engatilhando-a.

— Muito bem, pombinhos, vamos indo. M. J. voltou-se e fitou o cano da arma.

— Quer saber, Michael? Se vai nos matar, por que não acaba logo com isso? Hein? Aperte o gatilho!

O olhar dele era cruel.

— Não pense que não tenho coragem. Mas, no momento, preciso que os dois me ajudem.

— A fazer o quê? — indagou ela. — Carregar o ouro? Não podemos sair daqui. Não fossem aqueles fanáticos tentando nos matar, não estaríamos aqui.

Michael desdenhou.

— Você deve me achar um idiota. Sim, eu quero o ouro, mas não é isso o que me atrai. E, francamente, não fossem aqueles fanáticos, eu não teria chegado tão longe.

— Do que está falando? — perguntou Travis.

— Conhecimento. Segredos do universo. Essa é a questão que nos estimula a todos. Esse é o pote no fim do arco-íris.

— A árvore do conhecimento — murmurou M. J., reverente.

— Sempre foi. Sempre será — confirmou Michael, o olhar brilhando de êxtase.

Naquele momento, M. J. percebeu que ainda não deparara com o terror. Michael estava completamente louco. Ele queria o ouro, a fama e o poder que o conhecimento infinito traria.

Sempre imaginara o que levava alguém a se dedicar à busca eterna, a arriscar a vida por uma descoberta arqueológica. Tolamente, atribuíra à excitação da caçada, do perigo. Mas não era nada disso. Tais sensações motivavam homens como Michael, mas eles também poderiam passar sem elas.

O desejo de tornar-se onipotente era o grande propulsor. Michael era pior do que os homens de Uma. Aqueles ao menos sabiam que nunca poderiam ser Deus, enquanto Michael apostava que seria.

Michael agarrou M. J. e arrancou a faixa inferior de sua camiseta.

— O que está fazendo? — indagou ela, tentando se desvencilhar.

— Fazendo tochas. Leve aquelas varetas para lá, Travis. Perto da entrada. Vamos ver o que é El Dorado.

Michael amarrou o trapo na vareta que Travis lhe entregou e acendeu-o com o isqueiro que levava para seus charutos. Travis arrancou uma faixa do short e fez outra tocha.

Passaram entre as colunas de ouro e entraram na caverna.

M. J. estremeceu ao avançarem pela escuridão.

— É sempre assim tão frio?

— Sim, mas esta caverna é surpreendentemente seca. Olhe o teto — disse Travis. — E o piso. Nenhuma estalactite ou estalagmite. Não faz sentido — comentou, segurando a tocha alto. — A menos... Ah! Como eu pensava. Veja! Aqui é o exterior da caverna. A parede se fecha à frente.

— E como um saguão — concluiu M. J.

— Precisamente. Deve haver uma abertura para as outras salas — declarou Travis, aproximando-se da parede sólida.

— Isto não pode ser tudo — considerou M. J. — Essa formação rochosa deve ter um milhão de anos.

— Ou cem milhões — ponderou Michael.

Travis tocou a rocha abaulada, procurando uma fresta. Sentiu um sopro de ar frio e a chama da tocha tremeluziu.

— Aqui — avisou, e moveu-se para a esquerda. — E baixa e estreita, mas é uma passagem.

— Mas para onde? — indagou Michael.

— Vamos! — gritou M. J., excitada. — O que você acha que encontraremos primeiro? — sussurrou a Travis, enquanto ele deslizava pela abertura, as costas contra uma lateral.

— Morcegos. Cobras. O normal.

— Ai, detesto essa parte — declarou ela, avançando na escuridão. Travis segurava a tocha à frente.

— Estou louco ou está esquentando aqui? — perguntou Michael.

— Mas estava frio há poucos instantes — lembrou M. J.

— Era por causa do ar externo — explicou Travis. — Aposto que isto não é uma montanha, mas um vulcão.

M. J. engoliu em seco.

— Detesto essa parte ainda mais.

A passagem abriu-se numa sala ampla. Apesar da luz escassa, perceberam que o espaço era enorme.

Michael deslocava-se atento, avaliando o chão e as paredes à procura de qualquer coisa que se movesse.

— Como pensei. — Ergueu a tocha. — Cobras. O piso parecia se movimentar.

M. J. gritou e se encostou no que parecia ser uma parede. Voltou-se e deu de cara com um pássaro bicudo horrendo.

— Ah! O que é isso? Travis aproximou a tocha.

— Uma estátua. Veja, metade homem, metade pássaro.

— Parece egípcio — comentou ela. Michael também aproximou a tocha.

— Lembra a descrição de Uma e está sobre um sarcófago. Travis entregou a tocha a M. J. e então a colocou em cima

do sarcófago.

— Há cobras aqui.

— Como vamos nos livrar delas? — indagou M. J., espantando uma que queria subir em sua perna.

— Não vamos.

— Temia que dissesse isso.

Travis retomou a tocha e olhou ao redor.

— Há um tipo de queimador de incenso aqui — comentou, espantando as cobras com a tocha para chegar ao prato de metal sobre um pedestal alto. • — Há uma madeira aqui. — Encostou a tocha na madeira meio consumida. Como estava muito seca, acendeu-se instantaneamente. Logo, a caverna banhou-se em claridade. Travis tirou mais uma faixa do short e fez uma tocha maior.

— Há outro sarcófago! — exclamou Michael. — Vamos, Travis! E mantenha a tocha no alto. — Apontou para as paredes da câmara. — Olhe para isso.

Travis aproximou a tocha da parede, iluminando os ícones organizados.

— O trabalho artístico é incrível — avaliou Michael, estreitando o olhar.

Travis levou a tocha para a direita.

— Céus, o velho estava certo. Esses são...: — Afastou a tocha para iluminar a parede toda.

Identificaram juntos:

— Egípcios!

— Incrível — sussurrou Travis. — Não são indígenas, incas nem maias.

— Parecem com os que estudei na universidade — comentou M. J.

— Venha, M. J.! — incentivou Travis. — Mantenho as cobras afastadas enquanto você tenta decifrar.

— Ela fica onde eu possa vê-la — avisou Michael, apontando a arma.

— Ela sabe mais sobre isso do que você, Michael. Relaxa!

— Não consigo decifrar hieróglifos, Travis — esclareceu M. J., olhando para o tapete de cobras. — Só conheço alguns sinais.

— Que seja. Vou segurar a luz aqui. Consegue entender algo? — Travis passou os dedos sobre os símbolos que sabia significarem água, ar e fogo.

M. J. avaliou o quadro geral.

— Água, ar, terra. Mas o que é isso? — Apontou para uma figura inclinada. — Oh, parecem constelações. Elas me lembram...

— A mitologia grega — completou Michael. — Platão.

— Isso mesmo — confirmou Travis, apontando para as figuras de sóis e luas, fendas na terra e pessoas retratadas como se caíssem da borda no mar.

— Acha que era assim naquele tempo? Toda essa água aqui?

— indagou M. J.

— Não — opinou Travis. — Isso seria impossível, já que o vale onde Michael achou o petróleo parece ter sido habitado pelos dinossauros.

— Mas a água realmente invadiu o local anos depois. Houve terremotos e as montanhas se formaram. Então, as terras voltaram a ficar em lugar mais alto que o oceano — raciocinou M. J.

— Isso significa que estas pinturas são ainda mais antigas

— concluiu Michael.

— Poderíamos fazer exames com os equipamentos de sonar e radar para tirar algumas conclusões — sugeriu M. J.

— Você se esquece de que não estamos com os equipamentos

— observou Travis.

Mas se tivéssemos... M. J. de repente percebeu a grandiosidade da descoberta. Michael tinha razão. Estavam reescrevendo todos os livros de história, todas as referências geológicas da Terra.

— Se os egípcios estiveram aqui, então chegaram via aérea

— concluiu Michael, apontando para uma representação de um homem com capacete em estilo egípcio, pilotando o que parecia um módulo aeroespacial moderno.

— Duvido muito. Saberíamos sobre isso antes. Haveria referência em algum outro lugar — argumentou Travis.

— Eric Von Daniken não conta? — indagou M. J., referindo-se ao famoso especulador sobre vida extraterrestre, mas nem Travis nem Michael prestaram atenção.

— Talvez não seja uma máquina, mas uma metáfora ao estado embrionário. Poderia ter algum significado religioso.

Travis afastou-se da parede esotérica e respirou fundo.

— O que foi? — indagou M. J., percebendo sua excitação.

— Corrija-me se eu estiver errado, mas pensei que os egípcios fossem morenos.

— Eles eram. São. — M. J. prendeu a respiração. Travis apontou para a pintura de uma mulher servida por

criados. De leve, tocou no ícone.

— Não é poeira. É pintura a ouro.

— Eles eram loiros? — indagou M. J.

— E de olhos azuis — completou Travis. — Isto é monumental. Isto é mais importante do que a Pedra de Roseta ou os pergaminhos do mar Morto. Isto não é egípcio, mas de seus ancestrais, os atlantes.

M. J. engoliu em seco, mas não emitiu ruído.

— Tem certeza? — indagou Michael.

— Claro que não. Mas é uma suposição plausível. A menos que isso tudo seja algum tipo de "pegadinha" moderna, é a única explicação lógica.

Michael estremeceu de espanto e excitação. A chama da tocha tremeluziu.

— Este... este lugar era a Atlântida?

— Pensei que ficasse no meio do oceano Atlântico.

— Essa pinturas mostram pessoas caindo de um penhasco.

Não acho que seja um penhasco. Vê a água? E se a massa de terra fosse a Atlântida? E se os sobreviventes viessem para cá?

— É possível — interveio M. J. — Nelson me contou que na década de vinte a procura de Atlântida estava em alta entre os exploradores. Os jornais viviam publicando matérias a respeito e Dorothy escrevera vários artigos sobre os aventureiros, na ocasião. Talvez tenha sido o destino dela vir aqui e encontrar isto.

— Recordando todas as lendas que conheço, a corrente básica diz que os atlantes espalharam-se pelo Egito, Yucatán, Peru e Pirineus, na Espanha, levando consigo registros da civilização decadente. Certo? Sei que a maior parte da informação estava na biblioteca de Alexandria, que foi destruída numa guerra civil, trezentos anos antes de Cristo. Tudo foi perdido. Mas o resto da informação...

— Percebe o que é isso? Não é um templo religioso. Não é uma cidade de ouro. É uma sala de registros — declarou M. J.

Assim que ela se pronunciou, um vento forte tomou conta da câmara, apagando as tochas. Viram-se na escuridão.

— Consegue reacender, Michael? Ele acionou o isqueiro.

— Sim, vou usar a minha camisa. — Ele despiu a roupa e ateou fogo no tecido. Demorou para começar a queimar, mas finalmente surgiram as chamas. — Não vai durar muito...

— Bem, eu não vou doar mais à causa. — M. J. ajeitou as pernas e pulou ao chão.

— Você está bem? — indagou Travis.

— Não sei.

Um som grave veio de dentro da terra e estremeceu a montanha. As cobras afastaram-se.

— O que foi isso? — indagou Travis.

Outro som grave, mais forte, e a terra tremeu o bastante para desequilibrar M. J.

Ela gritou quando uma cobra passou sobre seu braço.

— A terra está se mexendo! Vamos...

Outro som dilacerante invadiu a câmara e a terra se abriu. M. J., Travis e Michael oscilaram, então escorregaram quando o chão se elevou, lançando placas ao alto.

— Travis! — gritou M. J. — Socorro!

O chão debaixo dela de repente se elevou e ela deslizou para a borda da abertura. Agarrou-se à rocha escorregadia só com uma das mãos.

Travis deslizou para junto dela.

— M. J.! — Passou por ela.

Ela estendeu o braço livre. Ele a agarrou.

— Você não pode suportar os dois! — gritou ela, fechou os olhos contra a agonia do esforço.

— Eu sei...

M. J. se soltou. É como no sonho. Estou morrendo. Caindo.

Não tivera tempo para dizer a Travis o quanto o amava. No sonho, confessara ao homem que o amava, mas somente após a alma deixar o corpo.

Caiu na água... muito fria, gelada. Batendo os dentes, cuspiu água ao emergir. De repente, sentiu braços fortes a seu redor, segurando-a, aninhando-a.

— M. J.! Você está viva! — Travis tomou-lhe o rosto e a beijou.

— N-não... po-por... muito tempo. Hi-hipotermia...

— Eu sei — respondeu ele, enquanto uma onda os encobria.

— O-o que é isto?

— Um rio subterrâneo — explicou ele, apertando seus corpos. M.J percebeu que deslizavam a uma velocidade alucinante,

mas estava tão enregelada que não sentia nenhum movimento. Acabaram numa caverna aberta pelo terremoto.

— Se é subterrâneo, afundaremos até o centro da terra e nunca sairemos! — desesperou-se M. J.

— Eu sei! Se puder se agarrar em algo, uma pedra, qualquer coisa, agarre! — Travis cuspiu água.

Levados pela corrente, deslizavam pela passagem estreita como num tobogã.

M. J. procurava saliências na rocha, qualquer coisa em que se segurar, mas não havia nada. Ao mesmo tempo, agarrava-se a Travis, imaginando quem morreria primeiro. A água lhe invadia as narinas, congelando as vias respiratórias. A cabeça doía, os olhos lacrimejavam. Tinha a impressão de que sua cabeça ia explodir. Começaria a contar os segundos até a morte. Já estavam na água havia quase dois minutos. Só restavam mais dois.

Deslocavam-se tão rápido que sentia que já haviam percorrido quilômetros.

Cinqüenta e nove. Cinqüenta e oito. Cinqüenta e sete.

— Vem uma curva aí, rochas afiadas! M. J., mergulhe! Ela respirou fundo e Travis empurrou sua cabeça para baixo da água.

Cinqüenta e cinco. Cinqüenta e quatro.

M. J. sentia os pulmões estourando de falta de ar, de frio. Tentou emergir, mas a correnteza era muito forte. Sabia que rios subterrâneos não eram tão velozes.

O terremoto fez esse rio se reorientar. É a primeira vez que as águas fazem essa rota.

Quarenta e cinco... Há uma chance de sairmos!

— M. J.! — chamou alguém.

Ela emergiu. Viu Travis ficar azulado. Ele não podia tê-la chamado.

Travis a fitava com o olhar vítreo de um homem morto. Ela o agarrou e se manteve na superfície, forçando os músculos a trabalhar, contando apenas com a vontade.

Não vou deixá-lo morrer! Não agora que chegamos tão longe!

— M. J.! Estou aqui! — chamou alguém. Ela cuspiu água.

— Michael!

Ele se segurava numa pedra grande.

— Agarre a minha mão!

A água ajudou, empurrando-os na direção de Michael.

— Michael! Salve-nos!

Embora o rosto dele estivesse molhado, ela via a dor em seus olhos, a dor que ela lhe causara. Quis pedir perdão.

— Por favor... — M. J. sentia que seu braço ia se desgrudar do corpo se se esforçasse mais.

Finalmente, seus dedos se tocaram.

— M. J.! — A voz dele continha todo o amor que ela um dia ouvira. — Sempre estarei aqui para salvá-la...

Naquele instante, ela soube que Michael a amava e que ela o amara, ainda que por apenas um instante. A seu modo, ainda o amava.

Apertaram as mãos. Michael segurou-a segundos antes de caírem na cachoeira interna, sobre as rochas protuberantes abaixo.

— Oh, Michael! Pensei que estivesse morto... — Ela engasgou e tossiu, sentindo água nos pulmões.

— Eu fui o primeiro a cair — disse ele, retendo-a com esforço.

— Pode pegar Travis? Ele está...

— Morto?

— Não! — gritou ela, acima do som da cachoeira. — Ele está bem. Muito bem. Michael, pegue o braço dele!

— E você?

Ela olhou para mais além de Michael.

— Vou nadar até aquela rocha ali. Eu consigo. Trinta e cinco segundos.

— Não, M. J.!

— Sim, Michael — decidiu ela, zangada.

— Não posso salvar os dois.

— Então, salve Travis, Michael! — Ela empurrou Travis inconsciente em direção à pedra e estendeu o braço dele, para que Michael o segurasse e ela pudesse soltá-lo. — Na contagem de dois! Um... dois! — Soltou a mão de Michael e empurrou Travis para que ele o pegasse.

— Obrigada — sussurrou, e então deixou a água empurrá-la para a próxima rocha. Segurou-se numa protuberância e então, devagar, dolorosamente, subiu na superfície recém-cortada. Era porosa, como as rochas que surgiram na abertura. Não faziam parte do caminho original e por isso não eram escorregadias.

— Socorro, M. J.! — gritou Michael.

A adrenalina invadiu seus músculos enquanto se arrastava até onde Michael segurava Travis.

Apoiando-se, agarrou a mão de Travis. Ele estava tão frio. Como ela.

Mas ela queria viver.

Agarrou-se à rocha porosa e estendeu-se com toda a força. Travis aproximou-se pela água. Ela recuou para a superfície achatada enquanto Michael empurrava o corpo de Travis.

Finalmente, Travis estava em área firme. Ainda respirava.

M. J. deixou a cabeça pender para trás e agradeceu:

— Obrigada, Senhor. Obrigada! — Então, notou uma luz no alto e o silêncio completo.

Era a luz mais incrivelmente brilhante que já vira. Por um segundo, pensou estar sonhando com um resgate. Sentiu o calor dos raios no rosto e parou de bater os dentes. Sua determinação forçava o corpo a receber o calor lá de cima. Esfregou os braços e trouxe o corpo de volta à vida. A luz era dourada, como...

— Sol! É o sol! É um buraco, uma abertura! Veja, Travis! Podemos subir pelas rochas... Podemos sair daqui! Seremos salvos!

Como ele não respondia, ela bateu em seu rosto e esfregou o pescoço e os braços. Ele tinha convulsões, devido à hipotermia.

— Está tudo bem, senhor. Você está bem. — Desesperada, tentava aquecer as costas e o peito dele, percebendo que o esforço a esquentava também. Salvando-o, salvava a si mesma.

Finalmente, ele gemeu.

— M. J.?

Ela continuou esfregando enquanto gritava:

— Está bem, senhor! Está tudo bem! Ele batia os dentes.

— Es-estou congelando... — Ele se abraçou e encolheu-se como um feto. Ela o abraçou, ainda esfregando as costas. Sentia o calor voltando à pele dele.

— Você está vivo, Travis!

— E você também...

Ela o beijou e sentiu o calor nos lábios. Sorriu.

— Oh, eu me esqueci de Michael!

— Ele está vivo... ta-também?

— Está! — Ela se afastou de Travis. — Michael! — Esticou o braço para fora da rocha e tentou alcançá-lo. — Dê-me a sua mão! Vou salvá-lo!

Michael não respondeu. M. J. viu o braço dele preso entre duas rochas. Ele estava tão azulado quanto Travis estivera.

— Michael? — Ela prendeu a respiração, tentando freneticamente alcançá-lo.

Ele não reagiu.

Não posso ter chegado tarde. Simplesmente não posso!

Michael a fitava com olhar parado. Não tremia. Então, M. J. percebeu que não poderia trazê-lo de volta à vida.

Estava atônita. Aquilo não estava acontecendo. Michael tinha que estar vivo. Tinha que estar! Sentiu medo ao ver a água meandrar pelo rosto dele. Estendeu-se mais uma vez. Havia uma chance, convenceu-se. Sempre há uma chance.

— Michael... — soluçou, enquanto Travis arrastava-se para seu lado. — Ele está morto, Travis. Ele morreu salvando você.

— Ajude-me a tirá-lo daqui — disse Travis. — Vamos levá-lo para casa.

— Casa...

Quando Travis tentou deslocar o corpo de Michael, a mão congelada se soltou da brecha entre as rochas e a água o arrastou.

— Oh, não! Michael! — gritou M. J.

O corpo de Michael desceu a cachoeira e despencou sobre as rochas.

— Eu... sei que ele estava errado... mas não precisava morrer. Travis abraçou M. J. enquanto observavam o corpo de Michael ir para o centro da Terra.

M. J. começou a tremer, assim como Travis.

— Michael nos salvou — soluçou ela.

— Eu sei — respondeu ele, com um nó na garganta. — Tomou a atitude nobre, afinal. Era um bom homem.

— O melhor — sussurrou ela, triste.

— Vamos — decidiu Travis. — Temos que sair daqui e chegar ao sol. Depois, tentaremos alcançar uma cidade por este lado da montanha.

— É lá. — Ela apontou para a abertura acima deles. Ele estendeu a mão para se esgueirarem juntos até a luz.

— Segure firme.

Aos poucos, o brilho do coração iluminou o rosto de M. J., e ela sorriu para Travis.

— Pensei que você fosse se segurar em mim.

— Como queira, M. J. — Ele sorriu. — Como queira.

EPÍLOGO

A 3650 metros sobre o nível do mar, à sombra do monte Cotopaxi, onde o ar rarefeito impregna-se com o perfume das vastas fazendas de flores, existe uma construção de quatrocentos e cinquenta anos chamada La Cie-nega. Em 1768,

revolucionários equatorianos lá se reuniram para redigir sua Declaração de Independência da Espanha.

M.J escolheu a velha capela em La Cienega para cenário de seu casamento porque o lugar simbolizava seu envolvimento com o passado e seu compromisso com o futuro junto de Travis.

Mirando-se no espelho antigo sobre a arca de madeira na suíte presidencial, espantava-se ante a mudança em si mesma.

A confiança no olhar não se devia ao buquê de rosas, heras e orquídeas, nem ao véu de seda francês. Nem ao vestido com gola alta de seda branca, enfeitado com fitas e cauda em bordado delicado. A confiança vinha da certeza de ter enfrentado o mal e a morte e triunfado.

Não tinha medo de nada.

E, principalmente, estava pronta para entregar seu coração e alma a Travis.

Olhou para os sapatos forrados de seda com pequenas rosas de cetim.

— Sinto-me a Cinderela. Não, uma princesa.

— Você é mais que isso para mim. Você é uma visão — declarou Travis, adentrando as portas duplas da suíte no segundo andar, de smoking, lindo demais.

— Você me deixa sem fôlego — sussurrou.

— Não é justo. — Ela sorriu. — Eu ia dizer isso. Tomando o rosto dela nas mãos, ele a beijou com ternura,

retribuindo todo o amor que ela lhe transmitia.

— Aposto que ia.

— Fico imaginando se é contra a lei ser tão feliz. — M. J. suspirou, os lábios usufruindo o beijo por tempo demais.

Ele a abraçou e apalpou, aproximando-a mais. Ela sentiu a ereção.

— Agora entendo por que o noivo não deve ver a noiva antes do casamento. Acha que os convidados se importarão em esperar uma hora ou duas?

O beijo tornou-se exigente, erótico. Era só uma amostra da noite de paixão que os esperava.

— Está fazendo de propósito — admoestou ela, inebriada.

— Pode apostar. Vai ser uma tortura pensar no que quero fazer com você, sabendo que temos horas de jantar, dança, os convidados...

Ele a beijou novamente.

— Tortura — repetiu ela. — Como vai sobreviver?

— Se sobrevivi à floresta e àquele rio gelado, acho que consigo sobreviver à nossa festa de casamento.

— Podíamos sair antes — sugeriu M. J. — Claire ficaria escandalizada.

Ele invadiu sua boca com a língua e M. J. sentiu o coração palpitar, apertando as mãos sobre o tórax viril.

— Querido, vai ficar todo amarrotado antes da cerimônia. Amuado, Travis afastou-se.

Ela sorriu.

— É melhor eu retocar a maquiagem.

— Sim, não queremos que Claire pense...

— Ouvi meu nome? — Claire estava à porta.

— Há quanto tempo está aí parada? — protestou M. J.

— Vi e ouvi tudo — respondeu Claire, orgulhosa. Então, sorriu e suspirou, levando o buquê de rosas e orquídeas ao peito. — Finalmente, você me fez feliz!

M. J. quis dar uma boa resposta à irmã, mas estava sem inspiração. Entendia que a amargura não coexistia num coração apaixonado.

— Também estou, feliz — confessou. — Muito feliz. Claire suspirou novamente.

— Vocês dois são tão... tão perfeitos juntos! Travis olhou para si mesmo.

— Tem certeza de que não são apenas as roupas?

— Devia nos ter visto na selva, Claire. Seminus, brigando com onças... — começou M. J.

Claire interrompeu-a com um gesto.

— Por favor, já ouvi uma vez. Basta. Fico assustada até agora em pensar que você podia ter morrido! — Claire tinha a voz embargada de emoção. — Não... não vou pensar nisso. Está tudo acabado agora.

— Não diga isso, Claire! Travis e eu teremos muitas aventuras ainda. Isto é só o começo.

Antecipando-se à cunhada, Travis declarou:

— Querida, desta vez sua irmã tem razão. A única aventura que ainda vamos ter é na cama. Chega de cenários de vida e morte. Está bem, M. J.?

Ela não disfarçou a decepção, mas concordou:

— Está bem.

Travis ofereceu-lhe o braço.

— Agora, se não estou enganado, é hora de tomá-la como minha esposa.

M. J. enganchou o braço no dele e olhou para Claire.

— Erin e Colleen estão prontas?

— Já cobriram o caminho de pétalas. Tomem cuidado. Elas vão cobrir o quarto também, se não descermos logo!

A escada de ferro fundido preto fora decorada com buquês de rosas equatorianas, heras e cravos. Velas brancas em candelabros espanhóis antigos iluminavam os degraus e o caminho pelo jardim que levava à capela, diante da qual Erin e Colleen aguardavam em lindos vestidos de seda, o modelo idêntico ao de Claire, a madrinha. Da grinalda de rosas pendiam fitas que caíam sobre as costas. Portavam cestos brancos ainda com pétalas de rosa suficientes para enfeitar o caminho até o altar.

O sol poente filtrava-se nos vitrais, criando um jogo de luzes multicoloridas com o brilho das velas. M. J. imaginou quantos casamentos teriam sido realizados naquela capela ao longo de quatrocentos anos. Imaginou as belas espanholas que moraram ali e que penhoraram seus corações. Cogitou se qualquer uma delas amara tanto quanto ela amava Travis.

Em meio aos arranjos de rosas, heras e fitas douradas no altar, mais as centenas de velas, imaginou se aquela igreja recebera decoração mais bonita um dia.

Robert, o marido de Claire, era o padrinho. Travis trouxera) pais já idosos, mas felizes, Jim e Elizabeth, de Houston, >em como os membros mais leais da empresa. Convidaram também os canoieiros, Agli e Andreas, e, naturalmente, Gustavo, bem como os amigos de Oro Verde... Benito, Kirstin e Emile, o gerente do hotel... A pequena capela acabou lotando.

Enquanto percorria o corredor de braço dado com Travis, M. J. lembrou-se do pai. Mas não sentia falta dele. Estava completa. Inteira. Sentia-se amada incondicionalmente.

A sombra da morte de Michael ainda lhe doía no coração, e a recordação a deixou triste por um segundo. Lembrou-se do sorriso dele, da risada, do sofrimento e, finalmente, do amor permanente que vira no olhar dele em seus últimos segundos de vida.

Michael entendera o significado da vida, assim como ela: o amor jamais podia ser cruel. Tratava-se do fôlego do espírito.

Então, M. J. sentiu uma lágrima no rosto. Olhou para Travis e viu a emoção. Ele se lembrava de Michael, também. Sorriram um ao outro.

Um trio de flautista e dois violinistas tocava Você me pertence enquanto percorriam o suntuoso tapete vermelho. M. J. pensou em Nelson. No quanto ele amara sua querida Dorothy e no quanto ele desejara que ela personificasse seu amor perdido. Sempre pensaria em Nelson, com muita saudade.

Mais lágrimas brotaram enquanto a música prosseguia. Ela imaginava pirâmides ao longo do Nilo e mercados antigos em Tânger quando Travis lhe acariciou o braço, trazendo-a ao presente.

Naquele momento, M. J. percebeu que estava para embarcar na maior aventura de sua vida.

— Eu te amo — sussurrou Travis, quando chegaram diante do pastor de um vilarejo próximo.

Fitaram-se nos olhos ao repetir os votos um ao outro, de mãos unidas, bem apertadas. Então, Travis colocou a aliança em seu dedo.

Embora M. J. fantasiasse sobre seu casamento desde criança, percebeu que sempre tivera sonhos medíocres, no mínimo. Mesmo nos momentos de maior inspiração, não concebera algo sequer próximo à realidade daquele dia. Senfãa-se iluminada

de dentro para fora, irradiando amor para Travis e também para todos os amigos e familiares. Naquele momento, queria abraçar o mundo.

Travis a tomou nos braços e beijou-a assim que o pastor os declarou marido e mulher. M. J. teve a certeza de que encontrara a felicidade.

— Eu te amo, Travis.

— Também te amo, M. J. Kincaid. — Ele a beijou novamente. Voltaram-se para os convidados. Travis tomou o braço de

M. J. e sussurrou:

— Tenho uma confissão a fazer.

— Aqui? Agora? — Ela se espantou.

— Eu menti.

— Sobre o quê? - Travis sorriu para seus velhos pais.

— Não estou preparado para desistir de aventuras, ainda.

— Travis...

— Vamos passar a lua-de-mel no Cairo, Egito. Já reservei as passagens.

M. J. sentiu o coração falhar uma batida. Como ele adivinhara seu maior desejo? Mal conseguia respirar, de tão estupefata.

— Não me diga que não quer saber as respostas para as charadas que encontramos? — desafiou ele.

Ela sentiu um estímulo familiar, de expectativa. Pirâmides. Segredos de Atlântida. Esfinge. O rosto de M. J. iluminou-se.

— Claire vai ficar desolada.

— Eu sei. — Travis riu, conspirador.

Ela sentiu um arrepio na espinha e acariciou o braço do marido.

— Oh, eu te amo tanto! Travis alargou o sorriso.

— E eu pretendo mantê-la feliz para que continue me dizendo isso pelo resto da vida.

— Sem problema, senhor. Sem problema.

RC